CHRESTOMATHIA BRASILEIRA

COLLECÇÃO
DE PAGINAS
E EXCERPTOS
DE PROSADORES
E ORADORES
NACIONAES
DO SECULO 19

HENRIQUE COELHO

EDITORES-PROPRIETARIOS
WEISZFLOG IRMÃOS
S.PAULO E RIO DE JANEIRO

LPor. C
C6726c

HENRIQUE COELHO

CHRESTOMATHIA BRASILEIRA

COLLECÇÃO DE PAGINAS E EXCERPTOS

DE

PROSADORES E ORADORES NACIONAES

DO

SECULO 19

1.ª EDIÇÃO

COM

BREVES ANNOTAÇÕES

396621
30.9.41

EDITORES - PROPRIETARIOS
WEISZFLOG IRMÃOS
S. PAULO E RIO
—
1920

PRINTED IN BRAZIL

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

Rende este livro justa homenagem a consagrados prosadores e oradores nacionaes, como a alguns infelizmente esquecidos. Tributa novo preito á memoria de mortos, por certo dignos do nosso apreço.

Talvez aproveite aos moços de hoje, a que tanto convem recordar os nomes dos que illustram e glorificam a patria.

Não passa de acanhada tentativa; ainda assim, poderão os mais idoneos utilizal-a, para trabalho melhor.

Houve, sem duvida, lacunas, apressamo-nos em confessar, umas á mingua de dados seguros sobre os extinctos, outras por erro de apreciação quanto ao valor ou natureza dos trechos a escolher, e ainda outras pela necessidade de não tornar demasiado volumosa a collectanea.

Egualmente houve os defeitos e as faltas de que nunca se livram os indoutos.

Mas tudo se nos perdoará, attendendo-se a que, longe de criticar e muito menos de ensinar, outro intuito — sinceramente declaramos — não tivemos sinão o de lembrar grandezas do Brasil e meritos de seus filhos.

HENRIQUE COELHO

São Paulo, 15 de julho de 1920.

NOTAS

I

Para uniformizar a orthographia das differentes passagens, adoptou-se a do «Diccionario Contemporaneo» de CALDAS AULETE, mais geralmente acceita.

II

De alguns excerptos, aliás bem poucos, supprimiram-se, mas evitando a alteração do sentido do texto, certas phrases, afinal dispensaveis, e que não deviam figurar em livro destinado ás escolas.

III

De cada escripto, que não foi possivel reproduzir na integra, destacaram-se os topicos mais interessantes ou os que mais cumpria dar a conhecer, sem sacrificar a ligação entre uns e outros.

IV

Na parte biographica e bibliographica, limitada a succintas noticias, e assim menos completa, procurou-se mencionar o essencial ou o que mais importava referir.

Affonso Arinos

Affonso Arinos de Mello Franco

* Paracatú, Estado de Minas Geraes, 1 de maio de 1868

† Barcelona, 19 de fevereiro de 1916

Tendo apenas 13 annos de edade, concluiu os seus estudos preparatorios no collegio «Atheneu Fluminense», e com 21 bacharelou-se em sciencias sociaes e juridicas na faculdade de direito de São Paulo.

Destacou-se na narrativa, na novella, no conto, sobretudo no romance, no drama, e ainda no jornalismo.

De apurada e seductora distincção, affavel e lhano como Joaquim Nabuco e Eduardo Prado, com os quaes tinha grandes affinidades litterarias. «Maxima intelligencia unida á maxima bondade» bem o qualificou Miguel Couto, que lhe attesta a admiravel facilidade de producção, referindo, quanto ao romance «*Jagunços*», publicado em folhetins, no «Commercio de São Paulo», em 1897, com o pseudonymo Olivio de Barros, que foi escripto, noite a noite, ao lado do typographo, á espera dos originaes, emquanto elle indagava onde tinha ficado na vespera», mas apressando-se em advertir que — «a sua prodigalidade, porém, dissipava somente o que era seu, o tempo, o talento, a saude, e nunca tirava do alheio». (*)

Prosador dos mais brilhantes e correctos, primoroso mesmo, profundamente nacional no sentimento, extremamente original no estylo, adorando os encantos de sua terra, conhecendo as bellezas de sua lingua, instruido e caprichoso, nunca traçou uma linha que a banalidade enfeiasse; poude e soube afastar-se do assumpto trivial e da expressão vulgar. Revelou-se cedo, e cedo grangeou nomeada.

Monarchista de sinceras e inabalaveis convicções politicas, redactor chefe do «Commercio de São Paulo», no periodo de 1898 a 1899, falleceu em Barcelona, onde desembarcára, interrompendo a viagem emprehendida de São Paulo a Pariz, para o tratamento de grave doença de figado, já bastante adeantada.

Deixou: «*Pelo Sertão*», 1896, e «*Notas do Dia*», collecção de artigos de fundo do «Commercio de São Paulo», 1902. Publicações posthumas: «*O Contractador de Diamantes*», drama historico em 4 actos, «*A Unidade da Patria*», «*Lendas e Tradições Brasileiras*», conferencias litterarias, 1917, «*O Mestre do Campo*», romance de costumes do seculo 18, 1918. Estão no

---

(*) «Discurso na Academia Brasileira de Lettras», «Jornal do Commercio» de 3 de unho de 1919.

prelo: «*Historias e Paizagens*», «*Ouro! Ouro!*», e, por imprimir, «*Conferencias e Discursos*», além do romance «*Jagunços*», a que alludimos.

Succedeu em 1901, na academia brasileira de lettras, a Eduardo Prado, fundador da cadeira que tem o nome do visconde do Rio Branco.

A cruz; a festa da Santa Cruz; o Cruzeiro do Sul

A legenda tem os seus symbolos inconscientes. Não será um destes a festa popular de Santa Cruz? Em nenhum outro paiz do mundo a temos visto como entre nós. Por isso, consideramol-a a festa nacional da fundação do Brasil, alliada pelo povo ao culto do symbolo que sagrou a descoberta, a conquista do nosso territorio, e presidiu á nossa civilização.

Em cada crista de monte, em cada chan de morro que domine um povoado, lá está plantada a cruz, abrindo os negros braços batidos de sol, lavados de chuva, lascados não raro pelo raio, e sacudidos pela ventania. O viajor a divisa de longe, acenando-lhe com o descanço no povoado. Outras surgem nas curvas da estrada, nos barrancos, nas encruzilhadas, marcando o trespasse de um caminhante; estas têm como sóco um monte de pedras soltas e cada pedra assignala uma prece que o passageiro eleva a Deus por alma do finado. É a caridade do pobre a seu irmão desconhecido.

A 3 de maio, desde os cruzeiros grandes, obras custosas de carpintaria, em cujo madeiro estão gravados os instrumentos da paixão e em cujo cimo o gallo gyra ao sopro do vento, até ás cruzinhas de pau roliço, tremulas na sua cova, desconjunctadas, comidas de cupim — todas as cruzes das serras, das collinas, das estradas, dos adros das egrejas — todas amanhecem coroadas de grinaldas de flores. Nas vesperas, cada trilho de encosta, cada estrada carreira, cada vereda de gado, conduz bandos de mulheres com os braços atulhados de ramagens e de flores.

É, de certo, por força do symbolo que, nas travessias do Atlantico, quando a quilha vem rasgando serenamente as ondas em demanda das terras do sul, tantas vezes nós brasileiros abandonavamos os serões de musica e nos precipitavamos sobre a amurada, para contemplarmos, ao longe, erguida sobre a massa escura do oceano, a constellação do cruzeiro.

Outras vezes, no coração deste continente, quando, em rancho aberto, estirado num couro, repousava das fadigas da jornada, noite a dentro, vagando os olhos insomnes pelo espaço, aconteceu-me pensar que todos aquelles seixos dos pés

das cruzes — preces ferventes dos desconhecidos — crystallizavam-se nos mil pontinhos do cruzeiro e vinham extender sobre os milhões de anceios do nosso atormentado mundo, como um pallio ethereo, a suprema caricia de uma benção. (*)

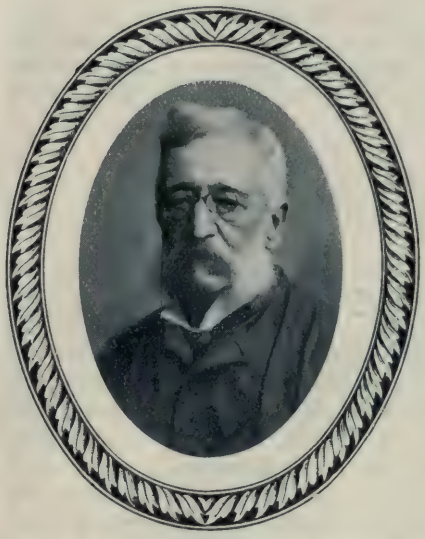
Amor de patria

Eu sou o sineiro que subo á torre para chamar-vos ao culto da patria. Não é a minha voz que vos fala e vos concita; é a voz mysteriosa de todas as coisas que vos cercam; é a grande voz do trovão da montanha, é o marulho das vagas, é o sussurro das mattas, é o canto dos passarinhos; é o som, mas é tambem o silencio, o silencio das nossas solidões; é a côr, mas é tambem o negrume, o negrume da noite nos nossos escampados; é tudo quanto canta e chora e ruge e ameaça; tudo quanto avisa e aconselha; tudo quanto vos fala enternecidamente; tudo quanto, sem vos falar, vos lembra e vos recorda; é a saudade do passado, é a esperança do futuro; é a visão da casa onde nascestes, é a evocação da pessoa que amastes, é a sombra de quem choraes, é o perfil de quem esperaes; é tudo quanto vibra e estremece e sensibiliza e persuade; é a palavra alada que vôa e sonoriza os espaços, é a grande canção dos sinos a conclamar-vos na sua potente e maviosa garganta de bronze; vinde! vinde! vinde!

E viestes, e aqui estaes, para ouvirdes o que vossos avós já ouviram, afim de que o possaes transmittir a vossos filhos, formando assim o élo da cadeia chamada a tradição de um paiz. É ella que faz dos habitadores de uma região um povo, dá a este povo uma alma, uma individualidade propria entre os outros povos da terra. É ella quem dá aos povos as supremas energias para as luctas e, si não é ella quem arma os soldados, é ella quem lhes incute esse extraordinario sentimento sem o qual são impossiveis as verdadeiras victorias — o amor da patria! (**)

(*) *Discurso em resposta ao de Arthur Jaceguay*, «Revista da Academia Brasileira de Letras», anno 2, n.º 5, Rio de Janeiro, Typographia do «Jornal do Commercio», 1911; p. 132 - 133.

(**) *«Lendas e Tradições Brasileiras»*, São Paulo, Typographia Levy, 1917; p. 173 - 174.



Affonso Celso, o primeiro

Affonso Celso de Assis Figueiredo

VISCONDE DE OURO PRETO

* Ouro Preto, Estado de Minas Geraes, 21 de fevereiro de 1837

† Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1912

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1858, tendo sido o estudante mais popular e o mais festejado da turma; optimo alumno, revelou-se, já nos tempos academicos, auspiciosa esperança da tribuna e da imprensa.

Glorioso estadista do segundo reinado; deputado, ministro por duas vezes, contando da primeira apenas 29 annos de edade, senador, conselheiro de estado, presidente do conselho — o ultimo do imperio — ninguem o excedeu no devotamento e nos serviços ao regimen monarchico.

Advogado e jurisconsulto de merecida fama em todo o paiz; cultor das boas letras, escrevendo como mestre, triumphando nas lides parlamentares, mercê de admiravel eloquencia; impondo-se no governo, graças a superior capacidade administrativa, reunida a alto descortino, a sua vida é uma lição e um exemplo — lição pelo valor da intelligencia, exemplo pela grandeza do caracter.

Nos seus ultimos annos, veiu illustrar o corpo docente da faculdade livre de sciencias sociaes e juridicas do Rio de Janeiro, em que, na qualidade de professor effectivo, chegou a reger varias cadeiras, e com o brilhantismo de sempre.

São seus trabalhos principaes: «*A Esquadra e a Opposição Parlamentar*», «*Assessor Moderno*», «*Algumas Idéas sobre Instrucção*», «*Statuti Liberi*», «*Reforma das Faculdades de Direito*», «*Marcas de Fabrica*», «*Aos Mineiros*», «*Finanças da Regeneração*», «*Reforma da Administração Municipal*», «*Advento da Dictadura Militar no Brasil*», «*Excursão na Italia*», com o pseudonymo UM BRASILEIRO, «*Marinha de Outr'ora*» e «*Credito Movel*». Em 1899, promoveu a publicação da «*Decada Republicana*», vasta apreciação dos homens e coisas da politica vencedora a 15 de novembro de 1889, de que appareceram oito volumes; nessa publicação figuram a sua monographia acerca da nossa armada e a outra sobre finanças, assumpto que discutia com a maxima auctoridade.

Collaborou na «Revista do Instituto Historico Brasileiro», associação a que pertenceu, e de que foi eleito presidente honorario.

Jornalista dos melhores, redigiu, no Rio de Janeiro, o «Progressista», de 1860 a 1863, a «Reforma», de 1869 a 1879, tendo dirigido, tambem no Rio de Janeiro, as folhas que fundou, a «Tribuna Liberal», de 1888 a 1889, e a «Liberdade», de 1896 a 1897.

As ruinas romanas; materia de fé

Realizamos desde cêdo nosso passeio ás ruinas. Em que pése aos sabios e eruditos, não creio que, salvas poucas excepções, hoje se possa affirmar a authenticidade dos monumentos e obras romanas, e nem siquer a disposição e destino daquelles, cujos restos subsistem. Neste assumpto entra por muito a fé. Roma foi mais de uma vez transformada, mutilada e destruida pela acção do tempo e dos homens. As innundações, os incendios, os assaltos dos inimigos externos, as luctas intestinas, a devastação, reduziram a destróços o que se accumulára na successão dos seculos, durante as diversas phases do seu poder e esplendor.

Por outro lado, suas principaes edificações foram modificadas para se adaptarem a novos misteres, como, por exemplo, para se converterem em fortalezas que servissem de centro de resistencia nas longas e sanguinolentas luctas da nobreza, de que foi theatro a legendaria cidade, ou em egrejas, entre outras, a de Santa Maria dos Anjos, para a qual aproveitou MIGUEL ANGELO parte das thermas de DIOCLECIANO.

Derrubava-se para alterar, dando-se aos edificios outra fórma ou applicação; derrubava-se simplesmente para destruir ou para obterem-se materiaes necessarios a novas construcções. Escasseando os metaes na edade media, arrancaram-se os espigões e gatos, que seguravam as muralhas e cobertas, para refundirem-se, assim como os marmores mais preciosos, para serem reduzidos a cal! Roma, no dizer de BOISSIER, foi por seculos immensa fornalha em que se desfizeram em cinzas as maravilhas do passado.

Talvez na fabrica ou decoração de um só dos colossaes e numerosos palacios, que aformoseiam ainda hoje a cidade, construidos pelos nobres, pelos sobrinhos dos papas — «santissimi nepoti» — e pelos proprios papas, ou por soberbos millionarios, não deixassem de entrar, integros ou fragmentados, os despojos do que na epocha permanecia em pé, modelos do gosto e da magnificencia das gerações extinctas.

Pelo que toca aos productos de arte, propriamente ditos, como estatuas, bustos, columnas, vasos, etc., o que escapou ao anniquilamento enche os museus publicos e particulares, pois não houve conquistador ou soberano, general, fidalgo, sabio ou enriquecido «parvenu», que licita ou illicitamente não levasse daquelle abundante repositorio o que lhe pareceu melhor, ou esteve ao seu alcance. Ora, dessas preciosidades, cujos exemplares se encontram em todas as collecções de certa

ordem, quem poderá affirmar qual seja o original e qual a copia, onde perdura o antigo ou apenas apparece a restauração devida a artistas que floresceram seculos mais tarde? Quem, por exemplo, pode asseverar serem os proprios todos os nomes appostos ás centenas de bustos, que se enfileiram nas galerias dos imperadores romanos, do Vaticano, ou do Museu Nacional de Napoles? Quaes os meios de confrontação ou verificação?

As mesmas explorações feitas, para desenterrar a antiguidade, occulta sob o entulho recalcado de milhares de annos, destruiram muitos primores, ou os estragaram de modo a não se poder reconhecel-os. O que admira, e tenho-o por infallivel augurio dos grandes destinos reservados á celebre cidade que por tantas vicissitudes ha passado, decahindo, de séde de um imperio que avassalou o mundo, á abandonada e pobre povoação de provincia, vendo o seu milhão e meio de habitantes reduzidos a 20.000, para ser novamente a capital espiritual de uma religião, que se extende por todo o globo e a capital politica de esperançoso estado moderno; o que admira, digo, é que, apesar de tudo, Roma possua até hoje as collecções mais ricas das maravilhas da arte e da civilização, que se encontram reunidas em um só local.

É forçoso, porém, convir, que a respeito de antiguidades latinas, a crença nas suas datas e destinos repousa principalmente na fé, ou em conjecturas mais ou menos precarias. Quantas ruinas que se fazem remontar ao tempo da republica, ou dos Cesares, não provieram de edificios muito posteriormente construidos? Mui pouco está averiguado, segundo os segurós processos da critica moderna. (*)

(*) «*Excursão na Italia por um Brasileiro*», Paris e Lisboa, Guillard Aillaud & C.ie, sem data, p. 119 - 126.

Alcindo Guanabara

* Magé, Estado do Rio de Janeiro, 19 de julho de 1865

† Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1918

Não chegou a diplomar-se. Pertence á série dos nossos maiores jornalistas. Figurou na politica, como deputado e como senador, pelo districto federal, mostrando-se familiarizado com varias das complexas questões politicas, algumas das quaes teve occasião de magistralmente discutir. Mas foi nas grandes lides da imprensa que adquiriu a solida reputação de insigne escriptor, notavel pelo brilhantismo da fórma, pela segurança do criterio, e pela vastidão da cultura.

Poucos livros deixou. Destes citam-se a «*Presidencia Campos Salles*» e a collecção «*Discursos Fóra da Camara*», em que vem a famosa conferencia sobre a dor, estando por apparecer o volume em que se reuniram as suas orações parlamantares.

Dirigiu a folha «Novidades», órgão da facção escravocrata do partido conservador, e em que estreou, no anno de 1887. Foi depois o principal redactor da «Republica», do «Tempo», da «Nação», da «Tribuna», do «Paiz» e da «Imprensa», tendo collaborado no «Diario do Commercio», no «Correio do Povo» e no «Jornal do Commercio» — todos publicados no Rio de Janeiro.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de Joaquim Caetano.

O «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro

Eu disse, em outro logar, que o «Jornal do Commercio» não pode ser encarado sob o aspecto restricto de uma empresa privada: é uma instituição nacional. Repito a phrase, porque presumo que ella exprime bem o sentimento de todos e a verdade do facto. Em torno delle, outras instituições têm sossobrado; as edificações de mais solida apparencia têm ruido; não vivendo sinão do apoio do povo, elle sub-

siste. Que é preciso mais, para se vêr nelle, bem exactamente, uma instituição nacional? Este caracter, que lhe dá uma certa singularidade em todo o mundo, traz-lhe compromissos e obrigações, que não escaparam ao espirito sagaz do erudito que o dirige; o «Jornal do Commercio» não é nem um instrumento de combate, nem um centro de agitação: é o expoente da civilização brasileira. Liga-se, nas suas paginas, o passado ao futuro; conserva-se do passado a licção da experiencia; abre-se para o futuro o caminho seguro da sciencia, da philosophia, da religião e da arte. Alto, sereno, majestoso, cheio do nobre orgulho de uma nobre vida, o «Jornal do Commercio» é bem o que deve ser um jornal: o centro de onde irradie a força geradora do progresso social, um elemento de conservação, rememorando a synthese da vida de um povo, uma fonte de esperança, despertando, nos espiritos e nos corações, o estimulo para o trabalho e o esforço para um futuro cada vez melhor. A sociedade, de cujo seio poude emergir e crescer esse monumento, atravéz do tempo, como se formam as ilhas pela aggregação das madreporas, no fundo do oceano, pode bem orgulhar-se do seu grau de cultura e de sua elevação moral. Sem a satisfacção dessas condições, o facto não se poderia produzir. O que aqui commemoramos, portanto, não é sómente a victoria desse jornal, surgido ha oitenta e um annos, para publicar uma lista de preços commerciaes, e transformado hoje na potencia que se installa neste palacio, por effeito da energia e do descortino do homem eminente que o dirige: é tambem a victoria do povo brasileiro, que nesse periodo cresceu, apurou as suas maravilhosas qualidades de espirito, constituiu-se, cimentou a ordem, fundou a liberdade e assegurou o progresso ás gerações que hão de vir.

Senhores, é um consolo e uma honra, para os que vivem, poder assim, serenamente, contemplar o passado e assim, desassombradamente, alongar os olhos para o futuro... (*)

(*) «*Discursos Fóra da Camara*», Rio de Janeiro, Livraria Editora, 1911, p. 117-133.

Aluizio Azevedo

Aluizio Gonçalves de Azevedo

* S. Luiz, Estado do Maranhão, 14 de abril de 1858

† Buenos Aires, 31 de janeiro de 1913

Como seu irmão, ARTHUR AZEVEDO, tambem não chegou a diplomar-se. Serviu no funccionalismo publico, e, quasi nos ultimos tempos de sua vida, abraçou a carreira consular.

Creador do romance naturalista no Brasil, hão de ficar alguns dos seus livros representando valiosos documentos litterarios. Atilado analysta, tão observador quanto imaginoso, feliz na concepção, excellente na narração, doutrinario sem exaggeros, escravo da paixão da arte, nasceu para o genero a que se entregou, com exito, que — manda a justiça confessar — jámais teve em vista.

Desde bem moço, revelára grande habilidade para o desenho. As paginas do «Mequetrefe», semanario humoristico que, ha longos annos, se publicava no Rio de Janeiro, guardam as caricaturas que foram dos seus primeiros ensaios na imprensa fluminense.

São seus livros principaes: «*Uma Lagrima de Mulher*», o «*Mulato*», as «*Memorias de um Condemnado*», o «*Mysterio da Tijuca*», a «*Casa de Pensão*», o «*Coruja*», «*Philomena Borges*», o «*Homem*», o «*Cortiço*», a «*Mortalha de Alzira*» e o «*Livro de Uma Sogra*».

Deixou ainda dois volumes de contos, com os titulos «*Demonios e Pégadas*».

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de BASILIO DA GAMA.

Prefacio da 3.ª edição do «Mulato»

Este livro foi escripto e sentido aos vinte annos, quando eu estava no Maranhão, ao lado de minha familia; com elle entrei alegremente no mundo das lettras. Appareceu em 1881. Agora, o snr. B. L. GARNIER resolveu apresental-o de novo ao publico e eil-o aqui, com pequenas modificações, tal como

fôra então concebido. Não quiz alterar-lhe de todo a fórma, porque me pareceu que não tinha direito de fazel-o; procurei até conservar, religiosamente, certos dizeres e locuções, que se usam naquella provincia, posto que os leitores cá do sul hajam de extranhal-os, como succedeu com o illustre fallecido Baptista Caetano, que, num volume, levado á Bibliotheca Nacional, pelo meu amigo Capistrano de Abreu, me censurou, á margem de algumas paginas, o uso de muitos termos, que elle não conhecia, e outros que suppunha imitados dos romances portuguezes. O nosso philologo ignorava que em São Luiz do Maranhão são frequentes certas expressões á moda de Portugal, e aquillo, pois, que se lhe afigurou macaqueado de C. Castello Branco, era simplesmente copiado do natural; assim é que lá se diz, por exemplo: «sapatos de polimento» e não sapatos de verniz; «quinta» e não chacara; «rebuçados» e não balas; «caneco» e não barril; etc.; como tambem se empregam palavras de todo desconhecidas no resto do Brasil, e creio que em Portugal, mas que por lá, na minha provincia, são muito communs: «Muruchaba», «Pinincha», «Pucea», «Enzoneira», «Côfo», «Empanemar», «Moquear», e mil outras estão nesse caso.

Si errei transportando-as para o livro e conservando-as agora, paciencia! Submetto-me aos futuros julgamentos; mas, de uma coisa declaro de antemão que não podem condemnar esta obra, é da falta de sinceridade. Ella foi feita em bôa fé; não a puxei á força de dentro de mim, foi ella que se formou por si mesma, sob o dominio immediato das impressões, e procurou vir á luz em fórma de romance. Afianço que durante a gestação não me preoccupei absolutamente com o effeito que o livro teria de produzir sobre o publico, nem tão pouco com a escola donde elle procedia. Quando cheguei a lançal-o ao papel, já o tinha prompto de principio a fim, com os capitulos divididos, os typos grupados nos seus planos competentes, a acção desenvolvida até ao desfecho e as scenas dispostas cada qual em seu logar. E tanto assim que, antes de escripta uma só palavra, por duas vezes, recitei-o todo, uma a Fernando Perdigão e outra a Virgilio Cantanhede; dous companheiros meus da infancia.

Lembro-me disso como si tivera sido hontem! Eu costumava passeiar no campo todos os dias, de madrugada, e o Fernando muita vez me acompanhava. Um dia fomos ao Cutim, a pé, e pelo caminho narrei-lhe inteira a historia do «*O Mulato*». Ainda me recordo de uma observação justa que elle me fez a respeito do resentimento que o meu livro iria levantar na provincia.

A vez do VIRGILIO foi em Alcantara; tinhamos ido, elle e eu, assistir á festa do Espirito Santo. O bom rapaz, com uma resignação de amigo sacrificado, ouviu-me attentamente o romance, assentado junto de mim, debaixo de uma bella arvore, num dos bancos do largo da egreja do Carmo. Não foi debalde que puz toda a alma na recitação, porque, ao terminal-a, o meu companheiro tinha os olhos arrazados de agua; não sei si chorava de commovido ou de cançado.

Dias depois, mettido no meu gabinete, principiava a escrever «*O Mulato*», e não larguei o trabalho sinão ao concluil-o. O volume levou um anno a ser impresso; mas, em compensação, o primeiro milheiro de exemplares vôou com uma presteza que me surprehendeu devéras.

Fui feliz. (*)

(*) «*O Mulato*», 4.ª edição, Rio de Janeiro, H. Garnier, sem data, p. IV - VIII.

Araripe Junior

Tristão de Alencar Araripe Junior

* Fortaleza, Estado do Ceará,
27 de junho de 1848

† Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1911

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de Recife, em 1869.

Ensaiou-se no romance, mas sem grande successo. Na critica litteraria é que se lhe revelaram as superiores aptidões. Nesse ramo hombreou — não ha duvida — com os que mais o illustraram no Brasil, a saber, José Verissimo e Sylvio Romero.

Talentoso, erudito, sabia manejar a nossa lingua; na sua analyse penetrante e segura ha sempre que apprender. Possuia perfeita intuição esthetica, e delicado gosto. Invariavelmente conscienciosо nas suas esclarecidas apreciações, tornou-se provecto juiz de homens e livros, cercado de merecido acatamento. Ficou classico o estudo que publicou sobre José de Alencar, seu primo, trabalho de primeira ordem, a todos os respeitos.

Era tambem abalisado jurista, tendo exercido, e com a maior proficiencia, o cargo de consultor geral da republica, desde a data da creação desse logar, em 1903.

São seus trabalhos principaes: «*Contos Brasileiros*», «*Carta sobre a Litteratura Brasilica*»; romances — «*O Ninho do Beija-Flor*», «*Jacina, a Marabá*», «*O Reino Encantado*», «*Luizinha*», «*O Cajueiro de Fagundes*», «*Miss Kate*»; estudos criticos — «*José de Alencar*», «*Gregorio de Mattos*», «*Martim Garcia Merou*», «*Retrospecto Litterario*», de 1893, 1894 e 1895, «*Anchieta*», «*Ibsen*»; opusculos — «*A Funcção Normal do Terror nas Sociedades Secretas*», «*Dirceu*», «*Dialogos sobre as Novas Grandezas do Brasil*»; e «*Pareceres do Consultor Geral da Republica*», de que appareceram tres volumes, em 1911, 1913 e 1914.

Deixou innumeros artigos litterarios e juridicos, publicados na «Revista Brasileira», a de 3.ª phase, dirigida por José Verissimo, no «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, na «Gazeta da Tarde», ao tempo de Ferreira de Menezes, na «Gazeta de Noticias», na «Semana», no «Novidades», e em mais outras folhas da capital da republica, como ainda em algumas da imprensa cearense.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de Gregorio de Mattos.

Raul Pompeia

Ainda sangram as feridas produzidas nos corações dos amigos pelo desapparecimento desse original escriptor.

As minhas relações com Raul Pompeia datavam de 1881. Nessa epocha elle, a um tempo, terminava o curso de estudos secundarios, e surgia no mundo das lettras com o seu livro «*Uma Tragedia no Amazonas*». Logo depois vi-o seguir para São Paulo, onde formou-se em direito, e onde tambem fez, ao lado de Luiz Gama, a campanha abolicionista. Estudos juridicos, litteratura, arte, tudo isto não o agitava tanto como a questão incandescente dos escravos; foi a paixão pela liberdade dos negros o primeiro tufão que varreu a tranquillidade dessa alma de poeta. Raul Pompeia, pois deixou-se arrastar pela propaganda; febril, apparecendo em toda parte, identificado com a causa, bateu-se corpo a corpo, braço a braço, com escravagistas, obstinado e, como todos os obstinados, mostrou-se incapaz de retroceder, de transigir, de acceitar protelações. Si o abolicionismo fosse esmagado, é bem provavel que elle perecesse nessa occasião. A victoria, porém, do seu partido, e o anniquilamento dos escravocratas, pacificaram-lhe o espirito, reconciliando-o com as verdadeiras aptidões do artista e do homem de lettras. O tirocinio de São Paulo tinha-o, todavia, vaccinado. O contacto de Luiz Gama, natureza exclusivamente de combate e de aggressão, puzera nessa alma virgiliana, creada para todas as doçuras da poesia, talvez para o bucolismo das «*Georgicas*», tonalidades extranhas, que se traduziram, a principio, na irriquietude do psychologo.

Raul Pompeia, que estava fadado para desenvolver num campo mais vasto o thema das «*Canções Sem Metro*», em estylo transcendente, alando-se sempre para o ideal rosiclér da vida, Raul Pompeia deixou penetrar na esphera da sua actividade psychica um raio de pessimismo. Miope physicamente, elle, que fôra obrigado durante a campanha alludida a sentir a immundicie humana, buscou vêr as cousas de perto, e então, tudo quanto, durante a juventude de collegial, se estampára em sua memoria, surgiu de subito em seu espirito como uma revelação terrivel. A crença, como disse um philosopho, é o pae do homem. Raul Pompeia recordou-se de que no collegio vira em esboço todas as maldades, vicios e defeitos, que tumultuavam na sociedade por elle agora directamente observada, e desta surpreza nasceu o «*Atheneu*».

Não repetirei aqui tudo quanto escrevi sobre este livro notavel, em 1889, numa série de artigos publicados no «No-

vidades». Lembrarei apenas a impressão que me causou Sergio, o heroe do livro. Este singular personagem ha de ter grande importancia para os futuros biographos de RAUL POMPEIA, porque nas suas fallas e cogitações o auctor depoz muitos traços do proprio caracter. Do mesmo modo que na «*Casa dos Mortos*» de DOSTOIEWSKY, no «*Atheneu*» encontra-se a alma do romancista amalgamada com as impurezas do meio em que viveu, mas nunca identificada com esse meio, ao contrario, sempre soffrendo do seu contacto, sendo por elle hostilizado, de outras vezes ameaçado de assimilação, torturado, rebelde, nunca convencido.

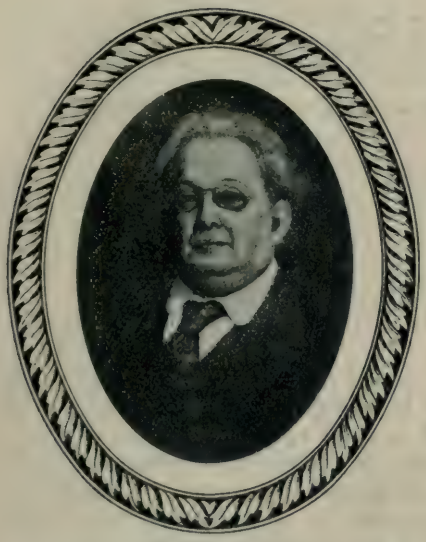
Quaker litterario, o Raul dessa epocha, o Raul que vibrava deante das paginas de MAURICE BARRÈS, «*Sous l'oeil des Barbares*», expressava as suas idéas, tanto sobre o caracter do homem, como sobre a constituição da sociedade, de uma maneira sobreaguda e mortificante. Elle enlouquecia na analyse dos phenomenos psychicos, querulo, dia a dia, hora a hora, entre o facto e a fórma exacta que o devia revestir; virava-se pelo avesso como o polypo, e mostrava o apparelho interno funccionando a descoberto; e tudo isso communicava-se ao Sergio do «*Atheneu*», que, em ultima nalyse, era um exemplo palpitante da lucta pela vida do caracter e pela autonomia de uma formidavel mentalidade.

A esse Sergio, quando entrára no collegio, como para o labyrintho de Creta, dissera o pae: «É preciso não ceder, — «be a man!». Acaso, nestas palavras, e nesta situação, não está descripto todo o RAUL POMPEIA que nós conhecemos, e que vimos no ultimo periodo debatendo-se contra o que elle chamava o syndicato da desgraça nacional?

Naquelle livro primoroso, pois, encontra-se a alma inteira, virginalmente traduzida, do litterato que, a 25 de dezembro de 1897, fechou voluntariamente os olhos á luz da arte que para elle fulgurava num mundo incomprehendido. Essa arte que elle tanto prezava, e que podia tel-o salvado, no momento da suprema angustia, porque se obumbrou e empallideceu, deixando-o morrer?

A morte deixou em meio caminho o trabalho deste obreiro estrenuo da arte, o qual tudo sacrificou ao amor da patria. Resta que algum amigo dedicado, recompondo os fragmentos que existem no seu espolio litterario, erga um monumento á memoria de um dos espiritos mais originaes que tem vivido nas terras dos Brasis. (*)

(*) «*Almanaque Brasileiro Garnier*» para 1916 4.º anno. p. 251 - 255.



Arthur Azevedo

Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo

* S. Luiz, Estado do Maranhão, 7 de julho de 1855

† Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1908

Não chegou a diplomar-se; fez alguns estudos secundarios no lyceu de sua cidade natal. Exemplar funccionario publico, desde 1875, trabalhou sempre com grande zelo, subindo dignamente do cargo de amanuense ao de director geral, no antigo ministerio da agricultura, hoje da viação, a que pertenceram MACHADO DE ASSIS e GUSMÃO LOBO.

Juizo unanime consagrou-o primeiro comediographo brasileiro. Era tambem poeta e prosador de merito; versejava com pasmosa facilidade, e escrevia com a maior fluencia, sem sacrificio da elegancia e da correcção.

Caridoso e humanitario, popularizou-o a bondade extrema, que, alliada a innegavel talento e a immenso amor ao trabalho, lhe permittiu alcançar constantes demonstrações de sincera estima no nosso meio litterario. Operoso, fecundo, parecia nunca descançar. Sobe a mais de 70 o numero de peças que forneceu ao theatro — monologos, scenas comicas, dramas, revistas de anno, de que lhe cabe a iniciativa entre nós, operetas, parodias, magicas e burletas.

São suas principaes peças — entre as revistas: o «*Mandarim*», o «*Bilontra*», «*Pum*» e o «*Tribofe*»; — entre as comedias, dramas e operetas: o «*Amor por Annexins*», a «*Vespera de Reis*», a «*Joia*», o «*Badejo*», enthusiasticamente applaudido no Brasil e em Portugal, a «*Filha de Maria Angú*», a «*Capital Federal*», a «*Vida e Morte*» e o «*Dote*», comedia que foi vertida para o italiano, afim de, no Rio de Janeiro, represental-a a companhia da famosa actriz TINA DI LORENZO.

Das suas traducções, cujo total passa de 20, destacam-se as do «*Casamento de Figaro*», de BEAUMARCHAIS, do «*Sganarello*», e da «*Escola dos Maridos*», de MOLIÉRE, bem assim as das composições de maior successo do repertorio francez da epocha, como a «*Niniche*», as «*Primeiras Proezas de Richelieu*», o «*Anjo do Mal*» e a «*Casadinha de Fresco*».

Deixou tres volumes de apreciados contos: «*Contos Possiveis*», «*Contos Fóra da Moda*» e «*Contos Ephemeros*».

Da sua producção poetica, egualmente avultada, além dos «*Contos e Versos*», citam-se: as «*Carapuças*», o «*O Dia de Finados*», os «*Sonetos*» e, por ultimo, as «*Rimas*», publicação posthuma.

No Maranhão fundou um jornal de breve duração, o «Domingo», e pertenceu ao corpo de auxiliares da «Pacotilha»; no Rio de Janeiro, creou e redigiu tres periodicos: a «Gazetilha», o «Album» e a «Vida Moderna»: finalmente collaborou, com admiravel assiduidade, em quasi todas as re-

vistas litterarias e jornaes, quer da capital, quer do interior do paiz, assignando os artigos, ora com o seu nome, ora com os pseudonymos de «*Gravoche*» ou de «*Eloy o Heroe*» e ora apenas com as simples iniciaes «A. A.»

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de MARTINS PENNA.

Manoel Victorino

Comquanto provocasse, como era natural, grande consumo de tinta o inesperado fallecimento desse brasileiro illustre, ainda não se escreveu nem a centesima parte do que se poderia dizer a seu respeito. MANOEL VICTORINO era uma das figuras mais interessantes e mais curiosas do Brasil actual, e merecia que provectos analystas o apreciassem por todas as faces do seu espirito verdadeiramente encyclopedico.

Não dou nenhuma novidade aos leitores do «Correio da Manhã» dizendo que havia nelle um artista: não ha manifestação mais flagrante nem mais positiva de arte do que um trecho de boa prosa; mas o que nem todos sabem é que elle falava de cadeira sobre todas as artes. Compenetrado profundamente do sentimento do bello, dotado de uma extraordinaria faculdade de assimilação e de uma imperturbavel memoria, discreteava sobre assumptos de arte, como um homem intelligente que viu, ouviu, observou, e estudou.

Quem não o conhecesse, e unicamente o ouvisse numa dessas deliciosas confabulações artisticas, supporia que a arte era a preoccupação exclusiva do seu espirito; não advinharia nelle o estadista que fez passar no paiz inteiro um sopro de animação e vitalidade, quando tomou nas mãos seguras as redeas do governo supremo, desgraçadamente para largal-as ao fim de alguns dias; não advinharia nelle o medico insigne, o grande operador que tantas vidas salvou, sem fazer disso espalhafato e reclamo.

A primeira vez que vi e ouvi MANOEL VICTORINO foi num banquete politico, dado em honra do dr. MUNIZ FREIRE, governador do Espirito Santo. Acabára a revolta de 6 de setembro, e toda a gente parecia aspirar a um congraçamento geral, que destruisse a atmosphera de odios, que naquelle momento ainda suffocava e opprimia os corações brasileiros.

Na occasião dos brindes, depois de ecoar no salão do «Globo» a rethorica vulgar de outros oradores, MANOEL VI-

CTORINO levantou-se e pronunciou o mais bello discurso que ainda ouvi, — um discurso ou, antes, um hymno de confraternização e de paz, admiravel na fórma e no fundo, de uma persuasão e de uma eloquencia extraordinarias.

A sua palavra quente e sonora, o seu gesto sobrio, o seu olhar pregado num ponto unico da sala, como recebendo desse ponto uma corrente magnetica de inspiração, me extasiaram tanto, que, acabado o discurso, deixei o meu logar, e fui abraçar o orador, que não conhecia.

Parece que no meu enthusiasmo havia alguma coisa de excepcional, porque MANOEL VICTORINO pouco depois deixava tambem o seu logar, e vinha retribuir o meu abraço. Dahi por deante foi para mim um amigo, um grande amigo, de cuja preciosa amizade jamais abusei.

Sabendo que o theatro era a minha mania, elle comprazia-se, todas as vezes que me encontrava, em conversar commigo sobre arte dramatica. Ninguem calcula com que auctoridade, com que certeza de vistas falava de um assumpto que infelizmente não entra nas cogitações dos nossos politicos mais eminentes. Si a nossa bôa estrella o conservasse no poder, o theatro brasileiro não offereceria, talvez, aos olhos do extrangeiro, o miseravel aspecto com que actualmente me compunge.

Vimos todos com que enthusiasmo de moço e de intellectual MANOEL VICTORINO assistiu a todas as representações da REJANE, e era um prazer ouvil-o, nos corredores do «Lyrico», discorrer assisadamente sobre a peça que se exhibia e sobre o trabalho meticuloso e perfeito da actriz parisiense.

Na noite do beneficio da REJANE, bastou que alguns rapazes lh'o pedissem para que elle a saudasse com o seu verbo illustre, sem se importar com o que dissessem ou pensassem os medalhões da politica.

Poucos dias antes de morrer, MANOEL VICTORINO falava-me, com estranho contentamento, da vinda de ANTOINE, o creador do «Theatro Livre». — Não perca um espectaculo, dizia-me elle; vae ver coisas completamente novas em theatro, e que ainda não chegaram.

Elle tinha assistido, em Pariz, a muitos espectaculos do «Theatro Antoine»; conhecia os principaes artistas e dava uma idéa exacta do talento de cada um delles. A SUZANNE DESPRÉS, particularmente, fazia lisonjeiras referencias, que me enchiam de curiosidade.

Conhecia, aliás, todos os bons theatros da Europa, e estava a par do movimento da arte do theatro, citando dramaturgos e artistas, interessando-se pela renovação dos pro-

cessos, fazendo a critica dos novos, sem a perrice de SARCEY, nem o exclusivismo de MIRBEAU.

Os proprios theatros de «vaudeville» o interessavam. Quando fiz representar, no «Lucinda», sob o titulo «Quasi», uma traducção da comedia «Moins cinq», elle encontrou-me no theatro, durante um intervallo, e disse-me:

O seu trabalho é feliz. Conheço a peça, vi-a no «Palais Royal», e não me pareceu que pudesse ser traduzida com tanta fidelidade. É pena que v. não tenha uma CHEIREL e um BOISSELOT, mas o PEIXOTO vae muito bem no papel creado pelo LAMY.

Fiquei pasmado de ver que, apesar de occupado em Pariz a visitar hospitaes e amphitheatros, elle conservava de memoria os nomes dos artistas do «Palais Royal».

Quando MANOEL VICTORINO inaugurou o «Palacio do Cattete», aproveitei o ir á festa para convidal-o a assistir, em recita de auctor, á representação da minha burleta «A Capital Federal». Apesar de cercado de todo o mundo official, elle recebeu-me com a captivante familiaridade com que sempre me tratou, e, ao envés do que eu pensava, acquiesceu amavelmente ao meu convite. Assistiu a todo o espectaculo, em companhia do dr. BERNARDINO DE CAMPOS, ministro da fazenda.

Esse obsequio abriu no meu coração uma divida que os meus louvores, por mais ardentes que sejam, não pagarão á sua memoria.

Nós, os pobres homens de lettras, não estamos habituados a ser tratados com tanta consideração pelos nossos patricios altamente collocados. Não falo de mim, particularmente, pois conheço que tenho feito um uso immoderado do paletó sacco e revelado uma antipathia irreverente ao chapéo alto; — falo dos homens de lettras em geral. Isto prova, desgraçadamente, que as lettras entre nós não constituem ainda uma posição social. Neste particular, forçoso é dizel-o, a republica tem sido menos intelligente que o imperio.

Mais do que pelo seu peregrino talento e pela sua illustração variadissima, MANOEL VICTORINO conquistava a quantos delle se approximavam, pelo seu caracter affectuoso, pela sua indizivel bondade, pela sua franqueza, com que tratava egualmente a todos, grandes e pequenos, empavesados e humildes. Era sympathico, na rigorosa acepção deste adjectivo, que nem sempre é bem empregado, — sympathico dessa rara sympathia que vae logo ao coração, sem fazer escala pelo raciocinio.

Devia ser adoravel no seio da familia, cercado por aquelles oito filhos cuja educação tanto o preoccupava. Não o conhecia lá dentro; as nossas relações não foram tão intimas, que me auctorizassem a distrail-o das alegrias do lar.

Só lá fui para vel-o morto, enteiriçado e frio numa cama, com as mãos cruzadas e a cabeça coberta por um lenço, sob o olhar piedoso do CHRISTO crucificado...

Uma lagrima rolou dos meus olhos sobre a sua mão, quando a beijei, e essa lagrima, que elle levou comsigo para «as regiões ideaes do infinito» — palavras suas — lhe dirá, melhor do que este pallido artigo, o meu desgosto de o haver perdido. (*)

(*) «Correio da Manhã» de 17 de novembro de 1902.

Bernardo de Vasconcellos

Bernardo Pereira de Vasconcellos

* Ouro Preto, Estado de Minas Geraes, 27 de agosto de 1795

† Rio de Janeiro, 1 de maio de 1850.

Graduado em direito pela universidade de Coimbra, em 1818. Jornalista, parlamentar, administrador, ministro e legislador. Extraordinario pelo senso e descortino, desassombrado na lucta, impavido na resistencia, é o vulto supremo — o oraculo da nossa vida politica — durante o longo periodo de 1826 a 1850. As mais importantes das leis que então appareceram, e entre ellas ha as qualificadas de monumentos de sabedoria, como, por exemplo, o codigo criminal de 1830, ou foram exclusiva creação sua ou delle tiveram a principal collaboração. «Gigante intellectual» proclamou-o JOAQUIM NABUCO, ao lhe descrever a figura egregia ainda nos ultimos annos de existencia, mantida na olympica attitude dos deuses dominadores, e ao reviver o busto de BERNARDO DE VASCONCELLOS — «chumbado pela paralysia na sua curul, mas dominando della com um sarcasmo, uma pausa, um lampejo de olhar, a camara suspensa e maravilhada». (*)

O seu celebre manifesto, a «*Carta aos Mineiros*», em que o genial estadista, candidato a nova cadeira de representante da nação, alterando, com todo o cabimento, a praxe ainda agora observada, não expõe ao eleitorado o que vae fazer, mas sim lhe dá conta do que já fez, constitue precioso documento, cheio de idéas, mesmo hoje inteiramente aproveitaveis. Nas actas do antigo conselho de estado, guardam-se-lhe os luminosos pareceres, e, nos annaes da camara e do senado, os innumeros discursos. Redigiu, em Ouro Preto, o «Universal»; no Rio de Janeiro, o «Sete de Abril», de 1833 a 1837, e a «Sentinella» de 1842 em seguida, tendo sido o guia constante de EVARISTO DA VEIGA, na direcção e nas campanhas da «Aurora Fluminense», de 1828 a 1835.

Recurso ao throno em caso de sentença de morte

A lei de 11 de setembro de 1826 determinou que se não executem as sentenças de morte sem que subam ao conhe-

---

(*) «*Um Estadista do Imperio, Nabuco de Araujo*», tomo I, Rio de Janeiro, H. Garnier, sem data, p. 11 e 41.

cimento do imperador para perdoar, ou minorar a pena, como entender conveniente ao bem publico. Quando, porém, o imperador o houver por bem, poderá ordenar a execução das sentenças de morte, sem que subam ao seu conhecimento, como é declarado no art. 2.º da mesma lei.

Eu não tive parte nem na discussão, nem na votação desta lei, que tiveram logar aos 29 de agosto de 1826; e, si estivesse presente, insistiria, com todas as minhas forças, na suppressão do art. 2.º. As razões, que justificam o perdão dos crimes, são deduzidas da natureza do nosso codigo criminal, collecção monstruosa de leis gothicas, canonicas e romanas, da imperfeição do processo criminal, das circumstancias do delicto, e da pessoa do delinquente; todas estas considerações devem ser presentes ao que perdôa, ou minora a pena. E como poderá o imperador declarar que em taes e em taes crimes não perdoará, sem que pondere nas circumstancias do delicto e do delinquente? Não poderá acontecer que, nesses crimes exceptuados, a innocencia soffra pelos defeitos do nosso processo criminal, e a condição do culpado se aggrave pela barbaridade das penas, que nenhuma proporção guardam com o delicto? Não poderá acontecer que os condemnados sejam pessoas que, em melhor tempo e siso, tivessem prestado importantes serviços á causa sagrada de nossa liberdade e independencia? E como, sem attenção a estas e outras muitas considerações, se pode negar perdão? Entre perdão e amnistia ha muita differença: aquelle só tem logar depois de exgottados os recursos judiciaes, esta ainda antes de accusação; o perdão é fundado nas circumstancias do delicto e do delinquente, a amnistia nas circumstancias da nação, e no calculo dos bens e males, que podem resultar da punição do delicto e dos delinquentes. E si a constituição não exclue crime algum do perdão, como affirmaram alguns snrs. senadores, como entenderam que o imperador podia fazer esta excepção! Graças á camara dos snrs. deputados, o art. 2.º da citada lei ha de ser revogado na proxima sessão. (*)

(*) «*Carta aos senhores eleitores da provincia de Minas Geraes*», Rio de Janeiro, Francisco Rodrigues de Paiva, 1999, p. 86-87.

Brasilio Machado

Brasilio Augusto Machado de Oliveira

BARÃO DE BRASILIO MACHADO

* São Paulo, Estado de São Paulo, 4 de setembro de 1848

† São Paulo, Estado de São Paulo, 5 de março de 1919

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas, em 1872, e doutor, em 1875, pela faculdade de direito de São Paulo, de que foi lente, por concurso, desde 1883. Jurisconsulto de vasto saber, escriptor de apurada elegancia, poeta de não commum inspiração, politico que se assignalou na imprensa, e perfeita organização de consummado artista. Mestre da tribuna, representam os seus discursos primores e exemplares de formosissima eloquencia academica; quasi não ha eguaes na nossa lingua. Ao orador, devéras eximio, ajudava a figura insinuante e senhoril; no olhar de immenso e indescriptivel brilho, transluzia-se-lhe a rutilação da intelligencia peregrina, e, para fascinar o auditorio, levando-o aos estos do enthusiasmo, ainda o favorecia a voz sonora, maviosa, de infindas modulações, tal como a de THEOPHILO GAUTIER, celebre pela doçura da melodia.

Coração magnanimo, viveu para o bem e praticando o bem. Fervoroso catholico, nunca sacrificou as crenças que, desde os verdes annos, se honrava de nutrir e defender.

Dos seus trabalhos grande parte se acha esparsa em jornaes e revistas; consta a outra de numerosos folhetos, de limitada tiragem, e fóra do commercio.

Cuida hoje a familia do saudoso morto de reunir em volume as bellas e instructivas paginas, que nos legou um dos mais lucidos espiritos da terra paulista.

O enxoval de Jesus

Ancillas ou servas, e por isso mesmo no tracto familiar de JESUS, são as operarias da «Obra dos Tabernaculos». Não é um trabalho puramente mechanico, sem cogitações de ordem elevada; a elle, e para a sua perfeição e merito, sobrepõe-se uma parte espiritual, que assignala o seu valor mys-

tico. Ao lavor material das mãos acompanha um movimento d'alma em oração, quasi que estreitando, na mesma convizinhança, a vida dos contemplativos e o exercicio fructuoso das obras.

Todos os trabalhos, primorosos ou desornados, custosos ou humildes, que saem de suas officinas, levam comsigo uma alta significação; vão entrar nas ceremonias de um culto, por onde o symbolismo christão se insinua em seu colorido luminoso e vivo. A egreja em seu corpo material e orientação, o seu interior, altares, naves, columnas, incensos, canticos, alfaias, vestimentas, têm cada qual uma linguagem persuasiva, mostram o ensino intuitivo da verdade, agitam sensações mysteriosas, que predispõem e encaminham o espirito á região suprasensivel.

Si consiste a belleza especifica do symbolismo no adequar ao reclamo da razão e da vida coisas inanimadas ou tolhidas de entendimento, bafejando-as com um sopro vital, ou envolvendo-as numa luz intelligivel, a «Obra dos Tabernaculos» não concorre pouco para a irradiação dessa belleza.

Tomae qualquer dos seus artefactos que se vão consagrar ao ritual do culto: o *amicto*, pedaço de linho, memorial do insultuoso veu atirado á face de JESUS após a sua condemnação á morte, representa uma armadura de combate, um jugo de trabalho, o dever instante de pregar a palavra divina. A *alva*, reminiscencia da tunica branca imposta, para humilhação, aos hombros da grande victima, lembra, na côr, a condição da pureza da alma e do corpo, e, nas rendas de que se guarnece, o ornato da virtude. O *cordão* ou cinto, figura dos açoutes, é symbolo dos sentimentos castos, da penitencia, da oração. O *manipulo*, signal das cordas que algemaram a CHRISTO, testemunha as canceiras inseparaveis do ministerio. A *estola*, recordando as angustias da flagellação, é no emtanto para o sacerdocio um emblema de jubilosa dignidade, a sua insignia por excellencia. A *casula*, rememoração da purpura irrisoria do «Ecce Homo», é a licção da caridade, benigna, indefectivel que impulsiona os labores apostolicos, sem esconder na cruz nella traçada a expiação pelo sacrificio. E assim por deante, vão as allegorias ensinando em paginas abertas e por imagens tangiveis os principios mais transcendentes da fé. O symbolismo, diz AUBER, é o livro em que apprendem os que não sabem ler. E essa vossa instituição, senhoras, convivio de corações, é um motivo a mais para a expansibilidade do sentimento religioso.

Si fôra facil entender confidencias de uma agulha, muito pudera revelar ainda, curioso, indiscreto, no surprehender o

tempo e o emprego dessas horas, em que, longe do tumulto da vida elegante, no aconchego de um labor commum, na vivacidade das alegrias sans — fructo delicioso das bôas obras — mãos delicadas confeccionam o enxoval de JESUS. Ao toque do dedal, num movimento nervosamente rotativo, lavra a agulha a superficie dos linhos brancos, das sedas variegadas, crivando ao longo dos tecidos um sulco de pontos lisos, acertando adeante a ondulação de um pregueado, ajustando as extremidades dos recortes ou os arabescos do desenho... E pouco e pouco a tela nua se anima á louçania e á trama colorida do bordado. É uma haste esbelta carregada de lyrios, uma cercadura de rosas ou de espinhos, cuja dureza a seda amacia e disfarça, festões de trigo, festões de pampanos, a fórma de um calice, a hostia no relevo de uma aureola, um livro e o cordeirinho, lettras symbolicas, cruzes em torçaes de ouro, rendas, filagranas, franjas, tudo trabalhado a primor e esmero, palpitando em tudo uma intenção de amor.

Mas... não tente a palavra, como um fio intruso, se enredar na urdidura primorosa desta obra, e acceite apenas da agulha confidente um adjuctorio amigo, dando um ponto de remate nesta mal alinhavada conferencia. (*)

Peroração

Para um pobre se destina o obulo de vossos trabalhos e esse pobre é JESUS, nos seus sanctuarios. O instrumento, que vossos dedos tão bem sabem manusear, produza embora lavores preciosos e artisticos, é pequenino: um fio, uma agulha... e a diligencia começa, um ponto e outro ponto, e o tecido se trama, os recortes se pronunciam, as cercaduras se entretecem, as flores se desabotôam, a folhagem se espalma; o ponto é um germem da linha, e a linha corre, se retorce, se ennovella em contornos caprichosos, e a obra se aperfeiçôa. Mas, o que exalça o seu valor e, demasiado, augmenta o seu preço mystico é o espirito que a preside, a intenção que a transfigura, o destino que a orienta. Cada traço assignala um surto de vossas almas e descobre a piedade de vossos corações. A vossa officina parece uma dependencia dos sanctuarios: vós sois as costureiras de JESUS. O que vos

(*) «*Conferencia realizada no salão do Gymnasio de São Bento a 18 de setembro de 1909*», São Paulo, Escolas Profissionaes Salesianas, 1909, p. 27 - 32.

preoccupa, e esse é o mais caracteristico de vossos merecimentos, é o decoro, a decencia dos altares.

Monumentos profanos não faltam, palacios se constroem, theatros se multiplicam, e de linhas das mais soberbas, de ornatos dos mais custosos, desolador contraste com os nossos templos christãos, que, em sua maioria, guardam dentro de suas naves um silencio, que parece crescer com a indigencia ou falta de suas alfaias. No emtanto, a religião, que padece da penuria do seu culto no corpo nú de muitos dos seus templos, é aquella mesma egreja que, em nossas praias, abrindo em cruz os seus braços, como um chamamento affectivo e proveitosa defesa, descortinou, de pégada em pégada semeadora de seus missionarios, o caminho mais tarde desbravado por onde devêra penetrar e vencer a nossa civilização, e lucta agora, forasteira numa patria que viu nascer e ajudou a consolidar, lucta por manter vivo o fogo santo nos seus sanctuarios empobrecidos.

Felizmente, ainda ha corações compadecidos, como os vossos, que no exercicio da caridade para com DEUS se empenham, com minguados recursos e á força de vosso trabalho, em acudir á nudez dos templos.

E todos esses trabalhos, primorosos ou desornados, custosos ou módicos, que vão sahindo de vossas officinas, além do valor material que se lhes attribua, vão entrar na ceremonia do culto, cuja decencia alimentam e defendem.

Si fôra facil, já uma vez o disse, a proposito do estabelecimento de tão fructuosa caridade no Brasil, si me fôra consentido ouvir e entender confidencias de alguma agulha indiscreta, eu teria de surprehender o tempo e o emprego dessas horas calmas e laboriosas, em que numa perfeita communhão de sentimentos, ao aconchego intimo de um lavor commum, com a vivacidade das alegrias sans, apanagio das almas saturadas de caridade, mãos generosas, que são as vossas, senhoras da «Obra dos Tabernaculos», se esforçam por polir as rouparias de JESUS. Si tal me fôra facil... nem mesmo assim eu me animaria a interromper o recolhimento em que vossa obra tanto se esmera: pediria apenas uma graça, que, sendo um allivio para vós, para mim seria uma quitação, a graça de um ponto de remate nestas phrases descosidas que vos trouxe... E acabou-se a linha... Ponto final.(*)

(*) «*Na Obra dos Tabernaculos*», discurso proferido a 26 de agosto de 1916, no Rio de Janeiro, por occasião do festival de caridade promovido pela "Obra dos Tabernaculos", da cathedral, São Paulo. Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus, 1916, p. 26-30.

Eduardo Prado

Eduardo da Silva Prado

* São Paulo, Estado de São Paulo, 27 de fevereiro de 1860

† São Paulo, Estado de São Paulo, 30 de agosto de 1901

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1881.

E' dos grandes escriptores brasileiros o que mais se approxima de JOAQUIM NABUCO, no esmero, graça, belleza e originalidade da distincta e vibrante expressão, contando mais o que áquelle faltava — a deliciosa fineza de soberbo humorismo. Apaixonado cultor da historia patria e de tudo quanto se referia aos nossos homens ou aos nossos factos, amava deveras a sua terra e a sua gente.

Nunca chegou a esquecel-as. A sua residencia no extrangeiro, aliás bem menos longa do que a de DOMINGOS MAGALHÃES, F. A. VANHARGEN, PORTO ALEGRE, e outros, nenhum dos quaes o excedeu no sincero amor ao Brasil, dignamente soube aproveital-a, para se dedicar, nas bibliothecas, a estudos, nos archivos, a pesquizas, dos successos da nossa vida politica e social, tanto que veiu a possuir famosa collecção de mappas, estampas, memorias, documentos e volumes de extrema raridade.

Seu sobrinho, o seu companheiro espiritual, PAULO PRADO, que, podendo, não quiz brilhar nas lettras, por vezes, nos falou da incessante preoccupação do saudoso paulista, afim de se não enxergarem vestigios de dilletantismo em tudo o que elle produzia e tratava de produzir, sempre compenetrado da seriedade da missão de quem escreve para ser lido.

Nos trabalhos que imprimiu, livros ou artigos, nota AFFONSO ARINOS, encontra-se EDUARDO PRADO «com os seus contrastes, o seu sarcasmo, a sua vivacidade, a singular harmonia entre as coisas serias e as coisas alegres, as coisas leves e as coisas profundas». (*) Com toda a razão advertiu BAPTISTA PEREIRA, ao consagrar-lhe optimo estudo, que «— MACAULAY divide em duas classes os livros, livros que se lêm e livros que se estudam; escriptor politico, EDUARDO PRADO precisava escrever dos primeiros, e, quando tinha começado a escrever dos segundos, a morte imperturbavelmente o arrebatou». (**)

Collaborou no «Correio Paulistano», apenas estudante, na «Revista de Portugal», e na «Revista do Instituto Historico de São Paulo». De

---

(*) «*Discurso de recepção*», «Revista da Academia Brasileira de Lettras», Anno I, n.º 2, Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1910, p. 506.

(**) *Eduardo Prado, o escriptor, o homem*, artigo publicado no «Commercio de São Paulo» de 30 de setembro de 1901.

1897 até finar-se, e sustentando memoravel campanha jornalistica, assumiu a chefia da redacção do «Commercio de São Paulo».

Fallecido aos 41 annos de edade, produziu bastante: deixou a «*Viagem ao Rio da Prata*», as «*Viagens*», a «*Viagem ao Oriente*», «*Le Probleme de l'Immigration*», «*L'Art au Brésil*», os «*Fastos da Dictadura Militar*», a «*Illusão Americana*», e a conferencia por occasião do 3.º centenario de Joseph Anchieta.

Publicações posthumas: a «*Bandeira Nacional*», «*Viagens*», dous volumes, e «*Collectaneas*», quatro.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome do visconde do Rio Branco.

Discurso de recepção no instituto historico brasileiro

As bondosas expressões, com que sou acolhido pelo illustre e sabio presidente do instituto, augmentariam, si isso fosse possivel, o meu desvanecimento pela honra insigne de ser recebido entre os socios desta erudita companhia.

Para merecer esta honra, creio não poder allegar titulo algum mais valioso do que a alta estima em que, como todos os que cedo amaram as coisas patrias, sempre tive os grandes serviços já prestados por vós, senhores, á nossa historia.

Fundado por patriotas, numa epocha de patriotismo, tendo por fim a investigação do passado, illustrado pela cooperação de grandes brasileiros, prezado dos sabios, este instituto, votado ao estudo da historia, é, elle proprio, já um largo pedaço da historia do saber brasileiro.

Poderá, talvez, uma fatalidade destructora, pesando sobre nós, pôr fim, senhores, á vossa digna e longa carreira; poderão ser fechadas as vossas portas; poderão o vosso archivo e a vossa bibliotheca ser dispersos; poderão os nossos successores ou talvez os nossos proprios olhos vêr a summa desgraça da fragmentação da patria e rasgada a sua tunica inconsutil. Todas as catastrophes podem ser imaginadas, mas imperecivel será a memoria dos vossos serviços, porque sempre haverá quem no mundo queira saber o que foi o Brasil, e nenhum estudo da nossa historia será uma obra de bôa fé, si deixar em olvido os vossos serviços ou prescindir dos materiaes inestimaveis que tendes reunido. Poderá, quem sabe, apagar-se do coração dos homens futuros o sentimento da patria, mas, si dentre elles surgir nesta terra, algum psycho-

logo, que, com a reverencia devida ás grandes coisas mortas, quizer escrever a historia do patriotismo brasileiro, uma pagina, e das mais bellas, será senhores, em honra vossa.

A convicção de que, entrando para esta sociedade, venho partilhar da herança de honra e de patriotismo que vos deixaram os vossos antecessores, a certeza de que de vós muito tenho que apprender, fazem-me considerar um dia feliz este em que me recebeis nesta casa. Para quem tem tido uma vida por tantas partes dispersa, a quietação deste remanso da turva corrente contemporanea offerece muitas consolações e muitos encantos. O uso da vossa bella bibliotheca, o accesso dos vossos preciosos manuscriptos, são grandes felicidades para quem ama o estudo do Brasil. Demais, senhores, o mal de muitas almas brasileiras é o se acharem desprendidas do passado e desenraizadas da terra. Somos um povo cada dia mais desnacionalizado e esta casa é uma grande escola de nacionalismo. Tive, e muito intensa, esta impressão a primeira vez que nella penetrei, e sempre que transponho a sua velha portada e subo os degráos da sua escada, feitos de rija madeira brasileira, e obra de tosca e solida carpintaria colonial. Foi esta casa um convento, e neste facto está um duplo symbolo: o de ter sido a sociedade brasileira uma obra do catholicismo, e o do destino ter reservado a estas paredes, desde que se ergueram, a sorte de servir de asylo á paz e ao estudo. Mais tarde, na sequencia da historia colonial, um arco ligou esta casa ao palacio dos vice-reis, quando cá veiu ter o proprio rei portuguez. Ao compassar das sandalias dos frades succedeu, então, nesta parte do palacio, o riso e a tagarellice feminina e bem peninsular das criadas e açafatas de d. Maria I, aqui alojadas. No pavimento abaixo de nós, imaginamos a velha rainha, com a cabeça tragica e encanecida, toucada de branco, apoiada aos vidros da janella, e com o olhar de que fugira a intelligencia do mundo, a fitar longa e silenciosamente o mar e o céo resplandecentes, aquellas ondas, aquelle sol e aquelles novos contornos de terras que não eram as ondas, nem o sol, nem as terras do Tejo. E quem sabe si nellas não procurava ler o destino da sua raça, que fôra transmudada do velho mundo para o mundo novo, atravéz do oceano?

Hoje, nesta vasta bibliotheca, não ha somente livros que nos falam do passado do Brasil. Ha outros que, descrevendo o Brasil, nos deixam adivinhar o que elle pode ser no futuro. Olham-nos, com as suas orbitas sem vista, os bustos brancos e impassiveis dos brasileiros illustres que engrandeceram esta sociedade. Ha, nesta sala, como que um ensino

perenne de patriotismo, ha aqui, na physionomia das coisas e dos homens, uma como que attitude de adoração perpetua da patria.

Não é, porém, esta casa somente um templo do patriotismo; é uma escola de muitas das virtudes que elle exige. Si a lealdade e a gratidão fossem de todo banidas deste paiz, deve-se dizer, para honra da raça humana, que encontrariam um abrigo no «Instituto Historico e Geographico Brasileiro». Não é só a imagem de um grande principe que o instituto mostra, conservando no seu logar de honra o busto do seu generoso, magnanimo e admiravel protector. Mostra aos contemporaneos e á posteridade um grande exemplo de abnegação e desinteresse, exemplo que, seja qual fôr a ironia amarga dos contrastes, ou o sarcasmo pungente das comparações, não será perdido no futuro. Aquella simples cadeira, para sempre vasia, vale mais do que um throno resplandescente; é uma cadeira de onde sempre se ouvirá uma licção perpetua e eloquentissima, a licção do exemplo da virtude.

Tudo isso augmenta a minha gratidão pela honra que me fazeis, admittindo-me entre vós. E creio, senhores, que nenhum agradecimento poderá tomar fórma que vos seja mais grata, do que a promessa affirmativa que vos faço de uma constante dedicação pelos estudos da historia brasileira, estudos que foram sempre a seducção do meu espirito. Separado dos que, bem perto de nós, fazem por actos a historia, mas não indifferente á angustia dos que soffrem com o mal feito dessa historia, volverei sempre os olhos para o passado longinquo da patria, passado que é glorioso e cujo estudo, a mim, e a todos, dará sempre a força de que hoje mais carecemos: a de não desesperar do futuro. (*)

(*) «*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*», tomo LXIV, parte 2.ª, Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brasil, 1901, p. 238-241.

Escragnolle Taunay

Alfredo d'Escragnolle Taunay

VISCONDE DE TAUNAY

* Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1843

† Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1899

Matriculou-se no 5.º anno do collegio PEDRO II, com 12 annos incompletos, frequentando-o até 1858 e tendo sido o alumno mais moço que de lá sahiu com a carta de bacharel em lettras, ou ao menos um dos mais moços. Assentou praça, em 1861, no 4.º batalhão de artilheria, e graduou-se em sciencias physicas e mathematicas, na antiga escola central, em 1863; encetou, em 1864, o curso de engenharia militar, que teve de interromper, por causa da guerra, e cujo diploma conquistou, ao regressar do Paraguay, em 1870, anno em que tambem alcançou a promoção ao posto de segundo tenente.

Uma das mais sympathicas das nossas altas figuras intellectuaes: musico, desenhador, critico de arte, critico litterario, romancista, philologo,(*) homem politico, ainda se distinguiu na historia, no jornalismo, no theatro, na chronica, na novella e, como official do exercito, nos campos de batalha. Descendente de familia de fidalgos francezes, mas brasileiro de nunca desmentido e immenso patriotismo. Parlamentar sempre assiduo na tribuna, quer da camara dos deputados, quer do senado, embora militante no partido conservador e intransigente no apego á fé monarchica, recommendou-se pela novidade de adeantadas idéas e pela nobreza de extremo liberalismo. Assim durante longos annos fez-se ardente propugnador, no seio do corpo legislativo e na imprensa, da adopção de importantes medidas sociaes, como a grande naturalização, o registo civil obrigatorio, o casamento civil, o imposto territorial, a secularização dos cemiterios e mais outras reformas. Talentoso, extraordinario no amor ao estudo e ao trabalho, bastariam, para consagrar-lhe o indiscutivel merecimento, os seus dous livros « *Innocencia* » (**) e « *Retirada de Laguna* », (***) este ultimo digno de larga vulgarização em todas as escolas

---

(*) Deve-se a ESCRAGNOLLE TAUNAY a invenção da palavra «necroterio», hoje usada na nossa lingua para indicar o deposito de cadaveres encontrados nas ruas, praças ou praias. A pedido de FERREIRA VIANNA, quando este, exercendo o cargo de presidente da camara municipal do Rio de Janeiro, resolvera fundar o edificio, que até agora alli existe, escolheu-a do grego, para a designação do novo estabelecimento, segundo elle proprio narra, nos seus « *Estudos Criticos* », volume II, pags. 149-152.

(**) Conta, agora, em 1920, quinze traducções em onze idiomas; serviu de entrecho a tres peças de theatro, de "libretto" a uma opera, e foi o primeiro romance brasileiro utilizado para fita cinematographica.

(***) Conta, tambem agora, em 1920, quatro traducções em tres idiomas

publicas do paiz. E', entre o de muitos, o auctorizado juizo de MEDEIROS e ALBUQUERQUE, para quem a «*Innocencia*» ficará, por ser de hontem, de hoje e de amanhan, valendo para nós, como o «*Paulo e Virginia*» nacional, e em cuja douta opinião, a «*Retirada de Laguna*» tem um sopro de heroismo, um impeto leonino de bravura. «Ha alli — accrescenta o laureado escriptor — a obra de um pensador. Mas a do artista não é menor». (*)

Collaborou no «Jornal do Commercio», na «Gazeta de Noticias», no «Cruzeiro», na «Gazeta da Tarde» e em mais algumas folhas do Rio de Janeiro, bem assim na «Revista Brasileira», a da 2.ª phase, dirigida por BALDUINO COELHO, e da 3.ª, por JOSÉ VERISSIMO, como na «Revista do Instituto Historico Brasileiro», associação a que pertenceu desde 1869, da qual foi o orador no periodo de 1886 a 1891, e em cuja arca de sigillo deixou depositadas as suas volumosas «*Memorias*», com a determinação de só poderem vir á luz. em 1936.

Afóra os dous livros citados, varios discursos, e muitos folhetos, contendo relatorios, dissertações, biographias, apreciações, são seus trabalhos principaes: «*Mocidade de Trajano*», «*Lagrimas de Coração*», mais tarde reimpresso com o titulo «*Manuscripto de Uma Mulher*», «*Ouro sobre Azul*», o «*Encilhamento*» e «*No Declinio*» — romances; «*Historias Brasileiras*», «*Narrativas Militares*», «*Ceus e Terras do Brasil*» — chronicas e novellas; «*Estudos Criticos*» — em dous volumes, «*Amelia Smith*» — drama; «*Ao Entardecer*» — contos de publicação posthuma, «*Reminiscencias*», «*Recordações de Guerra e de Viagem*», «*Visões do Sertão*» — collecções de interessantes noticias, egualmente de publicação posthuma.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de FRANCISCO OCTAVIANO.

Salles Torres Homem

Visconde de Inhomirim

Foi FRANCISCO DE SALLES TORRES HOMEM, visconde de INHOMIRIM, um dos politicos mais discutidos e censurados, mais applaudidos e admirados do segundo reinado.

Encetou a carreira publica com grande sofreguidão, fazendo, em escriptos violentos e explosivos, praça de sentimentos ultra-democraticos e egualitarios, quando no fundo ninguem era mais auctoritario e aristocrata do que elle, ninguem mais amigo dos privilegios e distincções sociaes.

Capacidade de primeira ordem, talento dos mais valentes e ducteis, raros imprimiram, a tudo quanto fizeram e intentaram fazer, tamanho cunho de superioridade.

Nos obscuros e mais que modestos começos da sua agi-

(*) «*Discurso*», «Revista da Academia Brasileira de Lettras». Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1910, pags. 212-213.

tada existencia, foi, não poderiamos dizer hoje como e com que recursos, estudar em Pariz, onde de certo não perdeu o seu tempo, distinguindo-se, já pelo lado da applicação e do aproveitamento, pois mereceu dos condiscipulos apreço egual ao que rodeou outro estudante brasileiro, FERREIRA ARMOND, depois conde de PRADOS, já pela ancia com que se atirou aos prazeres e ruidosas expansões possiveis a um estudante pobre do « quartier latin ».

E desta estada na grande capital européa trouxe o conhecimento profundo da lingua franceza, que falava e manejava admiravelmente, e o mais vasto saber e peregrino gosto em litteratura, que alliava, em consorcio não muito frequente, ás materias da sua predilecção, economia politica e finanças, em que devéras se tornou abalisado mestre, um dos mais notaveis vultos que nesta ardua especialidade tem tido o Brasil.

Em 1849, pôl-o em evidencia, de entre os mais fogosos e temidos publicistas da epocha, o seu celebre « *Libello do Povo* », publicado na typographia do « Correio Mercantil », á rua da Quitanda n.º 13, e cuja repercussão em todo paiz foi enorme.

É tambem esse pamphleto, na especie, verdadeira obra prima, numa linguagem rapida, calorosa, vibrante, sem demasias de rethorica, mas em tom de funda convicção ao apontar os erros, ao estygmatizar os ridiculos e fraquezas, e ao prognosticar o triumpho final das grandes aspirações populares, acenando-lhes com esses tão eternos quão difficilmente alcançaveis ideaes que exaltam a imaginação e a alma do commum dos homens e das massas tumultuarias e impetuosas.

Nada attrahente o physico, a figura de SALLES TORRES HOMEM. De estatura baixa, tinha predisposição para engordar com exaggero, o ventre proeminente, as pernas curtas, em relação ao busto, o todo pesadão.

O rosto de tez amarellenta e feições inexpressivas, numa quietude apathica, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se accentuou no fim da sua vida, quando a bronchite chronica de que soffria, desde moço, se foi transformando em oppressora asthma cardiaca; os labios grossos, o inferior um tanto penso, belfo.

Usava oculos fixos de aro de ouro sobre os olhos pardacentos, esbugalhados, e basta cabelleira postiça sob chapeu alto de abas um tanto largas, o que lhe dava, conjunctamente com o rosto liso e barba sempre escanhoada em regra, o aspecto de commodista e gordalhudo pastor protestante.

Vestia-se, porém, com o maior apuro, buscando conservar certa elegancia, de bom cunho parisiense, na sobrecasaca rigorosamente abotoada e bem assente ao corpo, nas gravatas de gosto, com alfinetes artisticos, nas botinas envernizadas, sem nunca dispensar luvas, que trazia quasi todo o dia calçadas.

Gostava de bengalas de valor e dellas tinha grande variedade; nem jamais se o via de guarda-sol ou de chapeu de chuva, como é tão geral no Brasil, hoje ainda mais do que outr'ora.

Professava todo um systema de idéas acerca da côr da gravata apropriada ao dia e da pedra preciosa que tinha de nella figurar; e, uma feita, o ouvi discorrer com muito espirito, erudição e a habitual solemnidade de phrase, sobre a significação das gemmas entre os antigos, particularmente entre hebreus, e a sua adaptação ás roupagens que deviam fazer realçar — o diamante sobre o estofo preto, a saphira sobre o branco, a esmeralda no vermelho, o topazio em cima do azul, e assim por deante.

— É preciso, aconselhava elle, não deixar aos mediocres e tolos siquer essa superioridade, trajarem bem. As exterioridades têm inquestionavel importancia. A um tresloucado e criminoso é muitissimo mais facil dar logo cabo de qualquer maltrapilho do que simplesmente desrespeitar um homem revestido das insignias de alta posição social. Conturba-o a certeza de que esse insulto será incontinenti punido pelas leis e pelas auctoridades.

Consoante com esse modo de pensar, eram as suas maneiras compassadas, pouco expansivas, nunca familiares. O andar lento, quasi majestoso, devido, aliás, em parte á impertinente e antiga bronchite, que só lhe consentia folego curto, parecia denunciar muito orgulho de si, concorrendo para a reputação que lhe faziam de displicente e emproado, quando, entretanto, em convivencia mais chegada, se mostrava o que na realidade era: genio sympathico, affavel, folgazão, conversador inestimavel e divertidissimo.

Em litteratura, campo dos mais vastos conhecimentos, tinha por auctores favoritos LUCRECIO, DANTE, RACINE, BENJAMIN CONSTANT, CHATEAUBRIAND, e PAUL LOUIS COURIER, havendo, sem duvida, bebido neste a mordacidade de estylo do pamphletario, e, mais tarde, naquelles, a pomposa gravidade do publicista e orador.

Aliás, no meio das preoccupações da sua especialidade, como eminente financeiro que se tornára, e apesar da indole

um tanto ou bastante inclinada á indolencia, lia tudo, lia muito, lia sempre.

Sabia de cór quasi todo o «*De Natura Rerum*», de que citava, com frequencia e juvenil ardor, trechos inteiros.

— Feliz aquelle, costumava proclamar, que toma por norma de vida este bello conselho: «Pacata posce omnia mente tueri» (poder encarar tudo com animo sereno).

— Em lettras, preleccionava elle, o criterio para se julgar do valor e da duração de um livro discutido está no sentimento ultimo que nos deixa a sua leitura. Si, ao concluil-o, nos sentimos, além de tomados de impressão doce, suave, grata, melhores do que somos, mais dignificados e mais propensos á admiração das acções nobres e elevadas, então não vaccillemos no «veredictum» — essa obra vencerá os tempos.

O anno de 1858 foi o de maior actividade de SALLES TORRES HOMEM, a luctar, na camara dos deputados, corpo a corpo, braço a braço, para assim dizer, com BERNARDO DE SOUZA FRANCO, ministro da fazenda no gabinete do marquez de OLINDA, formado debaixo ainda do influxo da politica de conciliação, inaugurada pelo marquez de PARANÁ.

Foi quem deu o grito angustioso e patriotico de alarma contra as medidas financeiras daquelle politico, que puzera em atropellada pratica as idéas mais adeantadas, aleatorias e perigosas, sustentando-as embora com o maior brilho e talento. Vacillava a camara, influenciada pelo prestigio e pela palavra do arrebatado innovador, e ia sendo por elle arrastada, quando SALLES TORRES HOMEM, appellando para grandes energias, de que não o suppunham capaz os seus melhores amigos, lhe fez frente, lhe bateu o pé, arrancando-lhe por fim a palma do triumpho, e obrigando o ministerio todo a demittir-se, secundado na longa e cançativa campanha por SERGIO TEIXEIRA DE MACEDO e TEIXEIRA JUNIOR, este menos certo na orientação que devia seguir.

Ao lado de SOUZA FRANCO batia-se, com denodo, o barão de MAUÁ, apregoando as vantagens da pluraridade dos bancos e o direito lato de emissões.

Vale bem a pena compulsar-se o volume dos annaes da camara relativos a esse tempo. Enchem-no as irradiações da superioridade de SALLES TORRES HOMEM, como orador parlamentar e economista. A cada momento, o ministro da fazenda o declarava vencido, anniquilado, e lá voltava elle á carga e proseguia na tarefa de ardente opposicionista, a bem dos interesses da patria, que periclitavam, abalando as convicções dos deputados mais chegados ao gabinete, agitando a

opinião publica e fazendo penetrar benefico sobresalto em todos os espiritos.

Salvador da melindrosa situação, foi SALLES TORRES HOMEM, em 1859, já então ministro da fazenda, depois da queda estrondosa do «Banco Agricola» e do quasi mortal estremecimento do «Rural e Hypothecario», além do esboroamento de casinhas de credito, que desappareceram como choupanas mal esteiadas em dias de violenta enxurrada.

A 5 de setembro de 1871 respondia SALLES TORRES HOMEM a ZACARIAS DE GÓES E VASCONCELLOS, o qual, na vespera, 4, encetára, em segunda discussão, o debate sobre a proposta do gabinete Rio Branco, pronunciando-se contra ella.

Viéra da camara dos deputados o projecto do governo, prestigiado pela mais gloriosa campanha parlamentar, de que, por certo, dão noticia os annaes daquella casa.

Levantára-se RIO BRANCO a alturas immensas pela serenidade inquebravel, irresistivel eloquencia e estupendos recursos oratorios que desenvolvera, muito além das esperanças dos seus maiores admiradores.

Não fosse elle, não tivesse empregado tamanho esforço pessoal, patenteado tal fecundidade de meios na tribuna, posto em jogo tão extraordinarios elementos de acção, a agitar os espiritos dentro e fóra do parlamento; não se houvesse collocado em amplitude inalcançavel, acima de todos os obstaculos e desgostos que o não pouparam até na vida intima, exactamente no momento mais encarniçado da lucta, e o projecto de lei teria com certeza baqueado, houvera sido repellido por não pequena maioria. Eis o que fez a sua gloria: eis o que cercou o seu nome de aureola sempre fulgente. Tornou-se gladiador unico a arcar contra muitos e dos mais habeis e resolutos pelejadores; valeu por uma phalange, por uma legião.

Tambem, rarissimas vezes, em qualquer parte do mundo, quer na historia antiga, quer nos fastos modernos, a intelligencia humana, como providencialmente superexcitada, conseguiu um desses triumphos, victoria tão assignalada, tão completa!

No senado, quem logo de prompto deu golpe de morte nas resistencias que se preparavam, suscitadas por politicos da maior auctoridade e experiencia, foi SALLES TORRES HOMEM, com um discurso perante o qual tudo o mais empallideceu.

Mas, tambem, que oração! Deveria, já ha muito, estar figurando nos livros das escolas, como monumento litterario e philantropico, estimulo ás grandes idéas, instigações de mais alto valor moral para as novas gerações.

Ouvimos SALLES TORRES HOMEM proferir do senado aquelle logo celebre discurso, velada infelizmente a voz do inspirado orador, pela respiração anciada e sybillante que só lhe consentia a asthma, já então bastante adeantada e complicada com phenomenos cardiacos. No fim era legitimo gaguejar, que mettia dó aos que estavam suspensos dos seus labios.

Ao terminar, na esplendida peroração, já elle não podia mais. E, apesar disso, naquelle recinto tão pouco affeito a manifestações ruidosas, resoavam os bravos, amiudavam-se os calorosos signaes de incomprehensivel applauso.

Esta figura de SALLES TORRES HOMEM é original e credora de especial attenção. Delle, aliás, não existe até agora a mais singela biographia, os mais simples rascunhos a reconstituirem a sua existencia de talvez 65 annos, nada curta, portanto, nem desperdiçada, e a recompôrem o seu «facies» moral. Quem nos diz que estas impressões occasionalmente atiradas á publicidade por um contemporaneo, sinão amigo, não hão de provocar o desejo em outrem, que melhor o tivesse conhecido, de tambem se occupar com tão marcante personalidade politica e apresental-a, por modo mais seguro e completo, á serena luz da verdade?

A 3 de junho de 1876 falleceu de uma syncope cardiaca SALLES TORRES HOMEM, visconde de INHOMIRIM, num aposento de hotel, em Pariz.

Encontraram-no morto, sentado deante de uma secretária, com a penna na mão sobre tiras de papel em branco, a cabeça erguida, os olhos fitos no tecto.

Com toda a propriedade, podia-se-lhe applicar a bellissima phrase de MELLO MATTOS a outro eminente parlamentar, GABRIEL RODRIGUES DOS SANTOS: «Morreu na attitude do pensamento». (*)

(*) «*Reminiscencias*». Rio de Janeiro, Francisco Alves & C.ia, 1908, p. 28-30.

Euclydes da Cunha

Euclydes Pimentel da Cunha

* Cantagallo, Estado do Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1868

† Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1909

Bacharel em sciencias physicas e mathematicas pela escola superior de guerra, em 1892.

Deixou, porém, a carreira militar, logo que se graduou, exercendo sempre a profissão de engenheiro civil, e, nessa qualidade, desempenhando importantes commissões technicas. Professor de logica, por concurso, do externato do collegio PEDRO II.

Excellente prosador, com o seu exuberante e opulento vocabulario, com os ardores da sua phantasia, com os seus lampejos geniaes, na concepção e no estylo, possue no mais alto grau o dom das narrações commovedoras e tocantes. Enternece, sensibiliza, e abala os que o lêm; todas as suas paginas palpitam e vibram de emoção. Reunia o que nem sempre parece facil harmonizar — a disciplina e o raciocinio de erudito homem de sciencia ás inspirações e aos devaneios de aprimorado artista. Produzia devagar, aos poucos, parcelladamente, e após longa meditação, mas quasi nunca corrigindo ou emendando o manuscripto. A idéa como que lhe vinha da mente já vestida das galas da linguagem. (*) Tinha de ouro o coração, o coração de um justo, dominado pelo amor ao bem e á verdade. Austero na vida publica, exemplar na vida privada, morreu moço ainda, victima de revoltante e infame assassinato, em que o perverso criminoso, destruindo uma existencia, extinguiu uma gloria. (**)

Publicou: os «*Sertões*», «*Contrastes e Confrontos*», «*Perú versus Bolivia*», «*A' Margem da Historia*», e a conferencia sobre CASTRO ALVES, realizada em S. Paulo, a 5 de dezembro de 1907.

Escreveu em muitas revistas, e em muitos jornaes, principalmente na folha «O Estado de S. Paulo», de que era assiduo collaborador.

Em 1903, succedeu, na academia brasileira de lettras, a VALENTIM MAGALHÃES, fundador da cadeira que tem o nome de CASTRO ALVES.

(*) É o que narra o festejado homem de lettras, JOÃO LUSO, no folhetim «*Dominicaes*» do «Jornal do Commercio» de 22 de agosto de 1909. Entretanto verifica-se o contrario desta informação que teve a bondade de nos ministrar o distinctissimo sr. dr. FRANCISCO VENANCIO FILHO: «Escrevia com correcção, tinha os seus cuidados de estylo, mas emendava muito, conforme os originaes seus que possue o «Gremio Euclydes da Cunha», fundado no Rio de Janeiro».

(**) Devemos tambem ao sr. dr. FRANCISCO VENANCIO FILHO a seguinte e preciosa noticia: «Por occasião da escolha do presidente da academia brasileira de lettras, MACHADO DE ASSIS, que tinha o voto de todos, conferiu o seu a EUCLYDES DA CUNHA, facto quasi desconhecido e revelado pelo sr. dr. AFRANIO PEIXOTO, na conferencia de 15 de agosto de 1919».

O valor de um symbolo

Ha dous annos, num entardecer de julho, eu chegava, com os restos de uma commissão exploradora, á foz do Cavaljani, ultimo esgalho do Purús, distante 3.200 kilometros da confluencia deste ultimo no Amazonas; e tão perdido naquellas solidões empantanadas que nenhuma carta o revelava...

Eramos nove apenas: eu, um auxiliar dedicadissimo, o dr. ARNALDO DA CUNHA, um sargento, um soldado e cinco representantes de todas as côres reunidos, ao acaso, em Manáos.

E alli chegáramos absolutamente succumbidos. A nossa commissão dispersára-se, coagida pelas circumstancias: naufragáramos em caminho; e os salvados da catastrophe mal bastariam áquelle reduzido grupo de temerarios. De sorte que, ao attingirmos áquella estancia remota, já nos iamos, ha dias, num terrivel quarto de ração, de restos de carne secca e restos de farinha, que eram o nosso desespero e a nossa unica salvação, sem nenhum outro genero, attenuando-nos a dieta inaturavel.

Para maior desdita, os empecilhos á marcha cresciam com o avançamento; maiores á medida que diminuiam os recursos. O rio, cada vez mais razo, quasi estagnado nos «estirões» areientos, ou acachoando em corredeiras interminaveis, requeria trabalhos crescentes e verdadeiros sacrificios.

Já não se navegava; as duas pesadas canoas de itaúba iam num arrastamento a pulso, como si fossem por terra; e os remos, ou os varejões, transformavam-se em alavancas, numerosissimas vezes, para a travessia dos trechos mais difficeis. Ao descer das noites, os homens, que labutavam todo o dia, mettidos na agua, sem um trago de aguardente ou de café, que lhes mitigasse aquelle regimen bruto, acampavam soturnamente. Mal se armavam as barracas. Na antemanhan seguinte, cambaleantes e tropegos — porque as arêas do rio navalhando-lhes a epiderme punham-lhes os pés em chagas — retravavam, desesperadamente, a lucta da subida do rio que não se achava mais, tão extenso, tão monotono, tão sempre o mesmo, na invariabilidade de suas margens, que tinhamos a illusão de nos andarmos numa viagem circular: abarracavamos; decampavamos; e ao fim de dez horas de castigo pareciamos voltar á mesma praia, de onde partiramos, numa penitencia interminavel e rude...

Contrastando com esta desventura, a commissão peruana, que acompanhavamos, estava integra, bem abastecida, robusta. Não soffrera o transe de um naufragio. Eram vinte e tres

homens validos, dirigidos por um chefe de excepcional valor.

Assim, todas as noites, naquellas praias longinquas, havia este contraste: de um lado, um abarracamento minusculo e mudo, todo afogado na treva; de outro, afastado apenas cincoenta metros, um acampamento illuminado e ruidoso, onde resoavam os cantos dos desempenados cholos loretanos.

A separação entre os dous era completa. As relações quasi nullas: a altaneria castelhana, herdada pelos nossos galhardos vizinhos, surprehendia-se ante uma outra, mais heroica, do exiguo agrupamento miserando, altivamente retraido na sua penuria, e timbroso em ultimar a sua empresa, como a effectuou, sem dever o minimo, ou mais justificavel auxilio, ao extrangeiro que se lhe associára.

Mas ao chegar naquella tarde á foz do Cavaljani, considerei a empresa perdida. Palavras soltas, de irreprimivel desanimo, e até apostrophes mal contidas, de desesperados, fizeram-me comprehender que ao outro dia só haveria um movimento, o da volta vertiginosa, rolando pelos estirões e cachoeiras que tanto nos custaram vencer, acabando-se os nossos esforços numa fuga.

Os meus bravos companheiros rendiam-se aos revezes. Atravessei, em claro, a noite.

Na manhan seguinte procurei-os na tentativa impossivel de os convencer de mais um sacrificio.

Acocoravam-se á roda de uma fogueira meio extincta; e receberam-me sem se levantarem, com a immunidade de seu proprio infortunio.

Dois tiritavam de febre.

Falei-lhes. A honra, o dever, a patria e outras magnificas palavras, resoaram longamente, monotonamente.

Inuteis. Permaneceram impassiveis.

Quedei-me, inerte, em uma tristeza exasperada.

E como a augmental-a, notei, dalli mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se aprestavam á partida.

Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se para as ubás ligeiras os fardos retirados na vespera. Em pouco, os remos e as «tanganas» compridas, alteados pelos remeiros, fisgavam vivamente os ares...

E, atravessando pelos grupos agitados, um sargento — passo grave e solenne, como si estivesse em uma praça publica á frente de uma formatura — cortou perpendicularmente a praia, em rumo á canoa do chefe, tendo ao braço direito, perfilada, a bandeira peruana, que deveria içar-se á popa da embarcação.

De facto, em chegando, hasteou-a. Passava um sudoeste

rijo. O bello pavilhão vermelho e branco desenrolou-se logo, todo estirado, ruflando...

E acudiu-me a idéa de apontar aquelle contraste aos companheiros abatidos. Mas ao voltar-me não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte extrangeiro, erguido triumphal, como a desafial-os, galvanizára-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se os aprestos da partida. Em segundos, a nossa bandeira, que jazia, enrolada, em terra, aprumou-se por seu turno em uma das canôas, patenteando-nos aos olhos

«As promessas divinas da esperança!»

E partimos, retravando, desesperadamente, o duello formidavel com o deserto... (*)

(*) Do «Estado de São Paulo» de 23 de dezembro de 1907.

Evaristo da Veiga

Evaristo Ferreira da Veiga

* Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1799

† Rio de Janeiro, 12 de maio de 1837

Não se diplomou: fez os estudos secundarios no seminario de São José, completou-os aos 19 annos, empregando-se na livraria pertencente ao pae, e, mais tarde, estabeleceu-se com o mesmo ramo de negocio. Afinal abandonou o commercio, para definitivamente se consagrar á causa da patria, que tanto soube honrar com a grandeza do seu talento e com a immensidade do seu patriotismo. Legitima gloria brasileira: pela capacidade e pelos sentimentos, sem duvida um dos primeiros dos nossos jornalistas politicos — a nobre encarnação da imprensa, esclarecida e douta, honesta nos processos, e elevada nos intuitos.

A celebre folha que fundou em 1826 e dirigiu até 1835, a «Aurora Fluminense», exerceu consideravel e jamais excedido influxo na opinião nacional. Constituiu a notavel publicação poderosissima força na epocha, e levou-o, em 1830, até á camara dos deputados, onde, alcançando assignalados triumphos oratorios, lhe coube representar a provincia de Minas Geraes. Reeleito na legislatura seguinte, a de 1834, conseguiu ser de novo escolhido, na de 1837, mas então com dous diplomas, o de Minas Geraes e o do Rio de Janeiro.

Tributando-lhe merecida homenagem, toda a razão teve Francisco Octaviano de qualifical-o «guia e mestre dos nossos estadistas mais illustres».

«Negociante honrado, homem affavel, esposo modelo, distribuia a fortuna adquirida no negocio de seu pae, que fôra professor de primeiras lettras e deixára o magisterio para ser mercador de livros, pelos desvalidos a quem a sua caridade ia encontrar até em paizes extrangeiros». (*)

Além de artigos e de discursos, deixou alguns opusculos litterarios, que certo conviria reimprimir, ao menos em parte.

Ruy Barbosa, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a de sua cadeira, o nome de Evaristo da Veiga.

(*) J. M. P. Vasconcellos, *Selecta brasiliense*, vol. 1, Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1868, p. 57.

A data de 25 de março

Quando os povos habituados ás instituições viciosas que, por tanto tempo, regeram e vexaram o mundo civilizado, julgavam como unicos limites do poder do monarcha os da sua vontade, e, vergados ao peso da servidão, adoravam como semideuses da terra cortezãos inuteis, que viviam á custa da associação, não havia idéa alguma da dignidade do homem, dos seus direitos, dos principios eternos da justiça, que nivelam deante da lei o fraco e o poderoso; ou, si alguma idéa existia, era timida, escura, acanhada, e imperfeita. Porém a experiencia dos seculos, o espirito de observação, e a imprensa despertaram as nações, e as trouxeram ao conhecimento dos seus fóros; viram então ellas que ao reunirem-se em sociedade, nenhum outro fim podiam ter sinão o da propria felicidade, e que não era só para alimentar a grandeza esteril de alguns entes privilegiados, que as forças da razão e da industria se empregavam em enriquecer a humanidade de productos e de luzes. Um choque se seguiu dahi entre aquelles que saboreavam os antigos fructos da ignorancia commum, e que, á sombra do abuso, introduzido como lei, arrogavam a si o poder de governar a seu capricho, de fazer servir á propria utilidade o grande numero dos outros entes seus similhantes; e por outro lado aquelles outros que, acordando de um longo lethargo, se lembravam que nelles estava a força numerica, a riqueza, os cabedaes da intelligencia, o estimulo da actividade, e que os seus interesses, e commodidades eram comtudo sacrificados a erros, de que se não achava outro fundamento, além da usurpação e da violencia. Este choque que ainda hoje abala a Europa, e que se pode intitular a lucta da civilização com os prejuizos, tem dado origem, como taboas de salvação na tempestade, ás constituições escriptas, em que os povos, ou os monarchas, têm estabelecido as bases sobre que deve se firmar o regimen social, organizando os poderes politicos, de sorte que sejam garantias de ordem, de paz, de liberdade, sanccionando os principios primordiaes de toda a associação, e os que ao depois se derivarão das necessidades da civilização e progresso do espirito humano. Mas a mór parte dos chefes de nações, que occupavam thronos herdados, não levaram a bem que lhes fosse coarctada a sua indefinida auctoridade, e arrastados por agentes e ministros, que realmente governam em seu nome, pretendem, ainda hoje, eternizar uma guerra, cujo resultado lhes ha de ser infallivelmente funesto; porque nin-

guem pode pôr impedimento á necessidade das coisas; porém têm conseguido deter, e demorar os effeitos da illustração, conservando os subditos nos ferros da arbitrariedade, ou por meio dos grandes exercitos, sempre em pé de guerra, ou das divisões e prerogativas de classes.

O Brasil foi mais venturoso; o monarcha que os povos haviam escolhido não hesitou em offerecer á approvação dos brasileiros um codigo liberal, em que se achavam gravados todos esses sagrados fóros, por cuja acquisição e posse têm os homens livres derramado em ondas o seu sangue, e parecem vacillar em muitas partes as bases mal seguras do velho edificio social. O Brasil abraçou este codigo com enthusiasmo, a vontade nacional lhe poz o sello da sua sancção suprema, e a exemplo do monarcha, a constituição foi solemnemente jurada em todas as provincias do imperio. Penhor de prosperidade e de melhoramento, esta arvore de vida cobre já com a sua sombra todo o espaço que o Brasil abrange; laço perduravel, ella prende uma população vastamente disseminada, que não tem outro nexo que não seja a esperança de um bem commum e o anhelo das mesmas vantagens, afiançadas na lei do estado; barreira contra a oppressão dos potentados e governantes, a que outro refugio se acolhe o cidadão desvalido, que com a constituição aberta não teme chegar deante da auctoridade, e reclamar ahi sem pavor a justiça que se lhe usurpa? O escriptor não recusa marcar com mão firme os escolhos em que pode naufragar o governo; indicar os males que affligem a patria; exigir com voz energica uteis providencias; lembrar mesmo aos homens do poder, que se desvairam, que manejam mal o leme do mando, e que levam a nau do estado a misero e lamentavel naufragio; a constituição afiança ao escriptor esse direito. Não delinqui, não devo temer, tal é a divisa dos membros de um estado livre, tal vai sendo a nossa divisa, e essa linguagem varonil de homens dignos desse nome, já entre nós, lisonjeia os ouvidos do pensador philantropo. Maximas ferteis em consequencias, extranhas á rotina dos nossos antepassados, vão recebendo o seu desenvolvimento pratico; os homens, ainda os mais grosseiros, apprendem deste modo a apreciar verdades que de outra sorte seriam demasiadamente abstractas para a sua comprehensão; habituam-se a prezar os seus direitos, a amar a patria, a obedecer a lei, a resistir á tyrannia. Em uma palavra, o cidadão atreve-se a pensar, a enunciar o seu pensamento, a olhar em uma norma invariavel as regras da sua conducta politica, e aquellas porque tem de ser regido: as suas prerogativas e os seus de-

veres. Já não é o capricho de um privado, o mau humor de um ministro, que deve decidir da sua sorte.

Dia 25 de março! Nós vos saudamos; sem vós, sem a fixação dos nossos destinos, o que seria da nossa patria? O frenetico servil, o louco anarchista, a não lhes faltar de todo o senso commum, concedido á maior parte dos homens, reflictam um momento no estado a que seria reduzido o Brasil sem constituição, devorado pelos partidos, entregue ás reacções e ás vinganças; e, ao menos, pelo sentimento do proprio interesse e salvação, talvez elles saudarão comnosco o dia 25 de março. As nossas acções de graças se dirigem devidamente ao principe que, a par da illustração do seu seculo, amigo do Brasil, nos offertou a mais liberal de todas as constituições monarchico-representativas, e jurando-a, á face dos céos e da terra, frustrou os iniquos desejos dos perversos, que odeiam as liberdades publicas. Si alguns ha, que ainda hoje tramem a sua ruina; si monstros escondidos no seio da patria, tentam dilaceral-a, prendendo-a em grilhões aborrecidos, as suas tentativas serão sem fructo. Os brasileiros amam naturalmente a liberdade. A aristocracia nobiliaria, o fanatismo feroz e grosseiro, não imprimiram as suas plantas venenosas sobre o nosso solo, nem nos rodeia a federação armada de trinta reis absolutos. A America não foi talhada para a servidão; nascida para o mundo conjunctamente com as luzes e com a civilização, ella ou deixará de existir, ou será livre. Dir-se-á que este raciocinio é mais do coração que do entendimento?

É do coração que sai tudo o que é grande, nobre, e generoso; mas aqui se reunem, para dar força á convicção intima da nossa alma, o sentimento e a razão.

Si um nos diz que os brasileiros são dignos de conservar os seus direitos e as bellas instituições que adoptaram, a outra nos demonstra que uma terra industriosa, não calcada pelos privilegios, não opprimida por essas corporações poderosas, que têm um interesse distincto e opposto ao da sociedade; cingida em redor de povos, que proclamam os principios liberaes, guardará para sempre o precioso deposito da sua liberdade, a hypotheca da sua ventura, e existencia como estado; a constituição emfim, tal qual foi ha cinco annos jurada. Dia 25 de março, nós vos saudamos! (*)

(*) Da «Aurora Fluminense» de 27 de março de 1829.

Ezequiel Freire

José Ezequiel Freire Lima

* Rezende, Estado do Rio de Janeiro,
10 de abril de 1850

† Caçapava, Estado de São Paulo,
14 de novembro de 1891

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de S. Paulo, em 1880.

O poeta dos vergeis e dos passaros, das flores e dos mimos, cantor dos aromas e das meiguices, para quem o mundo se desatava em melodias e em enlevos. Apaixonado dos estudos de botanica, scintillante, graciosissimo, no conto, no folhetim e na chronica, era a gentileza em pessoa, nos sentimentos como nas maneiras. Prosador imaginoso, elegante, delicado em extremo, conhecia todas as riquezas e todas as doçuras da nossa lingua.

Collaborou no «Correio Paulistano», na «Provincia de S. Paulo», hoje «Estado de S. Paulo», na «Gazeta do Povo», no «Diario Mercantil» e em outras folhas da cidade de S. Paulo, em que mais tempo viveu.

Collaborou tambem na «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro.

Publicou um volume de formosos versos, as «*Flores do Campo*», e a familia reuniu no «*Livro Posthumo*», precedido de longo e bello prefacio de Wenceslau de Queiroz, alguns dos seus melhores escriptos, sempre lidos com encanto e com prazer.

Perfumes, côres e sons

PERFUMES

...Como a saudade errante dos ausentes queridos, paira no ar por entre os arbustos o effluvio aromatico das flores.

Dos galhos desta gardenia toda florida — o jasmin do imperador — quando a aragem lhes dá, cahem em chuveiro as florinhas brancas, derramando em torno deliciosa fragrancia de pecego maduro.

Este outro, que nos afaga o espirito como uma confidencia de bem-querer, é o suave perfume das violetas roxas.

Agora, esse halito morno, forte e cheiroso, que parece exhalado da bocca de uma mulher amante, vem da corólla daquellas rosas açafroadas — as «télas d'oiro» — balanceando-se em cachos nos flexiveis sarmentos que atreparam pelo tronco arriba de uma magnolia. É um perfume capitoso que nos deixa na alma o saibo de deliciosa ebriedade, amórna o sangue, tolhe o folego e entumece de suspiros o peito oppresso por extranho peso...

Por isso vêde como amorosas zumbem as abelhas que vão buscar mel áquellas coróllas, e deixam em meio a colheita para se beijarem, torvelhinando no ar, sussurrantes e enamoradas!

CÔRES

Tambem entre as côres ha as que excitam e as que pacificam.

O vivo escarlate da «begonia-excelsa»; as fuchsias rubras com amago roxo. Entre as rosas umas de alegre enxofre, outras com laivos de sangue, brutalmente desvirginadas, dissereis, pela mamangava lasciva, de azas de fogo, que ao lusco-fusco desta fria madrugada veiu aninhar-se-lhes nas coróllas entreabertas, sedenta de amor e de mel, e lhes magoou os pistillos, e lhes amachucou as petalas.

Na penumbra dos recantos, as côres pacificas, que adormentam os olhos e fazem-nos scimar saudades de affectos: — o esmaiado azul das hortencias; outras, lavadas numa aguadilha côr de rosa; o velludo arrufado das silaginellas; e esta bordadura de pyrethrum, acairelando de verde-gaio a linha sinuosa dos canteiros... tantas côres mansas, que nos afagam a pupilla e nos levam até o fundo da alma o sentimento mimoso que tambem ha na alma das coisas...

SONS

Dous ou tres sabiás entre-gorgeiam ao longe em surdina, na espessura de velhas arvores, por este entardecer de fim de outomno, quente e luminoso...

Pela universal natureza, harmonia em tudo: nas notas, nas tintas, nas linhas, nos aromas.

Toda a musica tem som, côr, fórma e cheiro.

Um toque de alvorada é côr de prata transparente, com laivos auri-rosados e algum anil nos contornos. Cheira a seáras florescidas.

— Um hymno marcial tem estouros de bombardas e estrallada de mosquetaria, scintillações de baionetas polidas,

de galões doirados, de arnezes reluzentes. Sente-se nelle o cheiro de sangue tepido, a fumaça de polvora e o resfolego dos ginetes de guerra.

— Das «Marchas Funebres» exhala-se um forte odôr de cêra de egreja e de pannos mortuarios. — São côr de faces cadavericas.

— O «Lundú Bahiano» tem a humida negrura dos olhos creoulos e o aroma da manga; a sua lasciva cadencia faz pensar nos lineamentos ondulantes das espaduas morenas e nos passos vagarosos por uma sombria alameda de mangueiras.

— Ha «Nocturnos» que dão a sensação tactil do velludo e têm a côr e o perfume dos pecegos maduros.

Outros são côr de aguas dormentes e cheiram a flôres do matto virgem.

E, quando, por um entardecer de outomno quente e luminoso, na frescura embalsamada do jardim, cantarola-vos ao ouvido, em toada dolente, a doce voz cheirosa da mulher que amaes, não vos parece estar ouvindo marulhar um corrego bordado de espinheiros florescidos? (*)

(*) «*Livro Posthumo*», São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1910, p. 269-272.

Fernandes da Cunha

Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha

* Sento Sé, hoje Municipio de Joazeiro, Estado da Bahia, 30 de setembro de 1827

† Nitheroy, Estado do Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1903

Apprendeu, aos 7 annos, as primeiras lettras em oito mezes, e, em um mez, estudou a grammatica latina do padre ANTONIO PEREIRA, logo traduzindo as fabulas de PHEDRO.

No collegio «Boa Sorte» dirigido pelo dr. HYPPOLITO PERRET (*) que depois frequentou na capital da Bahia, mereceu, pelas excellentes notas de applicação e de conducta, o premio de uma medalha de ouro, a primeira e a ultima concedida naquelle collegio, não constando que depois, na epocha, a houvessem dado a qualquer alumno os grandes estabelecimentos particulares de ensino secundario, naquella antiga provincia. Matriculou-se em 1842 na velha academia de Olinda, que cursou com o maior brilhantismo, tendo, entre outros, como lente, ZACARIAS DE GÓES, «o austero e sabio professor», segundo os seus dizeres, o qual em aula, facto nunca visto, fez honrosas referencias ao discipulo, elogiando-o e chamando-o de «unico estudante» que conhecia. Bacharelou-se em sciencias sociaes e juridicas naquella academia em 1847. Exerceu na Bahia os cargos de promotor publico das comarcas de Sento Sé, de 1848 até 1851, e da capital, de 1851 a 1854, em cujo desempenho demonstrou excepcional correcção no cumprimento dos deveres officiaes, denunciando e accusando criminosos dos mais ousados, mesmo com risco da propria vida. Teve assento na assembléa provincial, tambem na Bahia, no periodo de 1853 a 1856.

Veiu para o Rio de Janeiro em 1857, com o diploma de deputado geral, e, reeleito em 1861, de novo voltou á camara em 1867, até que, em 1871, entrou para o senado, na vaga do visconde de JEQUITINHONHA.

Não tirou o titulo de official da ordem da rosa, com que o agraciára o monarcha, nem a carta do conselho do imperador: não acceitou a nomeação de conselheiro de estado extraordinario; não quiz ser ministro, por duas vezes, apesar de vivamente instado, como não recebeu a paga que se lhe offerecera, pelos serviços prestados, na qualidade de arbitro do governo imperial, na questão contra elle movida por dous cidadãos argentinos, fornecedores do exercito brasileiro, durante a guerra do Paraguay.

(*) Engenheiro laureado pela escola polytechnica de Pariz, que, no mesmo navio, viajou da França para o Brasil com BEAURREPAIRE ROHAN, seu amigo intimo, logo após a nossa independencia. Dous sabios, e ambos de nobilissimos sentimentos.

José de Alencar proclamou-o «pontifice da tribuna brasileira». Uma das realezas da nossa oratoria. Sua palavra, inflammada, eloquentissima, «torrentosa e de impetos de formidavel cachoeira», na phrase de seu collega, o senador Oliveira Junqueira, fascinando-o, arrebatava o auditorio. Delle já muitos disseram que tinha «vida», «esplendor», «belleza de imagens», «figuras que lhe tumultuavam numa synonymia opulentissima», dicção das mais perfeitas», e voz «clara», «sonora», «cheia», «vibrante», «facil» e «volumosa».

Lendo constantemente as publicações litterarias e scientificas, antigas ou modernas, do paiz ou do extrangeiro, graças ao variado conhecimento de linguas, adquiriu solida e copiosa instrucção, não lhe faltando materia para explanar qualquer assumpto. Exprimia-se de repente, de momento, irreprehensivel na linguagem, com maravilhosa rapidez. Inimigo de declamar, procurou, com a edade, ir desbotando a phrase e desataviando-a, afim de lhe dar o tom grave e serio mais do pensador do que do tribuno. Não o perturbavam os apartes: antes forneciam-lhe ensejo para subitas e admiraveis replicas. Falava, sem recorrer a notas ou indicações, de um folego, sem a menor pausa, como succedeu na Bahia, em sessões do jury, durante 12, 14, 18 e até 20 horas, fosse occupando a cadeira da defesa, fosse a da accusação. Discursando, num perenne deslizar, flumineo e impetuoso, desviava-o a imaginação do plano que traçára, de modo que jamais poude cingir-se á ordem que resolvera observar.

Apreciador de musica, de que regularmente entendia, tendo predilecção por Beethoven e Rossini, sabia de cór diversos librettos de operas lyricas italianas. Dotado de grande força muscular, apesar de compleição franzina, amante de equitação, cavalgando os animaes rebeldes ao freio, entregue a repetidos exercicios de gymnastica, inclusive os de acrobacia, agradavam-lhe as danças; executava todas as do seu tempo, e a primor o solo inglez, mas entre parentes e intimos: num salão de baile, a timidez e o acanhamento o impediam de se dirigir a uma dama, ainda que de familia de estreitas relações com a sua. Eximio nadador, não temia as ondas, por mais agitadas que as visse; na agua estava no seu elemento. Tinha a paixão dos banhos; o rio e o mar seduziam-no com irresistivel attracção. Meticuloso no asseio do corpo, commedido, regrado, methodico, em casa e fóra della, severo e inflexivel na exigencia do maximo respeito ás senhoras, de que offerecia o melhor exemplo, encantava pelo esmero da educação, repugnando-lhe as expressões menos cortezes, como absolutamente não admittindo as rudes ou indecorosas. Amigo dos animaes, gostava immenso de pombos; possuia «sabedores» de lindas raças, e raras especies.

Por ultimo, ao talento devéras privilegiado alliava a probidade sem limites. Modelo na vida privada, modelo na vida publica, «a sua figura mais se realça pela sua pobreza, recusando altivamente a pensão que lhe quiz conceder o governo republicano». (*)

Era tão puro e virtuoso quanto capaz e eminente.

Para mostrar a prodigiosa faculdade de improvisação do egregio brasileiro, abaixo reproduzimos a saudação por elle redigida nas circumstancias narradas pelo seu primogenito, o distincto e illustrado dr. J. J. Fernandes da Cunha Filho, em carta que teve a bondade de nos mandar, respondendo ao nosso pedido de informações: «Escolhido pelo senado, para cumprimentar o imperador no dia 7 de setembro, não poude excusar-se; mas, contrariado, não cuidou de preparar o discurso e desculpava-se com

---

(*) Dr. José Bonifacio, deputado federal, «*A Bahia e alguns dos seus grandes filhos parlamentares e politicos*», Conferencia no Instituto Historico, Bahia, Imprensa Official, 1916, p. 23.

a promessa de que na occasião diria qualquer coisa. O conselheiro JUNQUEIRA, o dr. JOSÉ GONÇALVES DA SILVA, deputado pela Bahia, e o dr. LEANDRO MACIEL, por Sergipe, seus companheiros de casa, na ladeira da Gloria, fizeram-lhe vêr que seria uma desconsideração ao monarcha e ao corpo legislativo e que, assim, não lhe ficava bem deixar de escrever a allocução. Eram mais de 8 horas da manhan, devendo todos almoçar ás 9, afim de sahirem com direcção ao cortejo. Acquiescendo afinal, tomou elle de uma folha de papel e, alli mesmo, «resmungando, aborrecido», sem parar a penna, traçou da primeira até a ultima linha da 4.ª pagina, sem emenda nem borrões, com boa lettra, pois tinha bonita calligraphia, o seguinte improviso que aqui traslado».

SAUDAÇÃO

Senhor!

É hoje o grande dia da independencia da patria. Este grande verbo diz tudo para o coração brasileiro. Alvoroçada de jubilo, enlevada no fervoroso enthusiasmo do patriotismo, alvoreceu hoje a nação, trajando galas, para rememorar e festejar a gloriosa data.

Foi num dia como este, senhor (e já lá se vae mais de meio seculo), que o inclyto pae de V. M. I., — magnanimo fundador do imperio, de saudosa e gloriosa memoria, auxiliando o nobre esforço e o sublime commettimento da aspiração nacional, soltou, nas margens do Ypiranga, o immortal brado da independencia do Brasil, e poz-se á frente da generosa nação, compartilhando o seu futuro destino e justificando assim o seu titulo ao imperio.

Era um facto providencial, senhor, a emancipação brasileira. Odioso e execrando, verdadeira maldicção de DEUS, é o captiveiro do individuo, essa mutilação da pessoa humana, violação da consciencia, aviltamento da dignidade, perversão do caracter, derogação, emfim, da lei divina!...

Mas o captiveiro das nações?!... Cumulo de horror e de impiedade, verdadeira insania da razão, ou da corrupção da vontade despotica.

O grande Brasil não podia mais ser colonia do pequeno Portugal! O movimento providencial, e, portanto, irresistivel, do seculo 19.º, impellia forçosamente o Brasil á sua emancipação. Era a consequencia logica e necessaria das gloriosas revoluções franceza e americana, as quaes rasgaram á face do mundo e esculpiram á luz do sol, que illumina a humanidade, a carta dos direitos das nações.

O falso e caduco antigo regimen (reinado só do belprazer e do capricho despotico), carcomido e eivado de vis-

ceral gangrena, esphacelava-se por toda a parte e desfazia-se em pó, ao sôpro tão sòmente do espirito de liberdade, e á luz vivificante do direito das nações. Certo, não ha, nem pode haver, senhor, interesse, nem direito adquirido, contra o direito e a liberdade dos povos! Seria um contrasenso, ou flagrante aberração da vontade divina! O Brasil foi, portanto, livre, porque quiz e quando o quiz, apenas soou a hora aprazada no insondavel plano da Divina Providencia.

Sim, senhor, porque ninguem salva uma nação, si por ventura ella não quer ou não cura por si mesma de salvar-se. Como individuo, afóra a graça de DEUS, as nações só se salvam, senhor, pelo supremo esforço do patriotismo, pela abnegação do sacrificio, pela energia da vontade e do trabalho pessoal, pela sciencia e pela liberdade, emfim.

Conquistar a independencia, estabelecer a autonomia, firmar a nacionalidade na circumscripção do territorio, na identidade da religião, da lingua, da historia e dos costumes, si já é muito, ainda não é tudo, senhor. É apenas plantar o primeiro marco na via do porvir. Resta desenvolver os grandes elementos nacionaes e realizar o ideal da nação, na evolução progressiva da sua perfectibilidade.

A liberal constituição que nos rege, senhor, tudo promette e garante, e tudo contém sabiamente, mas ainda só em germen. Cumpre desenvolver o embryão fecundo, diffundir a semente alada, e tornar realidade palpavel a promessa constitucional.

Nenhum homem, porém, nenhuma geração mesma, realizará por si só esse grande ideal. Mas a vida das nações não é a vida ephemera do individuo: ella se não mede por dias nem por annos, nem mesmo ainda por alguns seculos. A chimica da natureza continua, incessante, a sua evolução successiva, sua transformação constante, sua reproducção natural e progressiva.

Quem pode medir hoje o alcance do destino do grande imperio, no mais remoto porvir?!... Não ha termo para o seu immenso horizonte; não ha limite conhecido para o estupendo progresso deste paraiso terrestre, primor da creação, maravilha dos tres reinos da natureza physica.

Fé viva, pois, senhor, fé ardentissima no grande ideal da patria, na sua vitalidade e progresso, no seu glorioso porvir.

A civilização europeia, herdeira da greco-romana, não morrerá, senhor! Seus naturaes e legitimos successores, — os dous colossos americanos, vinculados fraternalmente, perpetuarão a grande obra das familias latina e saxonia. Para isso

já aferem elles os seus titulos e fazem valer os seus fóros no honroso prélio das conquistas da paz, quer no mundo industrial, quer mesmo no scientifico.

Si a maravilhosa legenda do seculo, no mundo da industria, é a consummação do impossivel, na viação aperfeiçoada e na electrica transmissão do pensamento, que eliminam as distancias; no mundo moral, social e politico é a propagação da luz do espirito, a firmeza da fé da consciencia, a educação do coração, a expansão, em summa, da liberdade, nos variados ramos da actividade humana.

Luz, mais luz, sempre luz, senhor, seja a nossa gloriosa divisa, o nosso salutar e fecundo symbolo. Sciencia e trabalho, não é somente condição de riqueza e bem-estar, senhor; é tambem e sobretudo de poder e moralidade. Sciencia, trabalho, riqueza e poder só medram, porém, e só se desenvolvem, á tranquilla sombra da paz e á luz da liberdade, mas sob a garantia solida da ordem. Será este o grande sello que remate a gloriosa obra da independencia da patria. Tal é o voto, senhor, e a aspiração nacional.

Felizmente para a nação brasileira o chefe do estado é altamente digno della. Elle comprehende bellamente a sua sublime missão. Tem fé viva e robusta no maravilhoso destino da patria. Com ella se identifica, e, patriota excelso, porfia, infatigavel, na lenta, pacifica, mas proficua e gloriosa obra da regeneração da patria, verdadeira e suprema emancipação nacional. Nos termos e limites das suas attribuições constitucionaes, o monarcha brasileiro é modelo vivo de nobre emulação e de estimulo fecundo nos trabalhos e nas conquistas da paz.

É profundamente compenetrado, senhor, das idéas e dos sentimentos expressados, que o senado brasileiro, legitimo interprete da consciencia e da opinião nacional, nos envia, reverentemente, a saudar a V. M. I. e a manifestar-lhe as congratulações jubilosas, que desperta sempre a recordação do glorioso dia da independencia da patria, cada vez mais auspicioso de brilhante porvir.

Digne-se, pois, V. M. I., de acolher, benevolo, a cordial manifestação dos patrioticos sentimentos e das lisonjeiras esperanças do senado brasileiro. (*)

(*) Discurso proferido, como orador da deputação do senado, na presença do imperador, a 7 de setembro de 1874.

Ferreira de Araujo

José Ferreira de Sousa Araujo

* Rio de Janeiro, 25 de março de 1846

† Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1900

Doutor em medicina pela faculdade da sua terra natal, em 1867, chegou a exercer a clinica com successo.

Fundador da «Gazeta de Noticias», com MANUEL CARNEIRO e ELYSIO MENDES, e seu redactor chefe até fallecer.

Notavel pela vocação jornalistica, definiram-lhe o merito as seguintes linhas de OLAVO BILAC: «Esse homem forte, cujo talento, tantas vezes manejado como um raio fulminador, feria de morte os erros mais empedrados e as mais resistentes perversidades, — era, antes de tudo, um bom. Pudesse elle — e todas as conquistas da verdade e da justiça se faziam na terra a beijos e a bençams, sem que uma gotta de sangue manchasse a vida. Era uma superioridade moral». (*)

Popular pelo immenso chiste das suas chronicas e dos seus folhetins, não ficou menos conhecido pelo extraordinario senso com que ou analysava ou discutia os factos da nossa vida politica, numa deleitavel linguagem de extrema singeleza. Quem começasse a ler-lhe os artigos ia insensivelmente até o ultimo periodo, tanta era a justeza dos conceitos e tanta a felicidade da expressão.

Deixou, além de duas comedias e traducções de algumas peças theatraes, as «*Coisas Politicas*», collecção dos editoriaes da «Gazeta de Noticias» de 1882, assim como dous volumes de graciosos escriptos, tambem publicados na «Gazeta de Noticias» — «*Macaquinhos no Sotão*», com o pseudonymo de ZÉ TELHA, e «*Balas de Estalo*» com o de LULÚ SINIOR. Collaborou na «Noticia», folha do Rio de Janeiro, em que abriu, mantendo-a por mais de anno, a secção «*Aos Sabbados*».

O ensino leigo e o ensino religioso

O actual inspector geral da instrucção publica da côrte é um dos fundadores da «Liga do Ensino», e esta tem a

---

(*) «*Critica e Phantasia*», Lisbôa, A. M. Teixeira, 1904, p. 222 - 224.

sua razão de ser na necessidade de comprovar praticamente a vantagem do ensino completamente leigo.

Esta idéa tão propria deste seculo, esta idéa tão perfeitamente tolerante, é de caso pensado combatida pelos amigos do ensino religioso, que se confessam impotentes para fazer proselytos entre homens, e querem lançar os germens de suas idéas aos espiritos desprevenidos das creanças.

Em se lhes fallando de ensino leigo, elles bradam que se quer propagar o atheismo, que não ha sociedade possivel sem a idéa de DEUS, e accrescentam, com uma modestia exemplar e um grande respeito pelas convicções alheias, que não comprehendem a moral sem a religião. Como si fóra dos que seguem a religião delles não houvesse gente honesta, e como si entre os que a seguem não houvesse individuos provadamente immoraes.

No entanto, de tantos proselytos que tem o ensino leigo, os mais numerosos não são os que entendem que não convém dar ás creanças sentimentos religiosos; o que elles querem todos é que a escola dê unicamente a instrucção, e que essa seja uniforme para os filhos dos crentes de todas as religiões, que receberão em familia as idéas religiosas de seus paes.

Os amigos do ensino religioso querem, pelo contrario, utilizar na escola o prestigio do mestre sobre o alumno para incutir-lhe principios religiosos, que os votarão, desde a infancia, a um determinado partido politico, porque convém não esquecer que o catholicismo actual constitue um grande partido, que milita activamente na politica de todos os paizes.

Pela indole do nosso povo, pelos nossos habitos, temos estado até hoje livres de tal influencia, e, embora nos antigos collegios se ministrasse ensino religioso, nunca este foi dirigido de modo systematico, nunca teve segunda intenção, de maneira que o resultado é isto que se vê: o povo brazileiro não é fanatico.

Rechassados de outros paizes, onde a propaganda já estava produzindo fructos, os educadores procuram agora montar aqui os seus arraiaes, e, si contra elles não luctarmos em tempo, ver-nos-emos em breve a braços com uma geração de discipulos seus, occupando todos os postos, e destruindo apaixonadamente a obra de tolerancia em que assentam todas as liberdades de que gosamos.

Em um paiz de tão vasta extensão territorial, abrangendo regiões de climas tão diversos, seria insensatez esperar povoal-o e dominar todos os seus povoadores com uma crença unica, que não só é incapaz de satisfazer á razão de alguns,

mas chega a repugnar á de muitos. De elementos esparsos em tão vasta zona e sujeitos a influencias tão discordantes só é possivel fazer uma collectividade, erigindo a tolerancia como um principio primordial, de modo que os interesses particulares e as crenças individuaes circulem só no intimo das familias, nas pequenas aggregações locaes, deixando livres os espiritos para apreciação dos interesses do grande numero, para a accumulação dos esforços na obtenção do bem commum.

Essa tolerancia só pode ser obtida, si o estado, que ministra o ensino, que é obrigado hoje a ministral-o, e que em breve obrigará todo o cidadão a recebel-o, o desligar completamente de qualquer influencia capaz de fazer preponderar, no espirito geral da população, uma idéa de seita em prejuizo das que lhe são adversas. (*)

Macaquinhos no sótão

Festas, festas, festas! Objectos de fantasia, «bonbons», cartões illustrados, cartas pelo correio, visitas rapidas, compoteiras de doces feitos por mão de sinhá, flores, apertos de mão, olhares ternos, sorrisos brejeiros, tudo isto adeja em torno de nossas cabeças, num girar atordoador, de ida e volta, porque cada um de nós dá e recebe nestes ultimos dias do anno que acaba, nos primeiros dias do anno que surge.

Ha algum caipora que dá e não recebe, algum sovina que recebe e não dá, e ha os tristes, os esquecidos, os abandonados, que vêem ir passando um a um os dias de festa e aguardam anciosos o correio e estremecem de cada vez que ouvem bater á porta, esperando sempre, não já o presente, mas a lembrança, uma palavra affectuosa que não chega, porque se fechou o coração de onde devia partir.

E assim como para uns ha mesas que se atapetam de flores, ha para outros lenços que se embebem de lagrimas, nestes dias festivos do anno que acaba, nos dias mais festivos ainda do anno que começa.

E, ao lado da casa em que parentes e amigos se reunem para esperar o anno novo e reeditar as velhas pilherias sempre bôas, ha a casa do que dorme descuidado e relativamente feliz, porque não tem historia nem aspirações, e a casa do

---

(*) «*Cousas politicas*», Rio de Janeiro, Typographia da «Gazeta de Noticias», 1884, p. 237-240.

que faz o balanço do anno que passa e o orçamento do anno que entra.

A pagina reservada ás decepções é quasi sempre a mais cheia; quasi em branco a das esperanças realizadas, a das occasiões agarradas pelos cabellos.

Não sei si é porque o espirito humano deseja sempre e muito, pensa merecer mais do que realmente merece, o que é certo é que bem raro o homem chega ao que aspira; e, no entanto, não é esse o espinho que mais dóe, não é esse que mais fundo fere o coração. Ha tristezas que não têm amargura; o que não pode ser, não pode ser, paciencia; mas ha desillusões que cruciam, porque vêm depois de promessas, porque fazem como um cortejo funebre a uma procissão alegre de palavras affectuosas, porque são um dobre a finados, á hora em que se esperava a fanfarra alegre da victoria.

Ai! dos que nestes dias de fim de anno têm de reviver estas dores, comparal-as ás alegrias problematicas do momento e ás promessas do porvir, em que já acredita menos quem deixou fragmentos de pelle amortecida nos espinhos da estrada percorrida! Ai! desses! ai! dos que nestes dias se sentem tristes como nos dias de finados, e de festivo só conhecem os gemidos que lhe vêm do coração! para esses não ha «bonbons», não ha flores, e a perspectiva dos apertos de mão, que podem ser falsos, dos olhares ternos, que podem ser mentidos, dos sorrisos brejeiros, que podem ser apenas a reproducção de sorrisos dados pouco antes a outro, porque cada uma destas festas pode trazer escondida em si o germen de uma dor nova, pode ser o prenuncio de mais uma traição.

Festas! dias de festa! o anno é uma festa continua para os mimosos da sorte! para os outros dir-se-ia que o sol não nasce nunca, nem para illuminar o ultimo dia do anno que acaba, nem para abrilhantar o dia primeiro do anno que começa. (*)

(*) Da «Gazeta de Noticias» de 30 de dezembro de 1890.

Ferreira de Menezes

José Ferreira de Menezes

* Rio de Janeiro 1845

† Rio de Janeiro, 6 de junho de 1881

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1866.

De côr parda e de coração humanitario, intelligentissimo, nunca o attrahiu a vida do fôro: seduzia-o, e desde os bancos academicos, o mundo da imprensa. Não ha exaggero em affirmar que se mostrou scintillante escriptor e fulgido espirito litterario.

Seu nome está incluido entre os dos illustres e benemeritos servidores da causa da abolição dos escravos. Para José do Patrocinio, era Ferreira de Menezes — «o mais original, o mais impavido jornalista da nova geração». (*)

Redactor politico do «Ipiranga», folha liberal, publicada em 1867 na cidade de São Paulo, onde viveu longo tempo.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, já alistado no partido republicano, fundou, e, até fallecer, dirigiu a «Gazeta da Tarde», tendo collaborado nos orgãos daquelle partido, no «Jornal do Commercio» e na «Gazeta de Noticias».

Deixou versos, folhetins, romances, e peças de theatro de que desappareceram os poucos volumes. Quasi dispersa, toda a sua producção ficou em revistas e periodicos.

Fagundes Varella

Grandioso de cerebro como Alvares de Azevedo, como Castro Alves, como Junqueira Freire, quasi que não pode ser comparado a nenhum delles pela singularidade da sua vida. Foi poeta e nada mais, e nada mais poderia ser.

(*) Guilherme Bellegarde, *Subsidios Litterarios*, Tomo I. Rio de Janeiro, Faro & Lino, 1913. p. 203.

Alvares de Azevedo era um homem de lettras, além de poeta, e os sonhos politicos atravessavam-lhe o espirito. Vivendo, poderia chegar a ser um chefe de escola litteraria, um doutrinario pela historia, e escreveria talvez a epopéa dos girondinos brasileiros, e, como Lamartine, iria aos comicios populares explicar num verbo de fogo as taboas da lei.

Castro Alves tinha vertigens no cerebro, e um dia, talvez do alto da montanha, como um propheta, como um tribuno, atiraria a sua palavra para que os vulcões se abrissem ou o povo atravessasse o Mar-Vermelho.

Junqueira Freire, ao morrer, mostrava-se já reconciliado com a vida.

Fagundes Varella, não; era só poeta. Não via sinão Deus e a natureza.

Não houve nunca maior desprezador das glorias que os homens dão: cantava como as aves, sem segundo pensar e sem vaidade. Nada invejava, nada pedia. Como homem, era impossivel para a sociedade. O seu amor, a sua crença, a sua religião, era um pantheismo luminoso, atravessado pela idéa de Deus. Sonhava mergulhar de novo na natureza, para surgir... aonde? Longe, na plena luz. Não se considerava mais do que uma onda que tinha de ennovelar-se, perder-se e afundar-se no mar da creação: uma nota desprendida do eterno concerto e que se perderia no espaço, um atomo, luminoso sim que um dia iria ajuntar-se ao grande todo!

Fagundes Varella foi o poeta da simplicidade e da singelleza.

Como tal não encontra emulo na lingua patria. A rima vinha sem esforço, sem especular com o effeito.

A melancolia era a sua musa; a morte a imagem continua dos seus cantos. Não se apavorava della.

Veiu afinal! Em outros versos pedira que o levasse de um golpe certeiro. Assim o fez. Morreu encostando a cabeça gloriosa no seio materno, junto de seu pae, rodeado de sua esposa e de seus filhos!

Foi o unico momento feliz de sua vida.

Deixa-lhes o nome de um poeta tão inspirado como os que mais o foram no mundo, mas tambem o nome do mais infeliz, talvez de todos elles.

Lá está a esta hora e para sempre, longe dos erros, perto da verdade.

Descança, pobre creança que foste e a quem Deus mandou ao mundo na mais sublime das missões.

Começaste a ser uma tradição...

Si nesta terra houvesse uma mocidade, dir-lhe-ia que ao seu representante mais genuino erguesse um tumulo de marmore branco como a tua alma, e junto da plaga, para que a vissem bem de longe as gerações e os povos como aconselhava HOMERO... mas dorme quieto pela primeira vez.

Tua gloria é certa.

Foste um dos primeiros homens do teu paiz.

Eu não te lastimo, não. Invejo-te. (*)

(*) Prefacio de «*Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*» de L. N. FAGUNDES VARELLA, Rio de Janeiro, Typ. de Brown & Evaristo, 1875, p. X - XII.

Ferreira Vianna

Antonio Ferreira Vianna

* Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, 11 de maio de 1834

† Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1904

Bacharel em lettras pelo collegio PEDRO II, em 1850; bacharel em sciencias sociaes e juridicas, em 1855, e doutor, após brilhantissima defesa de theses, pela faculdade de direito de S. Paulo, em 1856. « Talento superior, uma das mais privilegiadas mentalidades que têm illustrado o nome brasileiro. Jurisconsulto, philosopho, publicista, orador, o principe talvez dos nossos oradores parlamentares, de uma eloquencia antes ciceronica do que demosthenica; não somente luminar da tribuna politica, mas notavel do mesmo modo na tribuna forense, na das conferencias litterarias, e até na tribuna sagrada». (*)

Vulto politico de alto prestigio, deputado geral em diversas legislaturas, ministro de estado que se assignalou por adeantadas reformas e generosas iniciativas, demonstrando a elevada capacidade de que já déra provas, na presidencia da camara municipal do Rio de Janeiro, foi ainda, no seu tempo, talvez o advogado de maior clientela, no fôro do districto federal.

Jornalista de pulso, collaborou no «Correio Mercantil», no «Diario do Rio de Janeiro», na «Nação» e em mais outras folhas. De seus numerosos trabalhos — pamphletos, discursos, conferencias, razões juridicas e pareceres — poucos se publicaram em avulso; a quasi totalidade ficou esparsa em orgãos da imprensa diaria, revistas e periodicos. Fornecendo materia para alguns e interessantes volumes, muito conviria reunil-os em livro.

O visconde de Nictheroy

A onda mysteriosa da morte arrebatou das praias desta vida mais um dos valentes lidadores, espirito de fé e alma preparada para o combate. Eu o vi vinculado, immovel, e

---

(*) ALMEIDA NOGUEIRA, «*Academia de S. Paulo*», «*Tradições e Reminiscencias*», 3.ª série, S. Paulo, sem declaração de editor ou de typographia, 1908, p. 104.

vencido pela morte; vi inanimado aquelle que foi uma luz, uma grande energia e um coração cheio de esperanças!

Snr. presidente, a morte é sempre uma licção, licção sublime; é o soldo que pagamos neste mundo do peccado. A morte faz pensar e tremer: é o nosso maior inimigo, não tanto pelo seu poder, como principalmente pelo seu mysterio.

Não me parece tão grandioso tirar o homem do nada, como restituil-o, depois da morte, ao amor e á luz.

A morte é como que o desprendimento do vinculo entre o passado e o futuro.

Profundo enygma entre o que nós fomos e o que esperamos ser!

Senhores, é preciso meditar na morte, e eu vos convido a fazel-o, reservando o dia de hoje para estes silencios e solidões em que a alma, quasi fulminada de terror, só se levanta pela fé e pela esperança.

Não tenho tanto medo da morte como terror da vida. A morte é uma aposentadoria; a vida é um combate. Não comprehendo que o Creador do universo, expressão absoluta e substancial da verdade e da justiça, animasse uma poeira, desse-lhe o sopro da vida por alguns dias, e a lançasse, como um joguete, ao furor das tempestades e aos caprichos do mundo. Aqui, o nada absurdo: alli, a morte eterna.

Não comprehendo o Creador regosijando-se nessa obra de um momento, nessa vida comprada com o sacrificio enorme e doloroso de lagrimas e de angustias!

E, si assim pudesse ser, si a catastrophe fosse real, si aquem e além nada houvesse sinão esta vida de combate, oh DEUS, onde a tua justiça?!

Pensemos na morte. Ha pouco vi uma illustre victima, que cahiu na estrada da vida. Eu a vi, vol-o repito, inanimada; a morte apagára-lhe o sorriso nos labios, desbotára-lhe o colorido nas faces: era uma verdadeira transformação. Parece que o ser reduziu-se ao não ser; que um ente intelligente, livre e de nobres qualidades, ia entrar apenas como combustivel na fornalha deste grande processo da chimica do universo.

Mas, aquelle coração, que não palpitava, aquella lingua, que estava collada, aquelles olhos, fechados para sempre, aquelle gelo da morte, emfim, pareciam reanimar-se e voltar á vida, porque deante delle estava a imagem de JESUS CHRISTO, fonte da vida, resumo de nossa fé, synthese das nossas esperanças.

Snr. presidente, é justo que o combatente de meio seculo mereça da camara dos deputados este tributo de respeito: que ella medite na morte, suspenda a sua sessão, porque não vive mais FRANCISCO DE PAULA NEGREIROS DE SAYÃO LOBATO, que o mundo e as suas pompas chamaram — o visconde de NICTHEROY! (*)

(*) *Discurso proferido na sessão da camara dos deputados de 17 de junho de 1884.*

Francisco Octaviano

Francisco Octaviano de Almeida Rosa

* Rio de Janeiro, 26 de junho de 1822;

† Rio de Janeiro, 28 de maio de 1889

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de S. Paulo, em 1845. Espirito seductor, mimoso no verso, na prosa, perito no jornalismo, na diplomacia e na politica — eximio em tudo. Lembra o seu nome os dos grandes homens da Grecia, mesmo os de fóra das lettras — apaixonados e absorvidos pelo culto da arte, numa perenne adoração do bello. Matou-lhe a aridez da vida parlamentar o viço e os donaires da musa sentimental e louçã, fechando-lhe cedo a florida carreira de escriptor e de poeta.

Não o prendia o brilho das posições officiaes. Deputado, senador, nunca quiz ser ministro, preferindo o remanso do seu gabinete de estudo em que, cortez e bondoso, encantava amigos ou dicipulos, com os primores de distincta conversação, sem rival, na elegancia e na graça.

Director do «Diario Official», em 1848, collaborou no «Correio Mercantil», em que ficaram inolvidaveis as scintillações de sua penna de ouro, e cujo escriptorio se tornou então o centro litterario e artistico do Rio de Janeiro; (*) no «Jornal do Commercio», na «Tribunal Liberal», e em varias folhas da capital do paiz.

Não representam copioso legado as suas producções, dispersas em folhetos de reduzidissima tiragem, na imprensa da epocha, ou á frente de volumes de outros. São, porém, dos que não se perdoaria deixar de reunir em livro.

Escragnolle Taunay, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de Francisco Octaviano.

Neve a descoalhar

Nota-se, de certo tempo a esta parte, mais actividade litteraria na juventude brasileira. E maior fôra, si organizassemos um centro de vida intellectual, onde os mestres encontras-

---

(*) Barão do Rio Branco, *Ephemerides Brasileiras*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918, p. 289.

sem emulos e apreciadores conscienciosos, e nós, os discipulos, animação e doutrina. Mas nem possuimos jornaes de lettras e de bôa critica! MAGALHÃES, SALLES e PORTO ALEGRE fundaram outr'ora uma revista, que, sem embargo de estrear formosamente, não teve duração. Tão nobre tentativa se ha por vezes repetido com egual mallogro, para isso concorrendo em parte o elevadissimo preço da composição typographica e da impressão nesta côrte.

Tenho, porém, inteira fé nos milagres da vontade, quando esta quer attingir um alvo digno do homem civilizado. Si um dia, nos reunirmos, sem regulamento official, sem intervenção do governo, procurando somente a direcção de alguns dos nossos grandes vultos litterarios, por exemplo, JOSÉ MARIA DO AMARAL, que nos inspira a todos respeito e admiração, poderemos crear a associação e a revista.

Não desanimem, entretanto, os moços. Trabalhem, produzam, publiquem: não se aterrem com o desdem da mediocridade invejosa ou dos sabios embebidos nas especulações politicas, que repetem as phrases de LOEKE contra a poesia e os trabalhos da imaginação, sem poderem, como LOEKE, compensar-nos com escriptos philosophicos. Ha quem pense mesmo humilhar um bello genio com dizer delle: «é um poeta, é um romancista; não serve para as sciencias, para a politica, para a administração».

A cultura das lettras e da poesia, principalmente, deu sempre maior realce aos talentos politicos. Não me é necessario recordar o mundo antigo dos gregos e romanos. PETRARCA foi o embaixador dos principes do seu tempo; ARIOSTO viveu mais entre os politicos do que entre os litteratos, e DANTE até foi magistrado supremo em Florença. CROMWELL — que sabia o que era politica e o valor dos homens — chamou para seu principal secretario a MILTON e FELIPPE 4.º a QUEVEDO.

A Inglaterra nos aponta entre os seus melhores homens publicos: CHANCER, ADISSON, SHERIDAN, CANNING, DERBY, DISRAELI; a França — LAPLACE, CHATEAUBRIAND, LAMARTINE, ARAGO; a Hollanda — HEINSIO, o poeta commentador dos poetas latinos; a Allemanha — GOETHE, FREDERICO 2.º; a Hespanha — MARTINEZ DE LA ROSA, o duque de RIVAS; Portugal — ALMEIDA GARRETT, MENDES LEAL e REBELLO DA SILVA; os Estados Unidos — PAULDINE; a Republica Argentina — MITRE, SARMIENTO; e o nosso Brasil — JOSÉ BONIFACIO, ALVES BRANCO, VILLELA BARBOSA, não falando dos contemporaneos.

Quem se lembra hoje do poderoso ministro da rainha Izabel, lord BURLEIG, que chamava a SPENCER de balladeiro indigno de attenção? E quem não lê SPENCER, o poeta que apurou a lingua e a musa ingleza? Nos quadros em que se destaca o grandioso culto de SHAKSPEARE, ficam em mortacôr os estadistas daquella rainha. Mais recentemente, o olvido, contra o qual resistem GOETHE e SCHILLER, sumiu o nome pomposo de METTERNICH, cujas palavras eram acolhidas como oraculos e constituiam assumpto meditavel para os homens graves. CASTELREAGH é apenas conhecido por um verso satyrico de BYRON, de quem se motejava quando aquelle ministro vivia adulado. Os VILLELES e DECASES só se desenterram dos poemas e canções de MÉRY e de BERANGER. Ninguem fala mais em MOLÉ e todos lêm LAMARTINE, pelo mesmo modo porque se afundaram no esquecimento os politicos de d. MARIA 2.ª e todos conhecemos e veneramos a HERCULANO, a GARRETT e a CASTILHO.

O politico illustrado tem amor ás lettras, porque nellas encontrará refugio e consolação nos dias de infortunio. BOECIO, na prisão de Pavia, escreveu sobre este assumpto um bello livro; e ahi está GUISOT a dar-nos uma demonstração sensivel.

Os poetas passam por grandes provações e soffrem grandes miserias; mas tambem recebem honras fóra do commum. ALEXANDRE, no auge da colera, manda arrazar a cidade de Thebas e vender como escrava toda a população, homens, mulheres e creanças. Não poupa esse conquistador cruel, nem a sagrada cidadella de Cadmo, nem os templos dos deuses, nem os compatriotas de EPAMINONDAS; mas de repente uma reminiscencia poetica o vem amolgar — alli entre as fontes do Dirce e do Ismeno nascera o poeta das odes heroicas! Alexandre ordena immediatamente que se respeite a casa de PINDARO.

O povo romano perdera a liberdade e beijava os ferros dourados do despotismo de AUGUSTO. Estavam prohibidas todas as homenagens aos cidadãos: só podia ser festejado o imperador. VIRGILIO entra no theatro, e o povo em massa o acclama com as honras que se tributavam a AUGUSTO.

MILTON escreveu no seu «Tratado da Educação da Mocidade» que — «o bom gosto formado pela poesia é o afinamento da intelligencia; e os escriptores e os oradores, educados com esse gosto, serão sempre lidos e ouvidos com attenção e prazer».

A poesia! a bella poesia! Quem a não amará, moço ou velho? Quem a não invocou no momento da fagueira illu-

são ou da felicidade momentanea? Quem lhe não pediu consolação de penas de amor ou de decepções da vida? Companheira da imaginação juvenil — ella desce das nuvens do ceu ou rebenta das espumas do mar. Ás vezes é a nympha dos bosques que nos acena com delicias sob a copa das arvores; ou a hebréa da fonte que nos mitiga a sêde entornando a amphora; ou a escrava grega que prepara o banho; outras vezes é a donzella pensativa do castello feudal, a virgem cujo seio começa a bater apressado. Quando o moço desperta dos sonhos, a poesia lhe inspira pensamentos mais elevados: o culto da liberdade e da justiça. Foi assim que nas jornadas do mundo, si os espinhos me laceraram o manto e os seixos me ensanguentaram os pés, ficou-me sempre o coração amparado e pude conserval-o puro.

Mas o poeta que se acautele. Elle se achará um dia solicitado por duas visões e terá de pender para um lado: uma dessas visões é a vida singella e modesta, o respeito ás leis da moral, a familia com o seu recato, a dedicação reciproca, sem exigencias expressas, mas com sacrificios internos e voluntarios. A outra visão é a vida tempestuosa, a orgia, os rostos provocadores, as sedas roçagantes, os perfumes da arte, o olhar inflammado, os labios ardentes, o seio desvendado com exigencias despoticas e com a perda do pudor, da saúde, e da fortuna. (*)

(*) *Introducção*, Rozendo Moniz Barreto. «*Vôos Icarios*», Rio de Janeiro, Imperial Instituto Artistico, 1873, p. XX - XXV.

Franklin Tavora

João Franklin da Silveira Tavora

* Baturité, Estado do Ceará, 13 de janeiro de 1842

† Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1888

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas, pela faculdade de direito do Recife, em 1863. Não exerceu a advocacia; serviu quasi toda a vida no funccionalismo publico.

Bom romancista, além de critico e historiador apreciavel, laborioso e digno, traçou bellas paginas de costumes do norte do paiz, de que quiz criar uma litteratura especial, e cujas tradições sempre o interessaram.

Jornalista de valor, redigiu alguns periodicos, como a «Consciencia Livre», e a «Verdade», no Recife, tendo collaborado em varias folhas da capital pernambucana, como tambem na «Revista Brasileira», a da segunda phase, de 1879 a 1881, que Balduino Coelho fundou e dirigiu, no Rio de Janeiro, com elle, Candido Rosa, Moreira Sampaio e Nicolau Midosi — todos quatro collegas do primeiro, no antigo ministerio do imperio, hoje da justiça e negocios interiores.

Deixou: a «*Trindade Maldita*», volume de contos; os romances «*Indios de Jaguaribe*», «*Casa de Palha*», «*Cabelleira*», «*Matuto*», «*Sacrificio*», que appareceu na «Revista Brasileira» e de que não houve tiragem em avulso, e «*Lourenço*»; a novella «*Casamento no arrabalde*»; os dramas «*Mysterio de Familia*» e «*Tres Lagrimas*»; as «*Cartas a Cincinato*», com o pseudonymo de Sempronio, que contêm as famosas, mas injustas apreciações criticas sobre certas obras de José de Alencar, e «*Lendas e Tradições Populares*», na «Illustração Brasileira», de Henrique Fleiuss.

Clovis Bevilaqua, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de Franklin Tavora.

Fagundes Varella

O «Cantico do Calvario» é uma das nemias mais elevadas e sentidas que ainda sairam do coração humano. O coração do poeta entrou nessa elegia grandiosa com todos os

pallidos esplendores da imaginação e da saudade. A sua alma, diluida ahi em lagrimas que parece terem sido a tinta crystallina onde elle ensopára penna de rama tão loura, como eram os seus cabellos, pranteia inconsolavel a ausencia daquella parte intima — seu filho — que levára comsigo metade das suas illusões, da sua fé e do seu amor á vida. É uma melodia travada de notas soturnas e de notas limpidas — consorcio delicioso da magoa com o prazer de revelar o pungir della.

Nos «Cantos Meridionaes», que se seguiram aos «Cantos e Phantasias», a individualidade de FAGUNDES VARELLA vem revestida de affirmações mais positivas. Com o mesmo lyrismo encontra-se nelles mais meditação. O tempo, a experiencia, o estudo apresentam ahi resultados mais directos. O olhar do poeta desce das phantasias douradas, e pousa nas realidades sombrias da terra. O seu talento descriptivo desenvolve-se. As poesias «A Cidade» e «A Roça» são quadros que se illuminam com todas as tintas da verdade.

Falam nessas paginas o critico e o juiz ao lado do pintor e do poeta. Este revela-se sempre enthusiasta no meio da creação; admira-a e canta-a. Mas onde sobresáem, como si fossem relevos, os traços finos do seu temperamento, que muitas vezes cáe na satyra ferina e mordaz, é em «Mimosa», e em «Antonico» e «Cora», poemetos de uns tons realistas, e de um descriptivo psychologico que manifesta quanto elle estudava a sociedade atravez dos flancos que ella mostra feridos pelo vicio ou simplesmente pela fragilidade natural.

É para mim fóra de duvida que o espirito de FAGUNDES VARELLA amadurecia no meio dos revezes e irregularidades da vida agitada, como amadurecem os fructos nas arvores tocadas alternativamente pelos raios do sol e pelas torrentes da procella.

Quasi terminada a ridente estação dos sonhos, estava habilitado a conhecer o mundo em variados aspectos, e a produzir quadros mais naturaes e verdadeiros. Tudo nos «Cantos do Ermo e da Cidade», ultimo dos seus livros publicados em sua vida, accusa um cunho de madureza que bem demonstra quanto era progressivo aquelle espirito para muitos perdido.

As fórmas descriptivas que apparecem confusas, trazendo o sello da imitação, em «Mauro» o escravo; que são incompletas e angulosas em «Gualter» o pescador; que são flacidas e tumidas por extremo nas «Nevoas e na Enchente»; que são vagas ou delirosas na «Madrugada á Beira Mar», na «Varzea» e na «Noite Saudosa»; que com muitas linhas harmonicas apresentam algumas linhas contradictorias na «Ci-

dade» e na «Roça», côres exaggeradas na «Esperança», contrastes asperos e impertinentes em «Mimosa», arredondam-se, amaciam-se, aperfeiçoam-se nos «Cantos do Ermo». Infelizmente não é este o mais delicioso dos seus livros. As incorrecções da mocidade têm o seu rythmo, como as da natureza a sua graça. A arte, sujeitando a inspiração a uma medida convencional, mutila não raro engraçadas imperfeições, que são para os productos da imaginação o que é a espuma para as enchentes, o que é o suor para a maternidade.

Ha talvez heresia neste conceito, que pode ferir os ouvidos de muitos orthodoxos na religião das lettras.

Sei bem que GOETHE, tratando da fórma, dizia: «a divina fórma». É innegavel porém — e bastará o exame para dar-me razão — que absoluto esmero faz o escripto frio ou empertigado. Raro será encontrar em uma producção de fórma irreprehensivel o sentimento virgem e espontaneo, sem o qual a arte fére a vista, mas não attinge a sensibilidade. As incorrecções da poesia do povo não lhe amesquinham nem empobrecem a vivacidade nativa, antes lhe servem de matiz; são o sello da sua concepção larga e franca: entretanto, o povo é muito mais incorrecto do que se permitte ser a um escriptor culto. Está claro que, pensando assim, não quero erigir a incorrecção grosseira em elemento da esthetica; fôra malicioso, ou obsecado, e, quer num, quer no outro caso, não fôra justo quem tirasse das minhas palavras esta conclusão barbara. O que eu quero é que a fórma não afogue a essencia; é que o exaggerado zelo por aquella não absorva de tal modo o artista que não tenha para esta sinão um respeito secundario. A arte será tanto mais perfeita quanto menos sacrificar a natureza. (*)

(*) *Estudo critico* no «Diario de Lazaro» de FAGUNDES VARELLA, edição da «Revista Brasileira», Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1880, p. XXIV a XXVIII.

Gaspar Martins

Gaspar da Silveira Martins

* Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, 5 de agosto de 1835

† Montevideu, 23 de julho de 1901

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de S. Paulo, em 1856, tendo antes cursado a do Recife.

O maior tribuno brasileiro no parlamento, e um dos maiores nos comicios populares: tinha os impetos e os arrojos do civismo e da coragem. Tudo nelle era herculeo, desde a figura athletica e imponente até á voz, reboando ameaçadora e formidavel.

Pasmava a immensidade de sua erudição: conhecia a fundo as questões politicas e sociaes, o direito, a philosophia, a historia, a litteratura, quer antiga, quer moderna, o idioma patrio, as principaes linguas vivas, inclusive o allemão, como, das mortas, o latim e o grego.

Deputado, senador, e por uma vez ministro, mas durante curto periodo, espirito de lucta e de combate, altivo de caracter, quasi não deixava as fileiras da opposição. Idolo da sua provincia natal, prestou-lhe, e ao paiz, desinteressados e incomparaveis serviços.

Jornalista temido dos adversarios, fundou em Porto Alegre, em 1868, a «Reforma», folha liberal, dirigindo-a durante cerca de nove annos, e nella sustentando tremendas polemicas.

Infelizmente, não deixou livros. Delle existem apenas alguns folhetos, hoje rarissimos, e os discursos nos annaes da camara e do senado.

A queda do ministerio Cotegipe

O governo, não da nação pela nação, mas por uma só pessoa, é intoleravel, ainda quando esta seja uma senhora, digna de respeito por suas virtudes.

Um povo livre não pode reputar-se honrado por esse governo, seja quem fôr que o exerça. Os nobres ministros, que hoje assumem a responsabilidade de anomalias de tão

grave natureza, dentro de pouco tempo, haverão de fazer penitencia do peccado, sinão crime, que commettem faltando aos deveres de homens de partido e, o que mais é, aos seus deveres de patriotas.

O honrado ex-presidente do conselho (*) commetteu uma falta em não proceder á leitura da carta endereçada por sua alteza imperial, a princeza regente, ao ex-ministro da justiça, quando é certo que em outro tempo não hesitou sua excellencia em ler as cartas de sua majestade, o imperador, ao então presidente do conselho, duque de Caxias.

É necessario que o senado e o paiz conheçam esse documento, uma vez que elle existe e se lhe fez referencia. Assim como o ex-presidente do conselho leu uma sua carta, nobremente escripta, e na qual salvou a dignidade do poder e do seu partido, tambem devera ter lido a outra carta, que motivou tal resposta.

Está claro que o ministerio passado não pediu propriamente demissão: elle foi demittido. Sua alteza não pediu, como é de estylo nessas occasiões, que o presidente do conselho demissionario aconselhasse a corôa sobre a escolha de seu successor.

Barão de Cotegipe: Não pediu, não senhor.

Silveira Martins: Sendo assim, o nobre ex-presidente do conselho ficou inhibido de dar conselho sobre a materia: o gabinete 20 de agosto, pois, foi demittido! Entretanto, si foi omittida a leitura da carta de sua alteza, pela resposta se revelou ao senado e á nação o que em verdade aconteceu. Foi o que na Turquia e tambem na Hespanha se chama uma conspiração de palacio.

O nobre ex-presidente do conselho alludiu, na sua carta, ás informações que sua alteza recebera de outra origem que não dos conselheiros da corôa, e foram essas informações as que prevaleceram sobre as dos ministros.

O facto é gravissimo, e, denotando nas altas regiões do poder, uma radical mudança de idéas, impunha logicamente, não uma simples mudança de ministerio, mas tambem de partido. E todavia isto não se fez. Destruindo o ministerio que estava na posse da plena confiança da camara dos deputados, como muito bem fez sentir o nobre ex-presidente do conselho, foi a corôa procurar no mesmo partido outro chefe, perturbando dest'arte a economia interna dos partidos, na qual não deve ter entrada o chefe do estado.

(*) O barão de Cotegipe.

Sua alteza, indo procurar no seio do partido conservador outro chefe, para realizar idéas antagonicas ás do que se retirava, ingeriu-se na economia interna dos partidos. Aniquilou o ministerio da camara e creou o seu. Si o partido conservador homologar esta ordem de coisas, é que abandona suas idéas definidas, rasga o seu codigo politico, renega os seus compromissos perante a nação e vióla o principio da honorabilidade, que faz a grandeza dos partidos, unicamente para collocar-se por detraz da corôa e acompanhar o actual gabinete.

Isto é o que é preciso saber e os liberaes têm o direito de perguntal-o, para que se apure quanto valem como homens de partido, uma vez que se trata da valia dos homens politicos. Si os conservadores desertam de suas bandeiras, onde irão os liberaes plantar as suas? Estamos no caminho da revolução, porque o partido da liberdade não pode ficar atraz daquelle a quem naturalmente caberia a repressão!

Hoje é na abolição que os conservadores se adeantam, amanhan será na descentralização administrativa; e, si tambem ahi se puzerem á frente, hão de apparecer no campo adverso as mais adeantadas idéas da federação. Que pensa disto a camara dos deputados? Hontem ella apoiava o ministerio 20 de agosto, irá hoje dar o seu apoio a idéas diametralmente oppostas? Mas isto será a desmoralização de todos os principios e a subversão do brio e da dignidade humana!

Falando de LEOPOLDO I, da Belgica, esse modelo dos reis constitucionaes, um dos grandes publicistas actuaes, EMILIO LAVELEYE, diz que era elle tão zeloso da manutenção do equilibrio dos partidos que, quando um de seus ministros e seu particular amigo lhe falava em grandes reformas, retorquia-lhe mansamente o rei: «Tudo isto é bello, mas não está no programma do vosso partido; si, conservadores, assim vos lançaes nesta porfia com os liberaes, onde iremos parar com semelhante «steeplechase» da democracia? E o illustre publicista faz esta observação, que os nobres ministros não fizeram: «Quando um partido muda de idéas por tal fórma, ou é um erro, ou uma traficancia».

Não attribúo aos nobres ministros esta ultima parte, mas della só podem escapar para reconhecer que estão em gravissimo erro.

Muitas vezes disse eu ao honrado ex-presidente do conselho que, com politica mais ampla e generosa, se desempenhasse do duplo dever, que lhe incumbia para com sua alteza a princeza regente.

O primeiro dever era o commum a todos os ministros: servir a monarchia com lealdade e não compromettel-a com imprudencias. O segundo era attender ás condições especiaes da princeza quanto á sua inexperiencia e a sensibilidade que, ainda nas mulheres da mais esclarecida intelligencia, não raramente supera os dictames da bôa razão. O honrado ex-presidente do conselho, em vez disso, sustentou principios contrarios, quaes os do governo discrecionario, o da inteira irresponsabilidade dos actos do poder moderador.

A consequencia é o que estamos vendo.

Tambem não teve essa coragem o nobre chefe do gabinete actual, (*) faltando-lhe a abnegação da sua pessoa para demorar a sua ascenção ao poder, o que tardaria pouco, porque si até agora os governos não demoravam muito, menos durarão de ora em deante, desnaturada a indole dos partidos.

Amanhan se ha de querer que venham os liberaes para a repressão; mas elles não terão para isso a força precisa, porque nenhum governo é forte nem digno de respeito, quando trafica com as suas idéas.

O nobre ex-presidente do conselho disse, com amarga phrase, que o ministerio transacto teve todo o apoio da camara dos deputados; e poderia ter accrescentado que tambem teve dos actuaes ministros. É isto leal? É sincero? Ainda hontem um dos honrados ministros regateava anno e meio de liberdade aos negros; expediam-se para Campos avisos ordenando fossem considerados escravos os que como taes não haviam sido matriculados por seus senhores... E no dia immediato quer-se tudo, e já! Não é explicavel, sinão pela ambição de poder e de gloria, uma tão rapida mudança de convicções.

Quanto á gloria, forçoso é declarar que de direito caberá, não aos que na ultima hora hasteiam a bandeira que não é sua, mas aos que primeiro affrontam as iras, as injurias, as calumnias, e travam lucta tremenda para fazer vingar o seu principio: a gloria da victoria destas idéas pertence ao senador Dantas, e ninguem mais pode arrancar-lh'a. Elle foi o primeiro, e a ninguem mais devia ser conferido o direito de realizar a idéa, que trouxe ao parlamento. O ministerio, no seu programma, que o honrado presidente do conselho disse ser a fala do throno, trata de medidas complementares. É bom ter presente que a constituição declara cidadãos

(*) O conselheiro João Alfredo.

brasileiros todos os nascidos no imperio, quer sejam livres, quer libertos; e que outrosim veda que se lhes prohiba elegerem residencia, onde bem quizerem. Assim a colonização dos libertos tem contra si o pacto fundamental. Demais não se deve contar com os liberaes para as leis de repressão da vadiagem, porque por nossas leis somente são criminosos os que praticam actos contra as leis. E outro engano está em contar com a gratidão dos libertos.

Diz-se-lhes que nasceram livres, que foram injustamente torturados, e espera-se que elles fiquem gratos aos que num momento dado abriram mão das cadeias em que por muito tempo os tiveram presos!

Responda a estas utopias a licção da historia, mostrando como nos Estados Unidos os negros deram triumpho aos democratas, que tentaram mantel-os na oppressão, contra os que tinham pelejado por libertal-os.

Si está victoriosa a causa da abolição, venceu o partido liberal. Neste caso, a camara dos deputados não representa a opinião do paiz. O contrario é affirmar o governo pessoal e descarnado como nunca foi.

No ministerio actual, como para confirmar a desaggregação e o desmantelo das idéas, figura um membro do ministerio passado! (*) Quaes os motivos que auctorizam tão grave quebra do caracter individual e publico e tão máu exemplo a este povo brasileiro, já tão accusado perante o mundo civilizado? Como não se escandalizarão os mais paizes regidos por este systema, vendo homens politicos mudarem subitamente de idéas, e uma camara, para acompanhal-os, sacrificar todos os principios da coherencia e da sã politica! Pessimo exemplo esse, e bem capaz de perigosas consequencias!

No dia em que se accentuar o esphacelamento de principios, já em começo, as instituições actuaes não poderão resistir, porque, em vez de estimularem a honra e a dignidade civicas, tel-as-ão abatido, promovendo o desbrio.

Nesse dia, o meu logar será junto da liberdade, porque livre e digna pode ser a patria, ainda fóra das instituições vigentes. (**)

(*) O senador Rodrigo Silva.

(**) *Discurso proferido na sessão do senado de 7 de maio de 1888.*

Gomes de Castro

Augusto Olympio Gomes de Castro

* Alcantara, Estado do Maranhão, 7 de [novembro de 1836

† Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1909

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito do Recife, em 1861. Exerceu os seguintes cargos publicos: promotor publico da comarca de Alcantara, em 1863; presidente da provincia de Piauhy, em 1868, e da do Maranhão, por duas vezes, em 1870 e 1873; inspector da instrucção publica da antiga provincia, em 1870, e 1.º vice-presidente do novo estado, em 1890. Eleito deputado á assembléa provincial, nos triennios de 1862 a 1863 e de 1876 a 1877, representou o Maranhão na camara e no senado, de 1867 a 1909, com pequenas interrupções — em 1878, quando ao poder subiu o partido liberal, e, em 1890, porque se recusou a figurar na chapa que ao eleitorado impunha o governo federal.

Convidado a fazer parte dos ministerios, organizados pelo marquez de S. Vicente e pelo visconde do Rio Branco, recusou a distincção; acceitou, porém, o titulo de conselho com que o agraciára o imperador, em 1887, anno em que lhe coube a presidencia da camara, e da elegante correcção que nella revelou dá-nos valioso testemunho Affonso Celso, o segundo. (* Pertencia como socio honorario ao instituto historico e geographico brasileiro, e mereceu honrosa escolha para as funcções de vice-presidente do primeiro congresso juridico americano.

Notavel e prestigioso vulto do antigo regimen e dos primeiros dias da republica. Grande e memoravel orador do parlamento brasileiro, não preparava, não escrevia, nem revia os discursos; falava sempre de improviso, mas sempre magistral na tribuna, já pela somma de esclarecidos e doutos reparos, já pelo brilho e segurança da doutrina, já pelo calor e belleza da expressão. Graças á auctoridade de sua palavra, seu nome impunha-se a amigos e a antagonistas, com a mesma ascendencia. Conhecendo a nossa lingua, familiarizado com todos os classicos, optimo latinista, possuindo invejaveis dotes litterarios, devotadissimo ao culto do direito e da justiça, sabia falar, e como se deve.

No Maranhão, trabalhou activamente na imprensa. Polemista vigoroso, ironico e mordaz, discutidor eximio, sem todavia infringir as normas de urbanidade, redigiu tres folhas opposicionistas, a «Situação», o «Tempo»

(*) *Oito Annos de Parlamento*, Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1901, p. 115.

e o «Nacional», que o sagraram digno successor de João Francisco Lisboa, o glorioso publicista do «Jornal de Timon».

Não ha exaggero nestes formosos conceitos, ainda de Affonso Celso, o segundo, ao traçar o elogio de Gomes de Castro, na sessão solenne do instituto historico e geographico brasileiro, celebrada a 21 de outubro de 1909: «A existencia de Gomes de Castro foi como os seus discursos: clara, pura, corrente, derramando-se do alto, apresentando encantadores aspectos, e dando sadio nutrimento á turba.»

Entrada e expulsão de extrangeiros

No art. 72 está encarnado o pensamento do constituinte. Entendeu este, de accôrdo com as tendencias mais liberaes, que, entre as garantias dos direitos individuaes dos brasileiros e extrangeiros, devia haver perfeita identidade, pois em uns e outros o titulo de taes direitos é a natureza humana, existem antes da constituição, e que a unica differença a estabelecer devia limitar-se aos direitos politicos, porque são estes os que a constituição cria, e cujo exercicio interessa particularmente á existencia dos poderes publicos.

Tenho até aqui tratado unicamente da expulsão do extrangeiro; mas o projecto dá tambem ao governo a faculdade de prohibir a sua entrada no paiz. E o nobre senador pelo Paraná acha tambem que isto está de accôrdo com os principios, desde que se trata de anarchistas, de homens perigosos. E para assegurar melhor o exercicio de tão formidaveis attribuições, arma o governo do direito de applicar a pena de tres annos de prisão ao extrangeiro expulso ou a quem foi vedada a entrada no paiz, si nelle entrar ou si a elle voltar, e tudo isto em virtude dos principios e da soberania, e contra texto expresso da constituição, que só ao poder judiciario confiou a incumbencia de punir os crimes. E é, entretanto, o nobre senador quem deseja e quer que a constituição seja executada tal como sahiu das mãos de seu auctor!

Com effeito, snr. presidente, no n.º 10 do art. 72 dispõe a constituição: «Em tempo de paz, *qualquer* pode entrar no territorio nacional ou delle sahir, com a sua fortuna e bens, *quando e como lhe convier*, independente de passaporte».

A este texto, absoluto e geral, accrescenta o snr. senador pelo Paraná, de accôrdo com os principios, *menos os anarchistas*. Estes só entrarão si o governo quizer.

Anarchistas... Mas, senhores, quantas vezes as condições de um paiz convertem o individuo de indole a mais ordeira em um verdadeiro anarchista? O verdadeiro revolucionario não é o que perturba a paz, e ataca a auctoridade, é sim quem exgotta pelas violencias a paciencia humana, e fórça a empunhar as armas para salvar a honra e a vida *(Apoiados)*. Governos violentos e tyrannicos, situações intoleraveis, a exaggeração dos impostos, a penuria extrema, a falta de trabalho ou a insufficiente remuneração delle, tudo isto reunido leva ao desespero, e converte o infeliz em anarchista. Porque recusar-lhe a entrada em um paiz cujas condições são inteiramente outras, e no qual o foragido da patria não encontra mais os estimulos que o impelliam á desordem?

Temos um sólo vastissimo e deserto, queremos povoal-o; não devemos, pois, fechar os nossos portos a quem nos procura, só porque na patria que abandona, porque não soube ou não poude retel-o, ganhou fama de anarchista, ou não pode exhibir attestações de pureza virginal, de obediencia passiva ás ordens da auctoridade, de cumprimento dos deveres civicos.

A planta, que não pode vegetar no terreno patrio, por falta do necessario amanho, pode tornar-se melhor no terreno alheio, na phrase do poeta, si nesse encontra as condições desejaveis.

Snr. presidente, não darei a governo nenhum as formidaveis attribuições que contém o projecto, embora possam justifical-as com as praticas de outros povos. Devo todo o meu respeito á constituição do meu paiz, que as repelle e não quero comprometter os seus interesses, que estão dependentes da immigração. (*)

Approvação pelo congresso dos actos do poder executivo praticados durante o estado de sitio

Não ha na constituição da republica artigo algum que sujeite á approvação do congresso os actos do executivo praticados em estado de sitio; não ha, nem podia haver, sob pena de recusar-se ao legislador constituinte a presumpção de sabedoria, inherente a todo legislador.

Os actos praticados por cada um dos poderes publicos têm seu merito intrinseco, valem por si, não tiram a sua

---

(*) *Discurso proferido na sessão do senado de 22 de setembro de 1903.*

força juridica da approvação que possam receber dos outros poderes. Dentro dos estreitos limites traçados pelo art. 80 tem de se mover o executivo.

Os actos que elle praticar em estado de sitio serão: ou conformes ao preceito constitucional ou violadores desse preceito.

Si conformes á constituição, valem por si, tiram sua força da mesma constituição, que elles respeitaram, e nenhuma força lhes acarretaria a approvação do congresso.

Si, porém, os actos do executivo violaram o preceito constitucional, falta ao congresso competencia para approval-os, porque não deu a constituição a nenhum dos poderes por ella creados a faculdade de a violar, porque isto seria o suicidio.

Assim, a approvação pelo congresso dos actos do executivo, praticados em estado de sitio, não teria outro effeito sinão vincular a responsabilidade moral do mesmo congresso á do executivo e seus agentes responsaveis, não accrescendo novo vigor aos actos legaes, nem communicando aos illegaes a força juridica, que lhes fallece.

Além de não ter fundamento constitucional, tenho a approvação por muito inconveniente. Uma vez concedida pela camara dos deputados, não resta ao cidadão, que houver sido offendido por um desses actos, o recurso de promover perante a mesma a responsabilidade do agente, porque é bem de vêr que, tendo ella approvado taes actos, não ha de denunciar aquelle de quem se tornou cumplice, embora *ex post facto*, e declarar illegal e criminoso o que em acto solemne reconheceu regular e legitimo.

(*) *Discurso proferido na sessão do senado de 1 de setembro de 1905.*

Henriques Leal

Antonio Henriques Leal

Catanhede, Municipio de Itapecurumirim, Estado do Maranhão, 24 de julho de 1828

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1885

Doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, em 1853, e nella se graduou com approvação «distincte cum laude».

Exerceu a clinica por breve tempo, consagrando-se ás lettras. Os seus trabalhos acha José Veríssimo que constituem «modelo unico em a nossa critica bibliographica, sendo credores de muita estima». (*)

Intelligente, consciencioso, seguro, e exacto nas suas noticias, distinguia-se como escriptor de não commum vernaculidade, tanto assim que pertence ao reduzido numero dos brasileiros citados por Caldas Aulete, no seu «*Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*».

Jornalista apreciado, redigiu, na sua provincia natal, a «Imprensa», o «Progresso» e o «Publicador Maranhense».

São seus livros principaes: o «*Pantheon Maranhense*», em quatro volumes, e os «*Apontamentos para a Historia dos Jesuitas no Maranhão*».

O dr. Joaquim Gomes de Sousa

Os segredos da natureza encerrados no estame da flor, na semente, na germinação, na fructificação, em toda a physiologia vegetal em summa, a classificação dos seres organicos mais superiores, as leis da physica experimental, a mechanica, o calorico, a electricidade, a optica e a acustica, o estudo da botanica, da antropologia, e as theorias das forças naturaes deliciavam-no e occupavam-lhe tanto a attenção que

---

(*) *Historia da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916, p. 250, nota.

se não contentava unicamente com estudar as licções explicadas pelos professores; ia com sofreguidão lendo para deante, de modo que em um mez já tinha estudado os «Elementos de botanica» de RICHARD e os de zoologia de MILNE EDWARDS, e depois passou-se aos de POUILLET, e entregou-se todo á physica, materia de sua particular predilecção.

Foi esse estudo que lhe fez conhecer a applicação pratica das mathematicas e a necessidade de as aprofundar para bem comprehender muitas das theorias, principalmente as de mechanica. Nesse intuito, começou a estudar comsigo mesmo as mais complicadas operações de algebra, e, não encontrando nellas difficuldade, quiz proseguir em seus estudos. Muniu-se então de todos os compendios do curso do segundo anno da academia militar. Estudados estes e animado por tão inesperado resultado, entrou afoito pelo calculo integral e differencial, pela mechanica de FRANCŒUR, pela astronomia; e, assim, quasi insensivelmente e sem outro auxilio e guia que o de sua extraordinaria intelligencia, dentro do seu gabinete, ao concluir o seu terceiro anno medico, já sabia tudo quanto constituia o curso de engenharia, sendo mais para notar que occupou sempre o primeiro logar entre os mais distinctos estudantes da escola de medicina, frequentada então por tantos talentos de primor!

Magico poder de intelligencia, favorecida por DEUS com todas as forças e recursos que sóe prodigalizar a seus eleitos! O que parecia a principio abstruso, e inintelligivel, a GOMES DE SOUSA, tornou-se-lhe depois claro, facil e aprazivel recreio.

Tendo em 1847 feito com muita distincção acto do terceiro anno medico, em que alcançou, como nos anteriores, a nota de «optime cum laude», anima-se a requerer exame vago de todas as materias do curso de engenharia, cedendo ás suggestões de alguns collegas que o admiravam. Nisto tambem o animou o dr. JARDIM, lente da academia militar, que era inquilino do mesmo predio da rua da Misericordia onde residia GOMES DE SOUSA, e a quem fôra este apresentado, causando-lhe pasmo a segurança e certeza das respostas desse mancebo, em cujos labios superiores começavam apenas a lourejar raros pellos. Sairam-lhe desde então com os seus impedimentos a inveja e a rotina; mas a persistencia do mancebo levou-os de vencida, triumphando por fim de quantos obstaculos se lhe antepuzeram.

Assisti á maior parte dessas brilhantes e memoraveis victorias. Que espectaculos peregrinos e fascinadores não eram elles! Alli, defronte de seus juizes respeitaveis, e cujas cabe-

ças prateadas pelas neves dos annos delatavam o muito estudo e a longa experiencia no exercicio de ensinar, estava sentado esse moço de aspecto quasi infantil, com o rosto ainda liso e despido de barba, de porte acima de mediano, delgado de fórmas, com olhos vivos e expressivos, fronte larga e protuberante, proeminando ainda mais no angulo externo dos coronaes, onde se distinguiam bem visiveis as bossas apontadas por GALL e SPURZHEIM como séde das faculdades das sciencias exactas. No meio de grande e escolhido auditorio, attento e silente, ouvia-se a voz do examinando, posto que fraca, segura e clara, e elle, sem deter-se, sem tropeçar, respondendo a todas as perguntas, e a desmanchar-se em theorias, a desenvolvel-as, a resolver problemas, e isto em dias consecutivos, e sem descançar! Fazia hoje o exame de ponto e no dia seguinte o vago, porém não superficial; os examinadores esforçavam-se por conhecer até onde chegavam os conhecimentos mathematicos do imperterrito mancebo, e se não davam por satisfeitos que de pura fadiga. Foi elle assim colhendo os louros e tropheus de tão extranho commetimento até que, a 10 de junho de 1848, tomou o grau de bacharel em sciencias mathematicas e physicas, e a 14 de outubro defendeu these e foi graduado doutor de borla e capello.

Essa these foi mais um brilhante testemunho de que seus estudos iam muito além das materias exigidas para o curso da academia militar, e que tinha tambem prescrutado as maravilhas modernas consignadas nas mais afamadas obras de mathematica, para assim fundamentar suas opiniões nas de auctores notabilissimos.

Tendo vagado pouco depois uma cadeira de lente substituto nessa academia, oppoz-se a ella com os drs. GALVÃO e ESCRAGNOLLE e foi com toda a justiça provido nella. Deve-se aqui consignar, como facto raro, sinão espurio, o de ter alcançado aos dezenove annos de edade uma cadeira de lente nessa corporação scientifica e de par com aquelles que outr'ora repelliam e zombavam de suas, para elles, loucas aspirações, o estudante sahido apenas da puericia e que então frequentava seu quarto anno de curso medico!

Tinha um methodo seu para apprender linguas. Tomava ahi meia duzia de licções até conhecer o mechanismo da pronuncia, e depois estudava comsigo mesmo os verbos, numeros, generos e pronomes e passava-se logo a traduzir uma obra em prosa, porém das mais difficeis, e dahi a pouco estava de volta com os poetas. Presenciei isto com o italiano, cujo

primeiro livro, que estudou, foi o «*Promessi Sposi*» de MANZONI, passando deste para a «*Divina Comedia*» de DANTE. Dizia que começar pelo mais difficultoso é trabalho insano; mas o exito seguro e completo, tornando-se dahi em deante tudo mais claro e facil.

Não se mostrava o joven mathematico saciado com o que já sabia; antes sedento, procurava alargar os horizontes no tracto e convivio dos sabios da Europa, na visita aos estabelecimentos scientificos de França e de Inglaterra, aproveitando ao mesmo tempo sua estada nessas grandes capitaes para apresentar ás academias de sciencias algumas memorias que já tinha escripto. Foi com esse designio que partiu em 1854 do Rio de Janeiro para a Europa.

Chegado á França, não só deu-se todo aos seus estudos e pesquisições, como procurava relacionar-se com os sabios mais celebres e cujo tracto lhe podia ser proficuo, e, em especial, com o famigerado mathematico francez, M. CROUCHY, que da sua parte muito o estimava, mostrando-se admirado dos variados conhecimentos que patenteava o joven brasileiro.

Não só dedicou-se com incrivel enthusiasmo ás sciencias de sua predilecção, aprofundando-as ainda mais, como adeantou seus trabalhos sobre mathematica e concluiu as memorias acerca das sciencias naturaes que esboçára, no Rio de Janeiro. Foram estas depois lidas por elle na academia real das sciencias de Londres com muito applauso de seus doutos membros, que prodigalizaram louvores aos seus escriptos, sobretudo aos que versavam sobre uma nova theoria do som e mathematicas puras. O jornal scientifico que tinha por obrigação dar conta das sessões dessa sabia corporação, falou em termos muito lisonjeiros desses trabalhos de GOMES DE SOUSA. Depois de ter examinado todos os estabelecimentos scientificos de França e de Inglaterra, e, com mais particular attenção, os observatorios astronomicos, de cujo estudo e inspecção fôra encarregado pelo governo, passou-se á Allemanha.

Emquanto residia na Europa, applicou-se tambem ao estudo de medicina. Todas as vezes que ia a Pariz, frequentava, com assiduidade, o grande hospital, «Hotel Dieu», e nelle seguia a clinica, fazendo-se especialista nas molestias de mulheres. Assim que se julgou sufficientemente habilitado para o certamen scientifico, submetteu-se a exames na faculdade de medicina de Pariz, onde defendeu theses e foi graduado doutor, facto este talvez ignorado de muitos; por isso que

não exercia a arte, como tambem não fazia alarde dos muitos titulos scientificos de universidades e dos das academias de Londres, Berlim e Vienna d'Austria, das quaes era socio.

A fatalidade pesava sobre o Maranhão! Seus quatro maiores engenhos tinham desapparecido em pouco mais de um anno, e todos longe dos amigos e da patria, sem acharem até hoje — tres delles — sepultura na terra natal: João Lisboa, na capital do reino de Portugal, a 26 de abril de 1863; Gomes de Sousa, em 1.º de junho do mesmo anno; Odorico Mendes, a 18 de agosto de 1864, em Londres, e, por ultimo, Gonçalves Dias, a 3 de novembro desse mesmo anno, tendo o oceano por sudario.

E que resta-nos afinal das bem fundadas esperanças que concebiamos do profundo saber e extraordinario talento do dr. Gomes de Sousa? Seus discursos no parlamento, que se riscarão em breve da memoria dos que os ouviram, divertidos por novos e successivos acontecimentos.

E assim desappareceu da face da terra esse refulgente astro, que a podia ainda abrilhantar, percorrendo o estadio glorioso que o conduziria até onde resplandecem Newton, Laplace, Leibnitz e Humboldt, de cuja estatura ia-se approximando.

Repito-o, pois, á saciedade que deploro do fundo d'alma não chegasse o dr. Gomes de Sousa a erguer os monumentos scientificos, cujos materiaes estava apparelhando e foram postos de banda para occupar-se da politica, onde, si colheu essas ephemeras gloriolas parlamentares, adquiriu tambem a enfermidade que o roubou de improviso á patria que tinha muito a esperar delle.

Não era, de mais a mais, homem para a tribuna; tinha debil compleição e orgão vocal ainda mais fraco, e, si conseguia ser ouvido do auditorio, devia-o á nitidez de sua pronuncia, á distincta prolação das syllabas, que saiam-lhe dos labios perfeitas; ao silencio que reinava no parlamento logo que começava a orar esse notavel parlamentar; e ao supremo esforço que empregava, alteando a voz acima do seu diapasão natural.

Esse labor tão desconforme ás suas forças havia por sem duvida de mingoal-as e exgottal-as em poucos annos; foi o que succedeu.

Assim, com trinta e cinco annos, finou-se quem encheria o mundo com o seu nome, si perseverasse na carreira tão

bem estreiada e houvesse ao menos terminado e dado á luz os trabalhos que havia concebido e rascunhado.

Acharam-se-lhe apenas as memorias sobre mathematicas puras, que havia lido nas academias de sciencias de Inglaterra e no instituto de França, e que começára a imprimir em Leipzig; a importantissima obra sobre sciencias naturaes, sociaes e philosophicas, a que só faltavam a introducção e a conveniente redacção. É no genero do «*Cosmos*» de HUMBOLDT, e havia por certo de produzir muita sensação no mundo scientifico, attentas as luzes que derramariam de si. Deixou mais algumas memorias esboçadas e outros escriptos scientificos; mas tudo no mesmo estado em que ficára aquella obra. (*)

(*) *Pantheon Maranhense*, tomo 2.º, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, p. 112 - 145.

João Lisboa

João Francisco Lisboa

* Itapicurúmirim, Estado do Maranhão, 22 de maio de 1812

† Lisboa, 26 de abril de 1863

Não fez estudos regulares, nem frequentou cursos de ensino superior. Aprendeu latim com Sotero dos Reis, e logo entrou o discipulo a emular com o mestre.

Notabillissimo escriptor brasileiro, pela belleza do estylo, como pela correcção da linguagem, e que, no dizer de Pedro Lessa, o seu melhor juiz, «além de historiographo e politico, foi sobretudo um doutrinador, um propagandista, um convencido apostolo da moral». (*)

De costumes dos mais puros, brilhou pelo exemplo de uma vida sem macula. Jornalista de rara ponderação aos vinte e poucos annos de edade, na sua provincia natal, fundou, em 1832, o «Brasileiro»; mezes depois, passou a redigir o «Pharol Maranhense»; dirigiu, em 1834, o «Eco do Norte», em 1838, a «Chronica Maranhense», e, em 1842, o «Publicador Maranhense».

Deixou os tres volumes do «Jornal de Timon», collecção de famosos folhetos, a excellente «*Vida do Padre Antonio Vieira*», livro de folego, que é o seu padrão de gloria, e outros trabalhos de menor importancia.

José Verissimo, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de João Francisco Lisboa.

Odorico Mendes

Vamos concluir, consignando aqui as ultimas noticias e ponderações que nos occorrem acerca da nobre existencia que temos esboçado. Odorico Mendes teve assento no antigo conselho geral do Maranhão, e, em varias legislaturas, na

---

(*) *Discursos e Conferencias*, Rio de Janeiro, Typographia do «Jornal do Commercio», 1916, p. 121.

assembléa provincial do Rio de Janeiro. É membro effectivo do «Instituto Historico e Geographico do Brasil», da «Sociedade Amante da Instrucção», da «de Instrucção Elementar» e socio honorario da academia das bellas artes no Rio de Janeiro; e, aqui, em Lisboa acaba de ser nomeado socio correspondente extrangeiro da «Academia Real das Sciencias». Só uma unica condecoração obteve, sem todavia a solicitar — a commenda da ordem de Christo, que deve á espontanea munificiencia do snr. d. Pedro II.

Os companheiros de Odorico Mendes nas luctas do primeiro reinado chegaram todos ou quasi todos ás maiores honras, e ás mais elevadas posições politicas e sociaes. Alguns as deveram sem duvida aos seus talentos fóra do commum; outros á dextreza e agilidade com que souberam manobrar no mar incerto em que navegavam. Mais inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas, que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida conservando-a immaculada até da menor suspeita que lhe pudesse levemente marear o lustre.

Tendo sahido do Rio em 1847, viveu, quatorze annos em Pariz, da aposentadoria do seu emprego e das mingoadas sobras que pudera accumular anteriormente, subtrahindo-as ás necessidades quotidianas. A verdadeiros milagres de economia deveu não somente o subsistir tão longo espaço em honrada mediania naquella opulenta capital, fóco de tentações de todo o genero, mas ainda o poder dar uma bôa educação aos filhos, dous dos quaes alcançaram logo vantajosos logares de fazenda, graças aos estudos que haviam feito, aos bons officios de um velho amigo nunca deslembrado, e sobretudo á politica esclarecida do imperador, que a nenhum merecimento deixa sem emprego, e nenhum serviço sem galardão.

O anno passado emprehendeu Odorico Mendes uma viagem á Italia, sonho dourado de toda a imaginação de artista e de poeta, que emfim lhe concedeu o céo realizar após tantos annos de expectação. Dir-se-ia que a fabula de mãos dadas com a antiga e moderna historia apraz-se de fazer as honras da hospedagem aos que visitam aquella terra portentosa com o espirito preparado para comprehender e admirar as maravilhas que povoam as suas cidades e ruinas. Por entre essas alas esplendidas e phantasticas de quadros, estatuas e monumentos de todo o genero, delles orgulhosos e de pé, outros prostrados pelo tempo e humilhados na poeira, e no meio do arruido e alvoroço da resurreição de um grande povo, atravessou-a Odorico Mendes, e, como verdadeiro pe-

regrino da religião das musas, foi, junto ao Pausilippo, em cumprimento do voto antigo, depôr uma capella de flores sobre o tumulo do poeta amado.

Agora, impossibilitado de voltar á patria, cujo clima se não compadece com o estado de sua saude, cuida em passar da Italia a Portugal, onde acabe os dias e onde logre, diz elle, o ineffavel prazer de ouvir a sua lingua falada pelo povo, e sinta ainda alguns toques de que a alma se comprazia na mocidade.

Homem moldado á antiga, a sua velhice socegada e digna passa-se na pratica de todas as virtudes, e na effusão dos sentimentos de amizade, indulgencia e brandura, que sempre caracterizaram a sua alma affectuosa. Essa placidez, porém, nem é inerte e egoista, nem é esteril. Si a occasião se depara, e as idéas, as palavras e os successos, vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vicio, vêl-o-eis inflammar-se como nos dias da primeira mocidade e das grandes luctas, como que poderia repetir-se e applicar-se-lhe o dicto da rainha, cujo lastimoso fim cantou na sua versão:

« Sente os vestigios da primeira chamma. »

É assim tambem que, quasi aos sessenta annos de edade, para coroar dignamente uma carreira tão honrosa, emprehendeu com juvenil ardor a traducção completa dos poemas de Homero — tarefa collossal que leva já em mais de meio, pois finda a da « *Iliada* », deu já principio á da « *Odysséa* ».

O celebre philosopho e escriptor estoico exclamava transportado — que não havia espectaculo mais digno dos deuses que o do homem justo luctando com a adversidade. Sinão tão grandioso, não é certo menos meritorio o do homem de bem, contente da mediocre fortuna, enchendo a vida tranquilla e proficuamente emquanto lhe ella dura, prestes a deixal-a sem pezar quando approximar-se o derradeiro dia.

Este espectaculo consolador e cheio de ensino nos apresenta Odorico Mendes. Feliz o escriptor a quem coube traçar as linhas singelas que servem de moldura á sua nobre imagem, si ellas conseguirem fortalecer os sentimentos de estima e veneração de que sempre foi objecto, entre os seus, este homem distincto, cuja preciosa amizade faz o orgulho dos que a possuem, como a sua vida toda inteira honra a terra que lhe deu o berço. (*)

(*) *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, tomo 38, parte 2.º, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1875, p. 309 - 337.

João Monteiro

João Pereira Monteiro

* Rio de Janeiro, 16 de maio de 1845

† São Paulo, Estado de São Paulo, a 18 de novembro de 1904

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas, em 1872 pela faculdade de direito de São Paulo, onde se doutorou em 1874; nomeado lente substituto, após dous brilhantes concursos, em 1882, e cathedratico, em 1883, occupou ainda o logar de director daquella faculdade desde 1902 até fallecer. Jurisconsulto, advogado, orador, conhecendo a fundo as disciplinas em que se especializou, primando pela cultura litteraria e pelo gosto artistico, que lhe esmaltavam o alto merecimento profissional, intelligentissimo, erudito mesmo, polyglotta ajudado de prodigiosa memoria, falando com admiravel correcção quasi todas as linguas vivas, era preclaro exemplo de encyclopedico saber.

Bondoso e caritativo, desvelado chefe de familia, amigo de exemplar devotamento, prestimoso e util, viveu para o bem dos seus e dos outros.

Jornalista adextrado nas lides da imprensa, collaborou em diversas folhas e em diversas revistas do Rio de Janeiro, como de São Paulo, onde dirigiu, em 1899, sendo seu redactor chefe, o diario «A Nação».

São seus trabalhos principaes: «*Do Perjurio*», critica ao art. 69 do codigo criminal, dissertação de concurso, «*Da Sociedade em Conta de Participação*»; «*Organização Judiciaria*»; «*Universalização do Direito*»; «*Reforma do Codigo Penal*»; «*Discursos*»; «*Vasco da Gama*»; «*Unidade do Direito*»; «*Theoria do Processo Civil e Commercial*», em tres volumes; «*Victor Hugo*»; «*Pareceres sobre Projectos da Universidade no Rio de Janeiro*»; «*Applicações do Direito*» e «*Direito das Acções*» — publicação posthuma.

O direito e a mathematica

Correndo pressuroso ao vosso convite, eis-me aqui, posto que o mais humilde dos professores da faculdade de direito, a significar-vos o elevadissimo apreço em que temos a inauguração da escola polytechnica de São Paulo.

Eis-nos agora em franca communhão scientifica.

E só nesta phrase vos significamos tambem que esta approximação tem para nós, juristas, importancia maior do que parecerá á generalidade dos espiritos.

Eis-nos perto, um do outro, em harmonico enlace, amplexados na mais estreita convergencia intellectual, os dous grupos até ha pouco antipodas, inimigos irreconciliaveis, cada qual mais faminto da derrota do outro — eil-os agora socios, em busca do bem commum por meios communs: o grupo das sciencias da natureza physica a nos abrir, com fidalguia captivante, as portas do seu palacio a nós outros, os filhos da academia dos idealismos platonicos, das subtilezas hegelianas, dos imperativos kantistas, das sophisticas controversias sabinianas e proculeianas, de quanta nebulosa emfim a logica mantem no insondavel mundo do espirito humano.

Esplendida e significativa festa!...

Neste assombroso impulso em que vae o nosso moribundo seculo, a ceremonia que hoje nos congrega não deve limitar-se a apparecer com a monotona physionomia das etiquetas officiaes.

Representamos alguma coisa de imponentemente grande. Somos a expressão concreta da mais productiva lei de quantas leis novas estão esculpidas no evangelho da sciencia moderna: o congraçamento das sciencias.

Triplice phase assignala a evolução intellectual humana.

Na primitiva cultura scientifica, a concentração e a homogeneidade formavam os termos da mais auctoritaria equação. A sciencia andava agrilhoada á tradição hieratica, e na apreciação de SPRENGEL, referido por LATINO COELHO, o sacerdote era simultaneamente o sabio, o medico, o philosopho e o legislador.

Naquelles tempos do dominio oriental, em que a Grecia e o Egypto tinham fechada nas arcas sacerdotaes a intellectualidade humana; em que o «asclepion» grego, originario repositorio da sciencia medica, era o proprio coração scientifico dos povos então conhecidos — a sciencia residia no padre, isto é — andava divorciada da razão, que aliás é a alma da sciencia, e compunha-se de sentenças inspiradas nos mysterios do genese biblico. A treva intellectual era a luz unica que orientava o mundo.

Depois vieram as luctas: das divisões de partidos defluiu a differenciação das profissões e desta a das sciencias — das dispersões ethnographicas e religiosas, sobretudo, proveiu a desaggregação dos principios organico-geraes e desta a de-

cadencia relativa das sciencias. Verdade é que na edade media ainda a egreja dominava consciencias e leis civis; epochas houve em que o padre, escancarando as fauces como garganta de montanha de onde salta, rugindo, o vento, fez inocular no espirito doentio dos fracos a crença de que o mundo physico attingia o seu fim. *Apropinquante mundi fine.*

Quantos não criam já que a seiva parava de correr no tecido das plantas, e os rios seccavam nas fontes, que o sol apagava-se ao nascer, e só as aves agoureiras atravessavam o espaço no vôo tetrico de mensageiras da morte!

Roma, conforme EDGARD QUINET, fez crer que a peste queimava os campos, e chegou-se a vêr rubra fonte de sangue jorrar dos Alpes. O panico paralyzava a evolução scientifica.

Mas na razão directa da preponderancia espiritualista — aspiração egoistica dos que resumiam o mundo no sepulchro de Jerusalem — almas ingenuas, que tomavam como realidade a nebulosa dos sonhos mysticos — começou a actuar, anathematizada embora, a diminuta mas poderosa cohorte dos guerreadores, que vinham abraçados á bandeira do positivismo. Era o declinio da metaphysica que despontava. ARISTOTELES batia PLATÃO.

A reacção accentuava-se: agora era o mundo do espirito que tocava a seu termo; a luz do mysticismo apagava-se das ultimas fibras do coração exangue; estancada a fonte dos mysterios insondaveis, isto é, do absurdo, o sol apenas tinha que aquecer, na sua eterna missão, os movimentos da materia imperecivel.

E a lucta ferveu por muitos seculos. De um lado a fé, do outro a razão; daquelle, o *credo quia absurdum;* deste, o *credo quia verum* ou a evidencia dos phenomenos. As sciencias constituiam, por falta de conciliação mutua, exclusivismos typicos, sem classificação intima, sem coordenação harmonica.

Mas vieram os grandes reformadores; e das desmembrações desorientadas e exclusivas — completo, harmonico, assombroso, levantou-se o edificio da sciencia moderna.

Assim como no mundo dos espaços a harmonia dos astros constitue o systema planetario, assim no mundo moral a harmonia das sciencias constitue o systema intellectual moderno.

Mutualidade geral e estreita — tal é o actual lemma scientifico, a unica formula representativa do prodigioso alargamento das conquistas intellectuaes contemporaneas.

Mas, senhores, nenhuma sciencia precisou mais de mutuar com outra os thesouros inexgottaveis de seus creseanos dominios do que a vossa com a nossa, e tambem do que esta com aquella.

Vós, os pacientes e incançaveis mineiros das sciencias chamadas exactas, viestes nos communicar o sopro moderno, que, penetrando nos ultimos reductos da decrepita metaphysica, introduziu victorioso, nos arcanos até ha pouco privilegiados da nossa sciencia, o methodo experimental — esse hoje soberano dominador de todos os methodos — ponto convergente de todas as manifestações intellectuaes, industriaes, politicas e economicas do homem; a vós, venerandos operarios das sciencias mathematicas, cujos conhecimentos nos guiam a cada passo na solução de innumeras controversias juridicas e judiciarias; a vós, continuadores de PYTHAGORAS, DESCARTES, LEIBNITZ, KANT e tantos outros sabios juristas, que foram outros tantos genios mathematicos, quantos serviços não deve a sciencia de ULPIANO e PAULO? Não disse LEIBNITZ que, havendo em tudo alguma coisa da geometria, bem podiam as sciencias moraes encontrar nella analogias preciosas? e não é de PLATÃO a conhecida phrase: «Aqui não entra quem não fôr geometra?».

Mutuamente, quanto não deveis ao direito? Pois o direito não é uma força? não é uma quantidade? não é uma extensão? qual a força que, mais do que a delle, transforma as sociedades? qual força, sinão a delle, entre nós fez a republica? que quantidade mais poderosa do que elle na construcção internacional dos estados? que extensão acompanha a delle na medida da intellectualidade de um povo? Si na expressão de VICTOR HUGO — a extensão de um povo mede-se pelo raio de luz que delle se desprende — esse raio de luz, digo eu, tem por fóco o direito. E paraphraseando o colossal HUGO: como era pequena a Grecia! entretanto quem a medisse por SOLON e LYCURGO, estendel-a-ia até superpôl-a ao mundo inteiro. Uma cidade, Roma, teve por egual o universo. JUSTINIANO e seus jurisconsultos demarcaram-na com as linhas extremas do mundo conhecido. «Urbi et orbi».

Ao envez — vêde a Siberia ou a Africa — dous gigantes que são dous pygmeus. Ali, o direito ainda não rompeu o gelo, que faz do homem um irmão do urso; aqui, a asphyxia solar mata o sentimento do direito, que é a formula scientifica da physiologia social. A Grecia e Roma eram ape-

nas dous pontos do mappa geographico do mundo, mas eram dous mundos na historia intellectual humana; a Siberia e a Africa, esses dous colossos, nem os percebe o olhar pesquizador das conquistas moraes do homem.

Qual a força, qual a quantidade, qual a extensão, senhores mathematicos, que assim discrimina o luminoso do imperceptivel, a vida, ao calor fecundo das immensas leis do progresso, da morte, á acção enervadora da ignorancia fanatica, sinão esta força que destruiu a «Bastilha», sinão esta quantidade, que cresce indefinidamente ao impulso de tudo quanto é novo, sinão esta medida da extensão da historia das civilizações, e que se chama o direito?

Si é certo que, no aphorismo de PROTAGORAS, é o homem a medida de tudo quanto existe no mundo; si é tambem certo que, na expressão de CARLO CATTANEO, a sciencia do direito, que é o mesmo homem socializado, outra coisa não é sinão a historia mesma de toda a phenomenalidade social; deveis bem vêr, todos que me ouvis, que, si houvesseis de repetir-nos a palavra de BHARATA no «Ramayana»: Indica-me o caminho, GOUHA, tu que sempre viveste no meio destas florestas — nós vos responderiamos a todos: O caminho é o direito, porque o direito, medicos, é a saude social, mathematicos, é a medida da civilização, soldados, é a força que se impõe.

Pois bem: a nossa approximação significa uberrimo acontecimento.

NEWTON, resurgindo hoje nesta terra de febril actividade industrial, para extender a mão ao velho alcáçar da legião de GAIO — que fecundo germen de promissor futuro!

Pois associemo-nos, senhores: dae-nos a medida e o peso das nossas conquistas no perpetuo commercio da vida social — nós illuminaremos as inexhauriveis creações da vossa actividade economica com os raios inapagaveis do direito.

E si do congraçamento destas duas forças invenciveis: o numero, que é o infinito no tempo e no espaço, o direito, que é o equilibrio de todas as forças, pudesse vir a definitiva salvação da republica, quanto mereceriamos nós?

«Coordenemo-nos, — escrevi eu algures e ora repito — coordenemo-nos no cultivo da sympathia, essa doce affinidade que deleita o humor, encanta a existencia, cura as contrariedades, esse morbo do espirito, e faz do homem o unico

ser amoravel da escala zoologica; coordenemo-nos, finalmente, na defesa da republica, que é hoje a patria, o brio e a dignidade nacional.»

Ninguem, disse SALLUSTIO, serviu ao mesmo tempo á paixão e ao dever. *Neque quisquam omnium libidini simul et usui paruit.* (*)

(*) *Discurso proferido na cerimonia da inauguração da escola polytechnica de São Paulo a 15 de fevereiro de 1894.* São Paulo, Typographia Industrial do Brasil, 1897, p. 57 a 62.

Joaquim Caetano

Joaquim Caetano da Silva

* Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul, 2 de setembro de 1810

† Nictheroy, Estado do Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1873

Fez os estudos preparatorios na França; bacharelou-se em lettras na universidade de Pariz, em 1831, seguindo depois o curso de medicina, na faculdade de Montpellier, em que se doutorou, em 1837. Aos 18 annos de edade, já conquistára o diploma de membro da sociedade de historia natural da mesma cidade de Montpellier.

Pertenceu a varias e importantes corporações scientificas do extrangeiro, e, de regresso ao Brasil, mereceu, em 1838, a nomeação de professor do collegio PEDRO II, onde leccionou grammatica portugueza, rhetorica e depois grego, tendo sido provido no cargo de reitor desse collegio, em 1839. Encarregado dos negocios do Brasil na côrte da Hollanda, em 1851, e, em 1854, consul geral tambem na Hollanda.

Um dos nossos grandes estudiosos e eruditos — hellenista e orientalista dos primeiros. A vastidão dos seus conhecimentos litterarios e scientificos deixou-a patente nos dous tomos do livro escripto em francez, «*L'Oyapock et l'Amazone*» e nos dous mais acreditados dos seus outros trabalhos «*Antilia*» e «*Brasil*», que ambos, como aquelle celebre livro, se consideram monumentos de real sabedoria.

ALCINDO GUANABARA, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de JOAQUIM CAETANO.

Dedicatoria

Senhor!

Vós que tendes posto os olhos da real benignidade no chão de meu humilde lavor, concedei-me que prosterne a vossos pés um segredo de minha alma. Ao cruzar nesta tentativa os páramos do Atlantico, reconcentrava o coração no

gremio da mãi commum. Nascido na margem do Jaguarão, na raia meridional do Brasil, deleito-me em circungirar a vista por todos os remotos confins deste vosso vastissimo imperio; e, enlevado pelas pomposas maravilhas da sua ineffavel magnificencia, ensoberbeço-me com a idéa que todo elle é minha patria. Cioso da minima leiva deste territorio paradisiaco, empenho votos para que todos os brasileiros, desaferrolhando-se para sempre das masmorras do provincialismo, sublimem-se de uma vez ás olympias assomadas de seu ambito completo, e, sem distincção de rio-grandense, nem paraense, o abarreirem impenetravelmente em amplexo fraternal; e quando as nações gigantes porfiam em perpetuos, omnimodos, esforços para mais se engrandecerem, não nos apresentemos nós ao mundo ostentando por alvo glorioso o apigmear-nos. Ah senhor! Contemplem os brasileiros a celsitude de v. m. i., assentado a esta mesa entre filhos plebeus do Brasil, com elles cultivando irmãmente a historia e a geographia do Brasil, esquecendo-se que é imperador para só se lembrar que é filho do Brasil, e mais então fulgurando como o anjo do Brasil: e todos, todos, enthusiasticamente agradecidos ao céo, por lhes haver outorgado, com uma patria tão digna de amor, um monarcha tão digno della, aprumarão com seus peitos, em torno da pessoa augusta de v. m. i., uma circunvallação eterna desde o Jaguarão até o Oyapoc. (*)

(*) *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 2.ª série, tomo 6.º, Rio de Janeiro, Typographia Laemmert, 1850, p. 512.

Joaquim de Macedo

Joaquim Manoel de Macedo

* Itaborahy, Estado do Rio de Janeiro, 24 de junho de 1820

† Rio de Janeiro, 11 de abril de 1882

Doutor em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, em 1884, e o orador da sua turma.

Auctor popularissimo no seu tempo, ainda hoje lido com satisfacção, ás vezes com proveito; espontaneo no escrever, observador atilado, com intelligencia muito e muito acima do vulgar, dotado de certo preparo, occupa, sem duvida, logar saliente na historia da nossa vida litteraria. FRANKLIN TAVORA chega mesmo a emittir este conceito: «A posteridade ha de proclamar que não devemos a outro a infantil feição do nosso romance». (*) Laborioso em excesso, sobresahiu ainda na chronica litteraria, no drama, na comedia, no jornalismo, e até na poesia.

Pontual no cumprimento de suas obrigações, regeu, a contento, a cadeira de historia do Brasil do externato do collegio PEDRO II, exerceu, com exemplar dedicação, de 1852 a 1855, o cargo de 1.º secretario, e, de 1856 a 1861, o de orador do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», associação a que votava profunda estima.

Até com a politica se occupou: pertenceu ao antigo partido liberal, tendo sido, em varias occasiões, desde 1865, deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro, a deputado geral, na 12.ª, 13.ª e 17.ª legislaturas. Figurou na lista sextupla para senadores, em que estavam incluidos FRANCISCO OCTAVIANO e o visconde do BOM RETIRO, que foram os escolhidos.

Não quiz ser ministro de estado, apesar do convite que teve, para a pasta dos negocios do imperio, no gabinete que, em 1864, organizou o conselheiro FRANCISCO JOSE FURTADO, e convite de que declinou, allegando não possuir meios de fortuna.

Nimiamente affectuoso para com as crianças, para com os seres fracos e simples, para com os animaes inoffensivos, humanitario, modesto, era honrado e bom. Refere ERNESTO SENNA, que, ao contrario do que dizem alguns dos seus biographos, exerceu a profissão na sua cidade natal, e até tinha este lemma: «a porta de medico nunca se fecha». (**) Mas a exerceu por pouco tempo, porque, fallecendo seu pae, vendo improficuos os esforços dos medicos para salval-o, abandonou a clinica, e tão irrevogavel foi a sua decisão que nunca mais usou o titulo de doutor.

(*) ERNESTO SENNA, «*Historia e Historias*», Pariz, Casa Editorial Hispano-Americana, sem data, p. 79.

(**) Op. cit., p. 66, 67.

Redigiu, de 1850 a 1852, o «Guanabara», revista mensal, fundada e dirigida por elle, PORTO ALEGRE, bem como por GONÇALVES DIAS, e que antecedeu a «Revista Brasileira», a da 1.ª phase. Redigiu ainda, de 1852 a 1854, com SALLES TORRES HOMEM, depois visconde de INHOMERIM, a «Nação», orgão do partido liberal.

Collaborou em diversas folhas do Rio de Janeiro, a saber, a «Minerva Brasiliense», a «Reforma», o «Correio Mercantil», a «Tribuna Liberal», a «Semana Illustrada», com o pseudonymo de MENINO SERIO. No «Jornal do Commercio» por vezes se incumbiu do retrospecto politico, e, em 1861, teve ao seu cargo o folhetim, «A Semana».

Observa, e com inteiro fundamento, o talentoso snr. ESCRAGNOLLE DORIA, que, nos numerosos livros de JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, não ha assumpto ou titulo extrangeiro: tudo é nosso, bem nosso, assignalando sempre a patria, phantasiando, narrando, descrevendo, hilariando, pondo em scena personagens. factos, episodios, acontecimentos, grandes ou ridiculos da terra natal. (*)

E' dos mais fecundos escriptores brasileiros, como se vê da interessante lista publicada na importante folha do Rio de Janeiro, «O Jornal», e de cujo numero de 24 de junho de 1920, aqui textualmente a reproduzimos:

«*Considerações sobre a nostalgia*» — These apresentada á faculdade de medicina do Rio de Janeiro e sustentada, a 11 de dezembro de 1844 — «*Discurso*» que, por occasião da collação do gráo de doutor em medicina, recitou — 1845. «*Parecer*», sobre a introducção da vaccina no Brasil — Autographo de 19 folhas, assignado tambem por JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

«*A moreninha*» romance — Rio de Janeiro, 1844 — Teve 2.ª edição em 1845 — 3.ª, em 1849 — 4.ª, em 1860 — 5.ª, em Pariz, 1872, além da edição feita na Bibliotheca das Damas, no Porto, 1854.

«*O moço louro*» romance — 1845 — 2 tomos, 2.ª edição, em 1854 — 3.ª, em 1862 — 4.ª, no Havre, em 1876, e foi publicado na Bibliotheca das Damas, Porto, 1855 e 1856.

«*Os dois amores*» — romance — 1848 — 2.ª edição, em 1854 — 3.ª, em 1862 — 4.ª, em 1887, no Havre.

«*Rosa*» — romance, 1849 — Saiu sob o titulo da Bibliotheca Guanabarense, publicado pela redacção do «Guanabara» de que o auctor fazia parte — Teve outra edição em 1851 — 2.ª, em 1854 — 3.ª, em 1867, e mais uma em Lisboa.

«*Vicentina*» — romance, 1855 — 2.ª edição, em 1859 — 3.ª, em 1870.

«*O Forasteiro*» — romance, 1855.

«*A carteira de meu tio*» — (Viagem phantastica), 1855 — 2.ª edição, em 1859 — 3.ª, em 1867.

«*Memorias do sobrinho do meu tio*» — 1867-1868 — Esta obra é uma continuação da precedente. E' um livro de satyra politica e social — Romances da semana, publicados por DOMINGOS JOSÉ GOMES BRANDÃO, 1861 — São pequenos romances, antes insertos, em 1855 e 1856, na Semana e na «*Chronica*» do «Jornal do Commercio», a saber: *A bolsa de seda; O fim do mundo; O romance de uma velha; Uma paixão amorosa; Innocencia; O veneno das flores* — Houve mais duas edições, sendo a ultima em Pariz, em 1873.

«*Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*» — 1.ª serie, 1862 — Collecção de escriptos diversos e publicações feitas em folhetim, no «Jornal do Commercio», em estylo romantico.

«*O culto do dever*» — romance, 1865 — Livro de muita moral.

(*) «Jornal do Commercio» de 24 de junho de 1920.

«*Mazellas*», 1867 — «*A luneta magica*», 1869 — «*As victimas e algozes*», quadros da escravidão, 1869 — «*O rio do quarto*», romance, 1869 — «*Nina*», romance, 1869 — «*As mulheres de mantilha*», romance historico, 1870 — «*Um noivo e duas noivas*», romance, 1871 — «*A namoradeira*», romance, 1870 — «*Os quatro pontos cardeaes*», 1872 — «*A baroneza de amor*», romance, 1876 — «*Memorias da rua do Ouvidor*», folhetins semanarios do «Jornal do Commercio», 1878 — «*A nebulosa*», poema romance, em 6 cantos e um epilogo, 1857 — em verso endecassyllabo solto e offerecido ao Imperador — «*O amor da patria*», hymno biblico, 1848 — «*O cégo*», drama, em 5 actos — «*Nictheroy*», 1849 — «*Cabé*», drama, em 5 actos, 1852 — «*O sacrificio de Isaac*», drama sacro, em 1 acto e dous quadros, 1859 — «*O phantasma branco*», opera em 3 actos, 1856, reimpresso em Pariz, 1863, representado pela primeira vez, no theatro de São Pedro de Alcantara, em 22 de junho de 1851 — «*O primo da California*», opera em 2 actos, imitação do francez, 1850 — «*A torre em concurso*», comedia burlesca, em 3 actos, 1863 — «*O novo Othelo*», comedia, em 1 acto, 1863 — «*Cincinato quebra-louça*», comedia, em 5 actos, Pariz, 1873 — «*Vingança por vingança*», drama em 4 actos, 1877 — «*Luxo e vaidade*», comedia original, em 5 actos, 1860, representada pela primeira vez, no Theatro Gymnasio, em 23 de setembro de 1862 — «*Remissão dos peccados*», comedia, em 5 actos, 1870 — «*Amor e patria*», drama original, em 1 acto — «*Lusbella*», drama, em 1 prologo e 4 actos, 1868 — «*Theatro do Dr. Joaquim Manoel de Macedo*», 1863 — «*Os dois mineiros na corte*», comedia, em 1 acto — «*Romance de uma Velha*», comedia, em 1 acto — «*Lições de historia do Brasil*», para uso dos alumnos do Collegio Pedro II, 1861 — «*Noções de corographia do Brasil*», 1885 — «*Terceira exposição Brasileira*», em 1873, Relatorio de um secretario do jury — «*Anno biographico Brasileiro*», 1876 — «*Ephemerides da historia do Brasil*», 1877 — «*Mulheres celebres*», obra adoptada pelo governo imperial para a leitura nas ecolas publicas do sexo feminino, 1878 — «*Leitura pantagruelica*» (as avestruzes no ovo e no espaço, Vinha de poetas), 1868 — Saiu sob o anonymo e foi attribuida ao Dr. Macedo — «*Discurso*», proferido na assembléa provincial do Rio de Janeiro, na sessão de 13 de outubro de 1859 — «*Duvidas*», sobre alguns pontos da historia patria, 1862 — «*Campesina*», «*A illusão do beija-flor* e o *Ostensor*», onde vêm suas poesias «*Amor do Vate*» e «*Incognita*».

Salvador de Mendonça, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de Joaquim Manoel de Macedo.

O dr. Joaquim Caetano da Silva

Joaquim Caetano da Silva, filho legitimo de Antonio José Caetano da Silva, natural da ilha de Santa Catharina, e de d. Anna Maria Floresbina, natural de Paranaguá, nasceu a 2 de setembro de 1810, na povoação chamada Guarda do Serrito, da freguezia do Espirito-Santo do Jaguarão, sendo a 24 de novembro do mesmo anno baptisado na freguezia de S. Pedro do Rio-Grande.

Aos 16 annos deixou elle a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul para ir completar em França os estudos das disciplinas preparatorias, seguindo logo depois o curso de medicina na faculdade de Montpellier, e sustentando these, que versou sobre idéas da philosophia medical, a 29 de agosto de 1837, data do seu diploma de doutor pela universidade de França.

Até aqui 11 annos de estudos de humanidades e de medicina apenas vos indicam na carreira pouco morosa um estudante applicado e talentoso; agora, porém, entrando em alguns detalhes, nobre orgulho vae levantar nossas cabeças admirando esse grande sabio brasileiro que foi um planeta que se apagou, tendo sido justamente apreciado na patria somente em limitado circulo de homens de lettras e de sciencias.

Notai bem, SILVA parte para França, aos 16 annos, isto é, em 1826, e a 20 de agosto de 1828 recebe o diploma de membro da sociedade de historia natural de Montpellier: os estudantes brasileiros e portuguezes tinham fundado nesta cidade, com o fim de se instruirem mutuamente na lingua portugueza, a sociedade litteraria luso-brasileira de Montpellier, e, na sessão de 21 de junho de 1829, SILVA, secretario della, apresenta uma lista de 490 palavras que MORAES não apontava no seu diccionario, e das quaes aliás se servia, quando explicava os significados de outras dicções; tres annos mais tarde, em 1832, lê ainda elle importantissimo trabalho, que denominou «Supplemento ao Diccionario de Moraes», e nesse escripto offerece a riqueza de mais 400 vocabulos, colhidos de outros auctores, e principalmente nas obras de FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO, de DINIZ e de GARÇÃO, e, não o esqueçais, SILVA tinha então 22 annos, e era assim que o estudante doudejava na mocidade travessa.

Quer ainda mais o nosso orgulho de brasileiro? A 14 de novembro de 1831, SILVA é laureado pela universidade de França com o diploma de bacharel em lettras; a 11 de fevereiro de 1836 apresenta elle ao «Circulo Medico de Montpellier» um trabalho, com o titulo «Fragmento de uma memoria sobre a queda dos corpos», escripto em francez, para uma sociedade de francezes distinctos, que reconheceram em seu auctor conhecimentos superiores em physica, fizeram publicar o estimado estudo no primeiro boletim social do mez de abril, e, a 31 de julho do mesmo anno, entregaram o diploma de membro titular do «Circulo Medico» ao nosso compatriota, que no anno seguinte recebeu tambem o de membro correspondente da «Sociedade Real de Medicina de Gand».

Respiremos um pouco. A lembrança desse mancebo que, ainda estudante, já se annunciava sabio, e que, ainda discipulo, já se ostentava esclarecido mestre, deve fechar este quadro da vida do nosso benemerito e venerando consocio.

Vamos respirar; requeremos, porém, excusa de esquecimento que seria criminoso, ou nodoado pela ingratidão; uma reminiscencia que ficou a outros, e a que o nosso amigo e sabio SILVA sempre pareceu absolutamente extranho: é que sua illustrada intelligencia era fonte de licções gratuitas, e sua bolsa muitas vezes recurso fraternal; intelligencia e bolsa tomada em tributo por outro amor, tambem santo, o amor dos irmãos, o irmão dos compatriotas longe da patria.

Com o titulo de doutor em medicina, e com enorme capital de conhecimentos, JOAQUIM CAETANO DA SILVA disse adeus á França, e, chegado á cidade do Rio de Janeiro, recebeu a 21 de fevereiro de 1838 o decreto de sua nomeação de professor do imperial collegio de PEDRO II, onde ensinou, com admiravel proficiencia, grammatica portugueza, rhetorica e grego, limitando-se depois, com a completa organização do collegio, á cadeira dessa ultima materia. A 25 de abril de 1839, foi tambem nomeado professor de rhetorica, poetica e grego do lyceu provincial do Rio de Janeiro, aliás ephemero. A 26 de junho desse anno succedeu ao bispo de Anemuria na reitoria daquelle imperial collegio, por escolha do governo do regente, em nome do imperador.

O collegio de que era reitor e professor tornou-se para o nosso venerando consocio em eremiterio de que elle, fóra das horas de aula, era o anachoreta da sciencia, que só quebrava o silencio e deixava o livro, quando o amor da familia vinha impor-lhe algum descanço, ou a amizade lhe trazia, em conversações sempre correntes sobre lettras e artes, á distracção que mais lhe aprazia. PORTO-ALEGRE, um dos seus bons amigos, disse-nos uma noite em que sahimos juntos da morada do dr. SILVA: «Eis ahi um homem que estuda 25 horas por dia!!» Esse viver tão retirado do nosso consocio foi causa de lamentavel facto: poucos conheceram de perto o dr. SILVA, e ainda menor foi o numero daquelles que podem dar testemunho da extensão immensa de seus conhecimentos. Ainda bem que ficaram delle, para honra de sua memoria, trabalhos de superior merecimento e uma obra monumental.

De novo na Europa, é certamente de menor importancia o que porventura deve ou não deve a patria ao dr. SILVA,

como diplomata, ou alto agente commercial: que se conceba e se admitta a hypothese da mais completa esterilidade na missão e no consulado, e o Brasil ainda abençôa o diplomata e o consul estereis, dado que o fossem, lembrando a obra colossal que tem por titulo «O Oyapok e o Amazonas», escripta em francez, que admira aos puristas francezes, e, o que é mais, obra que vale tanto como o maior exercito a extender-se do cabo Orange em defesa do Oyapok, que é brasileiro; obra grandiosa e brilhante como o sol, que elucidou a questão até á evidencia, e que, em resposta do governo da França, onde ella produziu sensação notavel, teve o silencio confesso reconhecedor do direito do Brasil.

Tornado á patria, o nosso benemerito consocio enceta no «Instituto», em 1863, a leitura de trabalho longo de assombrosa erudição, a que elle deu o titulo de «Questões Americanas», e que tinha por fim apurar varios pontos que HUMBOLDT deixára indecisos no seu exame critico da historia e da geographia do novo continente: por infelicidade só dous artigos foram lidos, o primeiro «Antilia», o segundo «Brasil»: revelavam ambos estudo extraordinario, descommunal; no ultimo, porém, no da origem do nome «Brasil», que ficou ao imperio diamantino, maravilham a paciencia, criterio e abysmo de averiguações, e, por condigno remate, a estupenda sciencia que elevou o nosso consocio a orientalista applaudido pelos mais celebres orientalistas da França.

O dr. SILVA parou ahi: doente, quasi cégo, abatido de forças physicas e de animo, foi ainda inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, e depois, até sua morte, director do «Archivo Nacional»; já não era, porém, o mesmo planeta radiante de luz; era somente a agonia moral dolorosa, prolongada sem desespero, mas com profundo cançaço, e com menos preço mal dissimulado da vida material.

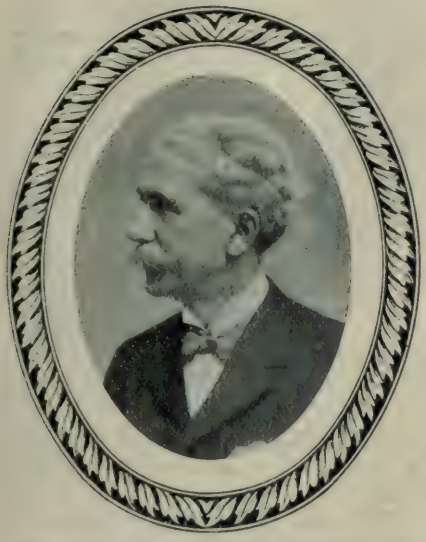
Abatido, depauperado de forças, annunciou, todavia, ao seu medico assistente que morreria de uma congestão cerebral, e, a 27 de fevereiro d'este anno, quando o julgavam em grande melhora de padecimentos, a prophecia realizou-se, a congestão cerebral pronunciou-se; e no outro dia o dr. SILVA deu a alma a DEUS.

O dr. SILVA foi um homem prodigio de estudo, fonte profunda de sciencia, e abysmo de modestia, que exaggerada perdia-se em humildade: expandia-se em admiração e em applauso dos escriptos e das obras dos outros, e concentrava-se timido e receioso do merecimento de seus tra-

balhos magistraes. No viver, no parecer e nos modos, era um typo: alto de estatura, magro, de rosto longo e oval, de elevada e bella fronte, de cabellos alourados e cercando a cabeça com erguido penteado extranho á moda geral, myope, nos ultimos annos quasi cego, e por isso com andar vagaroso e desageitado, e afigurando-se indifferente a quanto o cercava e que não via, de gravissimo aspecto, affavel no trato, mas raramente risonho, incapaz de conversação banal e nunca tolerando a licenciosa, conhecendo as ruas da cidade do Rio de Janeiro pelo caminho das bibliothecas, o dr. SILVA foi mais conhecido do povo como original, do que como sabio, e, porque não foi pedinte e ambicioso politico, poucos em sua vida aquilataram as proporções magnificas de seu patriotismo acrysolado.

Mas sobre a sua modesta sepultura erguem-se as suas obras e os seus escriptos de brasileiro sabio, e para o auctor do «O Oyapok e o Amazonas», para o lexicographo e purista da lingua portugueza, para o hellenista consummado, e o orientalista que soube improvisar-se applaudido, para o philosopho e litterato, que abrangia em toda a luz possivel a civilização antiga e moderna, para o medico sem clinica que estava a par de todo o progresso da medicina, e que, nas sciencias physicas, se indicava apenas amador, nada apprendendo, e ás vezes sendo illuminador dos mestres, a posteridade levantará um altar no templo da memoria, e nesse altar o dr. SILVA refulgirá com a gloria que reflectirá sobre a patria feliz de homem tão honesto, de sabio tão profundo, e de cidadão tão dedicado e benemerito. (*)

(*) *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro*, tomo 36, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1873, p. 639 - 648.



Joaquim Nabuco

Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo

* Recife, 19 de agosto de 1849

† Washington, 17 de janeiro de 1910

Bacharel em lettras pelo internato do collegio PEDRO II em 1865, e, em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito do Recife, em 1870, tendo, porém, cursado a de São Paulo, do 1.º ao 3.º anno.

O mais artista de todos os escriptores brasileiros. Não se imagina quanto devemos a esse espirito luminoso, meigo, captivante, educado e gentil, primaz na tribuna parlamentar, na tribuna academica, nos comicios populares, no pamphleto, na chronica, na critica litteraria, na critica de arte, e na historia politica.

A distincção e a elegancia no dizer, a nobreza e a sinceridade no agir, a cortezia e a doçura no tratar, enalteceram-lhe a encantadora figura, que ha de sempre viver, nos fastos da nossa gloria, cingida da radiosa aureola da admiração e da saudade. Basta, para lhe immortalizar o nome, a lembrança da campanha abolicionista, que chefiou até a hora do triumpho, secundado pela grandeza da palavra inflammada e da penna coruscante de JOSÉ DO PATROCINIO, o primeiro dos seus legionarios.

Capaz de hombrear com RIO BRANCO, ou o primeiro ou o segundo, nas habilidades e nos lances da diplomacia, certo mereceu as bençãos da patria, quando se finou, e ainda brilhantemente a servindo na embaixada de Washington.

Foi a imprensa a outra arena que soube illustrar, com a activissima collaboração na «Reforma», no «Globo», no «Paiz», no «Jornal do Commercio», no «Jornal do Brasil», durante a epocha em que o redigiu o conselheiro DANTAS RODOLPHO, na «Revista Brasileira», a da 3.ª phase, dirigida por JOSÉ VERISSIMO, na «Revista do Instituto Historico Brasileiro», e em varias folhas de São Paulo, como do Recife.

São seus trabalhos principaes: «*Camões e os Lusiadas*», o «*Abolicionismo*», «*Campanha Abolicionista no Recife*», «*Propaganda Liberal*», «*O Dever dos Monarchistas*», «*Balmaceda*», «*A Intervenção Extrangeira*», «*D. Pedro II*», «*Nabuco de Araujo — Um estadista do Imperio*», em tres volumes, «*Minha Formação*», «*Escriptos e Discursos Litterarios*», «*Discursos e Conferencias nos Estados Unidos*», — em francez: «*Le Droit au Meurtre*» lettre á ERNEST RENAN; «*Amour et Dieu*», «*Pensées Détachées et Souvenirs*», «*L'Option*», tragedia em verso, relativa aos factos da guerra franco-allemã de 1870, e de publicação posthuma.

Entre esses seus trabalhos principaes cumpre ainda mencionar os que elaborou como representante do Brasil, na questão da Guyana Ingleza, de que foi arbitro o rei da Italia, VICTOR MANUEL II, e todos de subido valor, a saber, a primeira memoria, offerecida a 27 de fevereiro de 1903, «*Le Droit du Brésil*», que fórma um volume, acompanhado de cinco annexos, compostos estes de copias e traducções de documentos; a segunda memoria, a da replica, entregue a 26 de setembro do mesmo anno, em tres volumes, o primeiro «*La Prétension Anglaise*», o segundo «*Notes sur la Partie Historique*», e o ultimo «*Preuve Cartographique*», além de mais tres annexos; a terceira memoria, apresentada a 25 de fevereiro de 1904, e comprehendendo — sem falar na desenvolvida exposição final — egualmente em tres volumes, «*La Construction des Memoires Anglais*», «*Historique de la Zone Contestée selon Le Contre Memoire Anglais*», e «*Documents Commentés*». Ao todo uma obra colossal, abrangendo 17 volumes «in folio» e um atlas, e cuja execução o obrigou a afanosas labutações de quatorze horas, em media, por dia, causando-lhe a exhaustiva tarefa e o laudo que a inutilizou profundo abalo de saúde, conforme ouvimos de um dos seus filhos, razão de mais para nunca se lhe esquecer tão meritorio e precioso serviço á nossa terra e ao nosso povo.

A sua longa e interessante correspondencia, sobretudo a intima, está sendo reunida pela familia, para imprimil-a dentro em breve, como tenciona fazer, quanto a outros manuscriptos, alguns dos quaes contêm reflexões e maximas que podem dar materia para bellissimo volume.

Um dos fundadores da academia brasileira de letras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de MACIEL MONTEIRO.

Pereira da Silva

Essa nova phase da independencia, senhores, foi tambem a que mais fascinou a PEREIRA DA SILVA, que se fez o seu historiador e que por isso recebeu do seu tempo o titulo de historiador nacional. Com effeito, depois da morte de VARNHAGEN, é elle quem arrecada essa grande herança jacente. A obra historica de PEREIRA DA SILVA começa do nosso passado colonial com o «Plutarcho Brasileiro», encerra quadros do seculo 16, como «Jeronymo Corte Real», e do seculo 17, como «Manuel de Moraes»; é insistente na figura de THOMAZ ANTONIO GONZAGA e na inconfidencia; mas toda essa primeira parte é fragmentaria: onde elle constróe o blóco é da independencia até aos nossos dias, pela «Historia da Fundação do Imperio», a do «Segundo Periodo do Reinado de Pedro 1.º do Brasil», a da «Menoridade de Pedro 2.º», e, por ultimo, as recentes «Memorias do Meu Tempo», que vêm de 1840 até quasi a sua morte. É uma obra extensa, como se vê, pois vem seguidamente de 1800 a 1886. Dessa obra pode-se dizer que não ha outra egual: quem não quizer recorrer a ella tem que possuir uma verdadeira bibliotheca,

porque ninguem mais escreveu a narração seguida dos acontecimentos desde antes da independencia até o fim quasi da monarchia.

Para o primeiro reinado, pode-se trocar PEREIRA DA SILVA por ARMITAGE, e, para os annos que precederam a independencia, por VARNHAGEN; mas para o periodo da regencia e depois? Qual será, porém, o logar dessa historia na posteridade?

É um logar provisorio, permitti-me dizel-o, porque nesse trabalho todo ha antes juxtaposição que elaboração e não ha critica, nem criterio certo; mas, nem porque terá de ser substituida, deixa a obra de ter valor relativamente á sua época, á nossa época, em que nenhum outro se abalançou a fazer o que elle fez, e era preciso fazer. De certo com o seu modo de compôr, e além disso de corrigir as provas, numerosos enganos de datas e de factos enchem os seus volumes; elle escrevia historia em viagens, em hoteis, nas escrivaninhas dos bancos, e, naturalmente, com esses habitos nomades, não podia recorrer a bibliothecas e archivos, nem siquer a livros de consulta; feitas, porém, essas e outras concessões á critica, os seus volumes são ainda o melhor aperitivo que existe entre nós para os que têm que estudar a historia. Reconhece-se, lendo-o, que elle ignorava muita coisa; mas reconhece-se tambem a massa ainda maior do que todos ignoravam, e que elle sabia...

Couto de Magalhães

Era uma intelligencia dotada de fortes e delicadas antennas, recolhia innumeros factos, penetrava-se de sciencia e de erudição á vontade, quanto queria, sem que isso lhe custasse. Dependeu de muito pouco o não ter elle sido um «leader»: pelo temperamento e pelo caracter era um iniciador, um progressivo, um inimigo do atrazo, um emancipador, um liberal, e teria sido com esses predicados um segundo TAVARES BASTOS, com a imaginação a mais, si o tivesse querido. Outras coisas, porém, encantaram-no mais do que a politica, e elle verdadeiramente nunca entrou nella: preferiu ser o que foi, um dos brasileiros mais interessantes do seu tempo, mais originaes, mais notaveis, do ponto de vista universal.

João Mendes, o primeiro

Bem diversa dessa combinação singular era a do dr. JOÃO MENDES DE ALMEIDA. Neste o que predominava era a identificação da figura com o quadro; era a exuberancia

da vida objectiva, sem nada que o attrahisse para fóra do seu elemento, que diminuisse o seu orgulho, a sua felicidade de perfeito exemplar de sua raça. É que elle, desde que começa, vive da vida dos camaradas, dos desconhecidos, com quem se allia para fazer carreira e servir o partido. Attrahe dedicações, inspira sacrificios, pede ao amigo, ao correligionario, ao transeunte, tudo o que elles lhe podem dar — o voto; mas, em compensação, escravizava-se a elles, e o seu sacrificio por elles é absoluto. Elle é quasi sempre um rebelde; faz vida politica á parte, tem a sua esphera de influencia exclusiva, trancada, hostil a qualquer intervenção, e um voto dado a elle pode custar ao eleitor a perda ou renuncia do emprego, o que quer dizer a miseria, mas elle recolhe toda essa pobreza ao seu patronato, são seus clientes; a sua «gens» cresce enormemente á medida que o ostracismo dura, e mesmo para elle nunca a proscripção se interrompe... O povo assiste annos seguidos a essa sua existencia de coisa publica; elle não tem vida propria, não pode fechar a porta, não tem horas de comida, não tem direito ao somno; só ha de descançar, morrendo; e é esse indiviso do chefe com a grey, com os que valem só por elle, durante as duas gerações em que São Paulo, de pequena «œdes» academica, attinge a actual culminancia; é essa communhão perfeita que erige por sua morte no frontespicio da cidade o seu brazão popular.

Elle foi um desses politicos que trabalharam, não por uma epocha ou por um paiz, mas pela eternidade e pelo homem.

O instituto soffre, senhores, uma perda sensivel com o dr. João Mendes, que enriqueceu a sua revista com importantes memorias... Elle só foi a «Guarda Constitucional» de 1871. Seu nome está inscripto no pedestal da lei de 28 de setembro, da qual, dia por dia, foi o analysta. Só quem leu aquelles artigos durante a campanha pode avaliar a utilidade que tiveram: eram como o oleo deitado sobre as ondas em torno do navio, permittindo-lhe romper a salvo a tempestade. (*)

(*) *Elogio dos socios do instituto historico brasileiro, em 1898*, nos «Escriptos e Discursos Litterarios», Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901, p. 225 - 227, 233 - 235 e 237.

Joaquim Serra

Joaquim Maria Serra Sobrinho

* São Luiz, Estado do Maranhão, 20 de julho de 1838

† Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1888

Não era diplomado; educou-se mesmo no Maranhão. Embora se distinguisse na poesia, no romance, no theatro, revelaram-se as suas melhores aptidões litterarias na imprensa, e com manifesta superioridade.

Ficou celebre a secção que, durante alguns annos, manteve no «Paiz», com o titulo «Topicos do Dia», graciosa e scintillante chronica dos successos de então. Passou rapidamente pela politica; pertencendo ao antigo partido liberal, teve assento na assembléa provincial do Maranhão, e na assembléa geral, mas nesta por pouco tempo. Figura o seu nome entre os dos intelligentes e solicitos propugnadores da causa da abolição dos escravos, a que serviu de todo o coração.

Foi professor de portuguez e litteratura, no Lyceu Maranhense, e secretario do governo da Parahyba, tendo estreiado, em 1859, no «Publicador Maranhense». Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1868, e lá occupou o cargo de director do «Diario Official» desde março de 1878 a junho de 1883. Foi deputado á 17.ª legislatura, pelo Maranhão. Escreveu — «*Biographia do actor brasileiro Germano Francisco de Oliveira*», S. Luiz, 1862; poesias — «*Mosaico*», Parahyba, 1865; «*O salto de Leucade*», S. Luiz, 1866; «*Um coração de Mulher*», S. Luiz, 1867; «*Versos*», 1868; «*Quadros*», 1873; «*Almanaque humoristico*», 1877; «*Sessenta annos de jornalismo*» (1820-80), 1883; «*O remorso vivo*», drama, com musica de Arthur Napoleão, 1867; «*Os meiros brancos*», traducção do «vaudeville» de LABICHE; as comedias — «*As cousas da moda*», «*O jogo das libras*», «*A pomba sem fel*» e «*Rei morto, rei posto*», revista. Foi redactor do «Abolicionista», Rio de Janeiro, 1883; da «Reforma»; da «Gazeta de Noticias»; do «Paiz», onde tinha as secções *Argueiros e Cavalleiros, Domingo a Domingo, Topicos do Dia*. Na «Revista anthropológica», tambem do Rio de Janeiro, ha varios trabalhos de JOAQUIM SERRA acerca de ethnographia.

JOSÉ DO PATROCINIO, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de JOAQUIM SERRA.

A estatua de Gonçalves Dias

Snr. presidente, tomei para mim o encargo de ser quem nesta casa venha esmolar a favor dos grandes homens da provincia.

Tem-me sido tão facil quão honrosa esta tarefa: facil porque encontro sempre predispostos para o bem os animos generosos dos dignos maranhenses que illustram esta corporação, honrosa porque ella nobilita aquelle que se constitue o promotor de um acto tão resplendente de justiça.

Bem longe já vão os dias em que os contemporaneos deixaram que succumbissem á mingoa e ao abandono aquelles que mais illustravam a terra onde tinham o berço.

Este seculo reparador das injustiças preteritas, tem saldado as dividas que as nações guardavam em aberto para com os varões assignalados que as distinguiam, e tem ensinado que para certos vultos proeminentes a posteridade começa-lhes ainda em vida.

O funeral de Beranger por entre os soluços da França inteira, o jazigo de Byron nas covas de Westminster, a apotheóse annual que a Allemanha celebra em honra de Schiller, bem mostram que o reconhecimento das nações veiu substituir o ingrato esquecimento, que tanto as afeiava.

O anno passado, deste mesmo logar, pedi um auxilio para Odorico Mendes; uma outra vez ergui-me supplicando egual favor para João Francisco Lisboa: hoje venho impetrar desta casa o quinhão que deve caber em partilha a um outro filho tão dilecto como esses dous, genio o mais caracteristico e original entre as summidades maranhenses.

Aquelle que nos deu os memoraveis cantos que fazem a gloria do Brasil, que nos patenteou os rudes mysterios das sagradas tabas dos nossos aborigenes, que evocou as sombras majestosas dos selvaticos habitantes de nossas mattas, Gonçalves Dias em summa, é aquelle que hoje deve receber de vós o premio que reservastes para os filhos de eleição desta bella provincia que representamos. Fazer o elogio de Gonçalves Dias é um pleonasmo inutil e banal. Elle nos deu tanto que, comparando-se o donativo com o pouco a receber, quasi nada ter-lhe-emos dado.

Quem mais sublime e arrojado se ergueu ás regiões da poesia do que o peregrino cantor que firmou o edificio da litteratura brasileira? Elle possuia todos os encantos e se-

ducções que o talento descommum sabe buscar para seu adorno. Morreu sem deixar herdeiros do seu genio, sem collateraes que lhe disputassem a herança.

Outros poderão vir que cantem com admiravel gentileza, porém nenhum mais ha de cantar assim.

Trata-se de erigir em uma das principaes praças desta capital um monumento, que atteste aos vindouros que os grandes homens da patria não colheram nella o indifferentismo. Esta provincia, que é mãe, deve abrir os seus cofres e inscrever-se como a primeira em lhes prestar o culto do seu amor.

Eis o que peço, no projecto que acabei de ler, (*) para que, quando se fallar da legislatura de 1864 a 1865, se possa dizer, que, si dentro desse biennio, a provincia perdeu os seus mais importantes filhos, elles foram chorados e commemorados de uma maneira digna delles e digna de nós. (**)

(*) «A assembléa provincial decreta:

Art. 1.º — Fica o governo auctorizado a gastar até a quantia de 10:000$000, auxiliando a construcção do monumento que se vae erigir á memoria do cidadão Antonio Gonçalves Dias.

Art. — Ficam revogadas as disposições em contrario.»

(**) *Discurso proferido na assembléa provincial do Maranhão a 5 de julho de 1865.*

José Bonifacio, o segundo

José Bonifacio de Andrada e Silva

* Bordéos, 8 de novembro de 1827

S. Paulo, Estado de S. Paulo, 26 de outubro de 1886

Neto do patriarcha da independencia, José Bonifacio, o primeiro; cursou de 1842 a 1845 as aulas da antiga escola militar, que abandonou, já então alferes alumno, para matricular-se em 1849 na faculdade de direito de S. Paulo, onde recebeu o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, em 1853, e da qual foi nomeado lente em 1858, em virtude de remoção da do Recife, para que entrára, em 1854.

Poeta, orador e jurista, cujo privilegiado talento litterario em nada se mostrou menor do que a alta capacidade politica do parlamentar illustre. Possuia tanta opulencia de imaginação quanta firmeza de raciocinio; na tribuna da camara e do senado, na tribuna judiciaria, na cathedra de professor, enlevando o auditorio com sublimes rasgos de eloquencia, tambem o dominava com a força da dialectica. As idéas liberaes sempre tiveram a sua defesa, perseverante e luminosa; emerito discutidor, nas assembléas legislativas, nas reuniões partidarias, na imprensa, onde quer que se levantasse a sua voz, quasi contava os applausos pelas adhesões. Ainda purissimo de caracter, pertencia ao numero dos prestigiosos vultos do segundo reinado, que chegaram a alcançar verdadeira ascendencia, no mundo official, como fóra delle.

Collaborou em varios jornaes e em varias revistas. Dirigiu, de 1868 a 1869, o diario «Ipiranga», em São Paulo.

O volume de suas poesias, «*Rosas* e *Goivos*», está exgottado, e valia a pena reimprimil-o com o accrescimo de muitas outras, dispersas em folhas do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Das suas orações existe uma collecção, que appareceu, em 1880, com o titulo «*Discursos Parlamentares*».

Medeiros e Albuquerque, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de José Bonifacio, o segundo.

O capitão-tenente Silveira da Motta

Meu caro redactor. — Escrevo-lhe ás pressas, e escrevo-lhe para saudar um dos bonitos nomes da esquadra brasileira.

Esquecido ou lembrado — pouco importa; brilhará da propria gloria, como essa de JERONYMO GONÇALVES, o heroico e zeloso commandante do Silvado, tão prompto no ataque dos encouraçados, como o foi na ilha da Redempção!

«Extravagancia, dirá talvez!... pois lembra-se ainda de Humaytá e do assalto á bayoneta ao reducto Estabelecimento? Quer falar-nos de guerra, quando o socego está por toda a parte, o desanimo começa a invadir-nos a todos, e os horizontes nublam-se?! Entre as novas linhas do Tebiquary, para onde com todo o socego, solennidade e cuidado, transporta o inimigo tudo que tem, emquanto fazemos grandes movimentos estrategicos para tomar praças abandonadas, e a discutida intervenção extrangeira, na imprensa européa, não descobre variadissimas e tristes conjecturas?! As tres bandeirolas, que não se sabe ao certo aonde estavam erguidas, quando a nossa esquadra subiu a Assumpção para cumprimentar o arsenal inimigo, não lhes parecem o conceito de uma charada, que já vae sendo advinhada?!»

— Comprehendo sim, comprehendo tudo isso; mas trata-se de coisa differente. O que aprecío na presente guerra é o heroismo individual, é a coragem do soldado e do marinheiro, é a resignação em frente de todos os martyrios; é a dedicação geral.

Continuidade de vistas, plano de operações, direcção no theatro da guerra, systema de ataque e de defesa é coisa que nunca vi! Pelo contrario tenho lido em caracteres maiusculos despropositos, que só neste paiz constitucional se escrevem.

Estes assaltos homericos para tomar uma peça de campanha, deixando ao inimigo retirar tudo antes — sem tel-o percebido; estas expedições, que ateiam incendios, destroem viveres e laçam carneiros, ficando intactos os arsenaes do inimigo, que aliás retira-se para dentro de novas linhas fortificadas; estas secções de encouraçados que estacionam mezes a bombardear uma fortificação, collocados entre duas fortalezas, e são alimentados por estradas de ferro, como si porventura tal operação devesse ser emprehendida antes de se poder atravessar Humaytá; estes reductos que se tomam e abandonam ao mesmo tempo; este sitio perpetuo e incomprehensivel, que jamais acaba de fechar-se e tem sempre occultas aberturas, como as portas mysteriosas das peças magicas; e mil outras coisas, si não forem explicadas, não dão direito a louvores, mas sim a tremendas responsabilidades!

A guerra está a terminar, não pode durar muito; ou a fortuna sorri ao exercito brasileiro para levar o ataque até

o Tebiquary; ou, si o não fizer, ahi está a intervenção extrangeira, pesando com todos os seus elementos e com o auxilio que prestam os nossos proprios erros.

Entenda-me: a questão para mim é outra: enthusiasma-me essa valente cavallaria rio-grandense, que atira-se (loucura sublime!) de lança em punho a escalar muralhas; applaudo com frenesi esse ANDRADE NEVES, que para mim nunca será titular, destroçando alegremente os corpos inimigos, como MURAT, vestido de seda, chicoteava os quadrados austriacos; queima-me o delirio do amor patrio, no meio das lagrimas que molham-me os olhos, quando contemplo essa phalange de heróes, rica de talento e de mocidade, dizimada pela peste, pelo soffrimento e pela metralha, e que morre cantando a marselheza da civilização, como na França o faziam em outros tempos os convivas da guilhotina!! Eis ahi o que me electriza, e tenho razão. É o que ha de salvar-nos do ridiculo aos olhos da historia.

Estes pobres versos, que lhe remetto, nasceram despretenciosos no sentimento desse amor, e exprimem ainda um grito da consciencia revoltada.

Quando, ao chegar a noticia da passagem de Humaytá, eu via, de envolta com as exhibições officiaes, o enthusiasmo do povo correndo delirante; e quasi esquecido, ao resoar dos applausos, o nome do primeiro official brasileiro, que passou as famigeradas correntes — confesso que me entristecia.

Ah, meu paiz, meu paiz! exclamava contristado! si tu soubesses ser grande; grande como tuas montanhas e teus rios, não precisavas da força que esmaga, bastava-te o desprezo que sepulta, e o esquecimento que mata!

Os poderosos de hontem e de hoje não escarneceriam de tuas enfermidades, não te amariam como o fidalgo ama a lavrada baixella, o usurario a burra cheia de preciosos metaes, e o rico os trastes luxuosos do dourado salão!

Despertasse a tua consciencia, a meio adormecida, para amar tudo que é nobre, elevado, justo e digno; e para punir o vicio, a hypocrisia, a vaidade e o crime... Como serias grande?!

Emquanto os governos sacodem os seus titulos e as suas condecorações, guardasses tu sempre para os que merecessem as madresilvas de teus campos, as estrellas do teu céo de anil, e os sorrisos azues de tuas auroras purissimas!

Não, não precisavas da força que esmaga; era confundir o direito da victima com a brutalidade do carrasco.

Bastava-te um olhar severo, um gesto altivo, um gemido suffocado, ou mesmo o silencio; um silencio eloquente e mysterioso, como a nudez profunda da noite na solidão das florestas virgens.

Eis ahi o que eu dizia, afflicto, afflicto duas vezes, como brasileiro e como homem! Quiz protestar, e posto que nunca tenha escripto versos, fil-os pela primeira vez.

São seus, — si valem alguma coisa, publique-os. As democracias devem amar o talento, a gloria, a dedicação, o heroismo, tudo que é bom, bello e grande. Applaudil-os, onde quer que os encontremos — é o verdadeiro caminho para a futura victoria.

Porque não saudar o capitão-tenente SILVEIRA DA MOTTA? Demos-lhe nós, homens do povo, o nosso titulo! Não tem assignatura imperial; tanto melhor, — ninguem o pode falsificar.

Adeus — até depois.

Rio, 26 de abril de 1868. (*)

(*) *Almanack litterario de São Paulo para o anno de 1881*, publicado por José Maria Lisbôa, São Paulo, Typographia d'«A Provincia», 1880, p. 200 - 205.

José de Alencar

José Martiniano de Alencar

* Mecejana, Estado do Ceará, 1 de maio de 1829

† Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1877

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1850, tendo cursado o 3.º anno em Olinda, para onde se transferiu, por motivo de saude.

O principe da litteratura brasileira, pelo merito, pelas idéas, pelos sentimentos, titulo que só MACHADO DE ASSIS lhe pode disputar. Provaram-se-lhe as variadas e superiores aptidões no romance, na novella, na chronica, na critica, no pamphleto, no drama, na comedia, no folhetim, nos artigos de jornal, nos estudos juridicos, e até na poesia. Não resistiu ás seducções da politica: envolveu-se nas luctas parlamentares, tendo sido deputado e ministro.

Poucos, muito poucos, com elle rivalizaram nos ornatos, nas scintillações, na espontaneidade, na harmonia do estylo; nenhum, porém, o excedeu. Dos mortos, na fórma delicada, graciosa, de ordinario impeccavel, o egualaram — AFFONSO ARINOS, EDUARDO PRADO, EUCLYDES DA CUNHA, FRANCISCO OCTAVIANO, JOÃO FRANCISCO LISBOA, JOAQUIM NABUCO, MACHADO DE ASSIS, a quem ouvimos chamal-o «o primeiro escriptor brasileiro», OLAVO BILAC, na prosa tão esmerado e tão artista quanto no verso, e SALVADOR DE MENDONÇA, a cuja grande capacidade ainda não se rendeu inteira justiça. Dos vivos não ha duvida que, entre outros, se lhe equiparam CARLOS DE LAET, MAGALHÃES DE AZEREDO, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, PEDRO LESSA E RUY BARBOSA, o maior de todos, sem falar em seu filho, MARIO DE ALENCAR, que, honrando-lhe o nome, lhe herdou a gloria.

Escrevia sempre bem, e naturalmente, mesmo quando apressado, ou qualquer que fosse o assumpto de que se occupasse. Primou até na redacção de peças officiaes, segundo, por exemplo, demonstra o seu relatorio do ministerio da justiça de 1869, documento de apurada e adequada linguagem. Não tinha modelos, não imitava; a sua phrase era delle, exclusivamente delle, na contextura e no torneio. Raras emendas se lhe notam nos manuscriptos; compunha com facilidade, ao correr da penna. Apreciava bastante a musica e o desenho, que chegou a saber, posto que nunca o houvesse apprendido, deleitando-se muitas vezes nas copias do natural.

Jornalista de peregrinos dotes, pertenceu ao corpo de redactores do «Correio Mercantil». Dirigiu o «Diario do Rio»; collaborou no «Jornal do Commercio», no «Dezeseis de Julho», como em outras folhas, e em varias revistas da capital do paiz.

São seus trabalhos principaes: o «*Guarany*», os «*Cinco Minutos e A Viuvinha*», «*As Minas de Prata*», «*Luciola*», «*Diva*», «*Iracema*», o «*Gaúcho*», «*A Pata da Gazella*», «*O Tronco de Ipê*», «*A Guerra dos Mascates*», «*Sonhos de Ouro*», «*Alfarrabios*», «*Ubirajara*», «*Til,*» «*Senhora*», «*O Sertanejo*», «*Encarnação*» — romances; «*Noite de S. João*», «*Verso e Reverso*», «*Demonio Familiar*», «*Azas de um Anjo*», «*Expiação*», «*Jesuita*» e «*Credito*» — peças theatraes; «*Ao correr da penna*» — collecção de folhetins; «*Carta sobre a Confederação dos Tamoyos*» — critica; «*Cartas de Erasmo*» — pamphletos; «*Uma These Constitucional*», «*A Propriedade*», «*O Systema Representativo*» — estudos de direito; «*Os Filhos de Tupán*» — poema; e os «*Discursos*», assim como a publicação posthuma «*Como e porque sou Romancista*» — autobiographia.

Machado de Assis, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de José de Alencar.

A esphinge do drama no deserto

Majestoso assoma o astro rei.

O deserto enche-se de luz e vida.

Desdobram-se a perder de vista as vastas planicies que formam o dorso da gigantesca serrania, e a cobrem, como pellos de hirsuta féra, as densas e sombrias florestas virgens. O velho pagé lá está acocorado na crista do rochedo. A seus pés corre aos saltos o caudaloso rio, que, de repente, tolhido no arrojo por uma mole de granito, empina e boleia-se como um indomito corcel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Immovel e estreitamente ligado ao negro rochedo, como uma continuação delle, o selvagem ancião parece algum idolo americano, que o rude labor dos aborigenes houvesse lavrado no pincaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo.

As longas e alvas cãs espargem-se pelas espaduas, como os frocos de espuma que desfiam na lomba do penedo. Do rosto seu lhe ficou a fronte nua e proeminente, onde os raios do sol nascente batem de chapa; o resto das feições somem as rugas profundas que os annos cavaram naquella tez negra e requeimada. Não é mais physionomia humana; as revoluções da vida a desfiguraram inteiramente, como os cataclysmos transformam o risonho valle em um brejo cheio de tremedaes e corcóvas. As phosphorescencias, que á noite luzem dessas profundas charnecas, são os fulgores dos olhos fugidos pelas orbitas.

Esses olhos, tão fortes ainda, que se affrontam com os esplendores do sol, o velho pagé ora os põe no chão, onde

a terra fórma como um alveo abandonado pelo rio; ora os estende pelo horizonte além, como si devassassem a incommensuravel distancia.

Que viram elles nesses pontos extremos?

Alli, naquella areia que outr'ora humedeciam ás aguas do caudaloso rio, scintillam frouxamente, aos raios do sol nascente, myriades de pequenas pedras brancas da feição de pingos de crystal. DEUS semeára o diamante em abundancia ahi, bem longe da ambição humana, que mais tarde devia ir arrancal-o de seu leito ignorado.

O velho, que nesse momento as contempla desdenhosamente de cima do rochedo, sabe acaso que tem a seus pés riquezas maiores que nunca possuiram reis da terra?

Longe, no horizonte sem limites, não ha mais que o espaço infinito; mas os olhos do pagé vêm um vulto de mancebo armado que avança pelo sertão em busca da serrania; o caminho é arduo, o passo tardio. A alma do velho anceia para attrahir mais rapido o esperado guerreiro, porque sente que a vida se escôa lentamente do corpo decrepito. Quem sabe si o pagé não viu nascer o seu ultimo sol?

Eis o que os olhos do velho contemplavam, alli, no sopé do rochedo, e além, nos confins no horizonte. Mas a mysteriosa ligação entre os thesouros e o desconhecido guerreiro só a poderá saber quem penetrar em sua alma.

Sabe-se agora porque o velho pagé, acocorado na crista do rochedo, olhava o leito abandonado do rio, e o horizonte ermo.

Nessa manhan sentiu que seu fim se approximava; e ao sahir da gruta carregou para o pincaro elevado o camucy que havia fabricado com suas proprias mãos, segundo os ritos de TUPAN. Alli estava ao seu lado, esperando-o, a urna funeraria que devia guardar seus ossos, e servir-lhe de leito derradeiro.

Entorpecido pelos vapores acres do tabaco, o pagé devaneiava.

Descobriu longe, longe, aquelle vulto de guerreiro branco que avançava atravez do sertão.

Não era o neto de PARAGUASSÚ, mas procedera do sangue delle.

O guerreiro esforça; o velho anceia; e nessa esperança tantas vezes renascida, quantas finada, vão-se os ultimos e tenues espiritos da vida.

Mas eis que um som grato ao coração de ABARÉ o revoca á existencia.

Resôa perto a inubia dos tupinambás; a alma do velho pagé se dilata no prazer de abarcar com o extremo olhar a multidão de seus filhos. Volve o rosto para a floresta de onde rompe a tribu guerreira, de terrivel aspecto.

Oh! dor! seus filhos, os valentes, os fortes, a quem elle transmittia outr'ora as palavras de TUPAN, renegaram das crenças de seus paes, e são agora conduzidos, como um bando de capivaras, pelo homem negro, abaruna, que serve ao DEUS dos brancos! Só faltava essa amargura á vida já tão attribulada do velho pagé.

Os selvagens pararam a um aceno do sacerdote christão, que se dirigiu só, e com tardo e vacillante passo, para o rochedo.

O padre IGNACIO do Louriçal, da Companhia de Jesus, voltava de sua digressão pelas cabeceiras do São Francisco de onde trouxera aquella tribu para aldeial-a nas proximidades da Bahia. Avistando o pagé, o apostolo de CHRISTO cingiu os rins, caminhou avante, onde elle via uma lucta a sustentar com o inimigo da religião, e uma alma a remir.

ABARÉ, sepultado em sua dor, viu-o que se approximava; e quanto lhe restava de vida refluiu aos labios em um assomo de colera feroz:

— Venceste, abaruna! TUPAN deixou que seus filhos degenerados se esquecessem delle e de seus paes para te seguirem como captivos. Mas o dia da vingança chegará!... TUPAN já arrancou o rio do seu caminho!...

O velho debruçou-se sobre o alcantil, e com um gesto feroz apontou o alveo do rio:

— Vês?... A gente branca correrá para aqui em busca das pedras que tanto cubiça; com a fome dellas os guerreiros se devorarão, como os abutres pela carniça. Minha raça será vingada e esta terra de meus paes beberá até a ultima gotta do sangue inimigo!

— E de dentro do seu camucy a alma de ABARÉ voará aos campos alegres para regosijar-se com TUPAN!

Proferidas essas palavras, o velho arrastou-se até o grande vaso de barro vidrado, que encravára antes numa fenda do rochedo, e nelle entrou, sentando-se como os idolos dos pagodes indios; depois, deixando cahir a tampa, cujos bordos cobrira de uma resina fortissima, sellou pela eternidade seu ultimo jazigo.

O sacerdote christão estremecera deante de tão extranhas palavras. Desceu ao alveo do rio; e sentiu, calcando as riquezas immensas, arderem-lhe as plantas, como si ca-

minhasse sobre brasas accesas. Sua alma angelica entristeceu pensando nas desgraças que estavam alli semeadas para a pobre humanidade; o labio apostolico murmurava as palavras do Ecclesiastes:

— Ubi multae sunt opes, multi et qui comedunt eas.

O padre IGNACIO tornou aos tupynambás, que já tinham armado as redes á sombra de grandes jatobás:

— O Senhor do céo, filhos, ordenou ás aguas, como a todas as coisas, seu logar na terra; si o homem põe obstaculo á sua vontade, o castigo descerá sobre elle.

Este rio foi tirado de seu caminho, deve hoje mesmo a elle voltar!

Ao transmontar do sol a tribu dos tupinambás, alinhada á margem, tinha os olhos fitos na garganta obstruida pelos esforços gigantescos de ABARÉ.

Um grosso tronco fôra pelos selvagens embutido com violencia no lisim da rocha, que servira como de pilastra á construcção do pagé; embebendo a agua, o madeiro excessivamente poroso inchava.

Afinal ouviu-se um ribombo medonho: as entranhas do rochedo se tinham dilacerado; aluido o esteio, desabou com estridor a muralha pelasgica; e o rio, um instante surpreso, atirou-se no primitivo leito, e seguiu a marcha que a natureza lhe tinha marcado.

Sobre a penha culminante, onde pela manhã o selvagem propheta lançava sua imprecação de vingança, a noite achou o sacerdote christão que elevava ao Senhor de misericordia a prece da caridade! (*)

(*) *As Minas de Prata*, vol. 3.º, Rio de Janeiro, H. Garnier, sem declaração de anno, pag. 335 - 338.

José do Patrocinio

José Carlos do Patrocinio

* Campos, Estado do Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1854

† Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1905

Distincto alumno, graduou-se em pharmacia, em 1874, pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, cujo curso não chegou a completar por falta de meios pecuniarios.

Grande jornalista e grande orador; o maior e o primeiro dos legionarios de JOAQUIM NABUCO, na campanha da redempção dos escravos. Não se pode ter hoje idéa dos seus artigos inflammados e coruscantes, nem da sua eloquencia de impetos e de rugidos, de soluços e de arroubos. E' preciso o depoimento de contemporaneos para conhecer a impressão que se sentia, lendo ou ouvindo JOSÉ DO PATROCINIO.

Já recordára ARARIPE JUNIOR: «O negro — como elle mesmo se apodava — tinha deslumbramentos ignivomos; e o seu instrumento oratorio possuia todas as cordas da emoção humana. Não falava, não escrevia: derramava-se em catadupas de sensações, de conceitos, de apostrophes, de epigrammas, de poesia. Esse mestiço de genio fazia exhibirem-se vivos os personagens que elle amava ou que odiava, pondo os caracteres em nudez terrivel, sinão em carne viva. Suas palavras escorriam sangue». (*)

Ainda agora nos conta MARIO DE ALENCAR: «Escrevia como falava, sem emendar os periodos, sem lhes dar o polido da arte. Não formou um estylo, porque foi um prodigo da riqueza que tinha». (**)

E accrescenta COELHO NETTO: «Era um espontaneo; falava sempre de improviso. Chamado á tribuna, apparecia e deslumbrava. Fecundo e original, de poucos acarretos, o que dizia era creação do seu genio. Investia com todos os problemas, affrontava-se com todos os assumptos, e sempre voltava das polemicas com o tropheu da victoria». (***)

A triumphal carreira jornalistica de JOSÉ DO PATROCINIO começou, em 1877, na «Gazeta de Noticias»; redigiu depois duas folhas de que se

---

(*) *Prefacio* «Contrastes e Confrontos», EUCLYDES DA CUNHA, 4.ª edição, Porto, Companhia Portugueza Editora, 1917, pag. 42-43.

(**) *Discurso de recepção*, «Revista da Academia Brasileira de Lettras», Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1911, pag. 207.

(***) *Discurso em resposta* de Mario de Alencar, «Revista da Academia Brasileira de Lettras», Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1911, pag. 221.

tornou proprietario, a «Gazeta da Tarde», de 1881 a 1887, e a «Cidade do Rio de Janeiro», de 1887 até pouco antes de fallecer.

Deixou tres romances, trabalhos de merito litterario: «*Motta Coqueiro*» «*Os Retirantes*» e «*Pedro Hespanhol*», varias poesias que não ficaram reunidas em volume, numerosos discursos e conferencias, de cuja publicação se incumbiram dedicados amigos, e de que logo se exgottaram os exemplares.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de JOAQUIM SERRA.

Ao Christo

Mais um seculo vem encontrar-te, sereno e indestructivel no teu reinado de amor sobre as almas, divino Filho de Maria.

Em vão conspiram contra a organização moral que deste á consciencia do Occidente; a tua fé, com o poder e a maciez da hera, sustenta atravéz das intemperies da vida industrial, contra as lufadas da incredulidade, a tua Egreja, castello inexpugnavel que tu construiste, tendo como unicos materiaes o madeiro negro erguido no calvario e a pedra desse sepulchro que te guardou por momentos no seio da terra.

Tempos ha em que o espirito de negação se encarna em cerebros tão grandes que as consciencias ainda as mais crentes não podem fugir ao sobresalto pela sorte da tua doutrina.

Os nomes dos teus adversarios abrem largo e intenso hallo em derredor do sol de Genesareth, e involuntariamente procuram os olhos da humanidade para ver o deslumbrante phenomeno, que é uma como exteriorização da photosphera que, ha dous mil annos, te envolve.

Correm, porém, os annos e o nome, que pretendeu hombrear comtigo, passa, como um incidente metereologico, e o teu nome, oh! CHRISTO, pompeia mais limpido como o azul do firmamento, depois de lavada a atmosphera pela tempestade. O seculo que passou parecia destinado a desthronizar-te; conjuraram-se contra ti todas as forças da sciencia athéa, e, sob a hypocrita allegação de cohibir os abusos dos teus sacerdotes, declararam guerra ao teu culto e ao ensinamento legado á humanidade pela tua palavra. Todas as nações foram inoculadas do virus da duvida e catholicos, e christãos livres, sentiram que os teus altares estavam sendo solapados.

A concorrencia ao doce monopolio, que fizeste da alma occidental, foi aberta sobretudo nas escolas.

A incredulidade poz de seu lado a juventude para aproveitar o concurso da ancia sexual da puberdade para demolir a tua moral.

Houve nações, como a nossa, que por um pouco mais baniram mesmo da vida intima da familia o teu nome. A tua fé tornou-se o alvo obrigatorio da irrisão, ainda a mais boçal.

Os timidos começaram a ter medo de confessar alto o teu nome, sobretudo nas escolas, onde falar em ti, depois de AUGUSTO COMTE, é considerada uma prova de fraqueza mental.

Deram-te um logar secundario, na tua propria obra, oh! CHRISTO, com uma logica abstrusa que dá ao lapidario maior valor que á pedra preciosa que elle se limitou a facetar.

Não houve insidia que não fosse armada á tua doutrina. O teu sublime preceito — ama o proximo como a ti mesmo — secundado pela tua ordem de orar pelos inimigos, foi considerado menos sublime do que o altruismo pagão do budhismo resuscitado no Occidente para uso das adulteras hystericas e dos philosophos enamorados e doentes.

E abusando da passividade dos povos fizeram-se ensaios de governar pela doutrina nova; e o Chile e o Brasil, colhidos nas malhas dessa urdidura satanica, viram-se dilacerados pela guerra civil, em que degeneraram os governantes que se pavoneiam de ter o amor... o de CLOTILDE DE VAUX... por principio.

Os falsos apostolos foram desmentidos pelos factos, em toda a parte do mundo.

A humanidade sentiu a inanidade de todas as doutrinas deicídas, e a mais salutar das reacções se deu, espontanea e decisivamente, fazendo voltar ao teu aprisco, oh! CHRISTO, milhões de almas transviadas. O socialismo estava prestes a confraternizar com o anarchismo; o dia 1.º de maio já não era o annuncio da estação da flor e do perfume: sentia-se nos espiritos o terror da vizinhança do sangue e do incendio. A palavra de LEÃO XIII, augusta e sobrehumana, conseguiu destruir a alliança sinistra e calamitosa, e hoje os que reivindicam para a humanidade o direito de partilhar fraternalmente o patrimonio commum da civilização, já sabem esperar a hora da emancipação social, porque a maioria volveu o coração para a divina promessa de paz e de fraternidade.

O anarchismo não crê em ti, e eil-o sanguisedento e perseguido por toda a parte, e allucinado na sua faina de matar soberanos para redimir os povos, comparando-se na

sua obsessão ao lenhador que julgasse que, derrubando a arvore mais alta, salvaria uma floresta contaminada de terrivel molestia.

A sciencia foi a primeira a demonstrar que tu só, oh! CHRISTO, és o caminho da verdade, da paz e da justiça; que fóra de ti não ha amor, nem equidade, nem solidariedade humana.

Tudo quanto é construido sem a tua collaboração é edificio sobre areia, palavras ao vento.

Todas as theorias passaram, como esses cometas, que ameaçam destruir os systemas planetarios, mas que, apezar de sua vertiginosa carreira, e do indeterminado de seu caminho, recolhem-se no infinito, sem perturbar a obra fulgurante do Pae que está nos céos.

Só os cegos não vêem que este seculo nasceu mais perto de ti, oh! CHRISTO, e em todo o mundo se arraigou mais a fé na tua palavra.

Sê bemdicto, oh! Filho de MARIA. Mais brilhante que o milagre dos pães e dos peixes é a subdivisão do teu sangue baptisando o mundo civilizado; maior que a tua cura dos leprosos é essa maravilhosa cura da alma universal, infeccionada pelo pantano da incredulidade! O seculo começa, trazendo o impulso desse estudo da alma que se faz hoje nos gabinetes dos sabios e que tem por fim convencer que é possivel demonstrar a sua união com o corpo, para formar a vida, como se demonstra a combinação chimica do oxygenio e do hydrogenio, para formar a agua.

Esse estudo parallelo á tua palavra tem alguma coisa do milagre de LAZARO: é a resurreição da fé pela sciencia. Affirmar experimentalmente que a alma existe, é implicitamente demonstrar que tu não mentias, quando prégaste um mundo para os bons e para os maus, depois da passagem ephemera sobre a terra.

Sê bemdicto, oh! CHRISTO, e acolhe na tua misericordia, engrandece no seculo que nasce, repassado da tua palavra, esta patria que é uma das tuas mais vastas e fecundas seáras. (*)

13 de maio

Com o alvorecer do seculo, talvez para dizer que, atravéz de nossa historia nunca mais será esquecido o 13 de

(*) Da «Cidade do Rio» de 4 de abril de 1900.

maio, refloresceu a arvore bemdicta de amor e fraternidade, á cuja sombra hospitaleira foram recebidos os emancipados pela lei redemptora, com enthusiasmo da nação brasileira.

Dir-se-ia que a alma nacional da republica sentiu necessidade de affirmar a sua solidariedade com a do imperio, e mostrando-se tão brasileira agora, como em 1888, a de tornar sua, a de perfilhar a data gloriosa.

Desde o snr. CAMPOS SALLES e seu governo até o mais modesto cidadão: a noticia da commemoração promovida pela imprensa encontrou o mais sincero acolhimento e todos os corações bateram accordes para testemunhar aos cidadãos de 1888 que elles só tinham irmãos no Brasil inteiro.

Ha uma affirmação que deve ser repetida, sob palavra de honra dos contemporaneos, para que a historia não seja victima de um equivoco: em 1888 a abolição estava feita na consciencia nacional e a opinião intimava o imperio a decretal-a, sob pena de condemnal-o de roldão com a instituição maldicta.

Os sentimentos abolicionistas da princeza regente, a meiga e santa senhora, que referendou a lei bemdicta, eram conhecidos, mas era tambem conhecida a sua piedade filial.

Para não insurgir-se contra a orientação politica de seu pae, a filha, docil e amantissima, submettia-se aos ministerios, por elle organizados para os interregnos regenciaes.

A crise de março de 1888 foi resolvida em prol da abolição, porque esta já estava sendo pleiteada pelo exercito e a marinha, que se negaram ao papel aviltante de capitão do matto.

O ministerio COTEGIPE teria chegado até á revolução abolicionista, si o incidente LEITE LOBO não tivesse collocado a regencia entre este dilemma: ou a demissão do chefe de policia ou a sedição.

O brio de COTEGIPE fez a crise e a evolução sensata, que determinou o 13 de maio, graças á clarividencia de JOÃO ALFREDO e seu ministerio de aguias.

Não é que queiramos diminuir o merito dessa mulher sagrada, que, para conquistar a patria para os escravos, perdeu o direito de habital-a; a verdade historica, porém, deve ser respeitada. O imperio foi sempre a primeira victima da escravidão. Quer o imperador, quer a sua herdeira sobrehumana, envergonharam-se de reinar sobre escravos, mas o pavor do interesse ferido os conteve, por muitos annos, na mais dolorosa submissão.

A propaganda abolicionista foi o vencedor de 13 de maio, e a prova é que o proprio ANDRÉ REBOUÇAS, honra

do coração brasileiro, distanciou-se do imperio e o condemnou comnosco, acceitando o compromisso formulado por ENNES DE SOUZA, CAMPOS DA PAZ e JOSÉ AGOSTINHO; em 14 de julho ou não haverá escravos, ou nós aboliremos na praça publica o imperio e a escravidão.

Em março de 1888, São Paulo que negaciára sempre, havia falado: a capital estava livre, e já não era só ANTONIO BENTO, o successor de LUIZ GAMA, eram tambem ANTONIO PRADO, conservador, e CAMPOS SALLES, republicano, que davam por acabada a escravidão, e a bandeira republicana, que sempre tremulára na mão de GLYCERIO sobre os captivos, desfraldava-se sobre o cadaver de JOAQUIM FIRMINO, o martyr da Penha do Rio do Peixe, pedindo vingança contra o esclavagismo que linchára esse heróe abolicionista. A abolição estava feita na consciencia nacional, Ceará, Amazonas, Rio Grande do Sul, S. Paulo, Goyaz, Pernambuco, Santa Catharina, esta capital, Petropolis, muitas cidades e municipios, a começar pelo intrepido Mossoró, as escolas, o exercito, a armada, a magistratura, a imprensa, quanto podia pensar e agir, ameaçava e podia destruir o imperio, si se oppuzesse á abolição.

A abolição era a idéa dominadora; resistir-lhe era morrer; e o imperio capitulou.

Poderia vencer si acceitasse a lucta?

Cada um pode pensar á vontade, mas o caso é que os factos, que se não realizam, desde logo, denunciam a improcedencia da hypothese, que os torna possiveis.

O 13 de maio foi uma bella e generosa evolução nacional e só nos cumpre saudar os heróes, que nelle collaboraram, e ainda vivem.

Para a memoria dos que já descançam na benemerencia da grande obra humanitaria: as nossas bençãos e o nosso reconhecimento! Si sobre muitos tem pesado a ingratidão da patria, todos serão um dia recebidos na historia com as honras do triumpho.

A politica nos divide, hoje, mas a verdade é que a patria reconhece no seu enthusiasmo pelo 13 de maio quanto deve aos filhos, que a dotaram com a inolvidavel data. (*)

Pedro II e a princeza Isabel

Um dia, como eu houvesse pedido a VICTOR HUGO algumas palavras em prol dos escravos, o immortal escreveu:

(*) Da «Cidade do Rio» de 13 de maio de 1901.

«O Brasil tem um imperador, e este diz mais que um soberano: é um homem.»

Meu espirito reflectiu, e eu concordei com o genio.

O imperador é, de facto, um homem. Vi-o principalmente atravéz da alma de sua augusta filha, a princeza dos captivos, a padroeira da liberdade nacional.

Os reis educam princezas, o imperador creou uma mulher. Em vez de uma imperatriz, educou simplesmente uma mãe, isto é, um coração que reparte e multiplica dia a dia carinho e bondade e repassa o ambiente patrio de um suave perfume de virtude. Eu não lisonjeio o soberano, congratulo-me com o pae. (*)

(*) *Album Imperial*, Supplemento ao n. 8 de 20 de abril de 1906, São Paulo, Typographia Hennies & Irmãos.

José Maria do Amaral

* Rio de Janeiro 14 de março de 1813

† Nictheroy, Estado do Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1885

Tinha os dous cursos, o de medicina e o de direito. Serviu na diplomacia, de 1836 a 1860, mas com alguns intervallos.

Poeta, «um bom, um verdadeiro poeta», (*) além de excellente prosador. Tal como Evaristo da Veiga — de quem foi digno companheiro — sobretudo completo jornalista, e nunca pela mira de lucro ou de qualquer outra conveniencia pessoal. Na imprensa, que tanto e tanto illustrou entre nós, só o movia o purissimo desejo de esclarecer ou instruir os seus concidadãos.

Collaborou na «Astréa», no «Patriota Brasileiro», na «Republica», e na «Opinião Liberal», folhas publicadas no Rio de Janeiro. Redigiu: o «Nacional», no Rio de Janeiro, em 1831, e depois, em Nictheroy, durante os annos de 1872 a 1873; o «Sete de Setembro», no Rio de Janeiro, em 1833; o «Mercantil», no Rio de Janeiro, de 1844 a 1847, folha que, mais tarde, continuou, sob a direcção de outros e com o titulo «Correio Mercantil», até 1868; a «Estrella d'Alva», em Nictheroy, em 1851; e finalmente o «Espectador da America do Sul», no Rio de Janeiro, de 1863 a 1864.

Seus apreciados volumes de versos e os de outros trabalhos que escreveu estão quasi que totalmente desapparecidos. E' inutil dizer que bem merecem novas edições.

Pagina solta

Paraná

Julho 1.º de 1857.

Acordei ás sete horas da manhã.

A noite passei-a bem; levei-a de um somno só, desde hontem ás dez da noite até esta manhã. Nada de sonhos! O espirito tranquillo deixou a materia descançar.

(*) José Verissimo, *Historia da litteratura brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917, p. 242.

Tranquillo o espirito? Não ha tal. Se alguma vez o tive preoccupado ao deitar-me foi hontem.

E no entretanto, eu para quem, em regra geral, dormir é sonhar muito e mui agitadamente, esta noite, por excepção da regra, dormi sem sonhar.

E quem me explica estas contradicções da organização humana? O que fez a alma esta noite? Por onde andou?

Se a morte é, pouco mais ou menos, isto que se passou commigo esta noite, a eternidade... é um sonho.

Ás oito horas levantei-me.

Almocei ás dez. Pouco appetite.

Céo descoberto, azul como o anil. Nem frio nem calor.

Vamos á ordem do dia.

Hontem á noite recebi gazetas do Rio de Janeiro, a saber, o «Jornal do Commercio», o «Correio Mercantil», o «Diario do Rio», até 30 de abril.

Passei uma parte da manhã a ler essas gazetas. Causou-me tristeza essa leitura, porque vejo que indirecta e maliciosamente suscitam uma questão grave e inutil.

Notei que se fazem allusões hostis á corôa porque escolheu para senador do Rio de Janeiro, o terceiro cidadão apresentado na lista triplice.

Pois o imperador não pode preferir o menos votado aos outros dous mais votados?

Si elle deve escolher o mais votado era inutil a lista triplice.

Algum fim deve ter em vista a constituição quando désse ao imperador a attribuição de influir na composição do senado, por meio da escolha dos senadores.

Essa attribuição seria annullada se prevalecesse a doutrina que obriga o soberano a escolher o mais votado da lista triplice.

A attribuição imperial, tal qual lh'a confere a constituição é util ao equilibrio constitucional dos partidos. Ella pode muitas vezes proteger um partido contra a tyrannia de outro. A constituição deu á eleição de senador as condições necessarias para que o principio monarchico não prejudicasse o elemento democratico que deve entrar em certa dóse na composição do systema constitucional representativo. Os dous principios observam-se, corrigem-se reciprocamente na formação daquelle ramo do poder legislativo.

A regra constitucional é que os tres nomes contidos na lista triplice estão aferidos pela nação com relação á significação democratica. Não ha perigo para este principio se elles entrarem no senado. A corôa por sua vez afére a sig-

nificação delles com relação ao principio monarchico, e escolhe dos tres aquelle que lhe parece ter maior affinidade com este principio.

Deve suppôr-se que a corôa não sabe qual foi a votação, porque, em rigor, a lista triplice nem deve mencionar os votos que recebeu, do corpo eleitoral, cada um dos tres candidatos nella contidos. O que a corôa sabe — e basta saber isso — é que os tres nomes apresentados representam legitimamente a confiança dos eleitores. A escolha é legitima recaia ella sobre qual dos tres recair.

Nós todos, brasileiros, seja qual fôr o partido a que pertençamos, devemos sustentar esta doutrina. Importa-nos manter religiosamente a prerogativa que a constituição outorgou ao imperador para escolher livremente um dos tres eleitos que lhe foram apresentados na lista triplice. E porque haveria differença entre o 1.º e o 3.º da lista triplice? Porque o ultimo tem menos votos que o 1.º? Então um deputado que entra na camara com menos votos que os seus collegas de deputação provincial é menos deputado do que elles? Representa menos a sua provincia do que a representam elles?

Si, por exemplo, na deputação de uma provincia que dá tres deputados, o segundo da lista é egual ao primeiro apesar de ter uns votos menos do que elle; e o terceiro egual ao segundo que tem uns votos mais do que este, porque razão o terceiro nome da lista triplice para senador, ha de ser menos apto que o primeiro?

A imprensa, pois, faz mal de suscitar questão que offenda a prerogativa da corôa. O imperador escolheu legalmente o candidato.

Mas a escolha foi prudente?

Isso é outra questão.

O escolhido passa por valido e inculca-se como orgão da corôa.

Seria prudente ter evitado este pretexto de declarações hostis á corôa. (*)

(*) De um diario de origem incerta.

José Verissimo

José Verissimo Dias de Mattos

* Obidos, Estado do Pará, 8 de abril de 1857

† Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1916

Não frequentou aulas secundarias, nem cursou academias; não se diplomou. O que sabia — e era muito — aprendeu comsigo proprio.

Critico litterario de superior discernimento e de vigorosa intuição, só teve dous emulos, ARARIPE JUNIOR e SYLVIO ROMERO. Algo pessimista, mas de ordinario, justo, sincero, profundamente sincero, esclarecido, e sempre conceituoso.

Dispensa elogios: as suas apreciações e algumas realmente primorosas, hão de ficar, como trabalhos de altissimo merito. Nellas, nunca apparece a banalidade: tudo é douto e elevado, senão mesmo original.

Ainda vivia JOSÉ VERISSIMO, quando a rutila penna de MAGALHÃES DE AZEREDO traçou estas linhas de inteira verdade: «E', em toda a latitude da expressão, um homem instruido. E' tambem um erudito, no sentido especifico da palavra. Nelle concorrem outras qualidades essenciaes: por exemplo, o gosto, sem o qual é vão todo o desejo de ser juiz em lettras e artes. Este sexto sentido possue-o elle em grau relevante. Não é, apesar de professor, um simples pedagogo especulativo ou pratico, armado de dissertações sentenciosas e formulas dogmaticas, que venha installar o seu tribunal numa região do espirito humano, que lhe não pertence, e cuja lingua elle não entende. Está na sua «provincia propria»: é elle mesmo um homem de lettras, um escriptor que deu provas de si: comprehende a imaginação porque a tem elle mesmo, e a emoção porque elle mesmo é capaz de a sentir». (*)

Professor e jornalista, a que nunca faltaram demonstrações de maximo acatamento, exerceu o magisterio no Pará, tendo sido reitor do Collegio Pedro II, e cathedratico de historia universal, na Escola Normal do Rio de Janeiro. Collaborou assiduamente no «Jornal do Commercio», no «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, no «Estado de São Paulo», e em varias folhas do Pará. Fundou e dirigiu a «Revista Brasileira», a da 3.ª phase.

São seus trabalhos principaes: «*Primeiras Paginas*»; «*Scenas da Vida Amazonica*»; «*Estudos Brasileiros*», 1.ª e 2.ª série; «*A Educação Nacional*»; «*A Pesca na Amazonia*»; «*Estudos de Literatura Brasileira*», em seis volumes; «*Homens e Coisas Estrangeiras*»; «*Que é Literatura?*»;

(*) *Homens e Livros*, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902, pags. 266-268.

«*Historia da Litteratura Brasileira*»; «*Historia Geral e da Civilisação*».

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de JOÃO FRANCISCO LISBOA.

A lingua portugueza no Brasil

Ao contrario do que até então se passava, a educação litteraria da maioria dos escriptores da primeira geração romantica se fizera aqui mesmo. Por desgosto da metropole, entraram a abandonar-lhe a escola, até ahi assidua e submissamente frequentada. Falavam, pois, a lingua que aqui se falava, e naturalmente a escreviam como a falavam, sem mais arremedo do casticismo reinól. A que escreveram, e não é porventura este um dos seus somenos meritos do ponto de vista da nossa evolução geral, merito que avultará quando de todo nos emanciparmos litterariamente de Portugal, não é mais a que aqui antes delles se escrevia. É outro o boleio da phrase, a construcção mais directa, a inversão menos frequente. Usam mais commummente dos tempos compostos dos verbos, á franceza ou á italiana. Refogem ao habito classico portuguez de, nas suas orações de gerundio, começal-as por elle. Collocam os pronomes obliquos segundo lhes pede o falar do paiz e não conforme a prosodia portugueza, que entra então a ser aqui motivo de chufa e troça. Usam de extrema e até abusiva liberdade no collocal-os. Dão maior extensão a certas preposições. Á forma do modo finito seguido de um infinitivo com preposição á maneira portugueza, preferem a do infinito seguido de gerundio. E propositadamente, ou propositalmente, como escrevem segundo aqui sôa, empregam vocabulos de origem americana ou africana, já perfilhados pelo povo. Acceitam as deturpações ou modificações de sentido das fórmas castiças aqui popularmente operadas, e começam a dar fóros de litterarios a todos esses vocabulos ou dizeres, de facto lidimamente brasileiros e para nós vernaculos, por serem de cunho do povo que aqui se constituia em nação distincta e independente. São, entretanto, parcos de extrangeirismos, quer de vocabulario, quer de syntaxe. O fundo da lingua conserva-se nelles mais puro, embora sem affectação de casticismo. Sua linguagem e estylo são por via de regra nativos, infelizmente até sem as qualidades essenciaes á boa composição litteraria. Sempre crescendo e avultando segue esta maneira, que começou com elles, até depois

da segunda geração romantica. Só na segunda phase do que chamamos modernismo, com a introducção dos estudos philologicos segundo o seu novo conceito, e da sua reacção sobre a lingua nacional, consoante os mesmos programmas do ensino official entraram a chamar á nossa, inicia-se aqui um movimento em contrario áquella indifferença pelo apuro desta. Começa-se então a fazer timbre de escrever bem segundo os dictames grammaticaes e os modelos chamados classicos. A mesma critica, que até ahi descurava este relevante aspecto da obra litteraria, principia a prestar-lhe attenção e a notal-o, ainda quando ella propria o desattende. Não sei quem ao cabo tem razão. Foi mais firme já o meu parecer da necessidade de conservarmos o portuguez castiço estreme quanto possivel nas modificações que o seu novo habitaculo americano lhe impõe. Começo a convencer-me da impossibilidade de tal proposito. Não o poderiamos realizar sinão artificialmente como uma reacção erudita, sem apoio nas razões intimas da mentalidade nacional e com sacrificio da nossa espontaneidade e originalidade. Nem teria tal reacção probabilidade de definitivamente vingar numa população que será amanhã de muitos milhões, originariamente de varias e diversas linguas. Não se pode admittir que a gente brasileira se submetta a uma disciplina linguistica de todo opposta aos instinctos profundos das suas necessidades de expressão, determinadas pela variedade de seus falares ancestraes e pelas exigencias immediatas da sua situação social e moral.

Apenas a litteratura não deve esquecer que ella é, sobre o aspecto da expressão, uma força conservadora. Sem offerecer resistencia caprichosa e desarrazoada á natural evolução da lingua que lhe serve de instrumento, cumpre-lhe não se lhe submetter emquanto os seus resultados não tiverem a generalidade de factos indisputaveis. A intromissão inopportuna da litteratura nessa evolução, sobretudo para lhe acceitar indiscretamente todas as novidades inventadas com pretexto della, não pode sinão prejudical-a naquillo que justamente é importante da sua existencia, a sua faculdade de expressão. Si ella, porém, por outro lado, se ativesse rigorosamente ao casticismo portuguez, no genuino sentido deste vocabulo, o brasileiro acabaria por ficar alheio aos seus escriptores e estes aos seus patricios, por motivo da descorrelação entre a lingua falada por uns e a escripta por outros. (*)

(*) *Historia da litteratura brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves & Cia., 1916, p. 192 - 195.

Julio Ribeiro

Julio Cesar Ribeiro

* Sabará, Estado de Minas Geraes, 16 de abril de 1845

† Santos, Estado de São Paulo, 1.º de novembro de 1890

Filho legitimo do norte-americano, GEORGE WASHINGTON VAUGHAU, e da brasileira, D. MARIA FRANCISCA RIBEIRO, nascida em Tamandaré, Estado de Minas Geraes. Iniciou os estudos numa aula publica de instrucção primaria, regida pela propria mãe, tendo mais tarde frequentado um collegio particular, em Minas Geraes, e cursado, até 1865, as aulas da antiga escola militar do Rio de Janeiro, onde, porém, não chegou a se diplomar.

Não se pode dizer que houvesse manifestado precocidade; possuia memoria prompta e fiel, decorando com immensa facilidade, e retendo muita coisa. Das linguas vivas sabia bem o francez e o inglez, que fallava regularmente, como ainda o italiano e o hespanhol; das mortas, o grego, o latim, e desta ultima revelou-se profundo conhecedor. Lia avidamente quantos livros de valor lhe vinham ás mãos, quer se tratasse de lettras, quer de sciencias.

Entendia um pouco de musica; tendo gosto e sentimento esthetico, era grande como apaixonado colleccionador de moedas, de bronzes e de finos objectos de arte. Notavel, na sua vida, pela altivez e independencia de caracter, pela franqueza ás vezes demasiado rude, deu sempre o exemplo de extremo rigor no cumprimento do dever.

Reflectia longamente antes de redigir: preparava-se, passeiava no gabinete de trabalho, onde acontecia permanecer, até alta madrugada, em demorados soliloquios, quando a braços com tarefa de responsabilidade, mas, ao tomar da penna, ia escrevendo sem difficuldade ou esforço, e o pensamento lhe sahia completo e definitivo.

O primeiro dos nossos grammaticos, mais talentoso, mais culto, mais adiantado do que SOTERO DOS REIS, com outra, e superior, educação litteraria. Romancista que não nos é licito esquecer, e prosador que nos merece admiração. Era, além de correctissimo, realmente bello o seu vigoroso estylo.

Propagandista republicano, redactor chefe do «Sorocabano», que se publicou no interior de S. Paulo, de 1870 a 1872, fundou e dirigiu em São Paulo dous periodicos: a «Procellaria», em 1887, e o «Rebate», em 1888. Collaborou em diversas folhas e revistas, nacionaes e extrangeiras.

São seus trabalhos principaes: «*Grammatica Portugueza*», «*Questões Grammaticaes*», «*Traços Geraes de Linguistica*», «*Grammatica da Pueri-*

cia», adaptação de HOLMES; «*Padre Belchior de Pontes*», romance historico, «*A Carne*», romance naturalista; e «*Cartas Sertanejas*», que appareceram no «Diario Mercantil», de S. Paulo.

Deixou por concluir, uma «*Nova Grammatica da Lingua Latina*», de que só restam impressas 122 paginas e que o auctor principiou a escrever na epocha em que estava servindo, após notavel concurso, 1887, como professor da materia, no extincto curso de preparatorios, annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

GARCIA REDONDO, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de JULIO RIBEIRO.

A procellaria

Ao gageiro de prôa a vigiar a derrota do navio nada indica a approximação da borrasca: paz no céo, calma no mar, ares tranquillos, aguas socegadas, bonança em tudo.

De subito, imprevistos como o acaso, rapidos como o pensamento, vindos não se sabe donde, dez, cem, muitos passaros brancos, mosqueados de negro, começam de contornar o maçame, razam a superficie das ondas, pipilam sinistros.

São as procellarias, é a tormenta que chega.

Tomam-se os traquetes, amaina-se a vela grande...

A escuridão domina, esfusiam os ventos, refervem os escarcéos, estala o corisco, desencadeia-se o temporal...

Do navio que corre em arvore secca ergue-se ao céo grita horrisona da maruja desesperada...

Ao renascer a calma, ao voltar a claridade, longe, tão longe, quanto a vista alcança, já não ha procellarias.

Filhas da tormenta, tinham vindo com a tormenta, foram-se com a tormenta...

A procellaria é a mais ousada, é a mais valente das aves marinhas.

Afasta-se da terra por centenas e centenas de leguas: destemida, descuidada, interna-se, interna-se pelas solidões do oceano.

Como seu nome indica, compraz-se na procella.

A furia devastadora dos vagalhões, as lufadas tesas do vendaval não lhe detêm o vôo pujante.

Na lucta tremenda com as forças inconscientes da natureza, a procellaria parece não gastar esforço visivel: com

as azas como que immoveis, ella resiste ao furacão, ella assoberba o cyclone.

Ao estourar do raio, responde com um pipilar de triumpho... (*)

(*) Editorial da «Procellaria», n.º 1. São Paulo, 9 de janeiro de 1897.

Justiniano da Rocha

Justiniano José da Rocha

* Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1812

† Rio de Janeiro, 10 de julho de 1862

Fez, com distincção, os estudos de humanidades, em Pariz, no lyceu HENRIQUE 4.º. Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1833.

Para ALCINDO GUANABARA, «o maior dos jornalistas brasileiros». Não ha duvida que illustrou a nossa imprensa, e teve bella nomeada correspondente ao grande merito. E' conhecido o juizo de JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, manifestado nestas palavras, que ninguem ainda contestou : «O sceptro do jornalismo politico do Brasil passou das mãos de EVARISTO DA VEIGA para as de JUSTINIANO DA ROCHA, que o conservou por longos annos desde 1836. EVARISTO DA VEIGA foi o primeiro mestre, teve por sí a gloria da prioridade, a flamma do patriotismo e do talento, o dom precioso do bom senso, e o grande merecimento da censura sem fel, e da polemica energica mas decente ; JUSTINIANO DA ROCHA excedeu-o em illustração e em maxima habilidade de escriptor estrategista nos combates da imprensa».

Além disso, conhecia o valor da influencia do jornal, nas varias classes sociaes, e, segundo outros já informaram, possuindo «complexa intuição, creou a novidade da publicação da novella em folhetim, nos diarios e nos periodicos».

A sua penna, na defesa ou no ataque do governo, era de facto tremenda : esmagava a opposição e abatia o poder. Tinha elle a fibra de luctador : durante toda a vida não cessou de combater.

Redigindo com immensa facilidade, «quando entregue á sua tarefa, ao traçar um artigo editorial, não o perturbavam a conversação ou mesmo as discussões que ao lado se travavam. Acompanhava-as por vezes, dava-lhes apartes, sem, não obstante, perder o fio do que estava escrevendo ou mesmo interromper o seu trabalho. Um dos seus biographos accrescenta, a este proposito, que elle escrevia rodeiado de passarinhos que faziam um chilro para outros insupportavel e de creanças em verdadeira algazarra». (*)

Professor de historia e geographia, no collegio PEDRO II, de direito administrativo e de direito militar, na antiga escola central, deputado á assembléa nacional, por Minas Geraes, em tres legislaturas, de 1843 a 1844,

---

(*) ALMEIDA NOGUEIRA, «A Academia de São Paulo. Tradições e Reminiscencias», vol. 5.º, São Paulo, sem declaração de editor ou de typographia, 1908, p. 97 - 98.

de 1850 a 1852, de 1853 a 1856, fundou e dirigiu, no Rio de Janeiro, o «Atlante», em 1836, no começo em opposição á regencia do padre Diogo Feijó e depois em favor do programma de Bernardo de Vasconcellos, o «Chronista», desde 1836 até 1839, o «Brasil», de 1840 a 1842, em seguida, o «Novo Brasil», o «Correio do Brasil», o «Constitucional», e por fim o «Regenerador», de 1860 a 1862, tendo collaborado assiduamente no «Jornal do Commercio», em periodicos, revistas e publicações especiaes da capital do paiz.

São seus trabalhos principaes, não incluindo folhetos menos conhecidos e o que não assignou: «*Monarchia e Democracia*»; «*Compendio de Geographia Elementar*»; «*Compendio de Historia Universal*», em quatro volumes; «*Acção, Reacção e Transacção*»; «*Inglaterra e Brasil*»; «*Política Brasileira na Republica Oriental do Uruguay*»; «*Fabulas Imitadas de Esopo e Lafontaine*»; as traducções da «*Rosa Amarella*», das «*Armas e Lettras*», do «*Conde de Monte Christo*», e do «*Piquillo Alliaga*» — de auctores francezes.

Bernardo de Vasconcellos

Bernardo Pereira de Vasconcellos, um dos maiores vultos da historia contemporanea brasileira, nasceu na antiga Villa Rica, hoje cidade de Ouro Preto, em 27 de agosto de 1795. Foram seus paes o dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e d. Maria do Carmo Barradas; seus avós maternos o dr. João de Souza Barradas e d. Jacyntha Maria da Fonseca Tavoreda e Silva; seus avós paternos o coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos e d. Anna Jacyntha da Natividade.

Dotado de viva comprehensão, foi por seus paes destinado desde logo á carreira dos estudos, e mandado para Portugal, aos 12 annos de edade, para, sob direcção de pessoas de alta posição da sua familia portugueza, aproveitar as lições mais apuradas de certo nas aulas da metropole do que o podiam ser nas da colonia.

Corria infelizmente o anno de 1807: os acontecimentos politicos embaraçaram a realização das intenções paternas. O navio que levava o menino brasileiro foi aprisionado e dirigido para Inglaterra: Portugal estava então occupado pelas armas da França, e a França estava nas suas grandes guerras com a patria de Pitt, ou antes com a Europa inteira.

Da Inglaterra teve de regressar para o Brasil, e de aqui concluir os seus estudos preparatorios. Seguindo outra vez para Portugal, em 1813, matriculou-se nas aulas de direito da universidade de Coimbra, frequentando-as com a maior distincção e sahindo emfim em 1818 com o grau de bacharel formado.

Na companhia de seus tios, o conselheiro de estado Fernando Luiz de Souza Barradas Cardoso e Silva e dr. Bernardo de Souza Barradas; conservou-se um anno em Lisboa, para completar os estudos juridicos; só em 1820 regressou á patria.

Consagrou-se á profissão de advogado; mas tão abundantes naquella epocha não eram os homens de estudo que fosse possivel ao joven legista seguir a sua vocação para essa profissão; foi logo despachado juiz de fóra de Guaratinguetá, na provincia de São Paulo. Dahi de volta para Ouro Preto, obteve nomeação de desembargador da relação do Maranhão.

A esse tempo agitava-se o paiz; a revolução da independencia, a convocação da constituinte, seus debates, suas luctas, sua dissolução, tinham-se succedido, sem que ao distincto joven coubesse nesses primeiros ensaios da vida politica do paiz grande papel. Proclamada, porém, a constituição, convocada a primeira assembléa legislativa, Bernardo Pereira de Vasconcellos, eleito entre os representantes da provincia de Minas, veiu sentar-se nesse recinto de que não devia mais arredar-se, sem embargo, de todas as vicissitudes dos tempos, até que fosse occupar a cadeira vitalicia de senador.

Então começou a vida politica desse homem, cuja falta ainda hoje todos lamentam.

Bom senso nesse grau, tão apurado que é quasi genio, amor ao estudo, facilidade de concentrar-se na mais profunda attenção, força de iniciativa para descobrir a solução das complicações, vastidão de conhecimentos, sempre augmentada por indefesso estudo de todas as horas, tornaram esse homem o que os contemporaneos presenciaram, o que a posteridade, consultando os monumentos das nossas leis, os annaes do nosso parlamento, os registros do nosso conselho de estado, ha de, por certo, admirar.

Para isso tudo concorreu: até a sua saude deteriorando-se, pregando-o á cadeira e ao leito por fatal paralysia, como que o obrigava a concentrar a vida nas faculdades intellectuaes, e lhe não deixava por unica distracção ás dores constantes, por unica occupação, sinão o estudo, a leitura reflectida dos melhores livros, a conversa familiar e instructiva. Sempre affavel, Bernardo de Vasconcellos abria todas as noites a sua sala a quem quer que o procurasse; com a mais prazenteira amabilidade, sem que nunca esmagasse os outros com a sua superioridade intellectual, punha a conversação na altura da intelligencia dos que com elle estavam, e sabia

dest'arte aproveitar todos os conhecimentos que cada qual podia ter, em qualquer especialidade.

Com esses dotes entrando na vida publica, alistou-se necessariamente entre esses deputados brasileiros, e liberaes que, em opposição ao governo, procuravam dar ao paiz a verdade do regimen constitucional, e as instituições promettidas pela constituição. No meio das patrioticas aspirações, que então se multiplicavam, poucos eram os homens praticos, poucos os que aos principios e as theorias podiam accrescentar conhecimentos positivos de administração e de governo.

Entre esses poucos, BERNARDO DE VASCONCELLOS era um dos mais notaveis, e nos trabalhos dessas camaras que nos deram a organização superior do thesouro, da caixa da amortização, do supremo tribunal de justiça, das camaras municipaes, que emfim organizaram o paiz tão recentemente e constituido em nação, ampla participação teve elle.

D. PEDRO o chamou logo em 1828 para o ministerio; mas então o regimen parlamentar não era comprehendido no paiz; entendia-se que o deputado liberal devia condemnar-se eternamente á posição de adversario do governo, nunca acceitar o poder. Por deferencia aos seus amigos politicos, BERNARDO DE VASCONCELLOS teve de curvar-se á essa doutrina, e de repellir o convite da corôa. A lucta assim travada, a questão politica assim entendida, não podia ter desfecho sinão em uma revolução; ella appareceu.

Nem se julgue que, si acceitasse o poder a elle chamado, BERNARDO DE VASCONCELLOS, teria salvado o paiz; primeiro, era mais do que certo que a côrte o não receberia nas condições legitimas de ministro parlamentar; em segundo logar, com todo o seu prestigio e todo o seu talento, é mais do que provavel que, ministro nessa epocha, sem dominar a torrente, teria sido abandonado pelos seus amigos, considerado transfuga da causa popular.

Cumpria, pois, deixar que o tempo trouxesse as suas grandes licções, e provasse aos liberaes que a opposição não é sinão o combate para o triumpho de uma idéa, triumpho que se effectua no dia em que é ella chamada ao poder.

Pela revolução de 7 de abril de 1831, os liberaes vencedores acceitaram, emfim, a posição que desde 1828 d. PEDRO lhes havia offerecido. Mas então estavam soltas as paixões revolucionarias, a agitação armada, o motim da soldadesca, as pretenções exaggeradas do enthusiasmo punham o paiz em quotidiano perigo.

BERNARDO DE VASCONCELLOS foi ministro da fazenda do primeiro ministerio liberal. As finanças então achavam-se no

grau maior de descredito e de ruina, aggravado ainda pelo effeito natural da revolução, pela intimidação permanente do motim. Mal comprehendemos hoje os serviços prestados por esse ministerio de 1831, que teve de luctar, no meio da dissolução de todos os elementos do governo, com todos os germens da dissolução social. Reprimir o motim nas ruas, dissolver a soldadesca, manter a ordem publica, restaurar a força moral do governo, até então universalmente considerado como o inimigo da sociedade, conservar unidas as provincias que os sonhos federalistas arrastavam, fazer frente ás despezas do serviço publico, manter illeso o credito nacional, luctar contra a invasão da moeda falsa de cobre, a par da moeda depreciada de um banco mais do que roubado e fallido...

Honra e gloria aos homens de então! honra e gloria ao patriotismo e á devoção dos brasileiros! tudo isso se conseguiu, e a posteridade reservará bello quinhão nos seus agradecimentos a esses que lhe salvaram a patria.

Em 1832 foi dissolvido esse ministerio.

Em 1833 estava BERNARDO DE VASCONCELLOS em Ouro Preto, quando ahi rebentou uma revolução contra a auctoridade do presidente da provincia, que então era o desembargador MANOEL IGNACIO DE MELLO E SOUZA, hoje barão do PONTAL. No meio dos gravissimos indicios que a haviam annunciado, achando-se o presidente ausente da capital, assumiu, na qualidade de 1.º vice-presidente, as rédeas da governança; era uma posição de perigo e de sacrificio; BERNARDO DE VASCONCELLOS não tinha a prudencia egoistica que nessas horas abandona o paiz, e tergiversa com o dever; cumpria suffocar o motim. Infelizmente a dedicação do homem não bastava, eram necessarios recursos e não houve tempo de reunil-os: os insurgentes haviam combinado o seu plano com tanta sagacidade, que a auctoridade, só no ultimo momento prevenida, não poude contel-os. BERNARDO DE VASCONCELLOS foi por elles preso.

Conseguindo, porém, evadir-se aos sediciosos, apresentou-se na cidade de S. João d'El-Rei, ahi organizou o governo e a defesa, chamou ás armas os mineiros, e dentro de poucos dias forças consideraveis marchavam contra os dominadores da capital. A revolta não poude se manter, e o presidente, chamado, instado por BERNARDO DE VASCONCELLOS, para vir tomar conta do seu logar, poude fazel-o livre de todo o perigo, sendo aliás coadjuvado, nas medidas que posteriormente teve de tomar, pela influencia e conselho do do grande estadista.

Em 1834 tinha a camara sido reunida com os poderes necessarios para reformar a constituição, e realizar esta promessa, que fôra como o ponto de transacção entre todas as fracções liberaes, senhoras do paiz depois de 1831. A difficuldade, porém, dessa obra constituia uma das maiores complicações do momento; BERNARDO DE VASCONCELLOS foi della encarregado: infelizmente no seu trabalho fizeram-se emendas, contra as quaes muitas vezes reclamou perante os seus amigos e alliados politicos, emendas que tornaram defeituosa essa refórma, hoje acto addicional, e que exigiram alguns annos depois, a sua interpretação.

Em 1835 membro da primeira assembléa provincial mineira, comprehendeu elle que cumpria mostrar praticamente a bondade dessa instituição, e o muito que com ella podia ganhar a administração das provincias; meditando, pois, sobre a necessidade de melhoramentos apresentou ácerca das estradas e do ensino publico projectos cuja adopção marcou uma verdadeira epocha de progresso, e a que se prende tudo quanto de melhor tem-se posteriormente feito nesse sentido.

As circumstancias politicas, entretanto, se modificavam; o fallecimento de d. PEDRO I, que fazia perder as esperanças, e, portanto, todos os receios de uma restauração, a votação do acto addicional, tinham trazido a distensão dos espiritos, tanto tempo empenhadas nas luctas politicas, e com ella novas necessidades, para a governança; cumpria organizar, todos o sentiam e proclamavam; mas como, em que sentido? e quem poria peito a essa reorganização?

Separado dos seus antigos alliados politicos, BERNARDO DE VASCONCELLOS tomou a frente da opposição que, então, se apresentava ao governo do regente FEIJÓ. As sessões de 1836 e de 1837 o viram constantemente na tribuna, instando com esse governo para que apresentasse os remedios que julgava necessarios aos males, que elle proprio denunciava, e que, todavia, elle proprio aggravava. Por fim, em vez de modificar o seu governo, o regente preferiu renunciar ao alto cargo que occupava, entregando-o ao senador PEDRO DE ARAUJO LIMA, hoje marquez de OLINDA. BERNARDO DE VASCONCELLOS tomou então a pasta da justiça e interinamente a do imperio. Foi o ministerio de 19 de setembro.

Não é aqui logar opportuno para apreciar a acção e influencia desse tão falado ministerio; o que ninguem contestará, é que se lhe deve o triumpho do regimen parlamentar, o reconhecimento da condição da solidariedade no gabinete, do apoio das maiorias, da disciplina das discussões.

Não é menos certo que as idéas monarchicas, tanto tempo obliteradas, começaram a resurgir nos espiritos, e em publicas e officiaes demonstrações.

Foi nesse tempo, e no meio desses cuidados, que BERNARDO DE VASCONCELLOS, que queria dar impulso aos estudos no Brasil, fundou o collegio d. PEDRO II e decretou a existencia de outros estabelecimentos de instrucção, que não chegaram, infelizmente, a realizar-se, talvez por falta de cooperadores.

Dissolvido o ministerio de 19 de setembro, outros lhe succederam, durante os quaes o prestigio do poder regencial foi-se aluindo.

Em 1840, quando já a revolução da maioridade estava senhora do triumpho, BERNARDO DE VASCONCELLOS, que estava retirado dos conselhos e da influencia do governo, foi chamado para junto do regente. O movimento já ia muito adeantado; BERNARDO DE VASCONCELLOS não o poude conter. Algumas horas depois da sua entrada para o gabinete, havia elle triumphado. Ahi corre impresso um manifesto em que o distincto estadista expõe circumstanciadamente o que então occorreu, quaes as vistas e intenções do governo, qual o sentido de seus actos, e porque foram mallogrados.

No seu ministerio, havia preparado o immenso trabalho da refórma do codigo do processo. Interrompida a discussão desse projecto, que como senador havia offerecido em 1839, continuou, depois, em 1841 sob os auspicios do ministro da justiça PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA, hoje visconde de URUGUAY. Esse foi de todos quantos debates tem occupado o nosso parlamento o mais aturado, e o mais completo; para a sua gloria, bastaria a parte que nelle tomou. Adoptado, emfim, pelas camaras é a lei de 3 de dezembro de 1841.

Coube-lhe egualmente a gloria de sustentar, e de fazer passar o projecto, tambem por elle elaborado, da creação do conselho de estado. Não menos se lhe devem os estudos que prepararam o projecto da lei das terras; embora por outrem offerecido á attenção das camaras, ninguem ha que ignore a parte que na sua elaboração, como na sua sustentação, coube ao distincto estadista.

Depois da creação do conselho de estado, nomeado conselheiro ordinario, prestou sempre o mais acurado apoio á administração do paiz, ainda com ministerios que lhe eram infensos; o conselheiro de estado punha de lado a politica, para esclarecer com a sua vasta intelligencia ás questões administrativas, e conseguir o bem do paiz, ainda quando feito por mãos de adversarios seus. Pode-se quasi que sem hyperbole

affirmar que, emquanto foi vivo, BERNARDO DE VASCONCELLOS foi o conselho de estado.

Si não faltaram calumnias á sua vida, não lhe faltaram tambem applausos e galardões.

Ministro duas vezes, deputado em todas as legislaturas até que em 1838 entrasse para o senado, conselheiro de estado desde a fundação, condecorado em 1849 com a grã-cruz do cruzeiro, havia anteriormente recebido de s. m. o rei dos francezes a grã-cruz da legião de honra, por ter sido o plenipotenciario brasileiro no tratado matrimonial da snra. princeza d. FRANCISCA com o snr. principe de JOINVILLE.

Nos ultimos annos da sua existencia, a paralysia, que o atormentava, foi tomando um caracter mais grave, sem todavia conseguir quebrar a serenidade de seu espirito, a actividade do seu amor ao estudo, e do seu zelo pelo paiz. Ouvindo-o, illudido pelo vigor desse espirito, ninguem podia fazer idéa da fraqueza, do soffrimento desse corpo. Só os seus intimos conheciam, vendo o progresso dos estragos da horrivel enfermidade, que essa immensa luz do genio estava para apagar-se com a ruina desse corpo.

Entretanto, não foi a paralysia. Em 1850 a febre amarella que dizimava o Brasil, e que parecia escolher as suas victimas nas eminencias sociaes, acommetteu-o, e em 1.º de maio, a cidade do Rio de Janeiro, coberta de luto, as camaras que já tinham soffrido tantos golpes dolorosos, ouviram a noticia fatal: BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS já não existe.

Seu corpo jaz no cemiterio de São Francisco de Paula: seu nome na historia, e nas recordações dos brasileiros. Homem politico, ainda não tem herdeiros.

Ás vezes, nós que o conhecemos, e fomos honrados com a sua intimidade, nos perguntamos o que teria sido dos acontecimentos do paiz, si, em vez de morrer aos 55 annos, BERNARDO DE VASCONCELLOS tivesse vivido mais algum tempo, si a sua existencia tivesse sido prolongada até os nossos dias, e... tomamo-nos de reiterados pezares!... (*)

(*) S. A. SISSON, «*Galeria dos Brasileiros Illustres, Retratos dos Homens mais Illustres do Brasil, na Politica, Sciencias e Lettras, copiados do natural, lythographados e acompanhados das suas respectivas biographias*», vol. I, Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1859, p. 99 - 101.

Lafayette Pereira

Lafayette Rodrigues Pereira

* Queluz, Estado de Minas Geraes, 28 de março de 1834

† Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1917

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1857, tendo sido, do 1.º ao 5.º anno, o primeiro estudante da turma, e tendo, já nos bancos academicos, demonstrado extraordinario amor aos livros.

Mentalidade realmente superior: «verdadeira summidade intellectual», na feliz expressão de ALMEIDA NOGUEIRA. (*)

Homem de estado, diplomata, financeiro, publicista e homem de lettras dos mais notaveis do Brasil.

PEDRO LESSA confere-lhe a primazia entre os nossos grandes jurisconsultos. (**) Não se revelou imaginoso, nem ardente, mas perito, invencivel, tremendo, na dialectica, em que era unico, ameaçando, ferindo, fulminando, com a logica admiravel, com os duros golpes do sarcasmo ou da satira, com os recursos de opulenta e variada cultura, mesmo nos dominios extranhos ao da sciencia do direito, onde, desde cedo, em todo o nosso paiz, conquistou o renome de sabio mestre.

Do doutissimo parlamentar já nos deu magnifico perfil a penna inspirada e brilhante de AFFONSO CELSO, o segundo, nas suas instructivas reminiscencias de oito annos de parlamento. (***)

Fundou e dirigiu, no Rio de Janeiro, com FLAVIO FARNESE e BERNARDO GUIMARÃES, a que depois se veiu juntar PEDRO LUIZ, o jornal «Actualidade», a primeira folha que alli se vendeu avulsa na rua; collaborou no «Diario do Rio de Janeiro», no «Diario do Povo», e em outros orgams da imprensa da capital do paiz

São seus trabalhos principaes, substanciosos e de inestimavel valor: «*Direitos de Familia*», 1869; «*Direito das Coisas*», 1877; «*Vindiciæ*», com o pseudonymo de LABIENO, critica da personalidade de SYLVIO ROMERO, 1900; «*Principios de Direito Internacional*», 1903 e «*Projecto de Codigo de Direito Internacional Privado*», 1911.

Em 1909, succedeu, na academia brasileira de lettras, a MACHADO DE ASSIS, fundador da cadeira que tem o nome de JOSÉ DE ALENCAR.

(*) «*A Academia de São Paulo*», «*Tradições e Reminiscencias*», vol. 7.º, São Paulo, sem declaração de editor ou typographia, 1908, p. 219.

(**) «*Discurso em resposta ao de Alfredo Pujol, na Academia Brasileira de Letras*», S. Paulo, Casa Editora «O Livro», 1919, p. 51.

(***) «*Oito Annos de Parlamento*», Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1901, p. 115.

A lingua portugueza e a sua evolução

Com distinctos litteratos considera o snr. Sotero dos Reis a lingua portugueza chegada ao apogeu da perfeição no tempo em que floresceram Ferreira, J. Barros e Camões. É para elles a aurea edade da litteratura portugueza, como o foi da latina, — o seculo de Augusto, da franceza — o de Luiz 14.

Curvamo-nos respeitosos deante de opinião tão auctorizada: nosso espirito, porém, dil-o-emos francamente, recusa acceital-a. Ahi vão os escrupulos que lhe não consentem adherir, de consciencia tranquilla, á palavra do mestre.

A lingua, instrumento da intelligencia humana, acompanha o pensamento como a sombra ao corpo, reflectindo-o fielmente em todas as suas feições e cambiantes e tomando todos os seus modos de ser. A lingua é, emfim, como já disse alguem, a fórma plastica da idéa.

Si a idéa perde a força, a palavra se enerva; si a idéa se illumina, a palavra torna-se clara; si a idéa se levanta, a palavra segue-a no vôo.

A palavra é a um tempo producto e instrumento da actividade intellectual; corre a sorte e as vicissitudes do pensamento.

Ahi está, para brilhante prova, a historia litteraria de todos os povos. No tempo de Pericles, a civilização hellenica toca ao grau supremo de grandeza; a intelligencia grega alça o pensamento á mór altura que lhe foi dado ascender. Esse estado de coisas espelha-se fielmente na extrema perfeição da lingua. No seculo de Augusto e no de Luiz 14 reproduzem-se phenomenos identicos.

Poder-se-á dizer o mesmo de Portugal na segunda metade do seculo 16? Responda-nos a historia. Aquelle seculo é, certo, a edade heroica de Portugal. Viagens longinquas, os descobrimentos da America, as conquistas da Ethiopia, as magnificas feitorias da Asia, attestam a audacia de seus navegantes, a valentia de seus soldados e a intrepidez de seus colonos. É a epocha das virtudes guerreiras, da fé, do enthusiasmo; predomina o espirito aventureiro que demanda pasto nos commettimentos arrojados, nas empresas improbas; o amor do imprevisto e do desconhecido subjuga todas as almas; refervem paixões indomaveis. A sociedade traduz na rudeza de suas formulas e costumes a nova ordem de coisas.

Esta quadra é apropriada para suscitar um Homero, um Dante — um poeta capaz de crear uma lingua e de fundir em seus cantos a civilização de seu tempo.

Tal foi CAMÕES: é assim que o comprehendemos. Poeta da altura de DANTE, creou e fixou a lingua, que achára imperfeita, e concentrou em seu poema a encyclopedia do seculo.

Com CAMÕES o portuguez collocou-se francamente ao lado das linguas cultas e falou em todos os tons; mas força é confessar que não chegára ainda á extrema perfeição. Nos cantos epicos do grande poeta ha muito vigor, muita riqueza de lingua, amplidão e majestade de fórmas, toques de suprema delicadeza, um tom altamente sincero, por vezes uma graça admiravel. Mas no seculo em que elle florescêra, rudimentaria era a civilização portugueza; a cultura do espirito, o derramamento das luzes, a pratica das artes do paiz, não tinham ainda dado á sociedade aquella polidez, fino gosto e apurada elegancia que caracterizam as epochas verdadeiramente cultas.

A linguagem de CAMÕES, por mais que antecipasse o seculo, não podia reflectir a urbanidade, a cortezia e a elegancia que não tinha a sociedade do tempo.

Escriptores que vieram em eras de uma civilização mais adeantada, si bem que inferiores em genio a CAMÕES, aproveitando-se das riquezas por elle accumuladas e do progresso resultante da elaboração commum de todas as intelligencias, conseguiram dar ao idioma o cunho de alta perfeição que lhe faltava.

Nas composições poeticas de GARÇÃO, DINIZ, BOCAGE, F. ELYSIO, CALDAS, a lingua portugueza adquiriu um torneio de phrase, uma pureza de contornos, certa precisão no dizer, certo polimento, certa flor de atticismo e de suprema elegancia que não alcançára na bocca inspirada do cantor dos «Lusiadas».

JOÃO DE BARROS é, em Portugal, o maior prosador do seculo 16. Pois bem: a prosa deduzida de frei LUIZ DE SOUSA é incontestavelmente muito superior á do auctor das «Decadas da Asia». Nas historias de BARROS a lingua tem um não sei que de contrafeito, de duro e arrastado; a distribuição dos membros do periodo é confusa e sem ordem, a despeito de toda a pretensão á eloquencia. Em frei LUIZ DE SOUSA o portuguez converte-se em metal ductil e de fina tempera, desembaraça-se, ganha muita flexibilidade e corre fluente; a economia do periodo é admiravel de regularidade e clareza.

Em nossos dias mesmo, a despeito da invasão do gallicismo, o portuguez tem tocado a um esplendor e perfeição não egualados. As melhores paginas de GARRET e ALEXANDRE HERCULANO, como monumentos de lingua, não têm, talvez,

rivaes em tudo quanto nos deixaram de mais acabado seus illustres predecessores nas lettras portuguezas.

Nos versos de CASTILHO a lingua presta-se a todos os caprichos e exigencias do poeta; diz tudo quanto elle quer; produz todos os effeitos que a sua imaginação phantazia e ostenta-se com primores e elegancias que surprehendem a vista mais habituada a contemplar taes maravilhas.

Em que seculo e na penna de que escriptor se mostrou a lingua portugueza instrumento mais docil, mais poderoso, completo e perfeito para traduzir as concepções do espirito e os movimentos do coração?

Estes factos litterarios são perfeitamente naturaes. Si o poderio e a gloria militar de Portugal, depois de tocar ao apogeu no decurso do seculo 16, começaram de declinar rapidamente para não mais reerguer-se á primeira grandeza, é certo, comtudo, que nos seculos seguintes o pequeno reino occidental acompanhou o movimento do espirito humano na Europa: progrediu a civilização, e com ella a lingua.

A intercallação de periodos de decadencia litteraria não destroe, antes confirma a verdade estabelecida. A decadencia litteraria é sempre o corollario de calamidades que em momentos dados opprimem e abatem os povos.

Fôra absurdo que, ao passo que o espirito humano eleva o seu vôo e alarga os horizontes, engrandecendo, progredindo, permanecesse estacionaria ou definhasse a lingua que é o seu producto e o seu instrumento.

É por isso que nos pareceu sempre que vão caminho errado certos escriptores, que tentam hoje em dia restaurar em toda a pureza, sem a minima alteração, a phrase dos «quinhentistas» como si porventura a linguagem do seculo 16 pudesse traduzir o pensamento do seculo 19. J. F. LISBOA já fez justiça a esta escola; o snr. SOTERO DOS REIS a condemna com o preceito e com o exemplo.

Estudemos os velhos classicos; aproveitemos delles as riquezas que nos offerecem; mas sejamos homens de nosso seculo — falemos a linguagem de nosso tempo. (*)

(*) «Diario do Povo» ns. 164, 165 e 166 — de 1868.

Lucio de Mendonça

Lucio Eugenio Menezes de Vasconcellos Drumond Furtado de Mendonça

* Barra do Pirahy, Estado do Rio de Janeiro, 10 de março de 1854

† Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1909

Orpham de pae, desde muito cedo, passou a infancia em varias villas das antigas provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes. «Nunca teve professor de primeiras lettras. Na edade de cinco annos, ouvia ler um pequeno trecho de um jornal ou de uma carta, retinha-o na memoria, e depois ia casando os sons com os caracteres graphicos. Assim, apprendeu a ler e escrever, sem nunca ter tido mestre». (*) Cursou varios collegios, mas a seu irmão, SALVADOR DE MENDONÇA, ficou devendo a melhor parte de sua instrucção secundaria. Matriculado, em 1871, na faculdade de direito de São Paulo, por se haver envolvido na «revolução academica», tambem de 1871, perdeu dous annos, até que se poude bacharelar, em 1877.

Exerceu alguns cargos publicos antes da queda da monarchia. Posteriormente secretario de CAMPOS SALLES, quando ministro da justiça; nomeado, em 1890, curador das massas fallidas, em 1891, director geral do ministerio da justiça, e fiscal das faculdades livres de direito do Rio de Janeiro, coube-lhe, em 1895, a designação para as altas funcções de ministro do supremo tribunal federal, que desempenhou com innegavel proficiencia.

Prosador e poeta de merecimento, como jurista de notoriedade. Os seus versos lyricos alternam-se com os de inspiração politica, em que, satirico, humorista, atacou o predominio da egreja, e combateu, já pela abolição dos escravos, já pelo advento da republica.

Muitos dos seus bellos contos, escriptos em varias localidades do interior, revestem certo caracter de regionalismo, que lhes dá particular destaque. Os seus romances, o «*Marido da Adultera*», e o «*Estourado*», que não concluiu, são ambos de preoccupação social, visando este ultimo abranger um quadro dos primeiros tempos do nosso actual regimen de governo.

Orava com sobriedade, que não excluia a vehemencia. Manejou a penna, desde a infancia; as suas cartas de adolescente perderam-se, guardando-se, porém, referencias elogiosas á fórma que as distinguia.

(*) PEDRO LESSA, «*Discurso de recepção*», «Revista da Academia Brasileira de Letras», anno II, n. 6, Rio de Janeiro, Typographia do «Jornal do Commercio», 1911, p. 334.

Alguns dos seus versos mais apreciados datam dos 15 annos, e, quando apenas contava o auctor 17, appareceram as «*Nevoas Matutinas*», o seu primeiro volume de poesias. Não lhe faltava bôa memoria, prompta e fiel: nas discussões oraes do supremo tribunal federal, documentava, com segurança, os seus assertos, e, muitas vezes, redigia de cór, para folhas do Rio de Janeiro, os debates que alli se haviam travado.

Familiar com os segredos da sua e da lingua franceza, traduzia, com facilidade, o latim, o italiano, o hespanhol e o inglez; havendo feito, á propria custa, o estudo desta ultima, entretanto, não a fallava.

Tinha a expressão rapida e fluente, exigindo, todavia, silencio quando estava a compor. Doente e quasi cego, no fim da vida, custava-lhe dictar, processo de execução com que nunca se poude conformar. «Era cioso da pureza da lingua, com a qual não permittia a minima liberdade. Este apuro de vernaculidade guardou elle em todas as suas producções. Entretendo polemicas (e que temivel polemista foi!), fazendo versos, escrevendo cartas, ou lavrando accordams, era sempre o mesmo espirito lucido, o mesmo escriptor castiço». (*)

O direito e a litteratura, eis os dous grandes interesses de sua vida intellectual. Não tinha pronunciado gosto pela musica. Das artes a da palavra é que sempre o encantou. Para ella nasceu, com todas as inclinações, e para se lhe tornar o esmerado cultor que chegou a ser.

Jornalista realmente conhecedor do officio, redigiu a «Aurora Fluminense», ainda collegial, em São Gonçalo, Estado de Minas Geraes, 1865; em São Paulo, o «Rebate», 1874, e a «Republica», 1877; na Campanha, Estado de Minas Geraes, o «Colombo», de 1879 a 1885; no Rio de Janeiro, em 1888, o «Escandalo», pamphleto politico, de que appareceram alguns numeros. Collaborou: em São Paulo, na «Provincia de São Paulo», desde 1875; em Minas Geraes, no «Diario de Minas Geraes» e no «Pharol» de Juiz de Fóra, durante o anno de 1898; no Rio de Janeiro, na «Republica», em 1872, na «Gazeta de Noticias» e no «Paiz», desde 1888; em diversas epochas, no «Correio da Manhan», na «Tribuna», no «Jornal do Brasil», na «Semana», no «Correio Mercantil», na «Revista Brasileira», a da terceira phase, fundada por José Verissimo, no «Kosmos», no «Almanaque Garnier», e em outros muitos periodicos da capital e do interior do paiz.

São seus trabalhos principaes, além dos dous romances a que acima nos referimos, um publicado, em 1884, e o outro, incompleto, em 1907: «*Nevoas Matutinas*», 1868; «*Alvoradas*», 1872; «*Vergastas*», 1889; «*Murmurios e Clamores*», 1902 — poesias; «*Esboços e Perfis*», 1889 — contos; «*Horas do Bom Tempo*», 1900 — memorias e phantasias; «*Licções de Politica Positiva*», 1892; «*Estudos de Direito Constitucional*», 1894 — traducções de Lastarria e Boutmy; «*Do Recurso Extraordinario*», 1896, e «*Paginas Juridicas*», 1902 — livros de direito; «*A Caminho*», 1905 — factos da propaganda republicana.

Aos intelligentes e perseverantes esforços de Lucio de Mendonça deve a academia brasileira de lettras, a sua criação. Seu verdadeiro fundador, escolheu, para a cadeira que ia occupar, o nome de Fagundes Varella.

(*) Souza Bandeira, «*Discursos na sessão solemne de 12 de junho de 1912*», «Revista da Academia Brasileira de Lettras», Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912, pgs. 103-105.

Luiz Gama

I

Os republicanos brasileiros, a toda hora aboccanhados pela recordação injuriosa de meia duzia de apostasias, das que negrejam na chronica de todos os partidos, si quizessem com um nome só, que é um alto exemplo de honrada perseverança, tapar a bocca aos detractores, podiam lançar-lhes o bello e puro nome que corôa esta pagina. Quantos outros eguaes offerecem porventura, desde o começo de sua existencia, os nossos velhos partidos monarchicos?

Faz-se em duas palavras o elogio deste homem verdadeiramente grande, grande neste tempo em que só podem ser os amigos da humanidade; nascido e criado escravo até á primeira juventude, tem depois alcançado a liberdade a mais de quinhentos escravos!

Á nobre provincia de São Paulo, que hoje o estima entre os seus melhores cidadãos, e que elle preza com o enthusiasmo que lhe inspiram todas as grandezas democraticas, presumo que ha de ser grato lêr, em um livro que é particularmente seu, a biographia, já hoje gloriosa, deste bom republicano.

Si chegar a cumprir-se, como eu espero e desejo, o seu elevado destino, possam ser estas linhas obscuras fiel subsidio para chronistas de melhores dias!

II

Nasceu Luiz Gonzaga Pinto da Gama, na cidade de São Salvador da Bahia, á rua do Bangla, em 21 de junho de 1830, pelas 7 horas da manhã; e foi baptisado, oito annos depois, na egreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

É filho natural de uma negra, africana livre, da costa de Mina, da nação Nagô, de nome Luiza Mahin, pagã: recusou esta sempre baptizar-se e de modo algum converter-se ao christianismo. Era mulher baixa de estatura, magra, bonita, de um preto distincto e sem lustro; tinha os dentes alvissimos; era imperiosa, de genio violento, insoffrida e vingativa; de

.....olhos negros, altivos,
. . . . . .
No gesto, grave e sombria.

Era quitandeira, muito laboriosa. Mais de uma vez, na Bahia, foi presa, por suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram effeito. Em 1837, depois da revolução do dr. SABINO, naquella provincia, veiu ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, na côrte, sem que a pudesse encontrar; em 1862 soube, por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos, que, apanhada com malungos desordeiros, em uma casa de dar fortuna, em 1838, fôra posta em prisão, e que tanto ella como os companheiros desappareceram. Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais, até hoje, poude LUIZ GAMA alcançar a respeito de sua mãe. Naquelle mesmo anno de 1861, voltando a São Paulo, e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava, consagrou á mãe perdida os saudosos versos que se lêm, como nota de um sentimentalismo dissonante, no risonho livro das «Trovas Burlescas», que deu a lume com o pseudonymo de GETULINO.

Vê-se que é hereditario em LUIZ GAMA o profundo sentimento de insurreição e liberdade. Abençoado sejas, nobre ventre africano, que déste ao mundo um filho predestinado, em quem transfundiste, com o teu sangue selvagem, a energia indomita que havia de libertar centenas de captivos!

O pae de LUIZ GAMA — outra analogia deste com SPARTACUS — era nobre, fidalgo, de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza. Foi rico, e, nesse tempo, extremoso para o filho: criou-o nos braços. Foi revolucionario em 1837. Era apaixonado pela pesca e pela caça; gostava dos bons cavallos; jogava bem ás armas, e melhor as cartas: comprazia-se em folguedos e orgias: esbanjou uma boa herança, havida de uma tia, em 1836. Reduzido á pobreza extrema, em 10 de novembro de 1840, em companhia de LUIZ CANDIDO QUINTELLA, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho, como seu escravo, a bordo do patacho «Saraiva»!

Não sei si o desgraçado ainda vive, nem lhe conheço o nome, que LUIZ GAMA occulta generoso aos amigos mais intimos; mas, ainda que jogador e fidalgo, a recordação da monstruosa infamia deve ter-lhe esbofeteado, em todo o resto de seus dias, a velhice deshonrada.

III

Remettido, dias depois para o Rio de Janeiro, no mesmo navio, que partiu carregado de escravos, foi LUIZ GAMA, com muitos outros, para a casa de um cereeiro portuguez, de nome VIEIRA estabelecido com loja de velas á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto e energico, que recebia escravos da Bahia, á commissão. Tinha, além de um filho peralta que estudava em collegio, umas filhas já crescidas, muito compassivas e meigas; a senhora de VIEIRA era uma perfeita matrona, cheia de piedade. Tinha, então, LUIZ GAMA 10 annos. Todas as mulheres da casa se lhe affeiçoaram immediatamente. Eram 5 horas da tarde quando lhes entrou em casa; mandaram-o lavar; vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de cear, e mandaram-no dormir em boa cama.

Ainda hoje LUIZ GAMA, que é um dos melhores corações que eu conheço, lembra-se commovido daquella bôa gente, que o recebeu com tanto affago.

Mas foi por poucos dias: dalli sahiu logo depois, chorando amargamente e deixando as suas bôas amigas chorosas tambem de o vêrem ir.

Era em 1840; foi vendido, naquella casa, ao negociante e contrabandista alferes ANTONIO PEREIRA CARDOSO, o mesmo que, ha oito ou dez annos, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, da provincia de São Paulo, no acto de o prenderem, por haver matado á fome alguns escravos em carcere privado, já velho de setenta annos, suicidou-se, atravessando o craneo com uma bala de pistola.

O alferes CARDOSO comprou LUIZ GAMA em um lote de cento e tantos escravos, e levou-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para a provincia de São Paulo.

A pé, com 10 annos de edade, fez LUIZ GAMA toda a viagem de Santos até Campinas. Escravo, sahido de uma infancia tragica, descalço, desamparado, faminto, subiu entre um bando de escravos aquella aspera serra do Cubatão, por onde annos depois, não ha muitos annos, lembra-me que passámos juntos os dois, eu estudante que voltava para as aulas, elle advogado que voltava da côrte, abastado, jovial e forte, com um cesto de fructas para a familia, repoltreado no assento macio de um dos ricos vagões da companhia ingleza.

Foi escolhido por muitos compradores, na capital paulista, em Jundiahy, em Campinas, e por todos rejeitado, como se rejeitam as coisas ruins, pela circumstancia de ser bahiano.

O ultimo que o enjeitou foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do snr. conde de Tres Rios. Depois de o haver escolhido, affagou-o, dizendo:

— Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe:

— Onde nasceste?

— Na Bahia.

— Bahiano!... exclamou, admirado, o excellente velho. Nem de graça! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno!...

O snr. conde de Tres Rios, que esteve a ponto de ter Luiz Gama para pagem, tem-no hoje como um de seus amigos mais considerados.

Enjeitado como refugo, com outro escravo bahiano, de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, na cidade de São Paulo, á rua do Commercio n.º 2, sobrado, perto da egreja da Misericordia.

Alli apprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar e engommar, e a costurar.

Em 1847, tinha Luiz Gama 17 annos, quando para a casa de Cardoso veiu morar como hospede, para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues do Prado Junior, hoje doutor em direito, o qual já foi magistrado de muito merito, e reside agora em Mogy Guassú, onde é fazendeiro.

Travaram amizade estreita, de irmãos, e com o estudante entrou Luiz Gama a apprender as primeiras lettras. Em 1848, sabendo lêr, escrever e contar alguma cousa, e havendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugido, da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça.

Termina aqui o periodo do seu captiveiro.

IV

Serviu como soldado, até 1854, seis annos; chegou a cabo de esquadra graduado, e teve baixa do serviço, depois de responder a conselho, por actos de supposta insubordinação, quando limitára-se a ameaçar um official insolente, que o insultára, e que soube conter-se. Esteve preso o cabo de esquadra Luiz Gama, de 1.º de julho a 9 de agosto, trinta e nove dias, que passou em leitura constante.

Durante o seu tempo de praça, nas horas vagas, fez-se copista; escrevia para o cartorio do escrivão major Benedicto Antonio Coelho Netto, que se tornou seu amigo; e dahi, sem duvida, lhe nasceu a inclinação para o fôro.

Serviu tambem como amanuense no gabinete do conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, que por longos annos exerceu na capital de São Paulo altos cargos administrativos, e é ainda hoje cathedratico na faculdade de direito. Luiz Gama foi sempre seu ordenança, e pelo seu vivo talento, pela sua actividade e bom proceder, mereceu-lhe toda a estima e protecção, e delle recebeu proveitosas licções de lettras.

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas auctoridades policiaes, foi nomeado amanuense da secretaria da policia, onde esteve até 1868, epocha em que, por turbulento e sedicioso, foi demittido, a bem do serviço publico, pela reacção conservadora. A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antonio Manoel dos Reis, seu dedicado amigo e ainda mais dedicado catholico, então secretario da policia, e assignada pelo dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que, por este e similhantes actos, foi escolhido desembargador da relação da côrte.

A turbulencia de Luiz Gama consistia em ser liberal exaltado e militante, em promover pelos meios judiciaes a liberdade de pessoas livres reduzidas a criminoso captiveiro, e auxiliar alforrias de escravos, na medida de suas posses, e, ás vezes, além dellas, na medida de sua dedicação á causa santa dos opprimidos.

V

Nesse anno de 1868, conheci Luiz Gama. Vi-o, si bem me lembra, a primeira vez, na typographia do diario liberal «O Ypiranga», de propriedade e redacção de meu irmão Salvador de Mendonça e do dr. José Maria de Andrade. Alli era eu revisor de provas, e empregava os ocios do estudo em apprender a arte typographica; tambem Luiz Gama era apprendiz de compositor, praticante do fôro, e collaborador da folha, onde assignava com o pseudonymo Afro.

No anno seguinte, lembro-me delle entre os redactores do «Radical Paulistano», que eram Ruy Barbosa, Bernardino Pamplona de Menezes, o dr. Eloy Ottoni e outros, e entre os oradores do «Club Radical». Foi applaudidissima uma conferencia sua no salão Joaquim Elias, á rua Nova de São José.

Os radicaes foram, nos nossos ultimos annos politicos, os precursores dos republicanos. Á excepção de meia duzia de estacionarios ou retrogrados, entre os quaes Silveira Martins, Silveira da Motta e Ruy Barbosa, em fins de 1879

e começo de 1871, os radicaes declararam-se abertamente pela republica.

Por esse tempo, ou proximamente, fazia LUIZ GAMA a todo transe a propaganda abolicionista: a sua advocacia era o terror dos senhores de escravos. Sei que teve a cabeça posta a premio por fazendeiros de São Paulo, e tempo houve em que não poderia ir da capital a Campinas sem risco de vida.

Ha 8 ou 10 annos, foi LUIZ GAMA á barra do jury de São Paulo, processado por crime de injurias contra uma auctoridade judiciaria; defendeu-se por si mesmo, brilhantemente; teve de referir grande parte de sua vida passada; a sala do tribunal, apinhada de assistentes, onde estava quasi toda a mocidade da academia de direito, a todo o momento cobria de applausos a voz do réu, a despeito da campainha do presidente; o jury o absolveu por voto unanime, e foi LUIZ GAMA levado em triumpho até a casa.

Como defensor de escravos perante o jury, foi mais de uma vez chamado á ordem pelo presidente do tribunal, por prégar francamente o direito de insurreição: — Todo escravo que mata o senhor, affirmava LUIZ GAMA, seja em que circumstancias fôr, mata em legitima defesa!

Em uma causa celebre no fôro de Santos, em que o advogado contrario era ninguem menos que o seu grande amigo JOSÉ BONIFACIO, ganhou LUIZ GAMA a liberdade de mais de cem escravos.

Recordo-me, como testemunha presencial, de outra solemne occasião em que o nobre vulto de LUIZ GAMA se destacou a toda a luz. Estava reunido em São Paulo, num palacete da rua de Miguel Carlos, em 2 de julho de 1873, o primeiro congresso republicano da provincia, presidido pelo austero cidadão dr. AMERICO BRAZILIENSE.

Era uma assembléa imponente. Verificados os poderes na sessão da vespera, estavam presentes vinte e sete representantes de municipios. Agricultores, advogados, jornalistas, um engenheiro, todos os membros do congresso, moços pela maior parte, compenetrados da alta significação do mandato que cumpriam, tinham, na sobriedade do discurso e na gravidade do aspecto, a circumspecção de um senado romano.

Lidas, discutidas e approvadas as bases offerecidas pela convenção de Ytú, para a constituição do congresso, e depois de outros trabalhos, foi, por alguns representantes, submettido ao congresso, e afinal approvado, um manifesto á provincia relativamente á questão do estado servil. No manifesto, em que se attendia mais ás conveniencias politicas do

partido do que á pureza de seus principios, annunciava-se que, si tal problema fosse entregue á deliberação dos republicanos, estes resolveriam que cada provincia da união brasileira realizaria a reforma de accôrdo com seus interesses peculiares mais ou menos lentamente, conforme a maior ou menor facilidade na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre; e que, em respeito aos direitos adquiridos e para conciliar a propriedade de facto com o principio da liberdade, a reforma se faria tendo por base a indemnização e o resgate.

Posto em discussão o manifesto, tomou a palavra LUIZ GAMA, representante do municipio de São José dos Campos. Protestou contra as idéas do manifesto, contra as concessões que nelle se faziam á oppressão e ao crime; propugnava ousadamente pela abolição completa, immmediata e incondicional do elemento servil.

Crescia na tribuna o vulto do orador; o gesto, a principio frouxo, alargava-se, accentuava-se, energico e inspirado; estava quebrada a calma serenidade da sessão: os representantes quasi todos de pé, mas dominados e mudos, ouviam a palavra fogosa, vingadora e formidavel do tribuno negro. Não era já um homem, era um principio que falava... digo mal: não era um principio, era uma paixão absoluta, era a paixão da egualdade que rugia! Alli estava na tribuna, envergonhando os timidos, verberando os prudentes, alli estava, na rude explosão da natureza primitiva, o neto da Africa, o filho de LUIZA MAHIN!

A sua opinião cahiu vencida e unica; mas não houve tambem alli um coração que se não alvoroçasse de enthusiasmo pelo defensor dos escravos.

Dir-te-ei sempre, meu nobre amigo, que não estás isolado, no partido republicano, na absoluta affirmação da liberdade humana. Tambem como tu, eu proclamo que não ha condições para a reivindicação deste immortal principio, que não ha contra elle nem direitos nem factos que se respeitem. «Percat mundus, fiat justitia!». E é ignorar essencialmente a natureza das leis de instituição, querer que ellas respeitem direitos adquiridos. Não é para VICTOR HUGO, nem para CASTELAR que appellamos: é para SAVIGNY, o historico.

VI

Ahi está, em meia duzia de pallidos traços, o perfil do grande homem que se chama LUIZ GAMA.

Filho de uma provincia que, com razão ou sem ella, não é sympathica aos brasileiros do sul; emancipador tenaz,

violento, inconciliavel, numa provincia inundada de escravos; sem outra familia a não ser a que constituiu por si; sem outros elementos que não fossem o seu forte caracter e o seu grande talento; atirado só a todas as vicissitudes do destino, ignorante, pobre, perseguido, vendido como escravo por seu proprio pae, enjeitado pelos proprios compradores de negros, LUIZ GAMA é hoje, em São Paulo, um advogado de muito credito e um cidadão estimadissimo. É mais do que isso: é um nome de que se ufana a democracia brasileira.

O seu passado é, como se viu, dos mais interessantes; o seu futuro, si se der em vida sua o grande momento politico desta terra, ha de lêr-se — sem a menor duvida o vaticino — nas laudas de nossa historia.

Seja como fôr, e ainda que mais não faça, é já um nome que merece um logar, na gratidão humana, entre SPARTACUS e JOHN BROWN. (*)

(*) *Almanach litterario de São Paulo para o anno de 1881*, publicado por José Maria Lisboa, São Paulo, Typographia d' «A Provincia», 1880, p. 50-62.

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis

* Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839

† Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1899

Não se diplomou: apenas teve professor de instrucção primaria. Tudo o mais apprendeu sem mestre. Começou a vida como typographo, e como revisor de provas. Em 1877, entrou para o «Diario Official», como auxiliar da redacção, e, em 1873, como amanuense, para a secretaria do antigo ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, hoje da viação, em que subiu até aos cargos de director e de director geral, prestando sempre optimos serviços. Tornou-se empregado exemplar pela assiduidade e pelo conhecimento das tradições administrativas. Era dos mais capazes, dos mais laboriosos, e dos mais distinctos do quadro da repartição, que devéras illustrou.

O unico que pode disputar a José de Alencar o titulo de principe dos escriptores brasileiros. Seus trabalhos constituem eternos florões das nossas lettras. Valem muitissimo, e valerão sempre, pela excellencia da linguagem, pela agudeza da observação, pelo encanto do atticismo, e pela arte suprema. São modelos de graça e delicadeza nas idéas, ao mesmo tempo que de summa perfeição e immensa originalidade na fórma. Delle, com justiça, nos orgulhamos: honraria, com o seu genio, qualquer dos paizes do mundo. De todos os seus livros, não ha um que deixe de agradar, de aproveitar e de instruir.

Activissimo na imprensa, redigiu o «Diario do Rio de Janeiro», de 1862 a 1866; collaborou, em 1858, na «Marmota», de Paulo Britto, e, em 1862, no «Futuro», de Faustino Xavier de Novaes; em outras datas, no «Correio Mercantil», no «Novo Mundo», na «Revista Brasileira», da 2.ª e da 3.ª phase, na «Bibliotheca Brasileira», no «Globo», na «Semana Illustrada», na «Estação», no «Cruzeiro», na «Gazeta de Noticias» no longo periodo de mais de seis annos, e em innumeras folhas da capital do paiz.

Incançavel e fecundo, deixou: as «*Chrysalidas*», as «*Phalenas*», as «*Americanas*», collecções de versos, mais tarde reunidos no volume «*Poesias Completas*», a que se juntaram as outras novas, as «*Occidentaes*», não falando das muitas esparsas nos jornaes, e que não figuram naquelle volume; «*Resurreição*», «*A Mão e a Luva*», «*Helena*», «*Iayâ Garcia*», «*Memorias Posthumas de Braz Cubas*», «*Quincas Borba*», «*Dom Casmurro*», «*Esaú e Jacob*», «*Memorial de Ayres*», romances; «*Contos Fluminenses*», «*Historias da Meia Noite*», «*Papeis Avulsos*», «*Historias sem Data*», «*Varias Historias*», contos; «*Paginas Recolhidas*», e «*Reliquias de Casa Velha*», miscellanea; «*Desenganos*», phantasia dramatica; «*Theatro de Machado de Assis*», contendo duas pequenas comedias, o «*Caminho da Porta*»

e o «*Protocollo*», «*Quasi Ministro*», «*Deuses de Casaca*», «*Tu, Só Tu, Puro Amor*», egualmente comedias; e «*Critica*», publicação posthuma, que consta de alguns estudos e apreciações litterarias.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras e o seu primeiro presidente. Escolheu, para o nome de sua cadeira, o de José de Alencar.

Joaquim Serra

Quando ha dias fui a enterrar o meu querido Joaquim Serra, vi que naquelle feretro ia tambem uma parte da minha juventude. Logo de manhan relembrei-a toda. Emquanto a vida chamava ao combate diurno todas as suas legiões infinitas, tão alegre e indifferente, como si não acabasse de perder na vespera um dos mais robustos legionarios, recolhi-me ás memorias de outro tempo, fui relêr algumas cartas do meu finado amigo.

Cartas intimas e familiares, mais lettras que politica. As primeiras, embora velhas, eram ainda moças, daquella mocidade que elle sabia communicar ás coisas que tratava. Relel-as era conversar com o morto, cuja alma alli estava derramada no papel, tão viçosa como no primeiro dia. A scintillação do espirito era a mesma; a phrase brotava e corria pela folha abaixo, como a agua de um corrego, rumorosa e fresca.

Os dedos que tinham lavrado aquellas folhas de outro tempo, quando os vi depois cruzados sobre o cadaver, lividos e hirtos, não pude deixar de os contemplar longamente, recordando as paginas publicas que trabalharam, e que elle soltou ao vento, ora com o desperdicio de um engenho fertil, ora com a tenacidade de apostolo. Versos sobre versos, prosa e mais prosa, artigos de toda casta, politicos, litterarios, o epigramma fino, o epitheto certo ou jovial, e, durante os ultimos annos, a lucta pela abolição, tudo cahiu daquelles dedos infatigaveis, prestadios, tão cheios de força como de desinteresse.

A morte trouxe ao espirito de todos o contraste singular entre os meritos de Joaquim Serra e os seus destinos politicos. Si a vida politica é, como a demais vida universal, uma lucta em que a victoria ha de ceder ao mais apparelhado, ahi deve estar a explicação do phenomeno. Podemos concluir, então, que não bastam o talento e a dedicação, si não é que o proprio talento pode faltar, ás vezes, sem damno

algum para a carreira do homem. A posse de outras qualidades pode ser tambem negativa para os effeitos do combate. SERRA possuia a virtude do sacrificio pessoal, e mui cedo a apprendeu e cumpriu, segundo o que elle proprio me mandou dizer um dia da Parahyba do Norte, em 10 de março de 1867: «Já te escrevi algumas linhas ácerca da minha *adiada* viagem em maio. Foi mistér... Não sei mesmo como se exigem sacrificios da ordem daquelles que ultimamente se me têm exigido. Si eu te contasse tudo, talvez não o acreditarias. Emfim, não te verei *em maio*, mas hei de ir ao Rio este anno». Não me referiu, nem então, nem depois, outras particularidades, porque tambem possuia o dom de esquecer, — negativo e improprio da vida politica.

Era modesto até á reclusão absoluta. Suas idéas sahiam todas endossadas por pseudonymos. Eram como moedas de ouro, sem effigie, com o proprio e unico valor do metal. Dahi o phenomeno observado ainda este anno. Quando chegou o dia da victoria abolicionista, todos os seus valentes companheiros de batalha citaram gloriosamente o nome de JOAQUIM SERRA entre os discipulos da primeira hora, entre os mais estrenuos, fortes e devotados; mas a multidão não o repetiu, não o conhecia. Ella, que nunca desapprendeu de acclamar e agradecer os beneficios, não sabia nada do homem que, no momento em que a nação inteira celebrava o grande acto, se recolhia, satisfeito ao seio da familia. Tendo ajudado a solettrar a liberdade, JOAQUIM SERRA ia continuar a lêr o amor aos que lhe ensinavam todos os dias a consolação.

Mas eu vou além. Creio que JOAQUIM SERRA era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar tambem a architrave e a columna, por uma necessidade de esthetica social. Onde outros podiam ver artigos de programma, intuitos partidarios, revolução economica, JOAQUIM SERRA via uma rectificação e um complemento; e, porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correcção da ordem publica, cheio daquella tenacidade silenciosa, si assim se pode dizer, de um escriptor de todos os dias, intrepido e generoso, sem pavor e sem reproche.

Não importa, pois, que os destinos politicos de JOAQUIM SERRA hajam desmentido dos seus meritos pessoaes. A historia destes ultimos annos lhe dará um couto luminoso. Outrosim, recolherá mais de uma amostra daquelle estylo tão delle, feito de simplicidade e sagacidade, correntio, franco, facil, jovial, sem affectação nem reticencias. Não era o *humour* de SWIFT, que não sorri, siquer. Ao contrario, o nosso querido morto ria largamente, ria como VOLTAIRE, com a

mesma graça transparente e fina, e sem o fel de umas phrases nem a vingança cruel de outras, que compõem a ironia do velho philosopho. (*)

Araripe Junior e José Verissimo

Quando me lêres, poucas horas terão passado depois da tua volta do Cassino. Vieste da festa Alencar; é domingo, não tens de ir aos teus negocios, ou aos teus passeios, si és mulher como me pareces. Os teus dedos não são de homem. Mas homem ou mulher, quem quer que sejas tu, si foste ao Cassino, penso que fizeste uma boa obra, si não foste, pensa em ALENCAR, que é ainda uma obra excellente. Verás em breve erguida a estatua. Uma estatua por alguns livros!

Olha, tens um bom meio de examinar si o homem vale o monumento, etc. É domingo, lê alguns dos taes livros. Ou então, si queres uma bôa idéa delle, péga no livro de ARARIPE JUNIOR, estudo imparcial e completo, publicado agora em segunda edição. ARARIPE JUNIOR nasceu para a critica; sabe ver claro e dizer bem. É o auctor de «Gregorio de Mattos», creio que basta. Si já conheces «José de Alencar», não perdes nada em relel-o; ganha-se sempre em reler o que merece, accrescendo que acharás aqui um modo de amar o romancista, vendo-lhe distinctamente todas as feições, as bellas e as menos bellas, o que é perpetuo, e o que é perecivel. Ao cabo, fica sempre uma estatua do chefe dos chefes.

Quem mais? Abre este outro livro recente, «Estudos Brasileiros», de JOSÉ VERISSIMO. Ahi tens um capitulo inteiro sobre ALENCAR, com a particularidade de tratar justamente da cerimonia da primeira pedra do monumento, e, a proposito delle, da figura do nosso grande romancista nacional. É a segunda série de estudos que JOSÉ VERISSIMO publica, e cumpre o que diz no titulo: é brasileiro, puro brasileiro. Da competencia delle nada direi que não saibas: é conhecida e reconhecida. Ha lá certo numero de paginas que mostram que ha nelle tambem muita benevolencia. Não digo quaes sejam; advinha-se o enigma, lendo o livro; si, ainda lendo, não o decifrares, é porque me não conheces. (**)

Francisco Octaviano

Ha alguns annos que se despediu deste mundo um dos seus athenienses: FRANCISCO OCTAVIANO. Aquelle culto e fino

---

(*) «Gazeta de Noticias» de 5 de novembro de 1888.

(**) Da chronica «A Semana», «Gazeta de Noticias» de 2 de dezembro de 1894.

espirito, que o jornal, que a palestra, e alguma vez a tribuna, viram sempre juvenil, recolhera-se nos ultimos dias, flagellado por terrivel enfermidade. Não perdera o riso, nem o gosto; tinha apenas a natural melancolia dos velhos. Amigos iam passar com elle, para ouvil-o somente, ou para recordar tambem. Os rapazes que só tenham vinte annos não conheceram esse homem que foi o mais elegante jornalista do seu tempo, entre os Rochas e Amaraes, quando apenas estreiava este outro que a todos sobreviveu com as mesmas louçanias de outr'ora: BOCAYUVA.

A casa era no Cosme Velho. As horas da noite eram alli passadas, entre os seus livros, falando de coisas do espirito, poesia, philosophia, historia, ou da vida da nossa terra, anecdotas politicas e recordações pessoaes. (*)

Raul Pompeia

Pode ser que nem tu, nem eu, leitor amigo, vejamos a aurora do seculo proximo, nem talvez a do anno que vem. Para acabar o anno, faltam trinta e seis horas, e em tão pouco tempo morre-se com facilidade, ainda sem estar enfermo. Tudo é que os dias estejam contados.

Alguem haverá que não precise tel-os contados; desconta-os a si mesmo, como esse pobre RAUL POMPEIA, que deixou a vida inesperadamente, aos trinta e dois annos de edade. Sobravam-lhe talentos, não lhe faltavam applausos nem justiça aos seus notaveis meritos. Estava na edade em que se pode e se trabalha muito. A politica, é certo, veiu ao seu caminho, para lhe dar aquelle seu abraço que faz do transeunte descuidado ou do adventicio namorado um amante perpetuo. A figura é manca; não diz esta outra parte da verdade, — que RAUL POMPEIA não seguiu a politica por seducção de um partido, mas por força de uma situação. Como a situação ia com o sentimento e o temperamento do homem, achou-se elle partidario exaltado e sincero, com as illusões todas, — das quaes se deve perder a metade para fazer a viagem mais leve — com as illusões e os nervos.

Tal morte fez grande impressão. Daquelles mesmos que não commungavam com as suas idéas politicas, nenhum deixou de lhe fazer justiça á sinceridade. Eu conheci-o ainda no tempo das puras lettras. Não o vi nas luctas abolicio-

(*) Da chronica «A Semana», «Gazeta de Noticias» de 22 de setembro de 1895.

nistas de São Paulo. Do «Atheneu», que é o principal dos seus livros, ouvi alguns capitulos então ineditos, por iniciativa de um amigo commum. RAUL POMPEIA era todo lettras, todo poesia, todo GONCOURTS. Estes dois irmãos famosos tinham qualidades que se ajustavam aos talentos litterarios e psychologicos do nosso joven patricio, que os adorava. Aquelle livro era um echo do collegio, um feixe de reminiscencias, que elle soubera invocar e traduzir na lingua que lhe era familiar, tão vibrante e colorida, lingua em que compoz os melhores escriptos da imprensa diaria, nos quaes o estylo respondia aos pensamentos. (*)

(*) Da chronica «A Semana», «Gazeta de Noticias» de 29 de dezembro de 1895.

Manoel de Almeida

Manoel Antonio de Almeida

* Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1830

† Macahé, Estado do Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1861

Formou-se em medicina pela escola da sua cidade natal, em 1855, mas parece não ter exercido a profissão, ao menos regularmente. Acabou no funccionalismo publico, como administrador da typographia nacional e official do ministerio da fazenda. Desejando visitar a cidade de Campos, embarcou no vapor «Hermes» que, naquella data de 28 de novembro de 1861, naufragou e submergiu. Morreu como GONÇALVES DIAS, no abysmo do mar.

Festejado e popular romancista de costumes, credor de alto apreço pela naturalidade, singeleza e purismo da linguagem devéras original. Tambem critico litterario de apurado gosto, estudioso e illustrado.

Collaborou assiduamente no «Correio Mercantil», de 1854 a 1856.

Excluindo o drama lyrico «*Dois Amores*» e a traducção do «*Rei dos Medicos*» de PAULO FÉVAL, não deixou outro trabalho de merecimento, a não ser as «*Memorias de Um Sargento de Milicias*», livro, porém, de primeira ordem, e que sempre se ha de ler no Brasil, graças á rigorosa verdade das descripções, ao magistral desenho das figuras, e aos variados attractivos da narração.

INGLEZ DE SOUZA, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de MANOEL DE ALMEIDA.

O mestre de reza

Havia, no tempo em que se passam estas scenas, «instituições» muito curiosas no Rio de Janeiro; algumas eram notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas umas havia de que ainda em nossa infancia tivemos occasião de vêr alguns destroços, era a instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquelle tempo como o proprio mestre de escola; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circum-

stancia muito notavel, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cégos. Não eram em grande numero, por isso mesmo viviam, portanto, em grande actividade, e ganhavam soffrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial; vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fóra de um dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava a seus discipulos.

Assim que entravam para a licção reunia em um semi-circulo deante de si todos os discipulos; puxava do bolso a tremenda férula, collocava-a no chão, encostada á cadeira onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagarosamente, no que o acompanhavam em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem os signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repetição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do côro que havia faltado esta ou aquella voz, quando alguem se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia-se então immediatamente o trabalho, e o culpado era obsequiado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que gosa a pancada de cégo. Feito isto, recomeçava o trabalho, voltando-se sempre ao principio, de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que com as diversas interrupções que ordinariamente tinha, gastava bôa meia hora, repetia o mestre sózinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetiam depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era falado nem cantado; já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por deante, até terminar a licção pela ladainha cantada.

Ao sahir, recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

(*) «*Memorias de Um Sargento de Milicias*», Rio de Janeiro, H. Garnier, 1900, p. 154 - 156.

Manuel Victorino

Manuel Victorino Pereira

* São Salvador, Estado da Bahia,
30 de janeiro de 1854

† Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1902

Logo que soube ler, escrever e contar, teve, embora menino, de apprender o officio de carpinteiro e de marceneiro, que era o do seu laborioso progenitor, e em que cedo se revelou de summa pericia. Aos 14 annos de edade, começou os estudos preparatorios, sem todavia, abandonar a officina em que trabalhava como qualquer operario, terminando-os dentro do brevissimo periodo de vinte e quatro mezes; em 1871, poude matricular-se na faculdade de medicina da sua cidade natal, recebendo o grau de doutor, em 1876, após famoso curso academico.

Vale a pena ouvir-lhe a commovente e instructiva narração de sua carreira de professor na faculdade de medicina da Bahia, de que todos, mestres e discipulos, sempre o consideraram o maior luminar: «Desde a edade de doze annos que trabalho para estudar ou para viver. No meu sexto anno, já leccionava, como preparador de chimica legal. Seis mezes depois de formado, era collocado, em primeiro logar, entre diversos candidatos de merito, numa lista de concurso, para a secção accessoria, e nomeado sem hesitação pelo governo imperial. Quando os pretendentes em geral costumavam vir apresentar-se ao imperador e recommendar-se ao ministerio, eu não me movi da minha provincia. Junto á corôa tive sómente as minhas provas e o testemunho de um velho illustre, um sabio infatigavel, VARNHAGEN, o visconde de PORTO SEGURO, que assistiu casualmente ao concurso. Naquelles tempos, o apreço que se ligava ao trabalho e titulos intellectuaes era de tal natureza que o digno, distincto e honrado funccionario, FAUSTO DE AGUIAR, me mandava immediatamente, e sem me conhecer, o decreto de minha nomeação, com todas as formalidades preenchidas. E a situação era conservadora, e eu opposicionista liberal. De 1877 a 1883, quando se executou a reforma do ensino, exerci sempre o magisterio, regendo todas as cadeiras da minha secção, salvo durante dois annos em que estive na Europa, e particularmente em Vienna. Viajei sem vencimentos nenhuns, á minha custa exclusiva. De volta da Europa, offereci-me para occupar gratuitamente a cadeira de anatomia pathologica, recentemente creada mas ainda não preenchida; professei-a durante dois annos, até que, em 1883, concorri á segunda cadeira de clinica cirurgica, onde obtive o maior premio, a mais alta distincção que, em materia de julgamento, jamais conferiu a congregação daquelle instituto de ensino. Eis a minha fé

de officio, que eu divulgo como uma prova de solidariedade com os meus discipulos». (*)

Da posição de lente, conquistada com indizivel brilhantismo, levou-o o extraordinario merecimento — mas só elle — ás de governador da Bahia, de 23 de novembro de 1889 a fins de junho de 1890, de senador estadual, de senador federal, e de vice-presidente da republica, no quatriennio PRUDENTE DE MORAES, de 1894 a 1898.

Sabio e humanitario clinico, litterato, tribuno, parlamentar, educador, jornalista, ainda polyglotta versado em diversas linguas européas, delle resta a lembrança de um dos homens mais esclarecidos, mais cultos e mais notaveis que já houve no Brasil.

Collaborou assiduamente em muitas revistas medicas. Escreveu no «Diario da Bahia», de 1885 a 1886, e no «Jornal de Noticias», tambem da Bahia. No Rio de Janeiro, honrou, com bellissimos artigos, as columnas do «Paiz», da «Republica» e do «Correio da Manhã».

O senador Fernandes da Cunha

Tive ha poucos dias a maior satisfação que me podiam dar os tempos que correm, tristes e amargurados.

Das gerações que se iniciam na vida publica, poucos talvez conheçam um homem que ainda existe e que, si não foi o mais illustre da sua epocha, foi o maior que a ella sobreviveu. Refiro-me ao mais espontaneo, vibrante, fascinador dos oradores que, no imperio, illuminaram a tribuna parlamentar e a tribuna forense. Encontrei-o no escriptorio de um amigo commum, o dr. AMPHILOPHIO; estive duas horas a ouvir religiosamente e a admirar com profunda e intensa emoção o ex-senador FERNANDES DA CUNHA. Deante desse homem, que o luto e a edade abateram, senti se me evocar todo um passado de illusões felizes e de carinhosas saudades. Ha mais de trinta annos que não o via; elle fôra amigo de minha familia, e quando aquelles a quem devo a minha existencia e a minha educação ensinavam-me a estimar e venerar os homens publicos, era elle o que me indicavam como o mais puro, o mais nobre, o mais desinteressado. Quando meu irmão padre, o mais imaginoso e erudito de todos nós, que inflexivelmente se enclausurou até hoje em retrahida e invencivel modestia, subiu, ainda seminarista, á tribuna sagrada, entre os que um dia foram ouvil-o estava o notavel orador: das palavras de bondade e de animação com que elle saudou o estreante, fizeram nossos velhos e extremosos progenitores

---

(*) «Correio da Manhã» de 31 de outubro de 1902.

uma especie de fortuna ou patrimonio da familia; e sempre que ellas eram recordadas e repetidas, havia lagrimas e ternuras de ufania e de veneração nesse legado precioso, com que o prestigio e a eloquencia de um espirito superior, de um nome nacional, haviam sagrado a felicidade e a fortuna de um pobre lar de operarios.

Uma unica vez ouvi-o falar em publico: agradecia ao eleitorado da minha terra a victoria que em mais um pleito justamente festejára o seu talento e o seu merito. Havia uma seducção irresistivel em sua palavra e um poder suggestivo enorme na lealdade e exuberancia com que elle simultaneamente pensava, sentia e falava; nunca a natureza e a arte se identificaram melhor em um orador; a idéa, a expressão e o gesto, que espontanea e brilhantemente se produziam e se ajustavam, eram tão perfeitos e correctos, sahiam tão promptos e tão faceis, que dir-se-ia ter feito o genio neste homem o que só os maiores estudos e esforços fazem nos outros; a eloquencia era no eminente bahiano uma faculdade propria, uma funcção normal de seu espirito; para ser orador bastava que elle quizesse orar. Com estas qualidades dominou durante um periodo longo, que aliás foi o mais fecundo das tradições da minha terra, a eloquencia do fôro e do parlamento.

Aos que o ouviam, assignalou-se sempre um facto que era dos mais significativos para o vigor e fecundidade de seu talento. Na réplica e na tréplica é que mais brilho e vibração adquiriam os seus deslumbramentos oratorios; quanto mais espontanea tinha de ser a sua phrase, quanto mais prompta e rapida procurava ser a elaboração do argumento ou da imagem, mais luminosas eram ellas.

Os seus discursos na camara e no senado marcaram datas inolvidaveis. Um dos primeiros e dos mais notaveis descrevia com colorido e traços grandiosos, vistos sómente na arte dos grandes mestres, como o que pintou a Capella Sixtina, as desgraças que flagellavam o amado berço dos seus dias, o solo em que elle ensaiara os seus primeiros passos, as margens do São Francisco, onde os odios e as vinganças perpetuavam um regimen de fereza e barbaria. Em sua voz, potente e indignada, havia sentimentos e emoções de além-tumulo, de um gemeo de sua alma, de LANDULPHO MEDRADO, o autor dos «Cortezãos», o qual cahira victima dessa politica nefasta e cruel que só semeava a ruina e a morte. Nos accentos apaixonados e vibrantes dessa oração demosthenica ha um fremito ardente de liberdade, um anceio supremo de justiça, um culto fervoroso do direito. Sente-se na impetuosi-

dade torrencial do orador, no fragor olympico dos raios que a sua revolta de homem e de patriota forjou e vibrou contra tanta indignidade e miseria, alguma coisa como o movimento dessa molle colossal que o grande rio recorda, a qual, represada por uma longa e numerosa série de pequenas cascatas, se precipita afinal do grande salto e repercute, nos échos aterradores de sua voragem, as advertencias e indignações das forças eternas do bem e da verdade!

Alguns criticos do seu tempo lhe censuraram o irritar-se na tribuna. Esse homem tinha coleras; eram, porém, daquellas coleras sagradas que o afastavam por temperamento, por sinceridade, por dignidade e altivez, de um convencionalismo frio e egoista, fingido e refolhado, em que as armas as mais ferinas se occultavam, como os punhaes dos fidalgos florentinos dentro das rendas e bordados das vestes adamadas. Elle teve sempre a coragem inteira das suas convicções e a energia indomavel e independente, em saber e poder exprimil-as.

Nunca foi um aulico: ia ao paço quando as delegações de qualquer das casas, onde teve assento, lhe impunham esse dever. Si nessas ceremonias tinha a palavra, era sobrio e elevado, respeitoso e digno, como lhe dictavam o amor que tinha ás instituições e o apreço que sentia pelo seu mandato e pela confiança popular que o investira. Jamais quiz ser ministro; o glorioso gabinete de 6 de março, presidido pelo visconde do Rio Branco, lhe havia reservado a pasta da justiça, a que ia realizar as mais brilhantes reformas, e entre ellas a emancipação do ventre escravo. Não acceitou o posto honroso e por outros ambicionado; preferiu sempre conservar a independencia e franqueza da tribuna.

Foi constante, severamente leal e fiel aos principios e doutrinas do seu partido: não se conformava, porém, com a disciplina dos pequenos interesses e conveniencias das arregimentações pessoaes. Divergiu muitas vezes dos seus correligionarios; nunca, entretanto, os trahiu ou lhes creou ciladas ou surpresas.

Occupou, por muito tempo, em sua provincia, o cargo de procurador fiscal, e ainda hoje do exercicio dessa funcção recordam-se os contemporaneos quanto a sua austeridade defendeu a fazenda publica. Desse cargo tinha direito á aposentadoria: recusou-a, allegando que só receberia do thesouro aquillo que fosse devido ao seu trabalho.

Apesar do seu extraordinario talento e notavel competencia juridica, nada fez em sua banca de advogado. Como Ribas e como outros de egual notoriedade e valor, elle não logrou a fortuna das lucrativas clientelas: não conseguiu se

adaptar aos meios e habitos do officio, no terreno pratico em que o collocam as exigencias da freguezia; e jamais se prestou a bater moeda com a influencia que a sua posição e os seus dotes de homem publico lhe deviam dar junto á alta administração, ou com o prestigio que a sua auctoridade moral e politica podia exercer sobre a magistratura. Vivia modesta e decentemente do seu unico subsidio de senador.

A 15 de novembro de 1889 morriam-lhe ao mesmo tempo as instituições, que elle havia se habituado a amar e a servir, e a esposa, de quem elle tivera os affectos e dedicações de uma communhão inseparavel e as dadivas cariciosas e meigas dos filhos que os adoravam. A dor mais proxima e mais funda não o deixou perceber a outra: a catastrophe do lar não lhe permittiu vêr a queda do throno. Quando elle despertou do desfallecimento que o primeiro facto lhe produzira, sentiu que não só estava de luto o seu coração de homem, como a sua alma de patriota. E ainda hoje esse luto o cobre, e elle é tão fiel á memoria do ser querido, que a morte cruelmente lhe arrebatou, quanto ás crenças e instituições em que o seu espirito se educou, servindo á liberdade e á justiça.

O governo provisorio deu-lhe uma pensão: elle estava sem forças deante da desgraça que lhe esmagára o coração, sem recursos deante da revolução que o havia despojado do mandato que o povo lhe confiára; não hesitou, entretanto, um só instante, devolveu essa offerta graciosa, e a carta em que recusou o favor do movimento triumphante é uma das paginas mais vibrantes e altivas que podiam escrever os brios e a dignidade de um homem de bem.

Era muito tarde para recomeçar a vida: ninguem mais ouviu falar no grande orador. Recolheu-se á mais profunda e retrahida intimidade domestica, reduzido á mais firme, serena e resignada pobreza, em um silencio de sacrificios e privações, dos quaes nunca partiu uma queixa ou um protesto. Tem vivido, como ha longos annos, nesse bello e poetico trecho de Icarahy, onde outr'ora meditava tambem José Bonifacio, admirador como elle das bellezas divinas e melancolicas do marulho das ondas e da alvura e encantos dos vastos e incorruptiveis areaes.

Duas horas ouvi o conterraneo glorioso, que com sua eloquencia povoára toda a minha juventude de aspirações e de idéaes: uma a uma recolhia as suas palavras como si ellas partissem de um mundo melhor onde até hoje não houvessem penetrado a fraqueza e a miseria. Aquelle homem tinha para mim alguma coisa de sobrenatural: os traços, ainda bellos de sua physionomia, possuiam a expressão serena e

bondosa de um justo; no seu olhar, já amortecido pela edade, viam-se ainda e de vez em quando os lampejos de uma alma forte e de um coração ardente: rescaldos de um vulcão sob densa camada de neve: amor apaixonado de patriota atravéz da pureza alvissima de uma consciencia sem jaça.

Em meio da covardia e da corrupção que em torno de mim devoram homens e instituições, o ancião illustre era uma apparição phantastica, rehabilitando só com a sua virtude e a sua grandeza todo o vigor e toda a belleza de uma nacionalidade.

Mais do que os seus talentos, o que avulta nesse homem é o seu caracter. Não houve lisonjas ou ambições que o enfraquecessem, não houve desgraças ou agonias que o abalassem. Na profunda e san philosophia de que se embebeu o seu espirito, crystallizaram-se o sentimento integro da honra e o culto inflexivel da dignidade pessoal. Quando tudo se avilta e se prostra, essa fronte e esse caracter, que se mantêm erectos, são como a dor e a majestade do propheta sobre as ruinas da cidade condemnada.

Fui acompanhal-o até a barca; abracei-o commovido e beijei-lhe a mão com reverencia filial.

Esse movimento foi-me dictado por um impulso extranho e irresistivel: senti que por meus labios passavam a alma inteira, todo o reconhecimento e admiração de minha terra natal, da Bahia, berço de nós ambos.

Nas desventuras que a affligem, nos contrastes que a esmagam, senti nos meus pulsos as crispações dessa dolorosa heroina, a nossa primeira patria, e agarrei a mão veneranda, como si ella fosse a unica que ainda lhe empunhava um passado de glorias e de grandezas.

Nesse velho nobre e altivo que embarcava eu via CICERO, sem as ambições e vaidades do poder e da gloria; CATÃO, sem as fraquezas e desalentos do suicidio.

Da forja em que se fez essa tempera não devem desesperar as liberdades e destinos de um povo! Toquei um justo!

Pontifice da tribuna, sagrou-o uma vez JOSÉ DE ALENCAR; augusta infallibilidade de um caracter, ha de o proclamar sempre a historia! (*)

(*) Do «Correio da Manhã» de 16 de julho de 1902.

Odorico Mendes

Manuel Odorico Mendes

* São Luiz do Maranhão, 24 de janeiro de 1799

† Londres, 17 de agosto de 1864

Estudou em Coimbra, de 1816 a 1824; não chegou a se formar em medicina, curso que escolhera, embora fizesse todo o de philosophia.

De 1824 a 1833, no jornalismo, no parlamento, nos comicios, nas associações patrioticas, trabalhou pela completa independencia nacional. Defendeu sempre as mais adeantadas idéas liberaes, e mesmo republicanas. Um dos devotados e influentes promotores do 7 de abril; não quiz, porém, acceitar nem o cargo de regente, nem o de ministro.

Poeta original, de fundo romantico e de fórma classica. Escriptor de correctissima phrase, a proposito do qual disse GONÇALVES DIAS que, de quantos então viviam, não sabia de nenhum, nem em Portugal, nem no Brasil, que melhor escrevesse a nossa lingua. Deixando a carreira politica, e logo depois a patria, em 1847, consagrou-se á traducção de duas tragedias de VOLTAIRE, e ainda das obras de VIRGILIO e de HOMERO. Em esmerados versos de linguagem tersa e bella, publicou em Paris, com sabias annotações, a «*Eneida Brasileira*», no correr do anno de 1854. Em 1858, deu uma edição definitiva, com o accrescimo das «*Bucolicas*», das «*Georgicas*», e do «*Virgilio Brasileiro*». Escreveu, em 1860, um opusculo ácerca do «*Palmeirim de Inglaterra e seu Auctor*», folheto agora de extrema raridade. Deixou inedito o «*Homero Brasileiro*», de que se imprimiram, no Rio de Janeiro, em 1874, sómente os exemplares da «*Illiada*».

Caracter inteiriço, morreu pobre e obscuro, embora o seu grande merito, ainda attestado na imprensa do Maranhão e do Rio de Janeiro. O erudito professor brasileiro, JOSÉ FELICIANO DE OLIVEIRA, hoje residente em Paris, foi quem, em 1905, lhe descobriu o tumulo, num dos cemiterios da capital da Inglaterra, onde jazia ao abandono, e é quem lhe está preparando desenvolvida e douta biographia.

Ao publico

Tendo eu de partir para o Maranhão, julgo dever declarar que não desisti da causa intentada perante o jury con-

tra os que na «Gazeta do Brasil» me têm calumniado, mas que ficam procuradores meus encarregados deste negocio.

Por esta occasião digo aos meus concidadãos (e sei que sou acreditado, porque os urros do «Club do Rocio» não podem tirar-me a opinião de probo e de verdadeiro, opinião que tenho obtido de todos os homens de bem) que não devo ao snr. MEIRELLES coisa alguma, e mentiu a «Gazeta», quando tal asseverou: que nada requeri ao governo, torno a dizer, e o provo pelo documento abaixo transcripto. Quanto ao mais que de mim dizem esses infames, é tanta verdade, como o ter eu requerido um habito de CHRISTO e a cadeira de direito.

Mil injurias se tem escripto contra mim, e entre outras, como si fosse uma coisa má, chamaram-me «chibo», ou descendente de pretos: é outra mentira; porque sendo meu pae irmão do snr. visconde de ALCANTARA, e minha mãe de uma nobre familia, á qual tambem pertencem os snrs. bispo do Pará e arcebispo da Bahia, seria forçoso que um destes homens, pelo menos, tivesse egualmente procedido de pretos; e ainda nunca houve quem se atrevesse a affirmar similhante falsidade. Mas, seja como fôr, eu não me daria por injuriado com isso, a não conhecer que os «cigarristas» do Rocio, para me deprimirem, é que lançaram mão de uma arma tão fraca. Si eu quizesse pagar-me na mesma moeda, com mais razão poderia lembrar que, além de um dos redactores da «Gazeta» ter o cabello encarapinhado, o capataz da sucia, sem embargo de ser fidalgo e de além mar, tem uma costella africana, que, por baldeação, lhe veiu da provincia de Minas-Geraes; todavia, acho que isto não lhe é injurioso, o que sel-o-á é o ter elle desempenhado tão mal um consideravel emprego, e possuir muito orgulho, muito amor proprio, não tendo em que baseal-os, pois nem virtudes, nem talentos o distinguem na sociedade: não basta o cigarro na bocca para dar merecimento a quem o não tem.

Copia do requerimento que fiz para se me passar a certidão abaixo transcripta: Senhor: — Diz MANOEL ODORICO MENDES, deputado á assembléa geral legislativa pela provincia do Maranhão, que precisa que o official maior da secretaria de estado dos negocios do imperio lhe certifique si na mesma secretaria existe algum requerimento do supplicante contendo pedido de qualquer natureza, e por isso pede a v. m. i. se digne assim o mandar. E. R. M. Despacho. Passe do que constar, não havendo inconveniente. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de novembro de 1827. V. de S. LEOPOLDO. Certidão. Em cumprimento do despacho lançado neste requeri-

mento, certifico que não existe nesta secretaria de estado petição alguma do supplicante, nem com despacho, nem sem elle. E para constar onde convier se passou esta. Secretaria de estado dos negocios do imperio, em 13 de novembro de 1827. — THEODORO JOSÉ BIANCARDI. N. B. Por esta prova (tão clara como a luz do dia) da falsidade da «Gazeta» pode colligir-se qual deva ser a fé que merecem as suas asserções. Não sei como homens, que se dizem amigos do governo, querem apparecer como sustentaculos de uma tal folha, que por sua phrase, e pelas idéas que propaga, perde a mesma causa que julga defender. MANOEL ODORICO MENDES. Rio de Janeiro, 1827. Na mesma typographia. Rua da Alfandega, n.º 126. (*)

(*) Da «Astréa» de 4 de dezembro de 1827.

Olavo Bilac

Olavo Martins dos Guimarães Bilac

* Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865

† Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918

Cursou a escola de medicina do Rio de Janeiro, até o 2.º anno, e a faculdade de direito de S. Paulo, até o 1.º; não se diplomou.

Original e admiravel na forma, ainda não houve no Brasil quem o excedesse na inspiração e na harmonia do verso. Completa organização litteraria: o excellente prosador não ficava áquem do grande poeta. Dos melhores na tribuna, pelo encanto da palavra, e dos primeiros no jornalismo, pelas scintillações da penna.

Amoravel criatura, nascida para servir e favorecer, não sabia regatear os applausos e negar o perdão. A ninguem hostilizou, e a ninguem fez mal. Não apprendeu a odiar. Tinha o culto da arte e da bondade.

Escriptor, o seu estylo, — como o de JOSÉ DE ALENCAR e o de MACHADO DE ASSIS — era proprio. Delle e exclusivamente delle.

No ultimo periodo da existencia, dedicou-se a memoravel campanha patriotica, em prol da segurança e da defesa da nossa terra, alcançando estrondosos triumphos, com o magnanimo appello á mocidade das academias, que lhe trouxe bençams e acclamações de todos os recantos do nosso paiz.

Seu nome, honrando a cultura espiritual e o valor moral do Brasil, é symbolo de gloria e de benemerencia.

Collaborou, na «Gazeta de Noticias», na «Semana», na «Noticia», no «Kosmos», e em outros jornaes e revistas do Rio de Janeiro, bem assim no «Diario Mercantil» de S. Paulo, como ainda em varias folhas de fóra da capital da Republica. Redigiu a «Rua», o «Combate», a «Cigarra», e a «Bruxa», egualmente do Rio de Janeiro.

São seus trabalhos principaes: «*Poesias*», de que appareceram duas edições, sendo a segunda consideravelmente accrescida, «*Sagres*», «*Poesias Infantis*», «*Tarde*», explendida collecção de sonetos, e a traducção do album para crianças, «*Juca e Chico*» — versos; «*Chronicas e Novellas*» — miscellanea; «*Critica e Fantasia*», «*Conferencias Literarias*», «*Ironia e Piedade*», — estudos e apreciações; «*Livro de Composição*» e «*Livro de Leitura*», de collaboração com MANUEL BOMFIM, «*Através do Brasil*», «*Contos Patrios*», «*Theatro Infantil*», «*A Patria Brasileira*», com COELHO NETTO — obras didacticas, «*Tratado de Versificação*», com GUIMARÃES PASSOS, cujo «*Diccionario das Rimas*» corrigiu e muito augmentou; a «*Defesa Nacional*» — collecção de discursos, publicada, no Rio de Janeiro, em 1917.

Deixou por imprimir, o «*Diccionario Analogico*», já bastante adeantado, e que é um trabalho de primeira ordem.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para sua cadeira, o nome de GONÇALVES DIAS.

A bandeira do Brasil

Bemdicta sejas, bandeira do Brasil!

Bemdicta sejas, pela tua belleza! És alegre e triumphal. Quando te extendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataractas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pincaros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. És formosa e clara, graciosa e suggestiva. O teu verde, da côr da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pae das nossas seáras e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inexgottavel de alento e de belleza. O teu azul é o céo que nos abençôa, inundado de soalheiras offuscantes, de luares magicos e de enxames de estrellas. E o teu «Cruzeiro do Sul» é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da patria, o soffrimento das horas difficeis e o delirio dos dias de victoria; para elle, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra irão para elle a veneração commovida e o culto fetichista das multidões de brasileiros que hão de viver e luctar!

Bemdicta sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e penamos. Á tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em valles meigos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existencias e thesouros virgens; fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casaes mo-

destos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cerebros, e resfolegam fabricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e solettram escolas, e rezam egrejas.

Bemdicta sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rôlos de fumo das chaminés; e sóbe o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quarteis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das mattas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgeio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia creadora das lyras dos poetas.

Bemdicta sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bemdicta sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflammarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no territorio immenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, e estimulo aos desanimados! Bemdicta sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva patria, que queremos crear forte e livre: pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito destro e de marinha apparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bemdicta sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil! (*)

(*) *A Defesa Nacional, Discursos*, Rio de Janeiro, Liga da Defesa Nacional, 1917, p. 32-35.

A Escola Normal de São Paulo

Aos alumnos e ás alumnas

Senhores professores:

Facultando a minha visita a esta escola normal, alegrastes o meu coração; o favor do convite veiu contentar um dos meus maiores desejos. Sorria-me a felicidade de passar alguns minutos entre vós, sinão pela edade, porque ainda não a nobilitou a pátina da velhice, ao menos pelo fulgor, de força e de generosidade, que já a recommendou ao carinho e á gratidão de todo o Brasil.

Deste horto de energias e estudos, têm sahido centenares e centenares de mudas viçosas, que, transplantadas do viveiro natal, foram florescer e fructificar nas cidades e povoações que esmaltam a forte e bella terra de São Paulo; e, honra mais alta para vós, os governos de outros estados vêm procurar aqui educadores para a sua gente, — tão clara é a fama que rodeia esta «alma parens». Sou avesso ao exaggero dos elogios, como a todas as demasias. Mas quando penso nesta casa, não posso furtar-me a uma inclinação para comparal-a, resalvadas as disparidades do tempo e da indole, áquella veneranda Sorbonna, que é ainda hoje o centro da academia universitaria de Pariz, e, durante seculos, foi o alfobre dos theologos do mundo. Antigamente, os doutores da Sorbonna formavam todos os doutores da catholicidade, e as suas decisões, em materia de crença, eram artigos de fé. Aqui, os vossos professores estão formando professores para todo o Brasil; e o vosso cuidado no estudo e no methodo, e o vosso fervor no civismo e na probidade já são modelares e exemplares.

Só vos devo louvores e bençãos, portanto, e não conselhos. Mas todos os applausos, que vos sejam dados, serão avisos e animações para todos os que se destinam á educação da nossa mocidade.

A vossa profissão e o espectaculo do vosso esforço dão enternecimento, pela sua abnegação; e medo, pela sua responsabilidade. Já disse o que já disseram muitos outros, com outra e melhor fórma: «A escola é o primeiro reducto da defesa nacional; a menor falha do ensino, e o menor descuido do professor podem comprometter, sem remedio, a segurança do destino do paiz».

Quando um verdadeiro professor primario sente a com-

pleta, a clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma anagogia extatica, como o arrebatamento do espirito, que, nos primeiros tempos da vida monastica, transfigurava o asceta. Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um deus: é a patria, que se installa no seu espirito. O professor, quando professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade annulla-se: — elle é a patria, visivel e palpavel, raciocinando no seu cerebro e falando pela sua bocca. A palavra, que elle dá ao discipulo, é como a hostia, que, no templo, o sacerdote dá ao commungante. É a eucharistia civica. Na licção, ha a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda a nacionalidade.

Este é o mais bello dever, e o mais nobre sacrificio do professor: a abdicação de si mesmo. Abdicação que é conquista e engrandecimento. Porque, depois da investidura, o sacerdote é tudo, quando deixa de ser homem: — é a nação.

Diz-lhe a patria, quando lhe dá a honra do sacerdocio: «És o representante directo da minha força e da minha necessidade. Aqui dentro desappareces: sou eu quem em ti apparece e se affirma. És a minha pessoa, a minha razão de ser, a minha vontade de viver e de ser forte. Quero viver e ser forte: para isto, é necessario que me defendas. Aqui dentro, sou senhora absoluta, — acima do homem, acima da familia, acima do poder paterno, da idolatria materna. Bemdicto serás, se te mostrares digno da missão que te confio: serás maldicto, se rasgares, por incapacidade ou por desidia, ou por vaidade, o pacto sublime que assignaste commigo! Sustento-te e honro-te, mantenho a tua nutrição, dou á tua existencia conforto e gloria. Em troca disto, has de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil, cidadãos dignos de mim. Has de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturados e perfidos. Elevo-te a este caracter divino, para que sejas um creador, e não um destruidor — um gerador de patriotas, e não um formador de anarchias. Se fizeres o que deves fazer, serás digno de mim e de ti. Se o não fizeres, terás desperdiçado e infamado o teu tempo e o teu salario, terás perdido a tua honra, terás mentido ao teu juramento, terás assaltado e traido a minha confiança. Aqui dentro, não tens opinião tua, nem interesse teu, nem religião tua: aqui tens apenas a minha opinião sagrada, o meu interesse vital, a minha religião indiscutivel. Lá fóra, no teu lar e na rua, na tua vida domestica e na tua vida politica, podeis ter o teu arbitrio, o teu credo, o teu partido; mas, quando aqui entras, quando passas o umbral deste templo, és apenas um instrumento passivel da minha acção. E

que grande affirmação de vigor é aqui a tua abdicação! que maravilhoso orgulho será para ti o estrangulamento da tua vaidade! Lá fóra, como qualquer dos homens, sem a sagração que te dou, serias apenas um filho meu; mas aqui, és ao mesmo tempo meu filho e meu pae, creatura do meu corpo e da minha alma, e creador da minha grandeza e do meu futuro! Entrego-te a minha vida: é preciso que a fixes em immortalidade!».

Esta alta palavra da patria foi ouvida e acceita nesta casa, pelas almas que aqui estão creando tantas outras almas. A patria reside immanente neste recinto. Recebei, senhores professores, a minha saudação enthusiastica e enternecida. E permitti que, em poucas palavras de amor, eu entregue toda a minha alma aos alumnos e ás alumnas desta radiante officina.

Ha dezoito mezes, no theatro municipal desta cidade, ouvi, com inolvidavel encantamento, um concerto dos admiraveis corpos coraes da escola normal. Houve um momento em que, entre dois numeros da festa, tive a honra de dizer alguns dos meus pobres versos, no meio de vós, meus irmãos e minhas irmãs, no palco esplendido em que vossa mocidade sorria e os vossos sorrisos brilhavam. Desci, entre vós, pelo declive do tablado, rampa de corações em flôr, doce vertente em que rios de graça e de esperança rolavam e sussurravam... E desci, enlevado, tonto de musicas divinas. As vossas vozes tinham expirado no final de um dos coros. Mas outra harmonia secreta, que só o meu ouvido percebia, rebentava da vossa multidão, levantando o meu espirito num arroubo de vertigem. E este côro era mais doce e mais claro do que os outros que havieis cantado. Ereis um corpo só, uma alma só, e uma voz unica. O latejar do vosso sangue e a palpitação do abrolhar dos vossos sonhos eram uma symphonia magica: havia naquillo clamores e soluços, vozes humanas e sons de cousas, cachoar de aguas, murmurios de selvas, barulho de cidades, estralejar de festas, ribombo de tempestades. Toda a nossa vida vibrava em vós, porque ereis toda a nossa terra, toda a nossa historia, e nosso futuro...

Agora, entre vós, continúa a embalar-me e maravilhar-me esta musica. Os versos, que, naquella noite eu vos dizia, eram vozes sahidas de vós; e o que ora vos estou dizendo é um dos accentos do grande accorde que em vós reside.

Guardae e cultivae esta cadencia intima, que é o vosso enthusiasmo e a vossa crença. Conservae e desenvolvei esta vibração harmonica — esperança e coragem, energia e serenidade — hoje encanto natural da vossa juventude, ama-

nhan defesa e resignação para os vossos dias da edade madura, e consolação e gloria para a vossa velhice.

Sêde fortes, bons e alegres, meus irmãos e minhas irmãs, para felicidade vossa e felicidade do Brasil! (*)

(*) *Annuario do Ensino do Estado de São Paulo*, 1.º volume, São Paulo, Typographia de Augusto Siqueira & Cia., 1917, p. 210 - 212.

Pedro Luiz

Pedro Luiz Pereira de Souza

* Araruama, Estado do Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1839

† Bananal, Estado de S. Paulo, 17 de julho de 1884

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de São Paulo, em 1860.

Foi principalmente poeta, mas nem porisso deixou de ser admiravel prosador, politico de relevo e jornalista de renome. Sua conversação, como a de Francisco Octaviano e a de Ferreira Vianna, era agradabilissima, interessante e instructiva. Possuia copiosa erudição litteraria. Sabia versejar e sabia escrever. A sympathica e seductora figura de Pedro Luiz, realçada pela distincção de maneiras, vive ainda na memoria dos que, na intimidade, tiveram a fortuna de conhecer o immortal cantor da «*Tenibilis Dea*».

Companheiro de Lafayette Pereira e de Flavio Farnese, na redacção da «Actualidade», não deixou livros. E' de lastimar que ainda não se achem reunidos em volume os seus trabalhos, entre os quaes ha alguns dignos de franco louvor.

Luiz Guimarães, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de Pedro Luiz.

Voz no deserto

A guerra, sempre a guerra!

Ainda neste momento os nossos valentes irmãos discutem a magna questão da honra nacional nos esteiros infectos do Paraguay. Ainda não bateu a hora do triumpho completo e proficuo.

É lamentavel, é profundamente lamentavel!

Serrar de uma vez para sempre as garras do tigre de Assumpção: eis o desejo que referve em todo coração brasileiro.

Devemos depois atiral-o á barra do grande tribunal da historia.

Na galeria dos tyrannos do Paraguay, SOLANO LOPEZ occupa o logar mais alto, ou antes, o mais baixo.

FRANCIA era o misanthropo sempre carrancudo; lettrado selvagem; uma especie de NERO, menos a lyra e o cothurno de actor; não tinha devaneios, dispensava o «plaudite manibus»: o applauso é ruido, e FRANCIA queria em torno de si o silencio do tumulo, o mutismo do terror.

O Paraguay era uma masmorra: FRANCIA era o carcereiro sombrio que jamais abandonava o posto, jamais desenrugava a testa.

Tirou aquelle paiz do mundo; essa horda não fazia parte da humanidade. Os portos estavam trancados. Ai do extrangeiro que ousava penetrar naquelle averno!

A mão de bronze esmagava tudo. Seus granadeiros lhe serviam de escolta, de espiões, de carrascos, de ministros.

Á passagem do homem negro tudo fugia; Assumpção fechava portas e janellas, mal respirava. Elle achava que a rua era estreita: mandava arrasar metade da capital. Como todo despota, vivia em sobresaltos constantes. Teve medo dos ajuntamentos: prohibia as procissões e officios divinos á noite.

O paiz ficou pobre; o povo, de estupido que era, tornou-se idiota.

CARLOS LOPEZ rompeu com o systema claustral que FRANCIA havia imposto ao Paraguay: veiu á fala com o resto do mundo. Movido pelo impulso nobre das idéas do seculo? Não: movido sómente pela mais sordida cubiça.

LOPEZ 1.º era o despota agiota, o especulador faminto, o supremo corrector, o monopolista absoluto armado de cutello e baraço. O povo negociava, porém só com o dictador. Este impunha os seus preços assim como impunha tudo mais; seus freguezes, que haviam apprendido na rude escola de FRANCIA, eram de boa indole e tudo se ajustava na melhor paz.

S. LUIZ, rei de França, gostava de erguer o seu throno á sombra de um carvalho; LOPEZ collocou a cadeira dictatorial em uma vasta praça de mercado, que era o paiz todo. Alli dava a lei e distribuia justiça. Comprava generos, comprava muito, comprava sempre; depois dessas brilhantes operações ia commerciar com o extrangeiro. Modos de comprehender o grande systema de permuta.

O povo, si é que era povo aquella pobre gente, ficára escravo como até então; sómente movia-se mais um pouco. Ao tyranno assassino havia succedido o tyranno usurario.

Apparecendo depois daquellas figuras sinistras, SOLANO LOPEZ conseguiu ainda surprehender o mundo, que julgava percorrida a escala da ferocidade pelos dois dictadores.

Mostrou-se original; quiz saciar-se de sangue, mas desprezou a funebre rotina de seus antecessores; atirou-se delirante á conquista de glorias que o sombrio doutor desprezava e que nunca haviam entrado nos calculos do pae.

Em vida deste fôra passear á Europa. Desejava disfarçar com os ouropeis e arrebiques de uma civilização frivola seus traços e modos de cannibal, vendo que assim daria mais folga e melhor pasto aos instinctos perversos que o inflammavam. Enfatuado, ignorante, tendo vivido sempre em circulos inferiores, do progresso do seculo só uma face lhe attrahiu as vistas e captivou-lhe os sentidos: o apuro em que andava a terrivel sciencia da guerra, o jogo sinistro das batalhas. Para o mais não olhou. Si a vida intellectual, a grande palpitação do espirito humano, lhe merecêra algum reparo, fôra pelo seu lado menos digno: quizera saber de que modo as fezes da imprensa podem lhe empanar os fulgores, apprender o sordido manejo de suffocar a verdade sob um tecido de intrigas.

Para FRANCIA os paraguayos eram galés: trouxe-os aferrolhados, ninguem murmurava. CARLOS LOPEZ aproveitou aquelles miseraveis, reduziu-os a machinas de producção e de lucro. SOLANO achou que elles podiam ser optimos salteadores: armou-se chefe de quadrilha.

Subindo ao poder, revelou-se logo um monstro. Todos os amigos do pae, só pelo facto de serem amigos do pae, se lhe tornaram suspeitos: mandou-os degollar.

Luxo de crueldade.

Iniciára assim a sua politica interior — magistralmente; é força confessar que até hoje tem-se conservado na mesma altura. Fôra de actor consummado aquella estréa.

A ouvertura annunciava uma grande opera de sangue. As infinitas variações que foram apparecendo sobre aquelle thema horroroso mostraram que o novo dictador, na flôr da edade e contando na sua vida somente caprichos e prazeres, já tinha a alma mais damnada do que FRANCIA, que empunhára o poder supremo quando já se achava carregado de annos, ralado de desgostos, flagellado pelas decepções. Por isso tambem já não bastava ao seu delirio a dominação cruenta da horda paraguaya: sua natureza pedia mais larga esphera de acção; o instincto do sangue, que nelle se revelára impetuoso, o arrastava para novos destinos. Entendeu que devia ser o arbitro da politica sul-americana.

O Brasil, do alto da sua grandeza e poderio, projectava sombra espessa sobre o misero paiz! SOLANO se encolheu no antro escuro como a onça que se predispõe a dar o bote;

mandou vir um esquadrão de artilheiros, de engenheiros e officiaes de guerra; as sommas amontoadas por seu pae, que, a falar a verdade, não davam só para orgias, lhe serviram tambem para levantar fortalezas e enchel-as de canhões.

Ruminou seu plano.

Um dia, sem a mais ligeira provocação, alçou o collo da vibora e atirou-se contra nós. Ahi vieram em profusão os quadros da mais espantosa crueza.

O joven tyranno queria galgar o pedestal da celebridade, e julgou que o meio mais seguro de espalhar a fama do seu nome era espalhar o sangue brasileiro.

Já em magnificas jornadas temos respondido, cheios de bravura e de gloria, a essas velleidades sanguinolentas; resta-nos agora pôr um digno remate á obra.

As carnificinas do Alto-Paraguay; as scenas de requintada malvadeza; o escarneo das regras mais triviaes do direito das gentes; a premeditação surda de longos annos para os mais feios crimes; a mentira irritante lançada á face da Europa, com o fito de esconder a tyrannia sob as galas da liberdade e decorar o carrasco com a palma do martyrio; o ataque mais escandaloso á nossa vida, junto aos insultos mais grosseiros á nossa honra; a crueldade dando as mãos á impostura; depois de rosarios de orelhas, rosarios de calumnias; aqui o ferro do assassinato, alli o veneno da diffamação: tal é a conta tremenda que devemos ajustar com FRANCISCO SOLANO LOPEZ, dictador do Paraguay.

Ao passo que commanda abominaveis manobras, não tem cessado de protestar pela sua innocencia, candura e bôa fé perante os gabinetes europeus, e, para fazer côro aos seus protestos, comprou meia duzia de follicularios miseraveis, que têm levado a estrugir os ares com apologias interminaveis á republica democratica e improperios ao imperio esclavagista.

O moço hyena embuçado na capa de TARTUFO e pregando ás occultas os mais immundos doestos na estatua de PASQUINO!

Não deixa de ser curioso o espectaculo!

Não são unicamente nossos brios offendidos que urge vingar a todo transe, são tambem os nossos direitos constantemente conculcados naquellas paragens que convem restabelecer com toda a energia.

A demarcação das nossas fronteiras, a livre navegação do Paraná e do Paraguay, são questões vitaes para nós, e que estão pedindo solução justa, decisiva, radical.

Entra ahi o futuro, o equilibrio da America do Sul.

Imagine-se aquelle despota sanguinario e pedante dominando as Tres-Bocas e abarcando os dous grandes rios, que,

depois de banharem vasta porção do nosso territorio, e bôa parte do boliviano e do argentino, demandam a grande arteria do Prata! Imagine-se o vampiro acastellado no coração deste continente!

A guerra, pois, deve ir ás ultimas consequencias. E o vae. A esquadra e o exercito do Brasil, a esta hora, se acham vingando os seus brios, firmando seus direitos, e talhando os destinos sul-americanos.

A paz ha de raiar; ao seu calor deve rebentar uma messe abundante de fructos dourados, de beneficios incalculaveis; com ella surgirá tambem a liberdade para o desgraçado povo, que tem gemido em todos os tempos; mas é necessario, é indispensavel — materia que não admitte debate, — que a honra brasileira respire desaffrontada nas ruinas fumegantes de Humaytá!

Pseudonymo de TRYSTAN, «*Voz no déserto*», Rio de Janeiro, Typographia Laemmert, 1867, p. 5 - 10.

Porto Alegre

Manuel de Araujo Porto Alegre
Barão de Santo Angelo

* Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, 29 de novembro de 1806

† Lisboa, 29 de dezembro de 1879

De humilde origem, principiou a vida como relojoeiro; cursou as aulas preparatorias que havia em Porto Alegre, tendo frequentado, no Rio de Janeiro, a academia de bellas artes, da qual chegou a ser lente, na epocha o unico brasileiro da respectiva corporação docente, e director, desde 1854 a 1857.

Regeu na escola militar, na qualidade de substituto, a cadeira de desenho, a cujo ensino deu consideravel impulso, e, em 1859, entrou para a carreira consular.

Poeta, critico litterario, critico de arte, dramaturgo, publicista, historiographo, pintor, e architecto, si nada produziu de genial, entretanto não era de apoucada intelligencia, nem de reduzida cultura. Ao contrario, dispunha de superiores aptidões, de solidos estudos, e não lhe faltaram momentos de bella inspiração. «A verdade indiscutivel é que a sua alta competencia nas artes plasticas teve applicação bem nitida e proveitosa nas florações do seu esplendido estro.» (*)

Dão-lhe a medida da nobreza de caracter estas phrases, que se lêm no seu testamento: «Nunca provoquei luctas; a amizade, porém, me levou ao campo muitas vezes, e o direito sempre; nunca amei os homens pela sua posição; nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha; soffri pela amizade e pela justiça porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo, e de meus paes, do meu soberano, dos homens honestos, fui sempre respeitoso e dedicado amigo.»

Dos numerosos e apreciaveis trabalhos que deixou, as obras primas são inquestionavelmente as «*Brasilianas*», collecção de poemetos e contos, e a formosa epopéa «*Colombo*», em que, afóra certos defeitos, ha versos magnificos, de par com opulencia de imaginação e grandiosidade de linguagem.

Dirigiu, com os seus intimos amigos Gonçalves Magalhães e Salles Torres Homem, a «Revista Brasiliense», publicada em Pariz, em 1836.

(*) Basilio de Magalhães, «*Porto Alegre*», Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1917, p. 34.

Redigiu, com Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, o «Guanabara», e, sem companheiros, o periodico humoristico «Lanterna Magica».

Collaborou na «Minerva Brasiliense», na «Reforma», no «Ostensor», no «Iris», na «Chronica Litteraria», na «Revista Brasileira», a da 1.ª phase, na «Nova Minerva», que appareceram no Rio de Janeiro, e na «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro», associação que o teve como orador, de 1843 a 1856, e como 1.º secretario, de 1855 a 1859, e ainda em outras importantes folhas da capital do paiz.

Carlos de Laet, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de Porto Alegre.

Visconde de Caravellas

Manoel Alves Branco

Dizia-me o immortal Garret que o Brasil, ao passo que ganhára em politica com a independencia, perdera em litteratura, porque a independencia arrancára do gabinete de estudo muitos dos seus companheiros de Coimbra, que elle considerava como talentos de primeira plana, e homens capazes de crear uma epocha notavel no reinado do espirito. Affirmava, com um sincero enthusiasmo, que estes homens eram da bôa tempera dos creadores, e que alguns subiam ás alturas do engenho. Entre elles distinguia tres grandes latinistas, capazes de discorrer em qualquer academia famosa sobre a lingua de Cicero e de Virgilio; um destes latinistas está aqui sentado na cadeira presidencial deste instituto; (*) outro está em Pariz, e é o interprete de Virgilio; (**) o terceiro está na terra da verdade, e se chama entre os humanos Manuel Alves Branco.

O magistrado, o legislador, o economista e o ministro não eram mais que a parte ostensiva e laboriosa deste grande brasileiro; homem encyclopedico, estudante incançavel, alma harmoniosa, que possuia o estro e a arithmetica, e o dom de contemplar e lêr os mysterios da creação; artista e geometra, poeta e estadista, theologo e naturalista, cabeça pensante, dualidade poderosa, elle abraçava qualquer grupo da natureza com a mesma força e serenidade como examinava as tabellas pautadas que comprovam o motivo do fluxo e refluxo das rendas nacionaes.

(*) O marquez de Sapucahy.

(**) Odorico Mendes.

O centro de toda a orbita de sua vida publica foi a probidade; immutavel e forte como ella, exornado dos dons da sapiencia, conservou-se nessa atmosphera sagrada e incorruptivel em que morreu, como o nobre MARTIM FRANCISCO, o dynamico social da independencia.

Quando o desgraçado LIRIO, do fundo da sua prisão, impetrava a piedade dos juizes, desculpando seus erros pela obediencia que tivera em emprestar os dinheiros publicos a alguns dos seus superiores, ALVES BRANCO foi o primeiro que protestou em publico contra similhante suggestão; pulverizou-a, começando por si a rehabilitação de seus nobres collegas, porque a sua honra era o seu maior cabedal, o seu escudo, e a base de todos os seus triumphos e conquistas. Por ella e por sua intelligencia se havia tornado um homem necessario na administração publica, e um cidadão respeitado de todas as hierarchias sociaes.

Ministro da fazenda e do imperio, na regencia de FEIJÓ, renuncía como este o mais alto logar a que pode attingir o cidadão.

Na regencia, que succedeu, passada a natural temporada das represalias, é de novo chamado á administração das finanças; prorompe a maioridade, e o soberano o chama para completar a obra da reforma administrativa das nossas finanças. A sua constante apparição no poder, em epochas tão diversas e de sentimentos e interesses tão oppostos, prova que elle não era um desses politicos a quem a camaradagem ou o favor popular erguem temporariamente para perecerem no primeiro recontro. Combateu com os ULYSSES e não foi vencido; justou com toda a sorte de PROTHEUS, e saiu triumphante; a probidade é uma eterna espada de BRENNO em todas as luctas de interesses pessoaes.

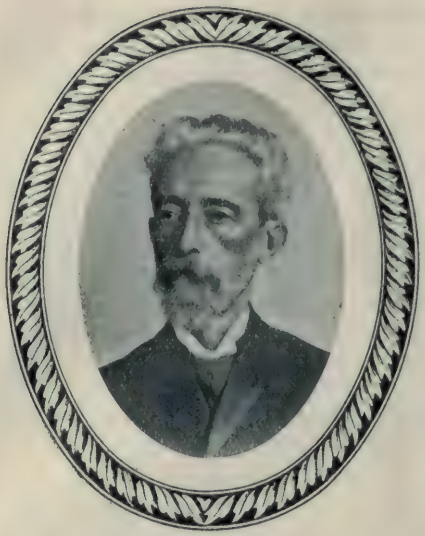
Eu o vi rasgar um decreto porque se lhe provára sua injustiça; eu o vi consternadissimo por não poder reparar a demissão do benemerito JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA; a nossa diplomacia tinha então uma especie de SAUL, vertiginoso, um rei occulto, para quem os psalmos da verdade e as harmonias da luz eram o principio de sua irritabilidade e inconsciencia. Esta especie de vampiros fataes a todos os governos vive enconchada a queixar-se quotidianamente; mas sua alma cruza os mares nos paquetes, vôa com a malaposta, e, sem ser vista de ninguem, fere como o raio, nos dias da primavera, nas horas da esperança.

Foi nobre a sua existencia, foi admiravelmente exemplar, porque venceu as luctas da pobreza em alta posição, e satisfez dignamente as suas necessidades; foi nobre porque

os exemplos da corrupção triumphante nunca o abalaram do pedestal em que se firmára. Os dardos de seus inimigos o não feriram; resvalavam como a setta de junco num broquel de aço polido.

O visconde de CARAVELLAS tinha na fronte e no olhar o lume da intelligencia; a voz sonora e grave, e a conversação admiravel. Morreu pensando no imperador e no Brasil. Homem progressivo, augmentou sempre de dia em dia a sua maneira de ser pelo estudo, e marcou a extensão da sua personalidade no paiz com os signaes de sua intelligencia e probidade.

«*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*», Tomo XVIII, Supplemento, Rio de Janeiro, Typographia Laemmert, 1855, p. 50 - 58.



Quintino Bocayuva

Quintino Ferreira de Souza

* Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1836

† Rio de Janeiro, 11 de julho de 1912

Foram seus paes, QUINTINO FERREIRA DE SOUZA e d. CARDELARIA MORENO D'ALARGON DE SOUZA. Orpham, desde muito cedo, entregue aos cuidados do tio, PEDRO MORENO D'ALARGON, de quem se mostrou sempre amigo, já aos 14 annos de edade procurava adquirir os meios de digna subsistencia, dirigindo-se para S. Paulo, no intuito de se graduar em direito. Desistiu, porém, da idéa, em virtude da extrema pobreza com que tinha de luctar; e, apenas completado o curso de preparatorios, em que se revelou notavel estudante, voltou ao Rio de Janeiro, vivendo, a principio, de licções particulares de geographia, philosophia e latim, depois, do que escrevia para o theatro, nos primeiros tempos da sua mocidade, e finalmente do que chegou a ganhar no jornalismo.

Bella e superior organização litteraria, que, infelizmente, não attingiu ao pleno desenvolvimento. Absorveu-o a politica, e, com ella a imprensa, que lhe abriu a estrada da gloria. «Sagrado jornalista, ao sahir da puericia, aos 18 annos degladiava-se galhardamente na primeira fila dos combatentes da imprensa politica e litteraria». (**) FERREIRA DE ARAUJO, o inolvidavel criador da «Gazeta de Noticias», cognominou-o «principe do jornalismo brasileiro».

Si o jornal tem por fim educar a opinião publica, e si o jornal partidario busca convencel-a dos principios que advoga, não ha negar que QUINTINO BOCAYUVA conseguiu o magnifico objectivo, na propaganda da idéa republicana, de que foi illuminado e magno apostolo. No editorial do «Paiz» de 12 de julho de 1912, ao se lhe commemorar o fallecimento, assim se lhe recorda o precioso auxilio á victoria da causa democratica: «E' a QUINTINO BOCAYUVA que se deve a acquisição do concurso dos mais poderosos elementos militares para a jornada gloriosissima de 15 de novembro de 1889. Entre os que são indicados pelos analystas desse grande aconte-

---

(*) Em São Paulo, num movimento nativista, varios estudantes do tempo passaram a usar nomes indigenas, e dahi os appellidos de — TAMANDARÉ, ACAIABA, e outros que ficaram. O illustre brasileiro tambem abandonou o de seu pae, FERREIRA DE SOUZA, para adoptar o de BOCAYUVA, tirando-o da palavra «bacaiuva», com que se designa uma especie de coqueiro do Brasil. Durante muito tempo assignou-se elle QUINTINO DE SOUZA BOCAYUVA.

(**) GUILHERME BELLEGARDE, «*Subsidios Litterarios*», Rio de Janeiro, Livraria Faro & Lino, 1883, p. 188.

cimento, como factores principaes da republica, é a QUINTINO BOCAYUVA que compete o primeiro logar. Foi a sua penna que revolveu o solo, onde germinou a idéa de revolução. Foi elle quem levou aos hesitantes o estimulo de sua crença no exito da campanha».

Escriptor, em todo o sentido da palavra, era elegantissimo e invariavelmente caprichoso na sua phrase, limpida, ardente, adornada, e persuasiva. Da mesma sorte que compunha os seus artigos, sob a impressão do momento, correndo-lhe a penna, veloz e nervosa, redigiu, sem parar da primeira á ultima linha, e sem quaesquer emendas, o famoso manifesto republicano de 3 de dezembro de 1871.

Depois da proclamação do novo regimen, continuou a servir ao paiz, como ministro das relações exteriores, no governo provisorio, presidente do estado do Rio de Janeiro, senador por esse estado, e vice-presidente da segunda camara, onde, na qualidade de relator das commissões de que fazia parte, deixou luminosos pareceres de vigorosa intuição juridica.

Ainda muito joven, dirigiu, em São Paulo, o «Acaiaba», folha litteraria, em 1852, e, tambem em São Paulo, com FERREIRA VIANNA, de 1852 a 1853, o jornal «A Hora», que fez epocha, na antiga provincia e que lhe marcou a estréa na imprensa politica. Collaborou no «Diario do Rio de Janeiro», no «Correio Mercantil», no «Espectador Brasileiro» de JOSÉ MARIA DO AMARAL; de 1870 a 1875, redigiu a «Republica», bem assim o «Globo», com SALVADOR DE MENDONÇA, de 1864 a 1868, jornal que depois reappareceu em 1881, e, finalmente, desde que RUY BARBOSA, BALDUINO COELHO, e outros, se desligaram da redacção do «Paiz», dias depois de fundada a folha, em 1884, dirigiu esse jornal até alguns annos em seguida ao da queda da monarchia. Egualmente dirigiu a revista litteraria mensal «Bibliotheca Brasileira», que sahiu á luz, no Rio de Janeiro, em 1863.

Guarda-lhe a familia numerosos trabalhos que ficaram por imprimir. Dos que publicou são os principaes: o «*Trovador*», imitação levada á scena, a 2 de janeiro de 1856, no theatro São Januario; «*Norma*», «*Dominó Azul*», «*Diamantes da Corôa*», «*Quem Porfia Sempre Alcança*», «*Sargento Frederico*», «*Minhas Duas Mulheres*», «*Boas Noites*», «*Valle de Andorra*», «*Senhor D. Simão*», «*Dama do Veu*», o «*Grumete Tramoia*», «*Estevanilho*», «*Marino*», «*Todos Para o Theatro*», «*Do Dominó á Dama*» — alguns originaes, e outros traducções feitas homeotricamente para a academia de opera nacional; «*Bandoleiro*», opera comica; «*Omphalia*», «*Mineiros da Desgraça*», «*Familia*», «*Claudio Manuel*», «*Delaviola*», dramas; «*Um Pobre Louco*», «*Pedro Favilla*», tambem dramas, cujos originaes se perderam na typographia; «*Estudos Criticos e Litterarios*», dois volumes; «*Os Nossos Homens*», retratos politicos, de que appareceu apenas um folheto, relativo a JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS; «*Sophismas Constitucionaes*», «*A Opinião e a Corôa*», «*Comedia Constitucional*», «*Impugnação ao Protesto do Sr. Visconde de Jequitinhonha*», além de diversos pamphletos e opusculos politicos, não contando os discursos, que foram muitos.

Evaristo da Veiga

É para ti, sombra veneravel, que os nossos olhos devem volver-se no dia de hoje, na saudosa recordação da tua memoria augusta.

É para ti que deveriam convergir nesta data as homenagens respeitosas da geração presente, si ella possuisse na

sua alma o deposito sagrado do teu espirito e a gratidão devida á sinceridade dos teus esforços e á honestidade e ao patriotismo com que te sacrificaste gloriosamente pela causa dos teus compatriotas. Tu foste, em verdade, o creador do jornalismo brasileiro e a tua «Aurora Fluminense» foi, em verdade, a aurora da imprensa politica e combatente, a primeira irradiação do genio nacional, illuminando as sombras que envolviam o berço da nossa nacionalidade, o inicio da nossa organização constitucional.

Nessa obra do futuro, que para ti foi a campanha de toda a tua vida, empenhaste, como um bom e fiel soldado, todas as energias do teu poderoso espirito e todo o alento da tua existencia.

Nos combates, a tua gentileza foi sempre egual á tua bravura; a espada, que manejavas, desferia scentelhas e não gottejava sangue; pela virtude do teu caracter, quanto pelo brilho do teu talento, tu só, pela tua folha, valeste um exercito; eras mais do que um combatente, porque eras uma legião!

Ninguem, dentre os teus contemporaneos, sentia, como tu, repercutir no proprio coração as palpitações do coração da patria. Era por ella que te batias, era por ella que trabalhavas, expondo a saude e a vida, sempre ousado e intemerato; sempre firme no posto do sacrificio, sem outro estimulo que não o amor da patria, sem outra esperança de recompensa, que não fosse a felicidade e a grandeza futura da terra, que te serviu de berço.

Foi á inspiração do teu genio e ao calor da tua virtude, foi pelo exemplo da tua dedicação, que em torno do teu jornal, como em torno da patria infante, se reuniram, á tua voz e ao teu commando, os homens que em 1831, salvaram o Brasil das garras do despotismo, offerecendo á historia o espectaculo, nunca mais visto da unidade sublime de um povo na defesa dos seus direitos e liberdade.

Nesse dia, o povo e a tropa fraternizados, sem outro estimulo mais do que o cumprimento do dever civico, sem outro intuito mais do que salvar a patria, inflammados pela eloquencia do teu verbo, e fieis, como tu, ao sentimento da nacionalidade brasileira, fundaram verdadeiramente a autonomia politica do povo brasileiro, e salvaram, ao menos, o caracter da geração desse tempo da pecha da covardia.

Desse exercito patriotico foi teu jornal o clarim; e foi ao sol do enthusiasmo que resplandecia no teu genio e no teu coração que luziram no campo da honra as baionetas triumphantes dos soldados que, nessa epocha, eram de facto e tinham

gloria em o ser — os verdadeiros representantes armados da nação brasileira; os defensores legitimos da integridade da patria, perante o extrangeiro, e da liberdade politica, perante a tyrannia.

Fossem quaes fossem as apprehensões do teu espirito, surpreso e vacillante na hora da victoria, combatido simultaneamente por preoccupações oppostas, que ora te impelliam para a liberdade em nome dos eternos principios, ora te arrastavam para o berço do imperador infante como a garantia da unidade nacional; fossem quaes fossem os desmaios e as incertezas que não soubeste dissipar, afim de assegurares, com a gloria immaculada do teu nome, a gloria mais invejavel ainda de seres o fundador de um estado verdadeiramente livre e grande, a historia te perdoará essa debilidade suprema, pela pureza das tuas intenções e pela honestidade do teu comportamento leal e franco.

Ha cincoenta annos que repousas no tumulo, e, embora não figure em nenhuma lapide e em nenhum bronze o nome de Evaristo Ferreira da Veiga, elle está gravado nas paginas da historia patria e no coração daquelles que de ti descendem, ou pelo sangue ou pelo espirito.

Ai de ti pode dizer-se: deixaste herdeiros, mas não deixaste successores!

Integro e puro, como patriota e como jornalista, levaste comtigo para as regiões do infinito todas as claridades do teu genio, não deixando, para luzir entre as sombras da geração actual, que quasi te desconhece, mais do que a luz bruxoleante da tua memoria, quasi apagada na lembrança daquelles, por cuja felicidade e liberdade soubeste bater-te como um valente, e sacrificar-te como um heróe.

Ha cincoenta annos que dormes no sepulchro e neste dia, que assignala o primeiro jubileu da tua vida de além-tumulo, não terás certamente por homenagem nem por signo de gratidão dos que te devem a unidade da patria e a salvação do principio da liberdade da imprensa — mais do que o silencio gelido e indifferente da geração deste tempo e mais do que a prece humilde do ultimo dos teus discipulos!

A tua obra, que ficou incompleta, assim permaneceu até hoje.

Dormem comtigo no teu sepulchro todas as qualidades viris e nobres de que foste, em tua epocha, a expressão condensada.

Felizes ainda, si um dia, assim como do teu espirito surgiu para a lucta do jornalismo a «Aurora Fluminense»,

surgir do teu tumulo de patriota, honesto e grande, a aurora de regeneração nacional.

José Maria do Amaral

No cemiterio de Maruhy, em Nictheroy, foi hontem sepultado o cadaver de José Maria do Amaral.

Podiamos accrescentar a esse nome muitos titulos, todos os que possuia e todos os que lhe deram; preferimos, porém, escrevel-o simplesmente, porque esse nome, por si só, vale tudo e ha de ficar scintillando perpetuamente, como um ponto luminoso, atravez da caligem historica do nosso tempo e da nossa patria.

Foi o seu corpo que sepultamos hontem: e delle se pode dizer que jamais nenhum morto esperou tantos annos pela sua sepultura.

Ha muito tempo que José Maria do Amaral não pertencia a este mundo.

Aquella nobre, bella e veneravel figura, que ás vezes apparecia taciturna e concentrada, no meio de nós; aquelle velho, que, a despeito dos annos e dos soffrimentos moraes, conservava na face e nos olhos o brilho e o colorido vivaz da mocidade, reflexo da florida primavera, que outr'ora alastrou de flores mimosas e fragrantes a sua juventude; aquelle homem de elevada estatura, que, apesar de curvado, não pelo tempo mas pelos desgostos intimos, ostentava na sua attitude erectil a altivez da sua consciencia; com a sua longa cabelleira de fios de prata fluctuando ao vento como a vela branca de um baixel idéal, vogando no oceano azul do pensamento e da phantasia humana; esbelto como uma palmeira solitaria, no meio da multidão, que para elle era um deserto; aquella typica e extranha configuração humana, que parecia ser o meio termo entre um anjo e um espectro; aquelle cimo alteroso coberto, como o Hymalaia, pelas neves alvissimas do frio inverno do mais cruento destino humano, não era um sêr como os outros, nem representava um vivente commum.

Era uma sombra, uma estatua ambulante, como que cinzelada no mais puro e branco marmore, soberba e elegante no contorno esculptural da sua fórma, delicada e franzina; era, finalmente, um redivivo em peregrinação, em cuja toga

---

(*) Do «Paiz» de 12 de maio de 1887.

ideal já não podiam adherir nem a poeira das baixezas humanas, nem a espuma do tumultuoso oceano das paixões terrenas.

Si não houvesse irreverencia para com a sua memoria, teriamos orgulho em proclamar, neste momento, que eramos seus discipulos todos quantos temos a honra ou a ousadia de manejar a penna como jornalista.

Elle era o mestre; elle era o esculptor do pensamento; elle era o artista da palavra; elle era o pensador augusto e o escriptor correcto; elle era o philosopho e o poeta; elle era o diplomata e o polemista; o homem de estado e o homem da sociedade; sempre grande, sempre luminoso em todas as attitudes do seu pensamento, e em todas as fórmas do seu estylo vigoroso e terso.

Sua vida, porque elle viveu alguns annos, pode ser dividida em dois periodos: o da felicidade florente, que atapetou de flores a estrada que percorreu nos seus primeiros annos; e o da amargura sombria e desesperada, que, á força de ser intensa e profunda, conseguiu estampar na superficie do lago estagnado da sua ultima existencia a sombria serenidade da morte.

O poeta florentino para chegar ao inferno embrenhou-se por uma selva escura depois de haver perdido a estrada franca, — «che la diritta via era smarrita...».

Mas com o nosso mestre succedeu o contrario: chegou ao inferno, por haver querido perseverar na estrada verdadeira, em cujo termo achou o abysmo, onde sepultou, de uma vez para sempre, a esperança, a saude moral do espirito, a energia da vontade, todos os nobres ideaes da vida, todas as ambições, todos os gosos, todas as glorias, e todas as delicadas sensações do seu nobre coração.

O mal penetrou nelle, mas não poude corrompel-o.

Como si lhe houvessem propinado arsenico, o seu corpo engelhou-se, mas ficou illeso; o seu espirito esfriou, mas permaneceu forte, polido, e brilhante, como uma lamina de aço.

Si, como as naturezas vulgares, a sua pudesse conviver com as alegres expansões da ignominia inconsciente ou satisfeita; si, ferido no coração, elle pudesse espremer, em vez do sangue, o pus esbranquiçado dos organismos apodrecidos, elle pudera, como tantos outros, sobreviver á sua propria dôr e continuar partilhando, no convivio da sociedade, as honrarias, os prazeres, as vantagens, as preeminencias e até

as recompensas com que os dispensadores das graças, no baixo imperio das mesquinhezas, costumam galardoar e engrandecer os miseraveis famintos de consideração e de honras.

Mas elle não era assim: não se accomodou á idéa de embalsamar o proprio sêr, depois de morto, para continuar a figurar no mundo dos vivos; concentrou-se em si mesmo, e, como um exul voluntario, sem patria, sem familia, sem affeições, fugindo áquellas mesmas que rebentavam do seu proprio sangue para não quebrantar a resolução fria e resignada daquella especie de suicidio; privado de todas as consolações e de todos os confortos da vida, buscou, para completar o prazo da sua condemnação terrestre, uma residencia isolada e longinqua, aonde não chegasse o bulicio da vida, nem os echos da agitação humana, mas sómente os murmurios da natureza sylvestre, encerrado por longos annos no vasto salão onde tinha os seus livros, unicos companheiros effectivos da sua solidão, sahindo raras vezes e sempre por algum dever necessario, servindo de amparo e de guia a filhos sobre cuja fronte só podiam cahir as lagrimas da sua profunda amargura, e escrevendo assiduamente ao lado de uma janella que elle proprio conservava sempre fechada como para não deixar espairecer os olhos pelo panorama risonho da natureza e pelo horizonte luminoso do céo da sua patria ingrata.

A nobre e resignada victima do dever e da honra, na sua solidão e no desespero da sua lenta e penosa agonia, não tendo podido alcançar para si a felicidade domestica, nem as venturas do lar circumscripto da familia, sentiu dilatar-se o seu coração para abranger nelle a grande familia dos seus concidadãos e a felicidade da patria.

Na sua mocidade, o seu espirito scintillante esvoaçou como uma borboleta de azas douradas, pelo mundo da phantasia, e sempre inspirado pelo bem e pela fé, na crença infantil das primeiras illusões, transportou para o proprio mundo politico as doces e carinhosas seducções de que era tão facil a musa feiticeira e caprichosa, que desvendava aos seus olhos o painel azulado de um céo sem nuvens e sem sombras.

A estrella d'alva foi de facto a estrella guiadora do seu espirito, que assim peregrinou, desde a mais nobre illusão da sua imaginosa phantasia até os páramos illuminados da verdade, onde afinal, como um severo «Spectador» da evolução do pensamento humano e do movimento social na America, assentou a sua tenda, não como o arabe erradio disposto a emprehender nova viagem, mas como um patriarcha austero, estanciado no meio do deserto, celebrando no seu ta-

bernaculo da felicidade commum dos povos e da fraternidade entre os homens.

Foi monarchista e acabou republicano; foi poeta e acabou philosopho; foi homem do mundo e acabou anachoreta; foi alegre e acabou misanthropo; foi jornalista e quebrou a penna do polemista; foi amoroso, apaixonado e acabou ascetico; sobreviveram, porém, a todas as qualidades brilhantes da sua vida de outr'ora, todas as solidas virtudes do seu caracter — o sentimento da altivez e da honra, a crença na liberdade, a fé no destino futuro dos povos, a resignação nos soffrimentos, e uma ineffavel bondade para com todos os que se approximavam delle e para os proprios que directamente ou indirectamente concorreram para o seu infortunio.

Como capacidade politica, como diplomata sagaz, como talento, como energia moral no meio dos contrastes da sorte ou das vicissitudes humanas, como espirito vidente e coração leal, elle não teve superior na geração do seu tempo.

Pertencendo a uma familia numerosa e privilegiada quanto aos dotes intellectuaes, elle foi sempre acatado como o primeiro e o mais alto na auctoridade e no prestigio da illustração e do saber.

José Maria do Amaral representava na historia politica do nosso paiz a tradição de uma geração heroica e abnegada, que não regateou sacrificios pelo bem da patria e pelo exito da revolução liberal, que teve o intuito, embora mallogrado, de sanear a atmosphera social da nossa patria, suffocando o germen deleterio do despotismo.

Por esse e por todos os outros titulos, que o recommendavam á consideração social e á estima de seus compatriotas, depomos muito respeitosamente sobre o seu tumulo a mesquinha grinalda da nossa gratidão e da nossa saudade.

Do «Paiz» de 25 de setembro de 1885.

Raul Pompeia

Raul d'Avila Pompeia

* Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, 12 de abril de 1863

† Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1905

Bacharel em lettras pelo collegio PEDRO II, em 1880, e bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de Recife, em 1886, tendo antes cursado a de S. Paulo, director da repartição de estatistica do Rio de Janeiro, do «Diario Official» da união, e da «Bibliotheca Nacional».

Sabia manejar a penna. Cedo revelou-se escriptor de summas qualidades, e cedo morreu, suicidando-se aos 32 annos de edade, por motivo até hoje ignorado.

Eximio artista da palavra, era tambem habilissimo desenhista, além de pintor e de esculptor de extraordinaria vocação.

O seu estylo, como o de JOSÉ DE ALENCAR, o de MACHADO DE ASSIS e o de OLAVO BILAC, não lembra o de nenhum auctor. Completamente original, conhece-se logo á primeira vista.

Paladino da abolição dos escravos, companheiro de LUIZ GAMA, em S. Paulo, serviu, com ardor e paixão, a causa republicana, batendo-se ainda pela total emancipação do Brasil de qualquer influencia extrangeira.

Trabalhou na imprensa de São Paulo, e, bastante, no do Rio de Janeiro, onde collaborou no «Jornal do Commercio», na «Gazeta de Noticias», na «Gazeta da Tarde», na «Semana», bem assim em outros muitos jornaes. No Rio de Janeiro, dirigiu a revista a «Rua», que teve breve duração.

Deixou os seguintes livros: «*Tragedia no Amazonas*», «*Atheneu*», e «*Agonia*» — incompleto — romances; «*Canções sem Metro*» — poemas em prosa; «*Carta ao Auctor das «Festas Nacionaes»* — opusculo politico e litterario.

DOMICIO DA GAMA, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de RAUL POMPEIA.

Durante a noite...

(Conto do Natal)

Não foi sem motivos que o bom CARLITO não quiz deitar-se, naquella noite.

As noites de Natal sempre lhe entraram pela imaginação como um punhado de horas phantasticas, em que os bons espiritos mansos e adoraveis do céo baixavam lá daquella cupola azul fluctuante, que as estrellas prendem como alfinetes de prata, baixavam a conversar, na terra, com os louros pequeninos que têm a estatura e o semblante do MENINO JESUS.

Contavam-lhe tão lindas coisas dos meninos do céo, as ethereas creancinhas aladas, que vão pelo espaço adeante, adeante, leves como plumas, leves como frocos finissimos de nuvem...

CARLITO quizera vel-os, tocar-lhes o corpo com o dedinho irreverente e curioso, apertar-lhes a planta polpuda e delicada dos pés, pedir-lhes, depois, aquelles brinquedos que elles dão pelo Natal aos bons companheiros da terra.

No anno passado, bem tentára esperar pelos anjos. E os anjos tinham vindo, e lhe haviam deposto á cabeceira um grande polichinello de robusta corcova e pontudo ventre, nariz adunco e afogueado, olhar embirrante e feroz, chapeu de bicos enormes, espalmado para cima, audaz, napoleonico!... Tinham vindo, e CARLITO os perdêra; soffrêra a mais vergonhosa derrota, batido pelo somno!

Os maiores desgostos da sua vida era a esse inimigo que elle os devia... Naquella noite, porém, jurára vencer o dominio do somno!

Haviam-lhe dado, de presente, uma bella arvore de Natal muito verde, habitada por uma legião de phantasias, que lhe fugiam por entre as ramas, como um enxame deslumbrante de passarinhos de ouro, ou desabrochavam nos galhos, como incomparaveis corymbos de maravilhosas flôres.

Deviam ser assim os brinquedos distribuidos pelos nocturnos mensageiros do Natal.

Os elephantes, pendurados aos galhos pelo lombo, os moinhos de vento, os pastores, balançando á brisa das janellas, os boizinhos, as estrellas de papel, os bonecos, os soldados, amarrados pelo pennacho das barretinas, tudo aquillo parecia um mundo imaginario, a viver vida *sui generis*, no bosque suspenso. Além dos brinquedos havia doces, presos por lacinhos de fita... Um paraiso!

Tres amigos de CARLITO, da mesma edade, ajudavam-n'o a fazer a côrte á prodigiosa arvore.

Quando escureceu, trouxeram os pacotes de velas, as pequeninas velas de cêra, de todas as côres, que deviam illuminar a arvore do Natal.

Carlito pediu que diminuissem a luz do gaz. A claridade do grande lustre da sala de jantar esmoreceu, e entrou na sala a meia sombra da bellissima noite de luar, que reinava sobre os gramados do jardim. Esplendido! Carlito suppunha-se em plena floresta! Os armarios, no escuro, apresentavam pontas bruscas e angulos, que parodiavam asperezas de rocha; as trepadeiras que se agarravam ao peitoril das janellas pareciam passar sob as vidraças e subir a enroscar-se nas volutas do estuque do tecto. A luz amortecida do gaz derramava-se, esbatia-se pela grande mesa de jantar, clareando o panno da coberta, como um crepusculo extranho sobre a superficie sem reflexos de um lago phantastico.

Dentro desta rica paysagem, achava-se perfeitamente a arvore do Natal; dir-se-ia que as selvas rodeavam-n'a! Adornada pelas maravilhosas coisas que lhe brilhavam confusamente no escuro dos galhos, dominava, soberana, todas as exhuberancias de vegetação da floresta circumvisinha!...

Accenderam-se as velas...

Carlito foi á sala de visitas chamar gente, para admirar o effeito da arvore illuminada.

Voltou desapontado.

Ninguem quizera dar ouvido ao seu enthusiasmo!

Depois de haver, por momentos, ruminado o seu despeito, o menino pôz-se a reflectir...

Todos viviam, havia dias, preoccupados em casa...

Era a doença da mamãe...

Elle, entretanto, que via a mamãe cada vez mais gorda, espantava-se com a subita enfermidade... Tambem só elle. A pobresinha cahira de cama.

Carlito tinha impetos de chorar, mas não descobria tristeza nas preoccupações da familia, e guardava as lagrimas...

Causava-lhe impressão, todavia, aquella lufa-lufa... Entra visita, sae visita, vem medico, vae medico... Ninguem lhe dizia mais: — vá estudar o a b c, menino! Notava-se um abandono em toda a casa!...

A doença da mamãe era o motivo daquella desorganização.

O menino não podia imitar a preoccupação dos outros. As tentações arrastavam-n'o á folgança. Carlito pescava nas aguas turvas. Finalmente, a arvore do Natal o absorvêra inteiramente e banira-lhe de toda a cabecinha o effeito do sobresalto da casa.

Chegou a ponto de esquecer a enfermidade da mamãe...

O fiasco do seu enthusiasmo viera recordar-lhe a realidade.

Reflectiu. Em ultima conjectura era muito justo que ninguem fizesse caso da sua arvore illuminada... Mas CARLITO ficou aborrecido.

Voltando á sala de jantar, não achou mais o encantamento que ahi deixára. A luz das velas de cera desacreditava completamente a sua paysagem, desnudando a illusão do escuro. Reappareciam as banaes étagéres, com as fructeiras estupidamente achatadas em cima; viam-se os disformes florões e as ramagens pardas do panno da mesa; um torpor irresistivel parecia escorrer pelas cortinas, pendentes em bambolina da verga das portas; dos angulos mais sombrios das paredes, e de traz dos armarios, projectavam-se, alongavam-se para fóra, dubias figuras, que faziam medo na sala vasia...

Os companheiros de CARLITO tinham ido brincar em outro logar ou dormir talvez.

A arvore do Natal, abandonada, parecia olhar pela chamma das velinhas, como por muitos olhos injectados de sangue, arregalados, á procura dos meninos que os haviam feito brilhar. Parecia um espectro de olhos de fogo!

CARLITO amedrontou-se.

Foi novamente á sala de visitas.

Ahi havia diversas senhoras cochichando: eram as tias, que tinham vindo para as festas do Natal, e uma visinha, que frequentava assiduamente a casa; um homem alto, bem vestido conversava com o pae, no vão de uma janella, atirando de tempos a tempos olhares distrahidos para o jardim. Era o doutor...

CARLITO achou aquillo tudo tão enfadonho, tão triste...

Perguntaram-lhe si elle não tinha somno...

O menino respondeu com um longo bocejo. Principiava a sentir, pesando-lhe sobre os olhos, toda aquella dormencia que reinava em casa, na sombra dos armarios, nas dobras das cortinas, que a brisa nocturna fazia oscillar timidamente, na luz parada do gaz, nos pingentes immoveis a cahirem das arandelas, como dragonas de crystal, naquelle mortiço luar que, de espaço a espaço, junto das janellas, abria-se em alvissimos tapetes pelo soalho...

Dous dedos de chumbo começavam, com insistencia, a apertar-lhe as palpebras. Eram os dedos do demonio do somno, que persegue os meninos.

Depois, fazia frio. Pelas janellas abertas penetravam lufadas gelidas, que vinham como o halito mortifero dos phantasmas acocorados lá fóra, sob o arvoredo negro, embrulhados em lençóes brancos, fluctuantes!...

Carlito procurava, no céo, o bando risonho dos anjinhos do Natal!... O céo deserto!... Apenas, as estrellas, veladas pela gaze do luar que lhes passava por baixo, cravavam todas sobre o menino aquelle olhar tremulo que elle não comprehendia e que parecia ameaçal-o como a luz das velas da arvore... Na terra, alternando com os perfis do negro arvoredo, via-se a lua, a forrar de neve os telhados e o chão, uma neve tenuissima, phosphorescente, que transpirava exalações azues...

Dentro em pouco, porém, começou a notar que vagas imagens se desenhavam sobre a tela do céo, destacavam-se, depois, descollavam-se, e vinham para elle, em cortejo, animadas!... Era o elephante da sua arvore, eram os mesmos pastores, eram os mesmos passaros!... Vinham todos para elle e vinham tambem os preciosos anjinhos, a turba-multa ruidosa e inquieta das creanças do céo. Estes enxotavam do espaço para a terra toda a legião de phantasias que elle deixára pendentes da frondosa ramagem da sua arvore.

Eram os anjos do Natal que desciam. . . . . .

. . . . . .

Quando se extinguiu esta bella visão, Carlito verificou que adormecera e que o haviam carregado para o leito, sem que elle sentisse...

Era já dia. Brilhante claridade do sol açoitava as venezianas da alcova, e vivos reflexos passavam por entre as taboinhas, dispersavam-se pelo aposento, afugentando as ultimas sombras.

Carlito não poude resistir á luz; fechou os olhos.

Quando os abriu de novo, estavam deante delle muitas pessoas: as tias, que haviam chegado para o Natal, a visinha que frequentava muito a casa, as creadas... Um rumor extraordinario de alegria debruçava-se-lhe sobre o leito. Carlito, atordoado, não percebia aquillo...

Oh! traziam-lhe a beijar o maninho, que nascera durante a noite!

O menino pulou da cama. Cobriu de beijos a carinha pasmada que lhe apresentavam, quasi invisivel, no meio das faixas. Pobresinho! Era o unico, que haviam agarrado, do bando de anjos que o visitaram á noite. O unico!

Tenra, fraquissima, não pudera, pobre creaturinha do luar, fugir com os outros, quando chegára a violencia da aurora! E, por cumulo de maldade, haviam-lhe em casa arrancado as pequenas azas!

Como havia a mamãe consentido?!

Carlito bem quizera tomar-lhe contas, mas lembrava-se que ella estava doente...

Não podia culpal-a.

Tambem, agora, só restava ao anjo desgarrado a consolação do seu amor... E Carlito avaliava já como não amaria o delicioso maninho, que lhe viera do céo, durante a noite do Natal, exactamente como o presente do anno passado, — lembram-se? — o feroz polichinello de olhar embirrante e nariz adunco...

(*) Da «Gazeta Litteraria», publicação quinzenal, dirigida por Teixeira de Mello e Valle Cabral, tomo I, Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger & Filhos, 1884, pags. 122-124.

Rio Branco, o primeiro

José Maria da Silva Paranhos
Visconde do Rio Branco

* São Salvador, Estado da Bahia, 16 de março de 1819

† Rio de Janeiro, 1.º de novembro de 1880

Matriculou-se, em 1836, na antiga academia naval, e, quando já promovido a guarda-marinha, obteve auctorização afim de se transferir para a escola militar, que frequentou até tirar a carta de engenheiro, em 1843.

Depois de graduado, exerceu o magisterio nessas duas casas de ensino superior, e ainda na escola central, hoje polytechnica. Na primeira, regeu as cadeiras de artilharia e de mathematicas, de 1843 a 1845; na segunda, as mesmas cadeiras, de 1845 a 1856, em que lhe coube mais outra, a de mechanica, que occupou até 1860; na terceira, egualmente a de mechanica, e, em 1863, a de economia politica, estatistica e direito administrativo, tendo sido afinal o seu director, no periodo de 1875 a 1879.

Eminentissimo homem de estado: tambem notavel diplomata, professor e jornalista. Com a sua infinita bondade, chefiou a humanitaria e abençoada campanha parlamentar, que deu em resultado a decretação da magna lei de 28 de setembro de 1871, em virtude da qual ninguem mais nasceu escravo, no Brasil. Dignificado pelo talento, pelo civismo e pela honradez, ganhou o titulo de benemerito da patria, legando-o a seu primogenito, Rio Branco, o segundo, que tanto soube merecel-o da gratidão nacional. Do pae orgulhava-se o filho, exactamente como deste se poderia aquelle ufanar.

Não é justo, a proposito de Rio Branco, o primeiro, cujo nome resplandece na soberba constellação dos vultos do segundo imperio, esquecer o perfil habilmente desenhado por Tobias Monteiro, em elegantes e instructivas paginas das «*Pesquizas e Depoimentos para a Historia*»:

«A sua palavra não tinha arroubos, não inflammava, não era feita para arrastar multidões; era um instrumento limpido, rutilante, sonoro, adequado a demonstrar e convencer.

«O visconde do Rio Branco conhecia profundamente a technica do debate, a alma dos auditorios, a sensibilidade do publico. O estylo era sempre puro, a fórma impeccavel. Explicava elle o segredo dessa connexão dizendo que aprendera a cultival-a com o marquez de Abrantes: «Converse sempre em linguagem apurada como se tivesse de falar em publico», ensinava-lhe o arbitro das elegancias na politica, naquelles tempos de rigoroso formalismo. Dia a dia firme em seu posto, estava sempre prompto para bater-se. Nunca o tomaram de surpresa. Quando o assalto parecia mais

violento, mais inesperado, viam-no logo de pé, prompto para a replica. A figura majestosa desde logo impressionava. Os seus bustos e retratos, hoje abundantes, dão idéa de sua belleza, que passava por ser das maiores, entre os homens do tempo. Alto, esbelto, a fronte espaçosa prolongando-se numa calva profunda; o rosto amplo, adornado de fartas suissas brancas, muito brancas; o bigode raspado, a bocca rasgada, de labios finos, como um longo corte vermelho de bordos conchegados; nariz rectilineo, os olhos pequenos, o olhar profundo e luminoso,—quando elle se levantava, impunha, até aos que não queriam, silencio e respeito. Quando o vozerio acalmava, era então que começava a falar, raramente forte, quasi sempre brando, lentamente, para subir, num crescendo dominador. Commummente parco de gestos, batendo as vezes brandamente com o indicador curvado sobre a mesa dos ministros, todos, porém, lhe conheciam o ardor da peleja, quando o viam distender os braços, de um e outro lado, procurando segurar os punhos que escapavam. Outro signal de vivacidade na lucta era a vermelhidão da calva transudante.

«Todos os que lidavam com elle, de perto, achavam-no alegre, primoroso nas maneiras, acolhendo com bondade ou affago desde os velhos até as crianças, que a todos encantava. Muito tolerante, esquecia facilmente as maguas que soffria e perdoava os offensores. Vivia para a familia e o trabalho. Terno para os filhos, condescendente para os serviçaes, era, entretanto, severo e exigente nos deveres do serviço publico. Grande trabalhador, tinha sempre prompta a sua tarefa, como um estudante brioso; tudo via, tudo fiscalizava. A primeira coisa que fazia, quando lhe entregavam um papel para exame, era molhar a penna, a que não lograria escapar nenhuma falta de virgula». (*)

Estreou na imprensa do Rio de Janeiro, redigindo, em 1844, o «Novo Tempo». Collaborou, em 1848, no «Correio Mercantil», e, de 1850 a 1851, no «Jornal do Commercio», em que teve occasião de publicar as celebres «*Cartas a Um Amigo Ausente*» — todas de indiscutivel valor litterario.

Não lhe permittiram as innumeras e afanosas occupações deixar quaesquer livros. Mas nos annaes da camara e do senado existe preciosa collecção dos seus luminosos discursos, em que sempre haverá que apprender.

Eduardo Prado, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de visconde do Rio Branco.

A lei do elemento servil

Passo, snr. presidente, ao peculio. O peculio, senhores, que tambem pareceu uma concessão exaggerada, é uma das medidas, a meu vêr, mais apropriadas para mitigar a condição do captivo. O peculio obtido pelo trabalho do escravo não deve ser propriedade delle?

Deve continuar o escravo na incapacidade absoluta de adquirir e possuir?

(*) «*Pesquisas e Depoimentos para a Historia*», Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913, pags. 31, 32.

Snr. presidente, si a disposição do peculio ficasse como estava consignada na proposta, seria, ainda assim, um principio irrecusavel; mas a nobre e illustrada commissão especial, cedendo ás prevenções que se levantaram contra uma idéa já recebida entre nós, já acceita pelos nossos proprietarios de escravos, tirou a condição obrigatoria do peculio, e disse: o peculio pelo trabalho e economia do escravo só poderá dar-se por consentimento de seu senhor.

Então que outro peculio pode ter o escravo sem consentimento do senhor? O que vier da philantropia de terceiros? Mas, senhores, isto não é um direito sagrado que todo senhor de escravos deve respeitar?!

Qual é o facto que se observa entre nós? Tenho conversado com muitos proprietarios agricolas, e todos elles me têm dito que o peculio já está admittido. Si assim é, senhores, quando uma lei não faz mais do que converter em direito uma ordem de coisas, que já existe de facto, essa lei pode ser taxada de violenta? Não é moral, não é justa?

Snr. presidente, todos os que têm pensado sobre esta reforma, não sómente sob o ponto de vista do interesse material, mas tambem á luz dos interesses moraes, todos dizem que o direito do peculio é uma das consolações mais gratas ao escravo. É o principio que o rehabilita até certo ponto nas condições da sociedade civil, e que o tira dessa condição extrema em que o escravo é considerado exclusivamente como coisa. É o direito de adquirir e possuir pelo seu trabalho e pela sua economia, e, segundo as emendas da illustrada commissão especial, com o consentimento de seus senhores. É um estimulo ao trabalho e á sobriedade. Isto se praticava tambem nas colonias francezas e inglezas.

Dizem os relatorios francezes (e note-se que nas colonias francezas ainda vigorava o codigo negro), dizem esses relatorios que era permittido aos parentes de um escravo, que pertenciam a outros estabelecimentos, irem receber o peculio do fallecido que não tinha herdeiros entre os escravos do mesmo senhor. Esta concessão do peculio, snr. presidente, além de ser um favor moderado e justo, e já em uso entre nós, é tambem do interesse do proprietario.

Na quadra em que vivemos, sob a influencia das idéas da nossa civilização e do nosso seculo, mitigar a condição do captiveiro é não só obra de humanidade, mas calculo de interesse bem entendido.

Vejamos o que nos diz a historia a este respeito.

Quaes foram, na America os captivos mais doceis, mais obedientes, e mais fieis? Foram os das colonias hespanholas.

Perguntae ao historiador porque, e elle vos responderá: porque, desde o principio, os hespanhóes concederam aos escravos o peculio e o direito de resgate.

Foi por isso que, quando Bolivar, Queiroga e outros patriotas quizeram sublevar todas as massas contra a metropole, viu-se esse grande espectaculo dos escravos das colonias sul-americanas, longe de acompanharem os revolucionarios, fugirem e acompanharem os seus senhores.

É um facto que fala bem alto, snr. presidente: quando o captiveiro é mitigado, ganha o escravo, e ganha o senhor.

As apprehensões que se levantam a respeito desse artigo da proposta nascem de que a legislação do Brasil foi muito omissa, quanto aos direitos naturaes do escravo, deixando tudo á humanidade dos senhores. Nos outros paizes não houve essa confiança ou direito absoluto. Veja-se mesmo o codigo negro da França e os regulamentos inglezes e hespanhóes. Attendia-se ao tempo do trabalho e ás horas que devia ter o escravo para o culto religioso, para o seu descanço, e para o seu peculio. Regulava-se o trabalho, segundo as condições de edade, e nunca se consideraram estas disposições legaes garantidoras do homem escravo, como attentado contra a disciplina dos estabelecimentos agricolas; pelo contrario, onde a escravidão era mais rigorosa, ahi seus males se manifestaram, com mais feio aspecto.

É ainda bem notavel o que nos accrescenta a historia.

Os nobres deputados sabem que São Domingos foi theatro de scenas sanguinolentas. São Domingos era o argumento que sempre se apresentava contra essa idéa santa de emancipação. Pois bem, senhores, São Domingos, em parte, era dominio hespanhol, e, quando se deram aquellas scenas, a parte hespanhola da Ilha de São Domingos ficou tranquilla!

É que concessões bem entendidas, como as da proposta do governo, filhas da razão e filhas do nosso credo religioso, não produzem males, e sim bens.

Passo ao terceiro ponto capital, o resgate. O resgate tambem afigurou-se entre nós uma coisa nunca vista; pareceu a muitos um perigo para a disciplina dos estabelecimentos agricolas.

Já mostrei, senhores, que sempre houve o resgate nas colonias hespanholas, e vós o sabeis, melhor do que eu, que o resgate já estava admittido desde o direito romano.

Pergunto si haverá senhor que, quando um escravo se lhe apresente com o seu justo preço, e lhe peça alforria, lh'a recuse? Qual será o senhor que possa fazer isso? Quando a affeição a esse escravo o não mova, ha de movel-o outro sen-

timento, porque é levar muito longe o regimen da escravidão, pretender que fique no captiveiro quem pode remir-se, pagando o seu justo preço!

Para não cançar a camara, deixo de lêr considerações muito eloquentes e juridicas do visconde de CAYURÚ sobre este ponto.

Ha, outrosim, na proposta o resgate por contracto de futuros serviços, e a illustrada commissão especial tornou este resgate dependente do consentimento do senhor.

Onde está, pois, snr. presidente, a causa de tanta celeuma e de tanta extranheza? Onde estão os horrores com que se tem procurado indispôr a classe agricola contra esta refórma, que, aliás, todos reconhecem necessaria, divergindo unicamente, quanto aos meios?

Senhores, eu peço aos nobres deputados dissidentes que se circumscrevam á materia em discussão. Deixemos as nossas querellas politicas para outro terreno, para outra occasião.

Vamos discutir unicamente a refórma do estado servil! É isso de alto interesse para toda a classe agricola.

Si ella bem comprehende os seus interesses, deve querer que esta questão se resolva, e não continue como uma espada pendente sobre sua cabeça, sem saber o que pretende fazer o legislador, sem saber qual a lei em que viverá.

Entretanto, quantas circumstancias não podem surgir que excitem os espiritos, e que tornem amanhan impossivel o que hoje é tão facil?

Senhores, quando o duque de BROGLIE, rejeitando este systema, preferiu o de emancipação immediata e simultanea, elle referiu no seu relatorio o seguinte: «Dizem os conselhos coloniaes que a outra solução (a da liberdade do ventre) ha dez annos seria acceitavel, mas que hoje já não é possivel». Os nobres deputados dizem-nos: sejamos prudentes! Eu lhes respondo, sim, sejamos prudentes, mas não imitemos a sabedoria daquelles prudentes, que chegam sempre tarde por medo de pronunciarem-se muito cedo!

Snr. presidente, o nobre deputado pela provincia do Ceará terminou hontem o seu discurso phantasiando um echo de além-mar, que devia recordar-me os deveres da posição em que s. ex.ª considerou o ministerio e a maioria. Eu direi, por minha vez, ao nobre deputado que elle, attentando bem para a posição que tem tomado, e reflectindo sobre os factos de nossa vida politica, ha de ouvir tambem um echo de além-tumulo, dos fundadores de nossa independencia, advertir-lhe: extremado conservador e joven estadista, não ataqueis as instituições em nome do partido conservador, não digaes pe-

rante um parlamento de catholicos que a religião não deve inspiral-o quando se trata de uma reforma desta ordem!

A religião é a luz que deve illuminar todas as consciencias; o evangelho é o codigo dos codigos; e a nação que, quando se trata destas grandes medidas nacionaes, não teme a influencia da moral e da religião, essa nação expõe-se ao socialismo brutal e feroz que ainda ha pouco fez estremecer o mundo civilizado!

Discurso proferido na sessão da camara dos deputados de 14 de julho de 1871.

Rio Branco, o segundo

José Maria da Silva Paranhos Junior
Barão do Rio Branco

* Rio de Janeiro, 20 de abril de 1845

† Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1912

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito do Recife, tendo cursado a de São Paulo, até o 4.º anno, no periodo de 1862 a 1865.

O primeiro dos nossos diplomatas; profundo e sabio conhecedor da geographia e da historia do Brasil, cheio de memoraveis serviços á patria, e uma das glorias do nosso paiz. Intelligencia de primeira plana, brilhou desde o inicio da sua vida publica até os derradeiros annos de existencia, numa interminavel serie de estrondosos triumphos.

Regeu interinamente a cadeira de historia e de chorographia do Brasil do internato do collegio PEDRO II; exerceu o logar de promotor publico da comarca de Nova Friburgo, na provincia hoje estado do Rio de Janeiro; serviu como deputado geral por Goyaz, nas legislaturas de 1869-1872 e 1872-1875; fundou, com GUSMÃO LOBO e o padre JOÃO MANOEL, o jornal «A Nação», publicado no Rio de Janeiro de 1871 a 1875, famoso pela campanha em favor da emancipação dos escravos; desempenhou as funcções de consul no Brasil em Liverpool, de 1876 a 1889, anno que passou a occupar o cargo de superintendente geral da emigração.

Coube-lhe, em 1894, e por iniciativa do benemerito PRUDENTE DE MORAES, a nomeação de ministro plenipotenciario e enviado extraordinario do Brasil, junto ao governo dos Estados Unidos da America do Norte, no processo de arbitragem da questão do territorio das Missões com a Republica Argentina, e mais tarde egual designação, perante o presidente da Suissa, afim de advogar os nossos direitos, na pendencia de limites com a Guyana Franceza, em que, como na outra, obtivemos a palma da victoria, graças as luzes e ao devotamento do eminente patrono.

Despachado para a legação de Berlim, della sahiu em 1902, a convite de RODRIGUES ALVES, afim de assumir a pasta das relações exteriores, em que se conservou até morrer, após luminosa e inesquecivel gestão, durante a qual resolveu, entre outros de identica relevancia, o intrincado caso do Acre, mediante o «Tratado de Petropolis», celebrado a 17 de novembro de 1903, de que nos resultou a vantagem de enorme e productivo territorio.

Eis como CARLOS DE LAET, severo juiz, mas de altissima competencia, lhe aprecia os ultimos actos e as varias publicações:

«A creação do primeiro cardinalato sul-americano para o arcebispo do Rio de Janeiro, a celebração, nesta capital, da 3.ª conferencia internacional americana, a participação conspicua do Brasil na conferencia da paz em Haya, o tratado de condominio da lagôa Mirim e do rio Jaguarão, affirmando á republica do Uruguay e ao mundo a perduração das generosas tradições da politica brasileira no continente — remataram a gloria deste brasileiro, que de si sempre afastou todas as tentativas para o collocarem na presidencia da republica

«Rio Branco, que foi presidente do «Instituto Historico e Geographico» e membro da «Academia Brasileira de Letras», escreveu: — «*Episodios da Guerra do Prata*», 1825-1828, trabalho primeiramente estampado em uma revista mensal do «Instituto Scientifico de S. Paulo»; um esboço biographico do general José de Abreu, barão do Serro Largo, trabalho publicado na «Revista do Instituto Historico; annotações copiosas á obra de L. Schneider, «*A Guerra da Triplice Alleança*», traduzida do allemão pelo erudito dr. Manoel Thomas Alves Nogueira; varias noticias em francez sobre o Brasil e o nosso café, divulgadas em 1884, quando Rio Branco representava o Brasil na exposição de Petersburgo; a parte historica notabilissima, escripta em francez, na obra «*Le Brésil en 1889*», organizada pelo syndicato franco-brasileiro na exposição universal de Pariz, naquella data; umas ephemerides brasileiras, que primeiro appareceram no «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro: e as valiosissimas memorias apresentadas nos Estados Unidos e na Suissa para a defesa dos nossos direitos nas questões das Missões e do Amapá. Forma um livro de 840 paginas o trabalho de Rio Branco, reivindicando o ultimo destes territorios.

«Escriptor que antes de tudo se propunha ser claro e methodico, Rio Branco essencialmente se distingue pela correcção e limpidez do estylo». (*)

Accrescentaremos que, em 1899, o nosso grande compatriota succedeu, na academia brasileira de letras, a Pereira da Silva, fundador da cadeira que tem o nome de Souza Caldas.

O duque de Caxias

7 de maio de 1880. — Morre, na fazenda de Santa Monica, o marechal duque de Caxias, veterano da guerra da independencia e do sitio de Montevideu; pacificador do Maranhão, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul; commandante em chefe do exercito brasileiro na guerra contra os dictadores Oribes e Rosas e no periodo mais difficil da guerra do Paraguay. Nascera na Estrella, Rio de Janeiro, a 25 de agosto de 1803. Foi o general brasileiro que commandou forças mais numerosas, tendo sob a sua direcção o maior exercito que o Brasil tem formado, a esquadra em operações, as tropas argentinas, e o contigente oriental durante o assedio das linhas de Passo-Purú e Humaytá e as campanhas do Te-

---

(*) «*Anthologia Nacional*», 8.ª edição, Francisco Alves & Cia., Rio de Janeiro, 1918, pag. 114.

bicuary e do Pikisiri. O Brasil deveu-lhe muitas das suas mais brilhantes e disputadas victorias, entre as quaes avultam as do Itororó, Avahy e Lomas-Valentinas. Foram tropheus das suas campanhas no Paraguay 24 bandeiras e 353 canhões. Tres vezes o WELLINGTON brasileiro esteve á frente do governo de sua patria, como presidente do conselho de ministros.

9 de maio de 1880. — Funeraes do duque de CAXIAS no Rio de Janeiro. O illustre guerreiro foi sepultado no cemiterio de Catumby, sem as honras militares, a que tinha direito, porque as dispensára em testamento, pedindo que o seu caixão fosse conduzido por simples soldados.

Gonçalves Lédo

19 de maio de 1847. — Fallecimento do conselheiro JOAQUIM GONÇALVES LÉDO, na sua fazenda do Sumidouro, municipio de Macahé, onde desde alguns annos vivia afastado da politica. Foi o principal director do partido liberal fluminense, em 1821 e 1822; emulou com JOSÉ BONIFACIO, e tornou-se naquelle tempo uma das mais bellas e sympathicas figuras da nossa politica, pelo ardor patriotico com que promoveu a agitação da independencia e o estabelecimento do regimen constitucional entre nós. Seus artigos no «Reverbero Constitucional» inflammaram o enthusiasmo de todas as classes sociaes no Rio de Janeiro e tiveram immenso echo em todo o Brasil. Foi LÉDO quem inspirou todas as grandes manifestações populares daquelles dous annos na nossa capital; quem resolveu o governo a convocar uma constituinte, e quem redigiu alguns dos principaes documentos politicos, como o manifesto de 1.º de agosto de 1822, dirigido por d. PEDRO «aos povos do Brasil». O processo, mandado instaurar contra elle e seus amigos por JOSÉ BONIFACIO, levou-o a emigrar para Buenos Ayres, e, por isso, não tomou parte nos trabalhos da constituinte. De 1826 a 1831 foi deputado da opposição liberal, e um dos melhores oradores da camara. JOAQUIM GONÇALVES LÉDO nascera na cidade do Rio de Janeiro, a 11 de agosto de 1781.

«*Ephemerides Brasileiras*», Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918, p. 263, 265-266, e 276.

Salles Torres Homem

Francisco de Salles Torres Homem

Visconde de Inhomirim

* Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1812

† Pariz, 3 de junho de 1876

Tinha os dous cursos, o de medicina e o de direito; completou o primeiro, na escola do Rio de Janeiro, em 1832, e o segundo, na universidade de Pariz, tempos depois.

Na politica e nas lettras, impoz-se e venceu com o prestigio do merecimento real. Pamphletario, que só FERREIRA VIANNA egualou, no calor e na belleza da linguagem, diplomata que soube honrar a carreira, estadista de privilegiado talento, financeiro de largas vistas, e parlamentar que se cobriu de gloria, na tribuna. Começou atacando o governo do segundo reinado, no seu famoso «*Libello do Povo*», mas acabou servindo-o, esclarecida e lealmente.

Tinha a paixão da imprensa. Fundou e redigiu, de 1837 a 1838, o «Jornal dos Debates Politicos e Litterarios». Collaborou no «Independente», de 1831 a 1833, no «Nictheroy», impresso em Pariz, em 1836, na «Aurora Fluminense», a celebre folha de EVARISTO DA VEIGA, no «Despertador», de 1839 a 1841, no «Maiorista», de 1840 a 1842, e, em outras datas, na «Minerva Brasiliense», no «Jornal do Commercio» e no «Correio Mercantil».

Além do «*Libello do Povo*», escripto com o pseudonymo de TIMANDRO, deixou valiosa collecção de opusculos e folhetos, de que agora já quasi não se encontram os exemplares, nem mesmo nas bibliothecas publicas, tal a rapidez com que desappareceram, avidamente procurados por innumeros leitores.

Os «Suspiros Poeticos» de Gonçalves de Magalhães

A incerteza da duração da existencia, que como um contrapeso conserva-nos suspensos no meio das illusões da vida, era assumpto que naturalmente devia offerecer-se á meditação do poeta. No momento mesmo em que o mundo vacilla em torno de nós, em que os mais descorados objectos se tingem de brilhantes côres, em que uma superabundancia de vida

parece transbordar do nosso seio, e vivificar tudo que nos cerca, a onda rapida da vida vae passando, e, de chimera em chimera, lança-nos fóra do nada da existencia, quando cuidavamos colher a flôr promettida pela esperança. O «Canto do Cysne» diz essa fragilidade da vida com uma simplicidade profundamente tocante, e com aquella harmoniosa tristeza de meditação, que corresponde ao que ha de mais vago, de mais indefinido, e ao mesmo tempo de mais intimo em nossa alma.

Entre tantas outras magnificas harmonias, de que os limites circumscriptos desta noticia não nos permittem dar uma idéa, apparece o «Cantico de Waterloo», composição notavel pela novidade das imagens, vigor do colorido, e energia da expressão. Por meio della o snr. MAGALHÃES deu-nos a mostra de que podia tirar das cordas de sua lyra os sons os mais diversos, e todos eguaes na grandeza dos effeitos. Para entoar o cantico desse drama terrivel, que se chama a batalha de Waterloo, donde a mais gigantesca realidade que ha passado sobre a terra foi exalar-se como um sonho na extremidade solitaria dos tres continentes, o engenhoso vate suffoca por momento os accentos favoritos do seu coração. Aqui não sôa mais essa voz docemente gemebunda da musa, que soffre com o espectaculo da vida; seu enthusiasmo parece accender-se no fogo do raio, e o tumulto das armas lhe retine nos versos.

A inspiração do poeta compara o heróe de Austerliz ao astro da luz, que caminha ao occaso. E na verdade ha em NAPOLEÃO alguma coisa da immensidade das maiores obras da creação. Surgido de uma ilha, vae sepultar-se em uma outra ilha, no meio dos mares, onde CAMÕES situou o genio das tempestades, depois de ter em seu gyro espantado os povos com tão grandes revoluções. Esse halito inflammado, que suffoca as phalanges inimigas, e accende a coragem das suas; esse effeito de orchestra produzido pelos horrores da guerra; essa abóbada de balas, que penetradas de respeito, á maneira de submissos leões, apenas ousam lamber os pés do ginete, — são ardidezas de uma sublime energia, e que traçam ao vivo as proporções colossaes do genio do grande homem, deante de cujo sopro se anniquilam todas as humanas resistencias, e até a natureza physica parece curvar-se de respeito.

As saudades da patria, e as reminiscencias das impressões da primeira juventude, que mais tarde, depois de uma amarga experiencia do mundo, e dos homens, apparecem como ruinas vistas ao clarão do archote, são para o genio do snr. MAGALHÃES uma fonte inexgottavel de inspirações. No meio de todos os povos, ao longo dos caminhos desertos, no tope

das montanhas cobertas de gelo, nos valles sombrios, a lembrança do Brasil faz vibrar todas as cordas do coração do poeta. Os suspiros á patria, arrancados do mais intimo da alma, correm parelhas com os bellos versos, versos saudosos do infeliz lord BYRON em Newstead Abbey aos olmeiros de HARROW, cujas sombras lhe abrigaram o berço.

Este volume de poesias do snr. MAGALHÃES não é somente uma collecção de bellas harmonias, mas tambem um codigo de moral na sua expressão a mais sublime, nas suas fórmas as mais ternas e consoladoras, e cuja luz alumia sem irritar os olhos, como o doce clarão que a lua espalha sobre um dédalo de flores. Elle é proprio a aplacar a necessidade de emoções grosseiras, que a nossa epocha agita. O sopro do infortunio, da religião, e da philosophia animou esses cantos, onde domina um doloroso enthusiasmo por tudo quanto é grande, bom e justo. Parece que a Providencia faz soffrer todos os poetas de genio, afim de que instruam os outros homens com a sublime melodia dos seus gemidos: as creaturas mediocres soffrem menos, porque seus queixumes não têm harmonia, e são um desaccôrdo de mais entre os sons confusos do mundo moral. (*)

(*) Prefacio dos «*Suspiros Poeticos*» de DOMINGOS DE MAGALHÃES, 2.ª edição, Rio de Janeiro, Morizot, livreiro editor, 1859, p. 5-8.

Salvador de Mendonça

Salvador de Menezes Drumond Furtado de Mendonça

* Itaborahy, Estado do Rio de Janeiro, 21 de julho de 1841

† Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1913

Ministrou-lhe a primeira instrucção a propria mãe, filha de JOÃO HYLARIO DE MENEZES DRUMOND, que lhe ensinou desde então a musica e o desenho. Em 1855, começou os estudos secundarios num collegio da capital do paiz, de cujo corpo docente fazia parte o sabio humanista allemão, o barão de TAUTPHOEUS; em 1859, matriculou-se na faculdade de direito de S. Paulo, cursando o 1.º e 2.º anno apenas, por lhe ter sido necessario, afim de cuidar de oito irmãos, orphams como elle, fixar residencia no Rio de Janeiro, onde ficou até 1866, e onde abriu uma aula publica de historia universal, regendo, como substituto de JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, a de historia e chorographia do Brasil, no externato do collegio PEDRO II. De regresso a S. Paulo, em 1867, dois annos após, em 1869, bacharelava-se afinal em sciencias sociaes e juridicas.

Secretario de SALDANHA MARINHO, na presidencia da antiga provincia de S. Paulo, em 1868, indicado para deputado geral por S. Paulo, em 1869, escolhido para auxiliar QUINTINO BOCAYUVA no preparo do manifesto republicano de 1870, nesse mesmo anno, convidado para director da academia de bellas artes, em 1875, nomeado sem a menor solicitação de sua parte, para consul em Baltimore e Nova York, por vivos desejos do barão de PARANAPIACABA e do visconde do RIO BRANCO, tambem em 1875, representante do Brasil na exposição internacional de Nova Orleans, em 1883, dignitario da ordem da rosa, em 1888, encarregado pelo imperador de estudar a questão das Missões, egualmente em 1888, representante do Brasil na conferencia internacional americana e ministro plenipotenciario em missão especial nos Estados Unidos, em 1889, membro da commissão executiva da conferencia americana e ministro plenipotenciario de 1.ª classe em Washington, agraciado com a commenda de ordem de BOLIVAR, da Venezuela, em 1890, passou grande parte da vida, no extrangeiro, sempre, porém, offerecendo sobejas provas de acrisolado patriotismo e nunca esquecendo a nossa terra ou a nossa gente.

Brasileiro verdadeiramente illustre. Celebridade politica e litteraria, cujo subido valor ainda não se apreciou, com devida justiça. Dispunha de cultura excepcional, deveras encyclopedica. Tinha juizo formado sobre tudo, e a curiosidade, incessante, durante a permanencia nos grandes centros espirituaes do mundo, persistiu no ancião, interessado pelas mais modernas conquistas do saber humano. Assim o attestam os estudos a que se dedicou nos derradeiros mezes de existencia, chegando a frequentar

cursos escolares de radio actividade. Bibliophilo apaixonado, colleccionador paciente, conseguiu reunir soberbo conjuncto de preciosidades, valendo-lhe o educado gosto, afim de enthesoural-as, e, possuindo o conhecimento do bello, reunido ao amor da arte, habil para o desenho, para a musica, dominava-o, acima de todas, a preoccupação dos problemas politicos e sociaes da nação, a que pertencia, e a de recolher os ensinamentos da democracia norte americana que nos servissem. Diplomata, talhado para a carreira, já pela capacidade, já pela illustração, mau grado a triste série de calumnias e torpezas, que teve de affrontar e esmagar, logrou cumprir vasta e difficil tarefa, em boa hora — um dia hão de todos proclamar — confiada á sua intelligencia e ao seu caracter.

Ao envelhecer, tornou-se narrador de reminiscencias do meio seculo de sua observação da vida publica brasileira. A morte, apesar de lhe sobrevir aos 75 annos de edade, permittiu-lhe unicamente começar as suas memorias, o que fez com simplicidade de expressão, liberdade de critica e profundo conhecimento de minucias, que sabia ordenar, como historiador de summa competencia na materia. Mormente no estudo e na solução de questões internacionaes em que houve de intervir, ajudava-o immenso a esplendida memoria, a qual causava espanto a quantos o viam discorrer, sem vacillações sobre antigas e remotas occorrencias. Cego, tres lustros antes de fallecer, della não lhe fugiram as multiplas visões, que tivera, na sua phase de estudioso artista; era capaz, á primeira indicação, de, por exemplo, descrever os detalhes de um quadro, apreciado na sua juventude, em determinada posição, em certa data, nada esquecendo de assignalar. Compoz os interessantes artigos de recordações dos homens e dos successos da sua mocidade, sem precisar recorrer ás notas e aos apontamentos que guardára. Na conversação, divertia, deleitava, com o inalteravel bom humor que a enchia de animação, com a jovialidade que nunca lhe desappareceu, mesmo doente ou privado da vista, distrahindo e instruindo a todos.

Não desapprendeu o grego e o latim; falava promptamente o francez, o inglez, o italiano, o hespanhol, e traduzia o allemão. Tão familiarizado ficou com as linguas que, depois de cego, para as versões, e não poucas, a que se quiz entregar, o seu processo consistia em ouvir de uma das filhas o texto original, e dar rapidamente á outra a phrase portugueza, que, muito raras vezes, tinha de emendar. Redigindo, quando tambem privado dos olhos, ia dictando, pausada e definitivamente, linha por linha, os seus artigos, e de maneira que mais parecia estar a lel-os do que a traçal-os. Indagado acerca desse singular systema, dizia que, de vespera, mentalmente os elaborava, bastando-lhe depois só reproduzil-os de cór, afim de que alguem os lançasse no papel — modo de trabalho que denota o alto grau de constancia e de operosidade de um homem extraordinariamente laborioso.

Redigiu, em S. Paulo, a «Legenda», com Theophilo Ottoni Filho, em 1860, e o «Ipiranga», com Ferreira de Menezes, de 1867 a 1870; no Rio de Janeiro, a «Republica», a principio com Luiz Barbosa, e, em seguida, com Quintino Bocayuva, no periodo de 1870 a 1872. Collaborou activamente na «Actualidade», em 1863, e, em 1913, no «Seculo» e no «Imparcial», egualmente do Rio de Janeiro.

São seus trabalhos principaes: «*Singairu*», versos, S. Paulo, 1859; «*Romance de Um Moço Rico*», comedia-drama, com Luiz de Bivar e Belfort Duarte, S. Paulo, 1860; «*Regeneração*», com o pseudonymo de Democrito, S. Paulo, 1861; «*Herança*», comedia-drama, Rio de Janeiro, 1861; «*Joanna de Flandres*», drama lyrico, com musica de Carlos Gomes, Rio de Janeiro, 1863; «*Dilletantismo*», estudos de arte, de que appareceram quatro folhetos, Rio de Janeiro, 1864; «*Hymno*», por occasião da guerra do Paraguay, com musica de Carlos Gomes, Rio de Janeiro, 1864; «*Juizo Critico*» sobre o «*Calabar*» de Mendes Leal, Rio de Janeiro, 1867; «*Tua Roseira*», na morte

de uma filha, Rio de Janeiro, 1872; «*Marába*», romance, Rio de Janeiro, 1875; «*Catechismo Constitucional*», com o pseudonymo de DEMOPHILO, Rio de Janeiro, 1876; «*Apontamentos Biographicos*», contribuição para a historia das campanhas do Uruguay e do Paraguay, Rio de Janeiro, 1876; «*Trabalhadores Asiaticos*», Nova York, 1879; «*Immigração Chineza*», Rio de Janeiro, 1881; «*Instruction to Vice Consuls and Commercial Agents*», Nova York, 1880; «*The Empire of Brasil in the Exposition of New Orleans*», Nova York, 1885; «*Republicanism at Brasil*», estudo inserto na «North American Review», Nova York, 1894; «*General Outelines or Skepeh of the Hystory of Art — Harmony in the Art of Painting*», conferencias no «Washington-Club», 1896; «*Manes Tutelares*», versos ao barão do RIO BRANCO, 1903; «*Discurso dos Cinco Minutos sobre Diplomacia Moderna*», Washington, 1898; «*Discurso na Academia de Lettras*», em resposta ao de OLIVEIRA LIMA, 1903; «*João Caetano*», versos, 1904; «*Ajuste de Contas*», Rio de Janeiro, 1899-1904; «*Orpheu Triumphante*», versos na inauguração da estatua de CARLOS GOMES em Campinas, 1906; «*Situação Internacional do Brasil*», Rio de Janeiro, 1913.

Traduziu cerca de 50 livros de litteratura e cerca de 10 de sciencia.

Empenhado na completa organização do seu opulento archivo, reservára o anno de 1914 para dar publicidade a dez volumes e para uma nova edição ampliada do romance «*Marába*». Vindo a fallecer repentinamente, em fins de 1913, deixou, porém, concluida a magnifica collecção «*Ha Cincoenta Annos — Coisas do Meu Tempo*».

Pretende a familia mandar logo imprimil-a, juntamente com os seguintes manuscriptos que ainda encontrou promptos para a typographia: «*Lendas da Serra e da Baixada*», versos; «*Memorias Alheias*»; «*60 Annos de Reminiscencias*», «*O Arbitramento*», «*Archeologia Americana*»; «*Versos*», «*Escriptos Politicos Escolhidos*», e «*Historia da Regencia*», ensaio do regimen democratico no Brasil.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu para a sua cadeira o nome de JOAQUIM MANUEL DE MACEDO.

Joaquim Serra

«Isto está acabado!» disseste-me hontem ao ouvido, meu pobre JOAQUIM SERRA, quando o teu espirito eleito ia desferir o vôo, de volta ao seio do Creador. «Sinto-me estrangulado... Não te dizia que isto ia acabar?...». E apertamos as mãos pela vez derradeira. Em torno do teu leito de agonia os teus não ouviram tuas ultimas palavras e tu não viste minhas lagrimas.

O circulo da familia, em que havia as cabecinhas de anjos de teus filhos, envolvia-te como uma auréola na meia claridade do quarto. Tinhas no semblante a calma, conquistada ao soffrimento, que na hora extrema transfigurou um martyr e um poeta como tu, HEINRICH HEINE, e deu aos amigos que o cercavam a visão indelevel de CHRISTO. Sahi com o luto n'alma e o coração sangrando quasi como o teu.

Fóra reinava a orgia da luz e da vida. O sol a pino do meio dia dardejava raios quasi tão ardentes como metaes em fusão e os vapores que se desprendiam do sólo cobriam os montes com um veu de amianto e davam ao céo sem nuvens o tom brancacento de uma abóbada de aço. A bahia, encerrada nas suas montanhas de granito, estuava como uma cratera gigante e abrazadora. Apenas das bandas de léste entrava na fornalha do tropico uma corrente de ar arrefecido, que da lagôa mettia-se pelo valle e passava ás plantas do Corcovado, erguido como uma sentinella negra ao lado da casa em que te finavas.

Ventos da Africa, trazidos sobre o Atlantico, não é certo que viestes, carregados de bençãos e perfumados com o incenso e a myrrha do oriente, minorar o padecimento derradeiro daquelle que combateu pela redempção dos filhos do vosso continente.

O batalhador cahiu. Ao vel-o ha dias, na liça, revestido de todas as peças da armadura sem falhas, quem poderia suppol-o tão proximo do tumulo? Veiu, no emtanto, o golpe fatal, o golpe de sangue, o golpe no coração, — e, em que outro orgão poderia feril-o o destino? — e o batalhador cahiu.

A patria brasileira deve cobrir-se de luto, porque, como José Bonifacio ou Ferreira de Menezes, aquelle que hoje desapparece da arena foi um propugnador do direito, um defensor dos humildes e dos fracos, uma alma aberta á verdade, um sonhador da grandeza futura da terra de seu berço. E foi, como poucos, um caracter integro.

Como combateu? Sempre com armas de cavalheiro. Elle e F. Octaviano eram os que melhor empunhavam o florete penetrante, capaz de bordar na cutis do adversario um estigma de morte, sem cederem á tentação de traspassal-o de lado a lado. Estacava ao primeiro sangue, as testemunhas sorriam e o adversario poupado só devia á destreza do esgrimidor a vida que barateára. Ainda quando a indignação era-lhe «musa», os seus golpes não penetravam, esfolavam a pelle. Tinha o dito agudo, nunca a palavra insultuosa.

Muitos annos terão de correr até que outro espirito de tão fina tempera encha na imprensa do Brasil o logar que deixou vago talvez para sempre. Nem o jornalismo europeu com as scintillações do genio gaulez, nem o jornalismo norte americano com o cunho accentuado do seu meio original, podem mostrar-nos a equivalencia desse estylo unico, jovial e acerado, só comparavel á delicada arma florentina, com punho de ouro e de gemmas, e de lamina de aço, maravilha

de ourivesaria, que a um tempo ia bem no cinto da dama ou no cinto do cavalheiro.

Como era admiravel! como lhe escorriam da mesma penna os fios roseos da phantasia mais poetica de par com os fios vermelhos do ridiculo mais acabrunhador!

Quem, no futuro, lêr «Um Coração de Mulher», depois de algumas paginas consagradas á politica, duvidará ter lido o mesmo homem. O genio de MUSSET ou EDGAR POE raras vezes se allia á veia de ABOUT ou MARK TWIN, mas JOAQUIM SERRA teve, a um tempo, em uma terra e em uma epocha em que não sobram admiradores para producções litterarias, porque o gosto está entre nós apenas em formação, tanto sentimentalismo como o auctor dos versos á MALIBRAN e tanta mordacidade jovial como o escriptor dos «Innocentes em viagem».

Foi ha quinze annos, se me não falha a memoria. Já éramos amigos velhos, dessa velhice que tanto mais se adeanta quanto maior é o vigor do andar dos moços e firma em cinco annos uma amizade que deve ir além da morte. Moravamos ambos em Icarahy, perto um do outro. Escrevêra, a seu pedido, umas paginas para prefacio do seu bello volume de «Quadros», e pouco depois de lh'as dar, ia prefaciar tambem a traducção do «Jocelyn», por mandado terminante de JOÃO CARDOSO, que não admittia que um dispeptico se forrasse a tentativas litterarias.

Passeavamos ás vezes juntos pela manhã. Nesse dia, seguiamos, pela praia, em direcção á Itapuca. Pedi-lhe que me lembrasse assumpto para o prefacio que ruminava; ponderei-lhe que, amargurado como andava, doente de alma e de corpo, receiava não corresponder ao que de mim esperava tão formoso poeta e tão benevolo amigo.

«Pois escreve isso mesmo, e junta-lhe o que vês agora ao redor de nós; olha! mistura e manda.»

Ao redor de nós abria-se a mais formosa manhan que DEUS ha dado a olhos humanos contemplar, dessas manhans do Rio de Janeiro, que reconciliam a gente com este mundo, e renovam o desejo de viver uma vida em que é preciso deixar nas urzes do caminho os trapos da nossa roupa, da nossa pelle, da propria carne, os filhos, a esposa, os amigos mais dilectos.

Mas, a manhan era formosa: por cima do morro do Cavallão e do Atalaia, precedendo o sol, este nosso Sardanapalo que só os orientaes e nós conhecemos de perto, por baixo de immenso arco triumphal, inundado de luz, surgia um prestito phantastico de nuvens douradas, assumindo fórmas mi-

rificas, tendas e baldaquinos de estofo de purpura, metaes e pedrarias, no dorso de elephantes negros, conduzindo toda uma côrte de mulheres bellas, por entre reflexos de armas polidas, cimitarras com lavores, turbantes vistosos, bandeiras desfraldadas, tudo no meio da confusão e do fragor que se não ouvia, mas que era visivel. Em baixo um lago de ouro e sangue esbatendo-se até junto de nós e transformando-se em matizes verdes, orlados do arminho de espumas que vinha desmanchar-se aos nossos pés. O céo azul no zenith. As gaivotas brancas a perpassarem entre nós, e o prestito do rei oriental, como os accessorios reaes e verdadeiros com que nos primeiros planos dos cycloramas modernos se arma á illusão, e a perpassarem como barquinhos aéreos, ao passo que as canôas de pescadores, entrando a barra á vela, simulavam aves brancas, pousadas no mar.

Para poder pintar as galas daquella manhan fôra preciso que ainda animasse a penna, com que agora escrevo, a mente imaginosa daquelle que alli estava absorto commigo deante de tamanho esplendor, mas que, a esta hora, na escuridão e no sigillo torpe da cóva, os vermes esperam emboscados, com a cobardia traiçoeira de quem nunca viu a luz, a grande procreadora de todas as fórmas nobres da natureza.

Sentamo-nos debaixo de uma arvore florida, que foi quasi a um tempo visitada pelos primeiros raios do sol e pelo bando ruidoso de abelhas, cedo atarefadas no labor diario.

O meu prefacio estava feito, conforme a prescripção do amigo... do mestre.

Nos nossos passeios pouco entrava a politica. Falavamos mais de lettras, e, por conseguinte, do Maranhão, da historia e dos vultos litterarios da Athenas brasileira, do Lisboa, do Dias.

Este anno, quando vi pela primeira vez a cidade de São Luiz do Maranhão, cheguei ao porto ao pôr do sol, desembarquei á noite e o meu «cicerone» foi a recordação das palestras com o querido Serra.

Fazia um luar magnifico, aquelle luar da nossa costa do norte, parallela ao Equador, que é um luar só dalli, espelhado nos «verdes mares bravios» da terra de Iracema e da terra dos Tymbiras, e nas areias brancas, brancas como as não temos no sul.

Tambem a lua tem lá tons diversos dos nossos e peculiares, tirando mais para o tom de ouro quando se olha para o céo e para o tom de prata quando se olha para a terra. Era a mesma lua do fructo phantastico da palmeira de «Um Coração de Mulher»; pude bem reconhecel-a.

Subi a ladeira que vae do baluarte á praça do palacio e dirigi-me para os lados dos Remedios, afim de vêr o que a posteridade tinha feito por GONÇALVES DIAS. Fui direito á estatua, collocada em logar que áquella hora se me afigurou encantado.

Mas, porque reduzirem por tal fórma a estatua do primeiro poeta nacional? Pois o cantor do «Gigante de Pedra», ainda maior que todos os gigantes que creou, era para ser assim deprimido na estatueta que lhe deu a admiração posthuma da patria?

Elle, que devia estar moldado em bronze colossal, como o fundador da poesia lyrica brasileira, melhor fôra que o deixassem de pé, no alto do monumento immorredouro que ergueu com as proprias mãos do que no marmore perecivel e mesquinho que lhe votaram... Foi por isso que a ti, meu querido SERRA, indefeso batalhador da liberdade dos escravos, «primus inter pares», a nação teve o bom senso de deixar morrer sem galardão official.

Perguntem, porém, aos teus adversarios, aos adversarios da obra de redempção a que dedicaste teus ultimos annos de combate, donde partiram os golpes mais rudes, que os deixaram mais feridos, e elles hão de apontar para o teu nome inscripto á frente da phalange sagrada dos libertadores, desde as columnas da «Gazeta da Tarde» até as columnas d'«O Paiz».

E o que te haviam de dar a ti que deste á tua idéa a propria vida?

No começo da lucta te appellidaste «Ignotus», e depois de finda a tua gloriosa tarefa, disseste-me hontem: «Isto está acabado». Pois bem. Podias mandar que inscrevessem na lapide que te ia cobrir o corpo o epitaphio do grego desdenhoso, relembrado por WINCKELMANN: — «Que me importa?».

Na gratidão e na memoria da patria livre, que começou este anno, e que ha de no porvir levantar um pantheon condigno dos patriotas que a remiram, a palavra «Ignotus» será tamanha que ha de projectar sombra bastante para cobrir todas as corôas heraldicas que indistinctamente exornem os brazões de vencedores e vencidos.

Deixa que as ultimas palavras que escrevo, com a tua penna gloriosa, ao encher as paginas brancas que deixaste sobre a mesa de trabalho, sejam as primeiras palavras de discordancia comtigo em vinte annos de bôa e santa amizade.

«Isto não está acabado». Na formação do caracter nacional, a tua obra e o teu exemplo hão de crear milhares de cidadãos dignos do Brasil novo. Como os astros que se ex-

tinguem, mas cuja luz perdura para os homens tanto mais tempo quanto maior é a distancia em que estava o astro morto, assim a muitas gerações que ainda estão por nascer, nesta terra, ha de chegar, da altura incommensuravel do firmamento, a que se remontou tua alma, o brilho de tua luz. (*)

Surge et ambula!

Havia trinta e sete annos que te não via, meu verde valle natal! Paes e avós morreram... guardas na meio-arruinada egrejinha do Bomfim os restos de alguns delles. Amigos... finaram-se todos, ou espalhou-os em todas as direcções, — miseras folhas do outomno, — o vento do destino. Como ao dormente de IRVING, ninguem me reconheceria, e entraria em minha propria terra como a ave açoutada das tormentas do oceano, que pousa exhausta no bosque desconhecido, medrosa da vegetação que a rodeia, e enlaça, procurando, no solo, a crista das ondas em que se costumou a pousar, entre vôo e vôo, saudosa da rocha batida pelo mar, onde entregou os filhos á misericordia do tufão, e triste por se achar só.

Segui a estrada humida da chuva da noite, por entre os sulcos abertos na areia pelo pesado carro de bois que longe e adeante de mim ia cantando um canto que eu só ouvira em menino. As folhas das mimosas, tenues e leves como plumas, balouçavam-se sobre minha cabeça, e os espinheiros do caminho, agitados pela aragem da manhan, risonha e limpida, cobriam-me de flores e de aljofares; do fundo das capoeiras floridas sahia o perfume acre de folhas e ramas pisadas; as campanulas azues e pequeninas, como olhos de creanças louras, espreitavam-me da sombra das cercas, e a peruinha do campo desferia o vôo para cima como uma flecha, soltando o pio alegre que se perde nas alturas. Quantas recordações! Já não caminhava só, iam commigo, a transbordarem-me do coração, os meus annos de infancia.

Á beira do rio da Varzea sentei-me a uma pedra: eram ao redor as mesmas borboletas brancas, que gostam de dar os bons dias ás creanças em caminho da escola. Ergui-me com o jubilo na alma. Uma rôla debateu-se nos ramos e fugiu da cerca, medrosa de que lhe fosse apanhar o ninho, como ainda aos dez annos fazia.

— Volta, avezinha gemedora, e que algum dia possa a tua prole carpir á tarde, no pomar visinho ao meu casal, os

(*) Do «O Paiz» de 30 de outubro de 1888.

seus amores melancolicos. Volta, não venho em busca do teu ninho, mas em busca do meu.

Abri a cancella do campo: dentro estava a casa, e na porta um extranho. Disse-lhe que alli fôra creado, deixou-me carinhoso percorrer, sala por sala, quarto por quarto, a vivenda que o MACEDO descreve na sua primeira novella, «O Forasteiro», como a casa de PEDRO DE ALMEIDA. Perguntei-lhe pela capella da varanda, e admirou-se de que lhe designasse a porta. Abriu-m'a. Ahi estavam o altar, os nichos, os ornatos esculpidos: os santos haviam desapparecido, as decorações, os dourados. Caiaram-na toda de branco, como o interior de um tumulo em que tivessem sepultado minha fé. Tornei a vêr a fonte, murmurando as mesmas queixas antigas, á sombra do laranjal, sob os mesmos pilares brancos, sob o mesmo telhado coberto de musgo. Indaguei dos conhecidos de outro tempo: o alto jacatirão cahira de velho, e cedêra o passo a outro, que me não tinha visto; mas a graúna copada enfeitára-se com as suas melhores flôres côr de ouro para acolher-me á sombra, como no tempo em que a procurava, cançado das excursões em busca das azeitonas do campo, desejoso de apagar o esbrazeado do rosto antes de tornar para junto da avózinha.

Fui dalli á egreja e subi ao campanario. Formoso valle Itaborahyense, a matta te invade de novo! Morreram as culturas que te cercavam, quando disputavas a Nictheroy a honra de seres capital da provincia fluminense; cahiram em ruinas as casas das fazendas e apagaram-se os fogos dos teus engenhos de assucar, solares de familias poderosas, no tempo em que o primeiro imperador te chamava «o seu Pernambuco pequeno», e em que as casas, ainda hoje de pé, do padre CALDAS e do JOÃO HILARIO — os amigos do padre FEIJÓ — distribuiam o santo e a senha aos liberaes da provincia. Como resto das glorias passadas, das festas e cavalhadas que simulavam justas e torneios, perduram apenas a villa, o campo, e na extrema delle o theatro, em que se estreiou JOÃO CAETANO, o maior actor de seu tempo.

Hoje, tristezinha, decadente, esquecida, cercada de ruinas, pareces conchegar as tuas casas, alvas e asseiadas, ao alto da collina, formando o derradeiro circulo em torno da egreja matriz. Dir-se-ia que colhes em volta de ti as vestes brancas para desceres á sepultura. No entanto, mandas levantar no teu cemiterio um monumento, — o obulo da viuva, — ao filho que tanto te amou e serviu, o terno cantor da «Nebulosa».

Formosa terra Itaborahyense! do tumulo sagrado do teu vate, a que as gerações futuras hão de ir como á Kaaba dos

crentes, nesse campo mortuario, alegre como um jardim, pousado na encosta da collina risonha, que olha para a serrania dos Orgãos, como si fôra a phenix prestes a alçar o vôo e a vingar o ultimo refugio da escravidão, ouvi teu vaticinio na «Saudação á morte»:

«Humano coração, harpa da vida,
Em que são notas lagrimas e risos,
Com tuas glorias teus pezares mede,
Compara com teus hymnos os teus carmes,
Consulta as vibrações das cordas tuas!
Salve, doce mysterio! salve, oh morte!

Ave serena, que em silencio vôas,
Em tuas azas vão prender-se as almas
Que dos valles da dôr ao céo remontas;
Por ti se regenera o pobre escravo
Condemnado a arrastar injustos ferros;
Em ti somente a liberdade existe.
Salve, papoula dos jardins do Eterno!»

Tua riqueza e teu poder de outr'ora nasceram e cresceram com a escravidão do homem: com ella morrem. Mas, eis desponta o dia promissor, e tu, divina chrysalida, has de transformada expandir de novo as azas candidas sobre o valle de bençãos.

Na visão de teus filhos, um sepulto, outro exilado, cobrem-se teus campos de mésses abundantes, cortam teus prados e vergeis cem canaes coalhados de velas, pasce em tuas encostas o gado opulento, e resurges festiva como Ceres, rica e ciosa do teu dominio sobre dezenas de aldeias, que te prestam homenagem, formosa princeza do valle!

Como tuas irmans, expias o crime, e pagas gotta a gotta o suor e o sangue da raça escrava. Curva-te penitente sobre o arado redemptor, rasga com elle o proprio seio, mãe querida, que teu filho voltará em breve, na hora da provação, e atirará ao sulco luminoso este coração formado da tua argilla!

É a hora da alva. Os operarios sahem para o trabalho. Levanta-te e caminha, terra de meu berço, terra de meus sonhos, terra de minha saudade!

(*) *Proemio* do livro de Lucio de Mendonça, «*Esboços e Perfis*», Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1889, pg. VIII-XII.

Sotero dos Reis

Francisco Sotero dos Reis

* São Luiz do Maranhão, 22 de abril de 1800

† São Luiz do Maranhão, 16 de janeiro de 1871

Não se diplomou; mestre de si mesmo, nunca teve professores e nunca frequentou cursos superiores. Grammatico consagrado pela altissima auctoridade de RUY BARBOSA, (*) e litterato notavel. «Toda a sua vida não foi outra coisa sinão um grande educador, quer na cathedra do magisterio, quer na tribuna jornalistica». (**) O seu curso de litteratura terá defeitos de methodo, de exposição e de doutrina; falta, ás vezes, ao auctor o preciso e apurado gosto, para discernir e julgar, mas é, sem duvida, trabalho de homem de vasto saber e de profundo conhecedor da nossa lingua. Não merece ficar esquecido, e menos desprezado.

Jornalista academico, collaborou em muitas folhas do Maranhão, abrilhantando-as com doutos artigos.

Publicou: «*Biographia do dr. Eduardo Olympio Machado*»; «*Postillas de Grammatica Geral*»; «*Grammatica Portugueza*»; «*Commentarios de Caio Julio Cesar*» — traducção do latim; «*Curso de Litteratura Brasileira e Portugueza*» em cinco volumes; e varios folhetos sobre questões de actualidade.

Odorico Mendes; a sua traducção da «Eneida» de Virgilio

Foi ODORICO MENDES versadissimo em todo o genero de litteratura antiga e moderna, profundo no conhecimento das linguas, de erudição inexgottavel, e o poeta pela ventura mais

---

(*) «Nenhum investigador entre nós mais familiarizado com o uso classico, nenhum observador mais perspicaz e miudo, nenhum analysta mais intelligente e escrupuloso das coisas do nosso idioma, conheço eu que SOTERO DOS REIS» — RUY BARBOSA, «*Replica á Defesa de Redacção do Projecto do Codigo Civil da Camara dos Deputados*», Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904, pag. 249.

(**) JOAQUIM SERRA, «*Sessenta Annos de Jornalismo*», Rio de Janeiro, Faro & Lino, 1883, pag. 120.

sabedor de nosso idioma de quantos têm ultimamente florescido no Brasil e em Portugal, como o attestam suas obras impressas e por imprimir. Pela amizade com que me honrava, e de que ainda hoje me recordo com saudade, tive muitas vezes occasião de apreciar a sua erudição verdadeiramente pasmosa, nas extensas passagens que me recitava dos principaes poetas portuguezes, e, com especialidade, de FERREIRA, CAMÕES, e FRANCISCO MANUEL, que eram os seus auctores favoritos, e dos quaes sabia de cór quasi tudo o que produziram de melhor.

Si a politica não tivesse absorvido grande parte do tempo deste felicissimo engenho, de quem recebi licções de bom gosto na apreciação dos poetas, muito mais enriquecida se teria visto a nossa litteratura com escriptos seus, porque sobrava-lhe talento, e nunca lhe faltou amor ao trabalho.

Quanto á escola a que pertence, si algumas das suas poucas poesias lyricas que existem impressas têm resaibos romanticos, é antes, por seus constantes estudos sobre os grandes modelos da antiguidade, e sobre os modernos que os imitaram, um poeta classico que romantico. E com effeito o insigne traductor de VIRGILIO e de HOMERO não podia deixar de ser um verdadeiro poeta classico.

Quanto ao esmero com que fazia as suas versões, fui disso testemunha nas traducções do «Merope» e do «Tancredo», das quaes me recitava muitas passagens comparadas; pois não satisfeito com ter de memoria o seu trabalho que ia polindo e repolindo, segundo o preceito do grande mestre HORACIO, retinha tambem nella muito do original, com o qual o confrontava a cada passo. Quem fazia isto com as traducções de VOLTAIRE, devia por maioria de razão fazel-o com as de VIRGILIO e HOMERO, de quem era enthusiasta; e a perfeição do que existe impresso assaz o demonstra.

Antes de ODORICO MENDES tres poetas portuguezes traduziram egualmente a «Eneida» de VIRGILIO, JOÃO FRANCO BARRETO em oitava rima, e LIMA LEITÃO, e BARRETO FEIO em versos soltos, mas todos ficaram muito aquem do seu grande modelo, cujas figuras, imagens e perfeição de estylo, não souberam reproduzir com a mesma valentia e propriedade, seja por falta de gosto e talento, seja por falta de um estudo aprofundado dos dialectos poeticos latino e portuguez. O que é por demais certo é que as tres traducções citadas são todas rasteiras em comparação da do poeta brasileiro, que mais feliz que os auctores dellas, conseguiu darnos um transumpto muito fiel e aprimorado do immortal poema

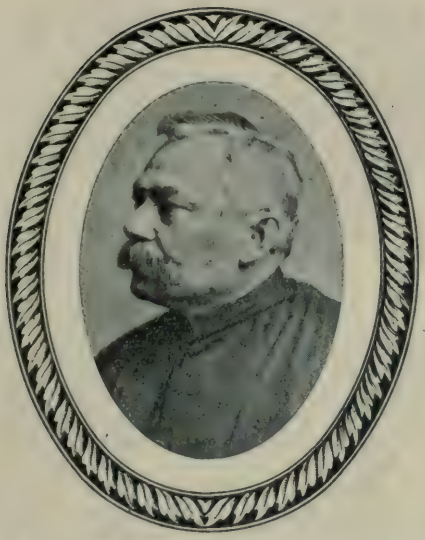
do grande poeta latino, trasladando, com insigne maestria, uma por uma, todas ou quasi todas as suas innumeras bellezas de estylo e metrificação.

Mas que laborioso e indefeso estudo comparado dos dous idiomas não era preciso fazer, quanta riqueza de linguagem e elegancia poetica não era mister enthesourar nos armazens de memoria, que apurado gosto e criterio, que talento poetico não convinha possuir, para chegar a esse resultado por tantos desejado, e de tão poucos conseguido?! E, com effeito, ODORICO MENDES, de quem GONÇALVES DIAS, juiz mui competente na materia, dizia que metrificava como um rei em poesia, era poeta que possuia todas essas qualidades, por ser profundo no conhecimento da litteratura classica antiga e moderna, bem como no das linguas que com ella jogam, si exceptuarmos as do norte da Europa, mais sabedor de nosso patrio idioma que nenhum poeta contemporaneo, nos dous paizes de lingua portugueza, dotado de mui rico engenho poetico bem como de longa paciencia para polir os seus versos; e era por conseguinte o mais proprio para dar-nos o bello transumpto que nos deixou de «Eneida», cuja inimitavel perfeição de estylo é não só obra do genio, mas tambem de longo estudo e paciencia, como referem os biographos de VIRGILIO.

Assim como o poeta latino se ensaiou na composição das «Bucolicas» e das «Georgicas», antes de compor a «Eneida», assim tambem o traductor portuguez, antes de emprehender a versão desta, ensaiou-se na traducção das tragedias de VOLTAIRE, «Merope» e «Tancredo», que são duas obras mui bem acabadas.

A traducção da «Eneida», que passo a analysar, reune ás mais qualidades, que se requerem em uma obra destas, a virtude de ser a mais concisa de todas as de que ha noticia, pois os versos portuguezes, em que é feita, egualam quasi em numero aos hexametros latinos; o que é um verdadeiro milagre de concisão, porque os segundos são, como se sabe, maiores que os primeiros. O dr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, que se deu ao trabalho de contal-os, verificou que os 9.901 hexametros latinos da «Eneida» foram convertidos em 9.944 portuguezes na traducção sobredita, que tem menos 1.913 versos que a de LIMA LEITÃO.

(*) «*Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira*», Tomo 3.º, Maranhão, Typographia B. de Mattos, 1867, pg. 297-302.



Sylvio Romero

Sylvio Vasconcellos da Silveira Ramos Romero

* Lagarto, Estado de Sergipe, 21 de abril de 1851

† Rio de Janeiro, 17 de julho de 1914

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de Recife, em 1873. Lente de philosophia, por concurso, do internato do collegio PEDRO II, de 1880 a 1910, e professor da faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes do Rio de Janeiro, desde a data de sua fundação até 1913.

Valente e devéras sabio polemista, mas leal, embora sempre dogmatico. Sabia escrever; era até eloquente, quando queria cuidar da fórma, que, no entanto, timbrava em desdenhar. Talvez mais pensador do que rigorosamente critico; em todo o caso, porém, critico dotado dos melhores requisitos. Ainda, para alguns, o primeiro do Brasil, e, para a generalidade, só egualado por ARARIPE JUNIOR e JOSÉ VERISSIMO

Entre as innumeras das suas paginas, formosas e instructivas, as, por exemplo, referentes aos versos do marquez de SAPUCAHY são de alto ensinamento, quanto á justa apreciação de bellezas litterarias. (*)

Na philosophia, na historia, nas questões ethnographicas, nos assumptos economicos, nos estudos de direito, na anthropologia, na sociologia, nos muitos ramos que illustrou, soube deixar patente notabilissima capacidade, de par com variada, solida e profunda cultura.

A sua producção foi enorme. Começou desde os tempos academicos, durante os quaes já principiava a trabalhar na imprensa, em que nunca cessou de escrever, e copiosamente.

Eis a lista completa do que publicou, e do que ficou prompto para imprimir, a qual demonstra a sua grande operosidade, tão apreciavel e tão util.

CRITICA E HISTORIA LITTERARIA. — «*A Poesia Contemporanea*», 1869. «*A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*», 1880. «*Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*», 1882. «*Lucros e Perdas*» em collaboração com ARARIPE JUNIOR, 1883. «*Estudos de Litteratura Contemporanea*», 1885. «*Valentim Magalhães*», estudo, 1884. «*Historia da Litteratura Brasileira*», 2 vols., 1888. «*Novos Estudos da Litteratura Contemporanea*», 1897. «*Machado de*

(*) «*Historia da Litteratura Brasileira*», tomo I, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902, pg. 536-537.

Assis», estudo, 1897. *A Litteratura Brasileira*», Memoria (Livro do Centenario), 1900, «*Martins Penna*», estudo, 1901. «*Ensaios de Sociologia e Litteratura*», 1901. «*Parnaso Sergipano*», 2 vols., 1904. «*Evolução da Litteratura Brasileira*», 1905. «*Evolução do Lyrismo Brasileiro*», 1905. «*Outros Estudos de Litteratura Contemporanea*», 1906. «*Compendio de Historia da Litteratura Brasileira*» em collaboração com JOÃO RIBEIRO, 1906. «*Zéverissimações Ineptas da Critica*» (Repulsas e Desabafos), 1909. «*Quadro Synthetico da Evolução dos Generos da Litteratura Brasileira*», 2.ª edição refundida, 1911. «*Minhas Contradicções*», 1914.

FOLK-LORE. — «*Cantos Populares do Brasil*», 1882. «*Contos Populares do Brasil*», 1883. «*Uma esperteza!*» (Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o snr. THEOPHILO BRAGA), 1884. «*Passe Recibo*», replica a THEOPHILO BRAGA, 1904. «*Estudos sobre a Poesia Brasileira*», 1888.

ETHNOGRAPHIA. — «*Ethnographia Brasileira*», 1888. «*A Patria Portugueza, O territorio e a Raça*» (Apreciação do livro de egual titulo, por THEOPHILO BRAGA), 1906, «*A America Latina*» (Apreciação do livro de egual titulo, do professor MANOEL BOMFIM), 1906. «*O Antigo Direito em Hespanha e Portugal*», publicado na «Revista Brasileira», 1894 e 1895.

POLITICA E ESTUDO SOCIAL. — «*Ensaios de Critica Parlamentar*», 1883. «*A Historia do Brasil pela Biographia dos Seus Heróes*», 1891. «*O Parlamentarismo e o Presidencialismo no Brasil*», 1893. «*Discursos*», 1904. «*O Brasil Social*», publicado na Revista do Instituto Historico (1908) e depois acompanhado de uma carta a ED. DEMOLINS, em folheto á parte, 1910. «*Provocações e Debates*», 1910. «*O Brasil na Primeira Década do Seculo XX*», estudos sociaes, publicados juntamente com os «*Estudos Sociaes*», de ARTHUR GUIMARÃES, 1912.

PHILOSOPHIA. — «*A philosophia no Brasil*», 1878. «*Doutrina contra Doutrina*», «*O evolucionismo e o Positivismo no Brasil*», 1894. «*Ensaios de Philosophia do Direito*», 1895.

POESIAS. — «*Cantos do Fim do Século*», 1878. «*Ultimos Harpejos*», 1883. «*Poemas da Evolução*», inéditos.

OPUSCULOS. — «*Ethnologia Selvagem*», 1873. «*Razões Justificaveis do Art. 482 do Codigo Commercial*», these, 1875. «*Interpretação Philosophica dos Factos Historicos*», 1880. «*O Naturalismo em Litteratura*», 1882. «*A Philosophia no Ensino Secundario*», 1889. «*As Tres Fórmas Principaes da Organização Republicana*», 1889. «*Luiz Murat*», estudo, 1891. «*A verdade sobre o Caso de Sergipe*», 1895. «*O Vampiro do Vasa-Barris*», 1895. «*O Elemento Portuguez no Brasil*», 1902. «*O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil*», 1903. «*Pinheiro Chagas*», conferencia, 1904. «*O Allemanismo no Sul do Brasil*», 1905. «*O Brasil Social*», não confundir com o livro de egual titulo. «*Recepção de Euclydes da Cunha*», 1907. «*Realidade e Illusões no Brasil*», 1908. «*Da Critica e sua Exacta Definição*», 1909. «*Euclydes da Cunha*», dois estudos publicados na «Revista da Academia Brasileira de Lettras», 1912. «*A Geographia da Politicagem*», 1912. «*A Bancarrota do Regimen Federativo*», 1912. «*O Castilhismo no Rio Grande do Sul*», 1912. «*O Estado do Iguassú*», publicação posthuma, 1916.

POR PUBLICAR. — «*O Remedio*», «*Actualidades e Reincidencias*», «*Historia da Litteratura Brasileira*», vol. 3.º.

Um dos fundadores da academia brasileira de lettras; escolheu, para a sua cadeira, o nome de HYPPOLITO DA COSTA.

A conjuração mineira

No grande e agitado periodo que vae de 1750 a 1830, epocha da elaboração autonomica de nosso paiz, os esforços culminam-se na idéa da independencia. A preponderancia do indio é já um mytho do passado; approxima-se o tempo de acabar tambem a preponderancia portugueza. O negro será, por ultimo, e mais tarde, com a libertação dos escravos, posto á margem.

De todos os factos relatados até agora neste livro aquelle que paira sobre os outros, como a synthese de todos elles, é a aspiração do povo brasileiro á sua emancipação politica,

Foi o tempo da elaboração de nosso ideal messianico. Por isso ainda hoje não percorremos na esphera da realidade toda a trajectoria traçada então á nossa marcha evolutiva.

Quando Portugal, no tempo de MARIA 1.ª, dormitava no emperramento e na immobilidade, tentando levantar nas fronteiras uma barreira que lhe obstasse a entrada das idéas revolucionarias, os estudantes brasileiros agitavam-se em Pariz, e sua palavra, passando os mares, ia echoar em nossos sertões. A conservadora Minas abalava-se, os poetas estremeciam, o futuro encandecia-se nas almas.

A França, com as suas turbulencias então para a vida e para a liberdade, era a nossa iniciadora. Vira-se o mesmo nos Estados Unidos. A America estava cançada do jugo.

Trezentos annos eram já demais para a exploração que desejava protrahir-se por toda a eternidade. A impaciencia chegou; a independencia era um corollario da obra dos seculos. As difficuldades eram muitas; mas o povo estava ainda no tempo das crenças inabalaveis e das audacias majestosas.

Cada povo tem o seu dia em que a consciencia se lhe aviventa, em que elle lê claro no seu destino. A obra pode ser prematura; mas a sua hora chegará. A idéa da independencia no Brasil nasceu com o pensamento da republica. Esta foi a fórma de governo sonhada em 1789; esta seria a fórma de governo que o futuro nos havia de trazer. (*)

Desde os fins do seculo XVIII, o pensamento portuguez deixou de ser o nosso mestre: fomos nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo.

Achamo-nos pequenos e nos envergonhamos; achamo-nos captivos e quizemos reagir. Eramos os servos de Portugal;

(*) Verificou-se esta prophecia em 1889. Não esquecer que este capitulo tinha sido escripto em 1881.

julgamos a posição humilhante e puzemos a mão aos laços que nos prendiam. Hoje os aggravos estão quasi esquecidos; o povo portuguez é o povo irmão com que sympathizamos, sem desejos absolutamente de o copiar.

A corrente historica bifurcou-se: o caminho de nossa viagem é outro. Desde o grande tempo da inconfidencia que a distancia vae se alongando mais e mais, as linhas dirigentes de nosso porvir partem dalli, e não temos mais do que seguir por ellas.

Bem como a poesia, a politica tem tambem seu ideal. Este vem a ser a sêde que nunca se estanca, as ancias de grandeza que nunca se calam, o aureo porvir que nunca se toca.

Na vida das nações, é nesses momentos imponentes, em que os povos se sentem batidos pelo sopro dos altos destinos, que o ideal desponta ao longe, qual uma miragem, que lhes indica a senda das grandes aspirações.

A inconfidencia foi para nós, foi em nosso horizonte de nação, que se deve arrojar aos nobres commettimentos, o phanal propicio da grande jornada atraz de todas as luctas que nobilitam, de todas as tentativas que alentam. Aquella pleiade de poetas, aquelle punhado de sonhadores presentiu, no vago de suas crenças, todas as vastas idéas que este povo deve esforçar-se por levar a effeito. E o ideal ainda nos paira bem alto, como um ponto quasi inattingivel, depois de um seculo de avanços, para a civilização.

Independencia da patria, emancipação dos escravos, unidade federal, vida autonomica e democratica, prosperidade material, alento scientifico, todos os grandes problemas, que já realizamos ou que hoje em dia nos assoberbam, desde a fórma republicana no governo até a liberdade nas relações da familia, tudo foi antevisto naquelle devaneiar de heroes. A inconfidencia não chegou a ser uma realidade pratica; mas é uma realidade doutrinaria. Não se manchou no terreno dos factos; mas ahi está a tremular, ha cem annos, como a suprema realidade no mundo de nossas aspirações.

Era necessario que a santa utopia fosse desdenhada pelos myopes do tempo, era mistér que o sangue uberrimo dos heróes marcasse os fócos brilhantes em que a alma deste povo deve revigorar-se para avançar.

A conjuração mineira não teve o que se pode chamar a grosseria de um facto consummado; é, antes, a mais esplendida miragem que no céo da historia brasileira alenta e enthusiasma. Abençoados os poetas, os corações ardentes, que a idearam; abençoado o martyr que a immortalizou de sobre os degraus do cadafalso...

No meio de uma agitação politica mesquinha, grosseira e sem nobres impulsos, e, não sei si o diga, no meio de uma litteratura sem profundos incentivos, aqui dentre os gemidos dos opprimidos, que pedem liberdade, dos proletarios, que pedem trabalho, dos moços, que pedem luz, do povo, que pede gloria, deixae-nos fitar o sol da inconfidencia; deixae-nos chorar com CLAUDIO, amar com DIRCEU, soffrer com ALVARENGA; deixae-nos ouvir, em sua queda para o futuro, o rolar da cabeça do TIRADENTES, acordando em todos os peitos, capazes de audacias, os echos da emancipação, os tons immensos do patriotismo...

E que algum dia, como o supremo corollario das grandes luctas, possamos galgar a altura que á nossa marcha assignalaram esses distinctos combatentes, que já não podemos encarar sem a vertigem da mais acrisolada admiração! (*) (**)

(*) «*Historia da Litteratura Brasileira*», I, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902, p. 266 - 269.

(**) Depois, bem depois, de escriptas e publicadas, pela primeira vez, estas palavras, («Revista Brasileira», 1881), é que no Brasil se fez a emancipação dos escravos e se proclamou a republica.

Tavares Bastos

Aureliano Candido Tavares Bastos

* Estado de Alagoas, 20 de abril de 1839

† Nice, 3 de dezembro de 1875

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de S. Paulo, em 1859, e doutor por essa faculdade, em 1861. Representou a sua provincia natal, na camara dos deputados, de 1861 a 1868, tendo sido o secretario da missão especial SARAIVA, no Uruguay.

Joven mas conspicuo escriptor. Publicista como talvez não tenhamos tido outro, pelo que na mocidade revelou. Espirito eminente, embora novo.

Mestre de questões politicas e sociaes, que discutiu com admiravel proficiencia, tanto que muitos dos seus conceitos, ainda hoje, após longos annos, encerram rigorosa exactidão, dando a medida do profundo atilamento e do alto senso de quem os emittiu. Eloquentissimo na tribuna, assombrava a facilidade de sua palavra, e «a falar era como o rio a correr impetuoso». (*)

Collaborou assiduamente no «Correio Mercantil» e em outros jornaes do Rio de Janeiro.

São seus trabalhos principaes: «*A opinião e a corôa*», pamphleto; «*Males da Actualidade e Esperanças do Futuro*», opusculo politico; «*Cartas do Solitario*»; «*O Valle do Amazonas*»; a «*A Provincia*»; «*Carta Politica ao Conselheiro Saraiva*»; «*Estudos sobre a Reforma Eleitoral*»; e ainda folhetos, discursos e artigos sobre assumptos economicos.

RODRIGO OCTAVIO, um dos fundadores da academia brasileira de lettras, escolheu, para a sua cadeira, o nome de TAVARES BASTOS.

Ministros, secretarias, funccionarios e professores

Assim, meu amigo, ninguem disse melhor que o snr. SARAIVA, quando mostrava que era preciso antes facultar aos

---

(*) JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, «*Anno Biographico Brasileiro*», 3.º volume, Rio de Janeiro, Typographia do Instituto Artistico, 1876, pg. 516.

chefes de serviço, sujeitos aos ministros, o conhecimento e solução de negocios que estes não podem nem devem examinar, do que crear tantas pastas novas quantas sejam necessarias afim de que os mesmos ministros, que devem pairar na superficie das aguas, percam o tempo precioso mergulhando inutilmente até o fundo.

Afim de convencer-vos desta verdade, basta volver os olhos para o movimento pesado e a vida ingloria que arrastam as repartições centraes, para as lagôas estagnadas que chamam-se secretarias de estado, e para, finalmente, os atropellos de um gabinete de ministro. Não vou improvisar um romance; tenho presentes os regulamentos de varias repartições e os debates das camaras.

Antes de tudo, entendamo-nos sobre o sentido de uma palavra: a actividade. Será actividade a de um individuo que, como os presos de certas penitenciarias inglezas, volvesse sem cessar a manivella da machina que nada produz? Será actividade o trabalho esteril e illusorio das «Danaides»? Não; a actividade é o emprego das faculdades em um fim immediatamente productivo. Ora, as repartições dependentes de cada ministerio movem-se em um circulo vicioso, na generalidade dos casos. Quero dizer que, em vez de deliberarem por si, sob sua responsabilidade, ácerca dos negocios que entram na sua esphera propria de attribuições, affectam ao superior immediato o despacho de muitos desses negocios. Não applico isto ás estações da côrte somente; já disse que é geral neste paiz o habito das consultas ao governo a proposito de tudo, assim como recordei que é molestia endemica do Brasil, e da sua ex-metropole, a falta de iniciativa, a ausencia de coragem, a nenhuma convicção da propria independencia e responsabilidade em todos os individuos, sejam meros particulares, sejam funccionarios publicos. É o cancro do medo que gera a subserviencia, e abre o caminho a AUGUSTO e depois a TIBERIO, a LUIZ FELIPPE e depois a BONAPARTE...

Mas, restrinjo-me ao assumpto.

A letargia das repartições, que eu estava assignalando, tem duas causas. A primeira é, sem duvida, o medo que opprime os funccionarios, o receio, que pesa sobre o seu espirito, de molestar os nossos governadores, cuja susceptibilidade não permitte contrarial-os, e cujo ciume é tão irritavel que tomariam por injuria o desembaraço que as repartições inferiores revelassem no preparo e julgamento dos negocios por si mesmas. E, por ventura, este acanhamento é hoje maior, desde que pareceu legitimo demittir acintosamente funccio-

narios que ousam, como deputados ou jornalistas, aconselhar economias e reformas, ainda que estas se realizem depois.

E, a proposito, em que é que os deveres de funccionario podem constranger a franqueza essencial no deputado, excepto nos casos de confiança immediata? Eu não comprehendo isso sem tolher a liberdade e cercear uma parte do mandato. Demais, será difficil precisar os limites do conflicto que se imagina para justificar a theoria. O arbitrio nas demissões, que certa escola politica julga indispensavel, é, além disso, perigoso e de tristes consequencias: desde que a questão de confiança paira sobre as cadeiras de todos os funccionarios, daquelles mesmos que não exercem funcções politicas, o mundo official torna-se o exercito do servilismo, a circumferencia cujo centro é um governo corruptor. Assim em França. Depois, no Brasil, os homens especiaes são, na quasi totalidade, os funccionarios: si elles não têm liberdade para pensar, escrever e falar dentro e fóra das repartições, como se ha de illustrar o paiz ácerca dos seus mais vitaes interesses, como se ha de operar a lenta elaboração de que é resultado o progresso e a reforma gradual dos serviços publicos? O contrario é transformar o funccionario de um paiz livre no mandarim embrutecido, é pretender perpetuar, atravéz dos seculos, todos os usos, todos os estylos, todos os costumes, todas as instituições, como na China. A doutrina, que tem-se proclamado recentemente, não empresta força moral ao poder que a não tenha, e corrompe a atmosphera official. Segundo as maximas dessa escola sombria, transpondo o reposteiro das repartições, o joven deve perder o seu pudor, o brasileiro o seu patriotismo, o homem os seus estimulos. Alli, diz o oraculo infallivel do poder, alli só ha logar para o servilismo, para a negligencia, para a fraqueza, para a cobardia, ou para o nepotismo.

A outra causa é tambem importante. Os regulamentos não deixam a maior liberdade possivel aos differentes circulos administrativos. Verdade é que, mesmo dentro da esphera limitada que a lei traçou-lhes, os chefes das repartições subalternas poderiam desenvolver-se com efficacia, si não fosse o vicio organico dos nossos homens. Devo confessar, porém, que tem-se visto um ou outro funccionario distincto, uma ou outra repartição brilhar por luz propria, mover-se e girar por esforço immediato. São factos que formam excepções muito apreciaveis, certamente, mas não constituem regra. Com effeito, nas leis organicas dos diversos serviços publicos preside sempre o pensamento despotico, preventivo ou centralizador, de não conceder aos inferiores tanto quanto baste para tor-

nal-os independentes do superior, a idéa de desconfiança, a pretenção de parte do governo a uma superintendencia absoluta e universal.

Para compensar os effeitos da falta de iniciativa das repartições inferiores, deviam as secretarias resolver por si parte dos negocios que aquellas affectam ao ministro. Dá-se o contrario. Quando desempenham as attribuições que os regulamentos lhes conferem, os chefes ou directores de secção apenas preparam os papeis e informam ácerca de alguns negocios; nada resolvem, nem mesmo naquelles casos que são de mero expediente. Aos directores geraes, é verdade, os regulamentos conferiram uma missão importante; mas, ainda assim, não permittiram-lhes decidir por si mesmos todas as questões que não excedam da medida ordinaria e que não haja conveniencia especial em submetter ao ministro. A falta de iniciativa, portanto, transforma as secretarias em machinas de processo de papeis, e, por assim dizer, em verdadeiros archivos.

Dadas estas condições, é o ministro o arbitro supremo. Em derredor e abaixo delle ninguem possue vontade, juizo, autonomia. O ministro é um ente privilegiado, um pachá que resume em si toda a sciencia e toda a experiencia do mundo. E, como todos os pachás, elles embaraçam mais do que produzem. Concentram em si toda a vida e toda a energia do estado; e, preoccupados nessa tarefa de uma concentração avára, não lhes é possivel estudar os detalhes que absorveram em si, como não lhes é dado reflectir nos grandes problemas e rasgar os veus do futuro.

Quando eu contemplo um desses grandes ministros, regulando a limpeza da cidade, economizando as despesas miudas do asseio de uma repartição, observando a um presidente o modo por que convinha ter despendido 15$ com a compra de uma cadeira para certo palacio, etc., quando comparo depois a vaidade que os distingue, a tôla apparencia de preoccupação com que mostram-se em publico; quando sinto o presente escapar-lhes de suas mãos descuidosas e o futuro escurecer-se a seus olhos, eu não posso deixar de lembrar-me com tristeza de que sou brasileiro, e de que não ha talvez esperança, neste seculo, de felicidade para a patria! Que distancia entre esses ministros pretenciosos, que só despertam da indolencia habitual para meditar um crime e planejar alguma nova ruina da constituição, seja a lei das sociedades anonymas, seja a promettida aposentadoria em massa dos magistrados; que distancia, senhor, entre elles e um lord JOHN RUSSELL lançando os olhos pelo universo, assistindo do «Fo-

reign-Office», ou das salas dos «Communs», á libertação da Italia, ás commoções da Europa e ao progresso do mundo! Que differença entre os nossos governadores, que de tudo occupam-se e não fazem nada, e esses homens eminentes que não se embaraçam em detalhes, mas assignalam cada dia de seu governo por uma nova refórma, um aperfeiçoamento, uma medida importante, um progresso notavel!

Vós, meu amigo, tão lido na historia do progresso do mundo, vós percebeis que eu estou collocado no angulo opposto ao dos nossos governadores no que respeita á instrucção publica. Em vez de profundar a questão; em vez de estudar os exemplos da Allemanha, da Inglaterra e dos Estados-Unidos; em vez de se esforçarem no governo, e fóra delle, como philanthropos, como homens sinceros e crentes, pela refórma dos estudos, elles consomem o seu tempo, queixando-se inutilmente da ignorancia e depravação geral dos costumes dos nossos mancebos. Ah! isto é bem verdade; mas o mal vem de baixo, está na raiz. Não será creando uma universidade na côrte, centralizando nella o ensino superior, como se pretende, que se ha de instaurar uma nova era. Si ha dinheiro para organizar uma universidade, sem extinguir as faculdades das provincias, façam-o; mas aproveitem a opportunidade para diminuir o pessoal existente e augmentar os ordenados. Fiquem certos, porém, de que isso em todo o caso não extingue o vicio.

O acto addicional descentralizou a instrucção primaria e secundaria; mas isto não é embaraço para uma refórma séria como a indicada acima, desde que o governo imperial abandone os seus habitos herdados de indolencia e apparencia, e inspire energia e seriedade aos seus delegados, que desenvolvam, nas provincias, de accôrdo com as respectivas assembléas, um systema de refórmas efficazes. Entretanto, a que se tem limitado neste assumpto a actividade dos governos? A crear directorias e inspecções das escolas e a expedir regulamentos. Pois acreditam que estas formalidades servem para alguma coisa? Podem os taes directores e inspectores, com os seus regulamentos e os seus officios, mappas e relatorios, produzir aquillo, cuja falta é a razão de tudo aquillo que resolveria todas as difficuldades, isto é, o professor illustrado e applicado? É para esse ponto primordial, é para esta base, que deve convergir a attenção dos governos e dos homens que se interessam pelo progresso do paiz. Si querem fazer alguma coisa séria, comecem por ahi. Mas, ao contrario, sob o pretexto de animar o ensino publico, é moda andar examinando

ás carreiras meninos de escola e estudantes de latim. Remedio certamente heroico!

Adquiri bons professores, convidae para isso o proprio extrangeiro, estabelecei graus de ensino e classes de cadeiras, abri canaes legitimos ás aspirações dos bons mestres da instrucção primaria á secundaria e desta á superior, e tereis emprehendido uma refórma radical. Não acrediteis, porém, que na expedição de regulamentos, na creação de inspectores, na mesma existencia de escolas normaes, onde haverá tudo, menos professores capazes, consiste o remedio.

Dae ao menino da cidade e do campo a chave da sciencia e da actividade, a instrucção elementar completa; dae-lhe depois as noções das sciencias physicas; livrae-o dos mestres pedantes de latim e rhetorica, e o joven será um cidadão util á patria, um industrioso, um empresario, um machinista, como é o inglez, como é o norte-americano, como é o allemão; será um homem livre e independente, e não um desprezivel solicitador de empregos publicos, um vadio, um elemento de desordem.

Entre a physionomia viva e animada de um povo assim constituido, e a face triste e descarnada do nosso povo semibarbaro das provincias, que differença enorme, meu amigo!

Nada pode ser mais antipathico ao extrangeiro do que o atrazo moral de nossa população. Sem os emigrantes da Allemanha e da Grã-Bretanha, nunca o Brasil progredirá; é preciso que o sangue puro das raças do norte venha desenvolver e remoçar a nossa raça degenerada. Mas, entretanto, quantas vezes encontraes na mór parte das provincias uma familia de extrangeiros? Elles desembarcam, observam e passam. Não ha fixal-os em uma terra sem costumes e sem luzes.

(*) *Cartas do Solitario*, Rio de Janeiro, Typographia da «Actualidade», 1863, pg. 23 - 29 36 - 38.

Tobias Barreto

Tobias Barreto de Menezes

* Villa de Campos, Estado de Sergipe, 7 de junho de 1839.

† Recife, Estado de Pernambuco, 20 de junho de 1889.

Bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela faculdade de direito de Recife, em 1869, e, desde 1881, lente cathedratico daquella faculdade, depois de famoso concurso, «a justa mais brilhante de que rezam os annaes academicos de Pernambuco». (*)

Poeta, jurista, philosopho, apesar de não haver feito estudos regulares. Em todos os assumptos — litterarios ou scientificos — que explanou e discutiu, embora ás vezes sem calma, sem methodo, ou mesmo sem gravidade, tinha sempre novas vistas e seguras intuições, algumas até geniaes. Apprendeu, e rapidamente, o que quiz saber, dispensando o auxilio de professores para o guiar. Hellenista e latinista, conhecia a fundo o allemão e o francez, em que se exprimia com a maior correcção. Apaixonado da cultura germanica, vulgarizou-a no Brasil, e poude formar discipulos na altura de mestre. Musico de vocação que não cuidou de se aperfeiçoar, rival de Castro Alves, no arrojo dos vôos lyricos, eloquente quando falava, douto quando escrevia, sabio propugnador das modernas concepções no ramo do direito, não é licito esquecel-o entre os brasileiros de notoria capacidade e de raro engenho.

E' interessante conhecer a extensa lista de suas melhores producções, de accôrdo com a auctorizada indicação de Sylvio Romero, (**) seu grande admirador e seu grande amigo.

O dia de Camões

Com os heróes da humanidade, com aquelles a quem coube a tarefa herculea de representar dignamente qualquer dos lados brilhantes da natureza humana, dá-se o mesmo,

---

(*) Sylvio Romero, «*Historia da Litteratura Brasileira*», tomo 2.º, Rio de Janeiro, H. Garnier, pag. 485.

(**) *Op. cit.* pag. 482-484.

exactamente o mesmo, que com os festejados heróes da velha egreja: o dia em que nascem não é mais fausto e glorioso do que o dia em que morrem. O nascer e o morrer mal se distinguem, si é que alguma distincção existe entre o momento expressivo, no qual o elemento divino de uma nacionalidade, o verdadeiro espirito de um povo se faz homem, e o não menos soberbo momento, em que esse homem se faz deus!... Nós hoje testemunhamos, sob a garantia de tres seculos de admiração e preito incessante, a esplendida confirmação de uma destas apotheoses.

A gratidão, já houve quem dissesse, a gratidão é a virtude da posteridade. O asserto é incontestavel, como expressão de um facto conhecido, ainda que sempre extranho e pasmoso, qual é por certo o pungente espectaculo, offerecido pela historia de todos os povos que têm uma historia, de ser quasi reservada aos posteros a missão nobilitante de lavar a macula dos seus antepassados, honrando virtudes que elles desprezaram, glorificando grandezas que elles não comprehenderam.

Porém não basta estabelecer o facto; é preciso subir á concepção da lei. Não basta dizer que a gratidão é a virtude da posteridade; é mistér accrescentar que só a posteridade, somente ella, pode pagar o tributo devido ao merito dos grandes homens. É o effeito de uma lei historica, pela qual homens representativos, por isso mesmo que elles são a somma do trabalho evolucional de muitas gerações, não podem ser comprehendidos, e tão pouco apreciados por aquelles de que fazem parte.

«O genio, diz SCHOPENHAUER, é demasiado raro para encontrar com facilidade seus eguaes, e muito diverso dos outros, para ser seu companheiro.»

Dahi o isolamento, com o isolamento a tristeza, com a tristeza a inacção, com a inacção a miseria.

A luz do genio é sempre incommoda aos olhos dos que de perto, e face a face, a contemplam.

E nesse sentido, são dignas de repetirem-se as palavras de CHAMFORT: «Il en est de la valeur des hommes comme de celle des diamants qui, á une certaine mesure de grosseur, de pureté, de perfection, out un prix fixe et marqué, mais qui, par de lá cette mesure, restent sans prix, et ne trouvent pas d'acheteur». O poeta LUIZ DE CAMÕES possuia esse valor.

A occasião é chegada de absolver Portugal da culpa que se lhe argúe, pela morte obscura e mesquinha do maior

vulto das suas lettras, do unico busto não estragado nem inutilizado pela mão do tempo na sua vasta galeria de heróes. A geração, que viu CAMÕES, não estava no caso de render uma homenagem, que tres seculos posteriores não puderam exgottar, não deram por acabada.

«In quello stesso tempo, diz LUIGI SETTEMBRINI... che il Tasso era chiuso fra i matti nell'ospedale di Ferrara, nell'ospedale de Lisbonna moriva mendico um vecchio soldato portoghese, il poeta LUIGI DE CAMOENS: questi due sventurati erano nel secolo gli uomini piu grandi delle loro nazioni.»

Eu não reclamarei, para o portuguez, a precedencia do infortunio, nem quero tambem contestar que fossem justamente os dous infelizes os maiores homens de suas nações. Mas, mesmo assim, é licito observar, que o cantor de Arminda, além de pisar o mesmo sólo que pisaram SAVONAROLA e GIORDANO BRUNO, além de já encontrar circulando por toda a Italia o capital de idéas novas, accumulado em Florença por LORENZO, IL MAGNIFICO, e mais tarde na côrte dos papas por JULIO II e LEÃO X, teve a sorte de conviver com espiritos de alta esphera; e na propria côrte de Ferrara poude elle contemplar, na pessoa de OLYMPIA MORATA, todos os esplendores da sciencia do tempo.

Na disputa provocada pela «Gerusalemme», com LEONARDO SALVIATI e BASTIANO DE ROSSI, já via-se figurar um GALILEU GALILEI...

Mas o cantor de «Ignez de Castro», mas o velho soldado portuguez, quem é que teve em torno de si? Quasi ninguem. Posto que legitimo filho da Renascença, que fôra, na bella phrase de GEORGE SAND a resurreição da carne, CAMÕES não encontrára, não pudera encontrar no ambiente patrio as facilidades, os incentivos, os impetos e arroubos da paganica vida italiana de então.

A atmosphera politica e social portugueza podia ser bem favoravel ao arfar de um peito de soldado; mas não era das mais aptas para fazer resoar o coração de um poeta.

Comprehende-se, portanto, de que tamanho deve ter sido esta alma de guerreiro, que excede a sua epocha e o seu paiz, que excede-se a si mesmo, para legar á patria o mais rico monumento de suas glorias, a famosa epopéa dos «Lusiadas», esse livro que vale cem batalhas, ainda mesmo coroadas de victorias e conquistas. CAMÕES foi um solitario, e da mais triste das solidões: a solidão do pensamento. O seu contemporaneo, RONSARD, morto cinco annos depois delle, RONSARD, o reformador, o revolucionario das lettras, escre-

veu uma vez o seguinte: «Aujourd'hui pour ce que notre France n'obeit qu'á un seul roi, nous sommes contraints, si nous voulons parvenir à quelque honneur, de parler son langage». Entretanto a CAMÕES não coube egual destino.

As côrtes de JOÃO 3.º, de CATHARINA, e SEBASTIÃO, não eram taes que tivessem uma linguagem sua, que os grandes espiritos se vissem constrangidos ao uso della. Pelo contrario, o poeta houve mistér de crear uma propria. De crear!... Dir-se-ia uma exaggeração; mas não o é.

Dar a uma lingua, como fez o epico portuguez, uma feição accentuada e caracteristica, esculpturar, por assim dizer, nas fórmas eternas da poesia, vasar, em moldes homericos, uma das phases do seu desenvolvimento, é ainda um modo de creação, é creal-a segunda vez. Qualquer que seja a sua procedencia e o seu modo de herança e adaptação, a lingua é um daquelles bens, de que fala GOETHE, que, mesmo herdados, devem ser de novo adquiridos, para se possuir. Ninguem melhor que CAMÕES adquiriu de novo esse bem, herdado de seus paes, afim de possuil-o, e tornou-se com elle e por elle o immorredouro pregão do «ninho seu paterno». Na festa secular do natalicio de SCHILLER, em novembro de 1857, dizia JACOB GRISMIM: «Quem estuda e prescruta a historia deve reconhecer a poesia como uma das alavancas poderosas, para a elevação do genero humano, como uma exigencia essencial do seu impulso e do seu progresso».

Porquanto, si a lingua propria de um povo é o tronco, em que se manifestam e se expandem todos os seus dotes interiores, é só na poesia que desabrocha a florescencia do seu caracter e do seu prosperar.

A poesia é aquillo, não só por cujo meio a lingua se nos torna cara, mas tambem em que se affeiçôa e se entumece duma especie de aroma espiritual, que della resumbra.

A lingua de um povo que não tem poetas estaca e começa pouco a pouco a fenecer como o povo mesmo, a quem não coube em partilha esse enthusiasmo: fraco e retrahido, elle começa a decahir, deante dos outros que gosam dessa delicia. O poeta é, pois, aquelle em quem se exprime e se encarna a natureza completa do povo, a que elle pertence; é como o genio no qual a posteridade o encara.»

Estas palavras assentam em cheio no vulto grandioso, cuja memoria hoje se festeja. Todos nós sabemos o que é que vale Portugal pelos «Lusiadas»; é, porém, difficil de imaginar o que seria Portugal sem elles...

Conta-se de KOSSUTH, o celebre hungaro, que, no anno de 1849, em chegando a Londres, causou pasmo geral pela

magistral facilidade com que falava a lingua do paiz, augmentando ainda mais o enthusiasmo com a singella declaração de que havia bebido o seu inglez em SHAKSPEARE; eu não sei si os ha; mas não seria para admirar que extrangeiros tambem houvesse que haurissem o seu portuguez... somente em LUIZ DE CAMÕES.

Este unico ponto de apreciação do poeta, quando tudo mais ficasse de parte, seria sufficiente para explicar e justificar o preito que lhe rendemos.

Nós outros, filhos da America, nós outros brasileiros que iniciamos a nossa vida intellectual nos fructos da vida intellectual portugueza, não fazemos mais do que cumprir um dever de homens cultos, pagando ao vate portuguez, ao primeiro cantor da civilização moderna, o tributo a que tem direito. E, depois de ajoelharmo-nos deante da sua imagem, oxalá possamos reforçar, com tão nobre exemplo, o sentimento da grandeza humana, guardando no peito, como impressão do phenomeno, a convicção sincera de que, como disse SCHILLER:

De todos os bens da vida
A gloria é o mais alto bem.
O corpo ha muito que é poeira
E o nome echôa ainda além...

OBSERVAÇÃO

Muitas das copias de retratos, estampadas neste livro, foram obtidas na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Outras copias são de photographias gentilmente cedidas por pessoas da familia dos extinctos. A todos os nossos agradecimentos.

OS EDITORES.

INDICE

	Paginas
Prefacio	3
Notas	5
Affonso Arinos — A Cruz; a festa de Santa Cruz; o Cruzeiro do Sul. — Amor de patria	7 - 9
Affonso Celso, o primeiro — As ruinas romanas; materia de fé	10 - 11
Alcindo Guanabara — O «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro	13
Aluizio Azevedo — Prefacio da 3.ª edição do «*Mulato*»	15
Araripe Junior — Raul Pompeia	18 - 19
Arthur Azevedo — Manoel Victorino	21 - 22
Bernardo de Vasconcellos — Recurso ao throno em caso de sentença de morte	26
Brasilio Machado — O enxoval de Jesus. — Peroração	28 - 30
Eduardo Prado — Discurso de recepção no instituto historico brasileiro	32 - 33
Escragnolle Taunay — Salles Torres Homem, visconde de Inhomirim	36 - 37
Euclydes da Cunha — O valor de um symbolo	43 - 44
Evaristo da Veiga — A data de 25 de março	47 - 48
Ezequiel Freire — Perfumes, côres e sons	51
Fernandes da Cunha — Saudação	54 - 56
Ferreira de Araujo — O ensino leigo e o ensino religioso. — Macaquinhos no sótão	59 - 61
Ferreira de Menezes — Fagundes Varella	63
Ferreira Vianna — O visconde de Nictheroy	66
Francisco Octaviano — Neve a descoalhar	69
Franklin Tavora — Fagundes Varella	73
Gaspar Martins — A queda do ministerio Cotegipe	76
Gomes de Castro — Entrada e expulsão de extrangeiros. — Approvação pelo congresso dos actos do poder executivo praticados durante o estado de sitio	81 - 83
Henriques Leal — O dr. Joaquim Gomes de Sousa	85
João Lisboa — Odorico Mendes	91
João Monteiro — O direito e a mathematica	94
Joaquim Caetano — Dedicatoria	100
Joaquim de Macedo — O dr. Joaquim Caetano da Silva	102 - 104

Paginas

JOAQUIM NABUCO — Pereira da Silva. — Couto de Magalhães. — João Mendes, o primeiro . . . . . 109 - 111
JOAQUIM SERRA — A estatua de Gonçalves Dias . . . . . 113 - 114
JOSÉ BONIFACIO, O SEGUNDO — O capitão-tenente Silveira da Motta 116
JOSÉ DE ALENCAR — A esphinge do drama no deserto . . . 120 - 121
JOSÉ DO PATROCINIO — Ao Christo. — 13 de maio. — Pedro II e a princeza Isabel . . . . . 125 - 130
JOSÉ MARIA DO AMARAL — Pagina solta 132
JOSÉ VERISSIMO — A lingua portugueza no Brasil . . . . . 135 - 136
JULIO RIBEIRO — A procellaria . . . . . 138 - 139
JUSTINIANO DA ROCHA — Bernardo de Vasconcellos . . . . 141 - 142
LAFAYETTE PEREIRA — A lingua portugueza e a sua evolução 149 - 150
LUCIO DE MENDONÇA — Luiz Gama . . . . . 153 - 155
MACHADO DE ASSIS — Joaquim Serra. — Araripe Junior e José Verissimo. — Francisco Octaviano. — Raul Pompeia 163 - 167
MANOEL DE ALMEIDA — O mestre de reza 169
MANOEL VICTORINO — O senador Fernandes da Cunha . . . 171 - 172
ODORICO MENDES — Ao publico 177
OLAVO BILAC — A bandeira do Brasil. — Discurso na Escola Normal de São Paulo . . . . . 180 - 183
PEDRO LUIZ — Voz no deserto 187
PORTO ALEGRE — Visconde de Caravellas, Manuel Alves Branco 192 - 193
QUINTINO BOCAYUVA — Evaristo da Veiga. — José Maria do Amaral . . . . . 196 - 200
RAUL POMPEIA — Durante a noite... (conto do Natal) . . . 204
RIO BRANCO, O PRIMEIRO — A lei do elemento servil . . . . 210 - 211
RIO BRANCO, O SEGUNDO — O duque de Caxias. — Gonçalves Lêdo . . . . . 216 - 218
SALLES TORRES HOMEM — Os «*Suspiros Poeticos*» de Gonçalves de Magalhães 219
SALVADOR DE MENDONÇA — Joaquim Serra. — Surge et ambula 222 - 229
SOTERO DOS REIS — Odorico Mendes; a sua traducção da «*Eneida*» de VIRGILIO 232
SYLVIO ROMERO — A conjuração mineira . . . . . 235 - 237
TAVARES BASTOS — Ministros, secretarias, funccionarios e professores 240
TOBIAS BARRETO — O dia de Camões 246

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

396621
LPor.C Coelho, Henrique(comp.)
C6726c Chrestomathia brasileira.

Visconde de Taunay

Recordações de Guerra e de Viagem . 5$000

Affonso d'E. Taunay

Chronica do tempo dos Philippes . . 3$000

Mario de Azevedo

Vigilias . . . . . 5$000

Henrique Coelho

Chrestomathia Brasileira . . . . . no prelo

Thales de Andrade

Encanto e Verdade:

Livro I — A Filha da Floresta. . . no prelo
Livro II — El-Rey D. Sapo . . . . —

Marcos Lindenberg

Lições de Mechanica Elementar . . . 5$000

Taboada Parker — Rudimentos de Arithmetica . . . . . cento 14$000
Taboada Parker — Rudimentos de Arithmetica. . . . . milheiro 120$000

G. A. Büchler

Arithmetica Elementar, Livro I . . . 3$000
» » » II . . no prelo
Caderno auxiliar do » I . . . $300

Carlos F. de Paula

Geometria Theorico-Pratica . . . . . 3$500

Perez y Marin e C. F. de Paula

Elementos de Geometria . . . . . 6$000
» de Trigonometria . . . . . 3$000

Material Escolar para o Ensino de Mathematica

Contador Paulista (Apparelho para o ensino de Arithmetica). . . . . 50$000
Corpos Geometricos (jogo de 8 solidos) 32$000
Quadro do Systema Metrico Decimal . no prelo